



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
Programa de Pós-Graduação em História



**VANESSA CRISTINA CHUCAILO**

**“OU O BRASIL ACABA COM O PRECONCEITO OU  
O PRECONCEITO ACABARÁ COM O BRASIL”:  
JOSÉ DE ALBUQUERQUE E A CAMPANHA PELA  
EDUCAÇÃO SEXUAL NOS ANOS DE 1930 NO  
BRASIL**

**VANESSA CRISTINA CHUCAILO**

**“OU O BRASIL ACABA COM O PRECONCEITO OU O PRECONCEITO  
ACABARÁ COM O BRASIL”: JOSÉ DE ALBUQUERQUE E A CAMPANHA PELA  
EDUCAÇÃO SEXUAL NOS ANOS DE 1930**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em História.

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

C559 CHUCAILO, VANESSA CRISTINA  
"Ou o Brasil acaba com o preconceito ou o  
preconceito acabará com o Brasil": José de  
Albuquerque e a campanha pela educação sexual nos  
anos de 1930 no Brasil / VANESSA CRISTINA CHUCAILO.  
-- Rio de Janeiro, 2021.  
231

Orientadora: ICLÉIA THIESEN.  
Coorientador: PEDRO SPINOLA PEREIRA CALDAS.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação  
em História, 2021.

1. educação sexual. 2. imprensa. 3. história da  
educação sexual. 4. José de Albuquerque. 5. campanha  
de educação sexual. I. THIESEN, ICLÉIA, orient. II.  
CALDAS, PEDRO SPINOLA PEREIRA, coorient. III.  
Título.

**VANESSA CRISTINA CHUCAILO**

**“OU O BRASIL ACABA COM O PRECONCEITO OU O PRECONCEITO  
ACABARÁ COM O BRASIL”: JOSÉ DE ALBUQUERQUE E A CAMPANHA PELA  
EDUCAÇÃO SEXUAL NOS ANOS DE 1930**

Avaliado por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Icléia Thiesen (Orientadora - Unirio)

---

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas (Co-orientador - Unirio)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tânia Maria Bessone (Membro Titular – UERJ)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marlene de Fáveri (Membro Titular – Udesc)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski (Membro Titular – UFMS)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cláudia Regina Andrade dos Santos (Membro Titular – Unirio)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Laurinda Rosa Maciel (Suplente – COC-FIOCRUZ)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria da Conceição Francisca Pires (Suplente – UNIRIO)

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2021.

*Para todas as pessoas que tiveram um momento de fraqueza.  
Acreditem, não vai doer para sempre! Então não deixe isso afetar o que há de melhor em vocês.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus orientadores por acreditarem no meu potencial. Agradeço a Professora Icléia Thiesen pela paciência, pelos conselhos, pelo zelo, pelo carinho e empatia durante minha trajetória no doutorado. Ao professor Pedro Caldas agradeço imensamente por ter me recebido num momento de “desespero”, e tão gentilmente ter me ouvido e acolhido como orientanda junto da professora Icléia. Obrigada a vocês dois por tantas palavras de incentivo em tantos momentos dessa minha jornada. Vocês têm a minha admiração e gratidão.

Agradeço também a CAPES pelo subsídio financeiro durante um período do curso, através da concessão de bolsa de doutorado.

Agradeço as professoras Tânia Bessone e Cláudia Santos pelas sugestões apontadas durante a banca de qualificação que certamente contribuíram para a finalização desta tese. E agradeço novamente pela participação de ambas na banca de defesa.

Agradeço a professora Marlene de Fáveri pelo incentivo ainda durante meu mestrado para que essa pesquisa fosse adiante. Esteja certa de que suas palavras me motivaram na busca por tantas fontes preciosas para essa pesquisa.

Agradeço a professora e amiga Dulceli Estacheski que desde a graduação acompanhou minha trajetória enquanto acadêmica e pesquisadora. Gratidão por tantos momentos compartilhados e por fazer parte de mais esse acontecimento. “Os humilhados serão exaltados!”, e hoje essa conquista é nossa. Conseguimos!

Agradeço também ao professor, amigo e mestre André Bueno por tantos outros momentos compartilhados ao longo dessa caminhada, principalmente na minha “caçada” por fontes nos arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro, ainda em 2016.

Agradeço o acolhimento recebido na turma 2017/1 da disciplina de História e Historiografia das Ciências ministrada pelas professoras Simone Petraglia Kropf e Kaori Kodama, da Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC). Gratidão por tanto aprendizado e conhecimento, e aos colegas pela amizade, conversas e churrascos a parte. Certamente foi uma das melhores turmas que tive o prazer de fazer parte.

Agradeço também as trocas de conhecimentos e aprendizado durante a disciplina de Tópicos Especiais em Cultura, Poder e Representações - Escritas da História, ministrada pela professora Maria da Conceição Francisca Pires. Agradeço a uma colega e amiga que essa disciplina me trouxe, Dany Amado. Saudades de “almoçar” uma esfirra com guaravita na beira da Praia Vermelha nos intervalos entre uma aula e outra.

A vivência do doutorado no Rio de Janeiro me apresentou várias pessoas, mas algumas delas posso chamar de amigas/os. Fernanda é certamente uma dessas pessoas. Amiga, agradeço imensamente pelos conselhos, pelos “puxões-de-orelha”, pelo carinho e respeito mútuo. Você vai longe mulher, eu não tenho dúvidas. Rodrigo. Guigo meu amigo, a correria da vida, às vezes, nos distancia, mas a amizade de verdade não se deixa abalar por tão pouco. Saiba que te guardo em meu coração. Dona Sônia não posso descrever a gratidão e o carinho que carrego por você. Obrigada por me acolher quando mais precisei.

Agradeço enfim as amigas/os leais de todas as horas Helayne, Aninha, Claucia, Geovane, Thays, Tati e Rosi. Obrigada pelas risadas, pelos momentos de diversão, conversas e carinho. Essa conquista é por vocês também.

Meu agradecimento especial a minha escudeira leal Karol. Amiga, obrigada por tanto. Obrigada por existir em minha vida e por acompanhar cada passo dessa minha trajetória acadêmica. Obrigada pelas conversas, pelos desabafos, pelos conselhos e por acreditar tanto em mim. Essa conquista é nossa.

A minha família, em especial ao meu pai Carlos e minha mãe Tânia minha eterna gratidão pelo amor, compreensão e incentivo.

Ao meu amor, Júnior e ao início da nossa família. Amo-te. Gratidão pelo melhor presente da vida, nossa Cecília Maria.

Filha, é por você que encerro mais essa etapa da minha vida. Me desculpe pelos momentos de medo e ansiedade que você compartilhou em meu ventre nessa reta final, mas saiba que tudo isso é por você e para você minha pequena. Pode vir, que eu já te amo mais que tudo. Agora a mamãe é todinha sua.

*“Na era actual  
Nenhuma campanha  
É mais necessaria  
Que a sexual”*

*(Estribilho do Hino da Educação Sexual –  
Letra de José de Albuquerque)*

## RESUMO

Esta pesquisa analisa a campanha pela educação sexual no país elaborada pelo médico e sexologista José de Albuquerque ao longo da década de 1930, tendo como foco os discursos e as estratégias de difusão elaborados pelo médico por intermédio do Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Tal instituição fundada em 1933 por José de Albuquerque, com sede na capital Rio de Janeiro, teve como propósito disseminar a educação sexual em todo território nacional. A pesquisa utiliza como metodologia tanto o método arqueológico para análise das fontes quanto a análise dos discursos a partir de Foucault ao observar as estratégias de controle dos corpos e da sexualidade no período estudado. Paralelamente evidencia as estratégias formuladas por Albuquerque com vistas à realização dos propósitos de instituir a educação sexual como política oficial. Observa como a imprensa teve um papel central na propagação dos discursos e na construção das redes de saberes e poderes de José de Albuquerque durante toda sua campanha pela educação sexual.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Campanha. Estratégias de Difusão. Discurso. Imprensa.

## **ABSTRACT**

This research analyzes the campaign for sexual education in the country elaborated by the doctor and sexologist José de Albuquerque throughout the 1930s, focusing on the discourses and dissemination strategies elaborated by the doctor through the *Círculo Brasileiro de Educação Sexual*. This institution, founded in 1933 by José de Albuquerque, headquartered in the capital Rio de Janeiro, had the purpose of disseminating sexual education throughout the country. The research uses as methodology both the archaeological method for analyzing the sources and the analysis of discourses from Foucault when observing the control strategies of bodies and sexuality in the period studied. At the same time, it highlights the strategies formulated by Albuquerque with a view to achieving the purposes of instituting sexual education as an official policy. It observes how the press played a central role in the propagation of the discourses and in the construction of José de Albuquerque's networks of knowledge and powers throughout his campaign for sexual education.

**Keywords:** Sex Education. Campaign. Dissemination Strategies. Speech. Press.

## LISTA DE IMAGENS E TABELAS

<b>Imagem 1</b> – José de Albuquerque .....	30
<b>Imagem 2</b> – Recortes de propagandas da seção “médicos” do Jornal do Brasil .....	40
<b>Imagem 3</b> – Recortes de propagandas da seção “médicos” do Jornal do Brasil .....	40
<b>Imagem 4</b> – Recortes de notas de agradecimento ao Dr. José de Albuquerque .....	42
<b>Imagem 5</b> – Recortes de notas de agradecimento ao Dr. José de Albuquerque .....	42
<b>Imagem 6</b> – Recorte propaganda de impotência Jornal ‘A Noite’ .....	43
<b>Imagem 7</b> – Recorte propaganda de impotência sexual ‘Jornal do Brasil’ .....	43
<b>Imagem 8</b> – Recorte propagada de impotência sexual Jornal ‘Correio da Manhã’ .....	43
<b>Imagem 9</b> – Recorte de propaganda sobre impotência do ‘Jornal do Brasil’ .....	44
<b>Imagem 10</b> – Recorte de propaganda sobre gonorreia do ‘Jornal do Brasil’ .....	44
<b>Imagem 11</b> – Recorte de propaganda sobre doenças sexuais e impotência do ‘Jornal do Brasil’ .....	45
<b>Imagem 12</b> – “Bock-Systema” .....	47
<b>Imagem 13</b> – Fluxograma da divisão do estudo da Higiene Sexual .....	60
<b>Imagem 14</b> – Aspecto da sessão de posse da Diretoria do CBES em 20 de julho de 1933 .....	68
<b>Imagem 15</b> – Registo de autoridades fizeram uso da palavra na ocasião da fundação do CBES (José de Albuquerque ao centro; à esquerda dele, juiz Pontes de Miranda e professor Roberto Lyra; à direita Prof. Dr. J. P. Porto-Carrero e professora Ana Benvinda Dias de Toledo) .....	68
<b>Imagem 16</b> – Jornal ‘O Comércio’, recorte página 7, Ed. 12, de 24 de setembro de 1933 .....	73

<b>Imagem 17</b> – ‘Jornal do Commercio’ (MT) a Serviço especial do CBES, recorte da página 2, ed. 1747, de 15 de fevereiro de 1935 .....	74
<b>Imagem 18</b> – Jornal ‘Correio Paulistano’ (SP) a Serviço especial do CBES, recorte da página 4, ed. 24591, de 22 de janeiro de 1936 .....	74
<b>Imagem 19</b> – Recorte do ‘Boletim de Educação Sexual’ sobre a imprensa brasileira e o CBES .....	75
<b>Imagem 20</b> – Recorte de artigo assinado por José de Albuquerque, defendendo a imprensa periódica, publicado no Boletim de Educação Sexual .....	77
<b>Imagem 21</b> – Recorte da propaganda de filiação do CBES, em novembro de 1933 .....	80
<b>Imagem 22</b> – ‘O Jornal’ (RJ), recorte da ed. 4312, de 10 de novembro de 1933 .....	81
<b>Imagem 23</b> – “Diario da Noite’ (RJ), recorte da ed. 1088, de 10 de novembro de 1933...	81
<b>Imagem 24</b> – Recorte de artigo sobre a mocidade brasileira .....	84
<b>Imagem 25</b> – Página do primeiro ‘Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual’ .....	86
<b>Imagem 26</b> – “Luz nas trevas” .....	87
<b>Imagem 27</b> – “Abaixo o Preconceito!” .....	87
<b>Imagem 28</b> – Recorte do “Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual” de novembro de 1936 .....	88
<b>Imagem 29</b> – Recorte do “Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual” de abril de 1937 .....	91
<b>Imagem 30</b> – Recorte do registro fotográfico da primeira reunião pública da CMPES.....	93
<b>Imagem 31</b> – Última publicação do ‘Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual’ .....	94
<b>Imagem 32</b> – Recorte de ‘O Apóstolo’ sobre educação sexual .....	97

<b>Imagem 33</b> – Aspecto da mesa que dirigiu os trabalhos na Casa Paroquial da Igreja da Trindade .....	100
<b>Imagem 34</b> – Recorte do jornal ‘O Comércio’ a Serviço Especial do CBES .....	101
<b>Imagem 35</b> – Carta Aberta a Tristão de Athayde e Perillo Gomes .....	105
<b>Imagem 36</b> – José de Albuquerque ao público .....	106
<b>Imagem 37</b> – Fatores de criação do ‘Boletim de Educação Sexual’ .....	108
<b>Imagem 38</b> – Flagrante do transporte de edições do ‘Boletim de Educação Sexual’ das oficinas tipográficas da ‘Vanguarda’ para a sede do CBES (1934) .....	109
<b>Imagem 39</b> – Registro do serviço de expedição do ‘Boletim de Educação Sexual’ na sede do CBES .....	110
<b>Imagem 40</b> – Requisição para assinatura anual do ‘Boletim de Educação Sexual’ ....	111
<b>Imagem 41</b> – Primeira publicação do “Correio do Boletim” .....	113
<b>Imagem 42</b> – Convite às mulheres paulistas para “Semana Paulista de Educação Sexual” .....	115
<b>Imagem 43</b> – Notas ilustradas publicadas pelo ‘Boletim de Educação Sexual’ .....	117
<b>Imagem 44</b> – Nota ilustrada: “O inimigo invisível” .....	118
<b>Imagem 45</b> – Cartaz “O Pacto da Morte!” .....	120
<b>Imagem 46</b> – Cartaz “Combatamos as doenças venereas!” .....	121
<b>Imagem 47</b> – Cartaz “Advertencia util...” .....	122
<b>Imagem 48</b> – “Venereol” .....	123
<b>Imagem 49</b> – Primeira publicação da seção “Página de Nossos Leitores” .....	125
<b>Imagem 50</b> – Recorte das enquetes publicadas no ‘Boletim de Educação Sexual’ .....	126
<b>Imagem 51</b> – “A Guerra e a Educação Sexual” .....	129
<b>Imagem 52</b> – Propaganda das Conferências na sede do CBES às quartas-feiras .....	132

<b>Imagem 53</b> – Público durante uma “conferência dominial” realizada no Cine Meyer, em 1937 .....	133
<b>Imagem 54</b> – Sessão de lançamento do primeiro filme brasileiro de educação sexual..	136
<b>Imagem 55</b> – Salão de conferências e projeções cinematográficas do CBES .....	136
<b>Imagem 56</b> – Na sede da Rádio Cajuti na ocasião da inauguração da série de palestras sobre educação sexual .....	144
<b>Imagem 57</b> – Propaganda no ‘Boletim de Educação Sexual’ sobre a obra “Educação Sexual pelo Radio” .....	145
<b>Imagem 58</b> – Propaganda da “Pinacoteca de Educação Sexual” .....	148
<b>Imagem 59</b> – Museu e Pinacoteca de Educação Sexual .....	151
<b>Imagem 60</b> – Inauguração do Bureau Internacional de Educação Sexual e Antivenérea .....	153
<b>Imagem 61</b> – Aspectos do Bureau Internacional de Educação Sexual e Antivenérea.....	154
<b>Imagem 62</b> – Notas sobre “Dia do Sexo” na Imprensa .....	156
<b>Imagem 63</b> – Aspecto de parte do público no “Dia do Sexo” em 1935 .....	158
<b>Imagem 64</b> – Parte do coral e orquestra regida pela maestrina Joanídia Sodré .....	158
<b>Imagem 65</b> – Hino da Educação Sexual .....	160
<b>Imagem 66</b> – Ode ao Sexo .....	161
<b>Imagem 67</b> – “Dia do Sexo” em 1936 .....	162
<b>Imagem 68</b> – Recibo de pagamento da locação do Salão Leopoldo Miguez .....	164
<b>Imagem 69</b> – Propaganda da conferência de Rodolpho Josetti .....	165
<b>Imagem 70</b> – “Dia do Sexo” em 1937, na Rádio Ipanema .....	167
<b>Imagem 71</b> – Membros do CBES que ocuparam o microfone no “Dia do Sexo”, de 1937 .....	167

<b>Imagem 72</b> – Nota de prorrogação do Prêmio de 1936 .....	171
<b>Imagem 73</b> – Prêmio José de Albuquerque 1936 .....	171
<b>Imagem 74</b> – Recorte quadro com propaganda do Prêmio José de Albuquerque de 1937 .....	173
<b>Imagem 75</b> – Nota de prorrogação das inscrições ao Prêmio 1937 .....	174
<b>Imagem 76</b> – Registro fotográfico da entrega do Prêmio José de Albuquerque de 1937 .....	174
<b>Imagem 77</b> – Nota sobre a publicação do livro vencedor Prêmio de 1937 .....	176
<b>Imagem 78</b> – Prêmio José de Albuquerque de 1939 .....	178
<b>Imagem 79</b> – Maria Ignez Mariz, vencedora do Prêmio José de Albuquerque 1939.....	180
<b>Imagem 80</b> – Brasil <i>versus</i> Preconceito .....	185
<b>Tabela 1</b> – Resultado das Enquetes em Outubro de 1937 .....	127
<b>Tabela 2</b> – Atualização dos resultados das Enquetes em Novembro de 1937 .....	127

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABI** – Associação Brasileira de Imprensa

**CBES** – Círculo Brasileiro de Educação Sexual

**CMPEs** – Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual

**DCT** – Divisão de Cinema e Teatro

**DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda

**DNSP** – Departamento Nacional de Saúde Pública

**MT** – Mato Grosso

**RJ** – Rio de Janeiro

**SC** – Santa Catarina

**SP** – São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1. A TRAJETÓRIA DE JOSÉ DE ALBUQUERQUE</b> .....	10
1.1. PRIMEIROS ANOS DE FORMAÇÃO .....	14
1.2. O ENCONTRO COM A MEDICINA .....	21
1.3. OS DESAFIOS DO INÍCIO DA CARREIRA PROFISSIONAL .....	30
1.4. O PALADINO DA ANDROLOGIA .....	48
<b>2. INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA CULTURA/SABER SEXUAL?</b> .....	54
2.1. O ARAUTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL .....	56
2.2. O CÍRCULO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO SEXUAL (CBES) .....	65
<b>2.2.1. Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual</b> .....	82
2.3. ANTAGONISTAS DO MOVIMENTO PELA EDUCAÇÃO SEXUAL NA IMPrensa.....	95
<b>3. ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL</b> .....	108
3.1. O BOLETIM DE EDUCAÇÃO SEXUAL .....	108
3.2. A CAMPANHA PELA EDUCAÇÃO SEXUAL ALÉM DO JORNAL .....	131
<b>3.2.1. Conferências, filmes e “sketches” de educação sexual</b> .....	131
<b>3.2.2. Educação Sexual pelo Rádio</b> .....	141
<b>3.2.3. Museu, Pinacoteca e Bureau Internacional de Educação Sexual e Antivenérea</b> .....	148
<b>3.2.4. Dia do Sexo</b> .....	155
<b>3.2.5. Prêmio José de Albuquerque para o melhor livro sobre educação sexual</b> .....	169
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	183
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	186
<b>ANEXOS</b> .....	197

<b>Anexo 1 – Relação dos jornais que constituíram o Circuito Jornalístico do CBES até 1958 .....</b>	<b>198</b>
<b>Anexo 2 – Registro fotográfico de alguns grupos de visitantes à sede do CBES .....</b>	<b>208</b>
<b>Anexo 3 – Registro fotográfico de conferências e palestras realizadas por José de Albuquerque em alguns estabelecimentos de ensino .....</b>	<b>211</b>

## INTRODUÇÃO

Na presente tese buscamos analisar como o médico e sexologista José de Albuquerque conseguiu elaborar toda uma campanha em prol da educação sexual no Brasil ao longo da década de 1930. Pretendemos sobretudo perceber como tal campanha se desenvolveu dentro de uma lógica que visava disciplinar os corpos e a sexualidade através de diferentes estratégias de propagação.

Tal pesquisa surgiu como um desdobramento da dissertação de mestrado<sup>1</sup>, na qual analisei trechos e publicações sobre educação sexual e sexualidade produzidas pelo Serviço Especial do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), publicados no Jornal “O Comércio” de Porto União, Santa Catarina, entre os anos de 1933 e 1941. Através dessa pesquisa foi possível constatar que educar sexualmente a população era tanto uma questão de saúde quanto de controle dos corpos, reflexo de um processo civilizatório que se delineava desde o fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, e que se relacionava diretamente com a formação física e moral dos indivíduos e da família frente a uma nova ordem política dentro dos propósitos da construção de um Estado forte e saudável.

Tendo em vista a adequação à linha de pesquisa de Cultura, Poder e Representações e inspirada em Foucault, optamos por adotar para o desenvolvimento desta tese o método arqueológico para escrita da história.

Foi em *A Arqueologia do Saber* que Foucault buscou apresentar seu próprio método historiográfico, o arqueológico<sup>2</sup>. Revel diz que ao invés de estudar a história das ideias, Foucault concentra-se em recortes históricos precisos para descrever, não apenas a maneira como diferentes saberes locais se definem a partir da construção de novos objetos que surgem num dado momento, mas como se relacionam entre si, e representam de maneira linear uma configuração epistêmica coerente<sup>3</sup>.

A arqueologia marcou profundamente o trabalho empreendido por Foucault até o final da década de 1960. É o método de pesquisa e escrita adotado por ele em seus livros *História da Loucura na Idade Clássica* [1962], *Nascimento da Clínica* [1963] e *As Palavras e as Coisas* [1966], porém, é apenas em *A Arqueologia do Saber* [1969] que ele finalmente

---

<sup>1</sup> CHUCAILO, Vanessa Cristina. “O sexo à luz da verdade e da ciência”: um estudo sobre os discursos de educação sexual e sexualidade no jornal O Comércio de Porto União/SC (1933/1941). 2015. 132f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Centro Oeste – Campus Irati/PR.

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

<sup>3</sup> REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 16.

expõe esta nova proposta metodológica, ao apresentá-la enquanto um método de pesquisa alternativo à História das Ideias<sup>4</sup>.

Foucault indica alguns princípios para pensar as particularidades da análise arqueológica<sup>5</sup>, e uma delas é definir os discursos enquanto práticas que obedecem a regras, e tratá-los não como “documento”, mas dirigir-se ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de “monumento”.

A História sempre se serviu de documentos, ao interrogar, questionar e indagar não somente o que eles têm a dizer, mas também se dizem a verdade, se são autênticos, legítimos; mas independente do questionamento que se faça a respeito de sua veracidade, toda preocupação recai sobre a (suposta) reconstituição do passado a partir do que dizem esses documentos. Daí a importância da autenticidade dos mesmos uma vez que eles representam um rastro desse passado fragilizado pelo tempo e, ainda, uma possibilidade de decifrar esse passado<sup>6</sup>. Foucault diz que o documento não é necessariamente para a história, a “memória” do passado. A história, na forma tradicional, propõe-se a recordar os “monumentos” do passado e transformá-los em “documentos”, para dessa forma, fazer ressurgir vestígios (memórias) desse passado que falem sobre ele, e assim, assistir de forma passiva uma produção objetiva da história, através da hierarquização e descrição dessa massa documental da qual ela não é capaz de se desprender. A proposta da história para Foucault<sup>7</sup> é a que transforma o “documento” em “monumento”, ou seja, uma história que, de certo modo, volta-se para a arqueologia, para a descrição do monumento. “A arqueologia do saber se situa nessa transformação (nem recente nem acabada) pela qual a história redefine sua posição a respeito dos documentos<sup>8</sup>”. Ela não busca os possíveis rastros deixados pela humanidade, mas desenrola um conjunto de elementos, ao isolar, agrupar, estabelecer relações e organizá-los segundo níveis de relevância.

Para Le Goff<sup>9</sup>, o documento não pode ser qualquer coisa que fica por conta do passado, “ele é um produto da sociedade que o fabricou segundo relações de forças que

---

<sup>4</sup> Para saber mais sobre História das Ideias ver: FALCON, Francisco. História das Ideias. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997; BARROS, José D’Assunção. História das Ideias – em torno de um domínio historiográfico. **Locus**: revista de história, Juiz de Fora, v.13, n. 1, 2007. p. 199-209.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do saber. *Op. cit.*, p. 159.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>8</sup> CASTRO, Edgardo. Arqueologia. In: **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 40.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 545.

detinham o poder”, assim somente a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo, e para as historiadoras e historiadores usá-lo cientificamente.

Ainda para distinguir a análise arqueológica da história das ideias, Foucault estabelece quatro diferenças principais: a determinação de novidade; a análise das contradições; as descrições comparativas; e o estabelecimento de demarcações. Enquanto a história das ideias aborda o campo dos discursos como um domínio de dualidades, a arqueologia se dirige às práticas discursivas contínuas, procura apenas estabelecer a regularidade dos enunciados, uma vez que “todo enunciado é portador de uma certa regularidade e não pode ser dela dissociado<sup>10</sup>”. As regularidades podem ser analisadas em duas direções, através das homogeneidades (e heterogeneidades) enunciativas, e através das hierarquias internas destas mesmas regularidades enunciativas.

Sobre a análise das contradições podemos dizer que o método arqueológico não tem pretensões de escrever um texto ideal, contínuo. Mas sim manter as múltiplas asperezas da descrição. A história das ideias analisa o discurso em uma tentativa de fazer com que as contradições desapareçam e reapareçam, ela apresenta o “jogo” que elas desempenham, manifesta as formas como se podem representar estas contradições no próprio discurso. Enquanto para a arqueologia, essas contradições “são objetos a serem descritos por si mesmos, sem que se procure saber de que ponto de vista se podem dissipar ou em que nível se radicalizam e se transformam de efeitos em causas<sup>11</sup>”.

A arqueologia foucaultiana procura na análise comparativa um efeito multiplicador das possibilidades do discurso, ela não busca reduzi-los e unificá-los, mas sim, pluralizá-los. Entretanto, destacamos a necessidade de que a comparação seja realizada entre discursos equivalentes, mesmo que estes sejam de áreas de conhecimento distintas. Da mesma forma ressaltamos que a própria análise arqueológica faz com que surjam conexões entre as formações discursivas e os domínios não discursivos. A arqueologia se inscreve em uma história geral; busca mostrar como a história no domínio das instituições, dos processos econômicos, das relações sociais pode dar lugar a determinados tipos de discursos que tem, eles próprios, seu tipo de historicidade e ao mesmo tempo se relacionam a todo um conjunto de historicidades diversas<sup>12</sup>. Como descreve Paul Veyne:

Toda a história é arqueologia por natureza e não por escolha: explicar e explicitar a história consiste em começar por apercebê-la na sua totalidade,

---

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. *Op. cit.*, p. 165.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 174.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 189.

conduzir os pretensos objetos naturais às práticas datadas e raras que os objetivam e explicar essas práticas, não a partir de um motor único, mas de todas as práticas vizinhas em que se apóiam<sup>13</sup>.

O método arqueológico de Foucault propõe uma história que não é linear, diacrônica, e causal, mas que “[...] indaga *como*, quais arranjos na ordem do saber produziram determinados objetos que a ciência pode descrever<sup>14</sup>”. Não se trata de uma disciplina interpretativa; descreve os documentos como práticas de um saber histórico<sup>15</sup> e procura reconstituir atrás do fato toda uma rede de discursos, poderes, práticas e estratégias<sup>16</sup>.

Foucault será também a opção teórica para a construção de outras reflexões entendidas enquanto importantes para a pesquisa, entre elas destacamos a questão da sexualidade. Magali Engel em *História e Sexualidade*<sup>17</sup> aponta dois caminhos possíveis para uma história dos discursos sobre sexualidade. Um, pelo qual Foucault representa um marco fundamental, que busca questionar o caráter repressivo dos discursos. E o outro caminho direciona-se para uma história das vivências e do cotidiano da sexualidade, que prioriza os comportamentos revelados a partir do uso do corpo. Ambos os caminhos podem revelar pontos de encontro. O que se destaca com essa abordagem é quase uma tendência geral de aliar tanto a análise dos discursos que normatizam a sexualidade, quanto à investigação das práticas sexuais vivenciadas. Esta última, porém, pode ir de encontro a uma falta de testemunhos diretos ou documentos produzidos por outras camadas da sociedade.

Em *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, Foucault apresenta um dispositivo de sexualidade criado pelas sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII. Um dispositivo de sexualidade foi criado quando a ciência passou a tratar do sexo, e a atividade sexual foi vista e classificada em termos de “normal e anormal”, “são e patológico”, requerendo cura e normatização<sup>18</sup>.

Em Foucault, o dispositivo de sexualidade é tomado enquanto um conjunto heterogêneo que inclui discurso, instituições, organizações, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais,

---

<sup>13</sup> VEYNE *apud* LE GOFF. História e memória. *Op. cit.*, p 105.

<sup>14</sup> ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: UFPR, 2008. p. 57.

<sup>15</sup> CASTRO, Edgardo. *Op. cit.*

<sup>16</sup> REVEL, Judith. *Op. cit.*

<sup>17</sup> ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

<sup>18</sup> REVEL, Judith. *Op. cit.*, p. 81.

filantrópicas. O dispositivo funciona como uma rede na qual todos esses elementos estão interligados<sup>19</sup>.

Sobre a sexualidade em Foucault, Araújo (2008) assinala:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formatação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder<sup>20</sup>.

A sexualidade é entendida, portanto, enquanto um dispositivo de poder que produz o sexo como algo desejável. Para Foucault, fazemos parte de uma sociedade “de sexualidade”:

[...] os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneração, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala *da* sexualidade e *para* a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo. O que determina sua importância não é tanto sua raridade ou precariedade quanto sua insistência, sua presença insidiosa, o fato de ser, em toda parte, provocada e temida. O poder a esboça, suscita-a e dela se serve como um sentido proliferante de que sempre é preciso retomar o controle para que não escape; ela é um efeito com valor de sentido<sup>21</sup>.

Essa abordagem pressupõe que a sexualidade foi construída através de vários mecanismos de poder, e atua de diferentes formas sobre os sujeitos. A sexualidade não é o elemento mais rígido dentro das relações de poder, mas constitui-se um dos elementos mais eficazes de controle sobre o sujeito e a sociedade, e serve como ponto de apoio e articulação para diferentes estratégias. Logo, aqueles que estavam integrados a essa rede de articulações, não apenas circulavam, mas se encontravam em posição de exercer poder, bem como sofrer sua ação<sup>22</sup>.

O poder a que Foucault se refere em sua obra não é aquele formado pelo conjunto de instituições e aparelhos que visa garantir a sujeição dos cidadãos em um Estado determinado, nem aquele que postula a forma da lei ou a unidade global de uma dominação,

---

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.

<sup>20</sup> ARAÚJO, Inês Lacerda. *Op. cit.*, p. 160.

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1997. p. 138.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 98.

uma vez que estas são suas formas finais. Ele pensa o poder como uma rede produtiva e produtora de relações com os saberes discursivos de uma época, disperso em uma trama social que opera de baixo para cima, ao formar uma linha geral de forças que atravessam os afrontamentos locais e ligando-os entre si. Nessas relações de poder, a sexualidade é um dos elementos “dotados de maior instrumentalidade” e “utilizável no maior número de manobras”, e serve às diferentes estratégias<sup>23</sup>.

O dispositivo de sexualidade parece escapar durante muito tempo às camadas populares, afinal foi elaborado para e pelas “classes privilegiadas e dirigentes” da sociedade, que buscavam afirmar-se, como demonstra Foucault, através de uma nova distribuição dos prazeres, dos discursos, das verdades e dos poderes. Só mais tarde esses elementos foram difundidos pelo restante do corpo social, a partir de uma política sexual e através de instrumentos diferentes. Para esse “restante social”, o dispositivo de sexualidade parecia agir “quando havia uma urgência, como em epidemias, problemas de espaço urbano, doenças venéreas, ou por urgência econômica<sup>24</sup>”.

Foucault torna-se interessante para a pesquisa ao demonstrar que o desenvolvimento de uma disciplina corporal depende do uso de técnicas disciplinares dentro das diferentes instituições e do desenvolvimento das ciências (especialmente a médica) que possibilitaram a modelação do indivíduo dócil e produtivo. São esses aspectos, dentro da ordem do discurso, que buscamos identificar e analisar ao longo da campanha pela educação sexual elaborada e defendida pelo médico e sexologista José de Albuquerque e seu Círculo Brasileiro de Educação Sexual.

Formado em medicina no Rio de Janeiro, Albuquerque alcançou notoriedade ao longo da década de 1930 ao lutar em prol da educação sexual no país e pela institucionalização da Andrologia<sup>25</sup>. Foi fundador de periódicos especializados e de instituições voltadas para a área de sexologia e andrologia, publicou dezenas de livros e artigos, proferiu inúmeras conferências e palestras, organizou cursos populares e eventos públicos, produziu e exibiu filmes, utilizou o jornal e o rádio como veículos de comunicação de massa, e em julho de 1933 fundou o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES). Atuando como uma instituição independente, o CBES foi composto pelos mais diversos profissionais e intelectuais brasileiros da época, que pudessem compartilhar do interesse

---

<sup>23</sup> *Ibid.*, *loc. cit.*

<sup>24</sup> ARAÚJO, Inês Lacerda. *Op. cit.*, p. 172.

<sup>25</sup> Especialidade médica voltada para os estudos e tratamento de alterações das funções sexuais dos homens. Cf. ALBUQUERQUE, José de. Considerações geraes sobre a clinica andrologica. **Jornal de Andrologia**. Rio de Janeiro. Edição 1. Abril de 1932.

pela educação sexual e sua difusão entre a população brasileira, tendo sempre à frente a figura de seu fundador e presidente.

Poucos meses após sua fundação, o CBES lançou seu próprio jornal periódico, o *Boletim de Educação Sexual*, que circulou até 1939 sob a tutela do Círculo e de José de Albuquerque. Inicialmente editado bimestralmente, com uma tiragem de 30 mil exemplares, a partir de 1935 passa a ser impresso mensalmente com uma média de 100 mil exemplares por edição, o que já nos dá a ideia da dimensão que tal campanha adquiriu ao longo da década de 1930.

O *Boletim de Educação Sexual* foi fundamental para divulgar todos os esforços empreendidos por Albuquerque e o CBES pelo país, publicou artigos, promoveu discussões, elaborou enquetes, divulgou bibliografias, promoveu atividades da instituição, respondeu e informou sobre questões enviadas pelo público leitor etc. Ao Boletim coube tanto promover as ações do CBES quanto enaltecer a figura de seu fundador<sup>26</sup>.

Nesse contexto o *Boletim de Educação Sexual* tornou-se nosso principal conjunto de fontes. As edições desse periódico foram digitalizadas e fazem parte de um acervo pessoal desta pesquisadora. Esse acervo originou-se das edições arquivadas na sessão de periódicos da Biblioteca Nacional. No início do ano de 2016, mediante autorização especial dos setores responsáveis do arquivo, obtivemos acesso a esse material original nas dependências da instituição no Rio de Janeiro, e na ocasião fomos autorizados a fotografar as edições para utilizá-las para pesquisa. Ressaltamos a relevância e a importância desse acervo pessoal digitalizado, uma vez que as edições originais atualmente se encontram fora de consulta.

Julgamos importante dar visibilidade a essas fontes e afirmar sua existência, apesar de seu acervo na Biblioteca Nacional não estar digitalizado e nem disponível para consulta pública. Digitalizar um acervo histórico não significa apenas modernizar o acesso a esse material, mas diz respeito a uma prática de conservação do papel impresso e primordialmente do seu conteúdo<sup>27</sup> para consultas e pesquisas. Neste contexto, optamos em vários momentos durante a escrita da tese em analisar imagens e recortes extraídos do *Boletim* ao invés de transcrevê-los em forma de citação.

---

<sup>26</sup> CARRARA, Sérgio (org.) Apresentação. In: **Meu encontro com os outros**: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 15.

<sup>27</sup> SAMPAIO, Ana Martha M. A digitalização como forma de conservação e disseminação do acervo de jornais da Biblioteca Monsenhor Galvão. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005. Salvador. *Anais*. Salvador, 2005. 12 p.

Destacamos ainda no rol de fontes utilizadas algumas obras de José de Albuquerque sobre educação sexual, além da autobiografia “*Meu encontro com os outros: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil*”, organizada por Sérgio Carrara e Marcos Carvalho, e publicada pela editora Fiocruz, em 2016. Nela, além das memórias de Albuquerque, encontramos um prefácio escrito pelo seu filho, o médico urologista Pedro de Albuquerque, uma apresentação escrita pelos organizadores, e um fac-símile do livro “*Quatro Letras... Cinco Lustros...*”, escrito por José de Albuquerque e publicado em 1958.

O recorte temporal da pesquisa, centrado principalmente nos anos de 1930, foi decidido particularmente pelo conjunto documental das fontes, e porque corresponde aos “anos áureos” do CBES e de toda campanha empreendida por José de Albuquerque. Sabemos que a instituição continuou atuando por pelo menos 25 anos depois de sua criação, quando Albuquerque decidiu escrever algumas memórias do CBES ao longo desses anos de existência na obra *Quatro Letras... Cinco Lustros*. Entretanto optamos por limitar a pesquisa especialmente aos principais momentos dessa campanha pela educação sexual ocorridos ao longo da década de 1930 no Brasil.

A escolha por essa temática de pesquisa se justifica uma vez que entendemos que a sexualidade não pode ser vista apenas pela sua dimensão biológica, física ou reprodutiva. Ela vai além, e se manifesta na vida social e psíquica do indivíduo ou do seu grupo, nas suas relações interpessoais, nos seus papéis sexuais, nas relações de gênero etc.

Hoje, quando defendemos a importância da educação sexual ou de temas relacionados à sexualidade nas escolas, muitas vezes não refletimos sobre a própria trajetória ou a história da educação sexual no Brasil, que desde as primeiras décadas do século XX já figurava em destaque no meio médico e educacional, nas estantes de livros ou nas páginas de um jornal.

O percurso que delineamos para esta pesquisa se inicia pouco antes da campanha pela educação sexual propriamente dita. Dessa forma buscamos no Capítulo 1 revisitar a trajetória de vida de José de Albuquerque antes da fundação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, observando as continuidades e descontinuidades da sua carreira na busca de compreender melhor como o médico passou a interessar-se pela área sexológica.

No Capítulo 2 vamos ao encontro da proposta ou tentativa por parte de José de Albuquerque de institucionalizar um saber sexual e que vai culminar com a criação do CBES. Vamos observar como Albuquerque articulou seus conhecimentos e foi capaz de reunir toda uma rede de apoio em torno de si e da educação sexual, fundamental para dar a sustentação necessária ao desenvolvimento de seus projetos e defesa dos seus ideais.

Veremos também alguns aspectos conflitantes e as tensões que essa mobilização de José de Albuquerque em prol da educação sexual no país gerou por parte de alguns grupos, identificados sobretudo através da imprensa, mais especificadamente em jornais católicos conservadores.

Por fim, no Capítulo 3 vamos adentrar a campanha pela educação sexual elaborada por José de Albuquerque através do CBES ao longo da década de 1930, identificando as diferentes estratégias de difusão utilizadas pelo médico para promover sua campanha pelo país, seja através da imprensa periódica, do rádio, do cinema, do teatro, dos eventos, concursos, palestras, museu e pinacoteca.

## 1. A TRAJETÓRIA DE JOSÉ DE ALBUQUERQUE

A instalação da República no Brasil trouxe consigo inúmeras mudanças não apenas no cenário político, mas também mudanças no aspecto cultural e social do país. Um novo modelo de vida se estabeleceu partindo da ideia do aperfeiçoamento do povo brasileiro a partir de três aspectos: saúde, força e beleza<sup>28</sup>. O papel dos médicos se tornou decisivo para a construção e fortalecimento desse pensamento, pois através do cientificismo predominante no período, os médicos adquiriam ainda mais controle sobre a vida de mulheres e homens visando normatizar, disciplinar e regular os corpos<sup>29</sup>. Dessa forma, o discurso médico evidenciava que a sociedade, assim como um organismo, precisava ser regrada, e nesse contexto, os médicos assumiam uma postura enquanto interlocutores de um conhecimento sobre os corpos e a eles caberia, portanto, orientar, instruir, sanar e intervir na desordem social.

Uma vez que falar sobre questões sexuais era algo delicado e potencialmente perigoso, a ciência médica oferecia certas vantagens, pois através dela era possível observar a intimidade dos corpos, para dessa forma tratá-los. Com a desculpa da higiene sexual os médicos podiam falar sobre questões sexuais sem serem taxados de indecentes ou imorais, afinal eles apenas prestavam um trabalho de utilidade pública e saúde familiar, servindo não só à população, mas também ao Estado. A medicina através de uma ordem médica “vai produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado, da pátria<sup>30</sup>”.

O trabalho de persuasão da higiene dos corpos desenvolvido ao longo do século XIX e início do XX foi construído sobre a ideia de que a saúde e a prosperidade da família dependiam de sua sujeição ao Estado. Assim, a família estaria inserida na estratégia de nacionalização dentro de uma lógica de troca de favores entre a medicina e o Estado de forma que um fenômeno físico, cultural ou emocional ao ser aspirado e convertido em fato médico, depois de “tratado”, seria reintroduzido no tecido social, isto é, condutas que antes eram restritas e administradas apenas pela família, passam a ser encampadas pela medicina e através dela, são devolvidas ao controle estatal<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> FLORES, Bernardete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo**: ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007.

<sup>29</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Raquel (orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

<sup>30</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 48.

<sup>31</sup> *Ibid*, p. 51-52.

Esse processo pode ser entendido através do conceito de governamentalidade, de Foucault<sup>32</sup>, ou seja, a partir da gestão da população e do controle das estratégias que os indivíduos podem ter em relação a eles mesmos e uns em relação aos outros. Isso se reflete nas táticas de governo que permitem definir a cada instante o que compete ou não ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal, entre outras. Essa forma de exercício de poder do Estado, preparada para gerir a população minuciosamente em função de modelos normativos, pode ser assistida nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, e os discursos médicos do período foram moldados a partir desse modelo de controle social sobre os corpos.

Segundo Flores<sup>33</sup>, a nação moderna não é somente uma instituição idealizada ou forma política, mas um fenômeno político-cultural de intervenção sobre o corpo do indivíduo para compor o corpo coletivo da nação. A ciência médica interessada em promover seus ideais higiênicos interagiu com o Estado, que por sua vez necessitava de um aliado para sustentar as mudanças políticas e sociais do país<sup>34</sup>. Assim, a medicina tornava-se tarefa nacional e recebia do Estado um testemunho de validade e proteção legal para atuar na totalidade do espaço social<sup>35</sup>.

Durante as primeiras décadas republicanas no Brasil, observamos a elaboração de um novo modelo de vida, incentivado e estruturado a partir de discursos eugenistas e higienistas em prol de um “melhoramento” do povo brasileiro “degenerado” moral e fisicamente. A educação integrada à saúde com o propósito de promover a construção nacional e a valorização da pátria também seria responsável pela oportunidade de fornecer para o meio social e político, indivíduos “melhorados”. Como aponta Vilhena, “A educação, concebida de modo amplo, é responsável pela oferta de oportunidades de melhoramento do indivíduo enquanto ser social, do mesmo modo que a sua falta de estruturação deficiente podem impedir o aparecimento de seres altamente capazes<sup>36</sup>”. Afinal, a ideia de “branqueamento” da nação brasileira “dar-se-ia num processo educacional do corpo”, expressado através de uma postura civilizada, de uma conduta moderada em relação à

---

<sup>32</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012. p. 429-430.

<sup>33</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Op. cit.* p. 68.

<sup>34</sup> RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Os momentos históricos da Educação Sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (org.) **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2005. p. 17.

<sup>35</sup> FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 20-21

<sup>36</sup> VILHENA, Cyntia Pereira de Sousa. Práticas eugênicas, medicina social e família no Brasil republicano. In: **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo. v.19, n.1, 1993. p. 88-89.

sexualidade, hábitos de higiene, aspirações de acesso social, boa aparência do corpo, e assim por diante<sup>37</sup>.

É em meio a esses processos educacionais de mudanças e controles sobre os corpos que a partir dos anos de 1930 as questões sobre sexualidade e educação sexual adquirem destaque, e trazem como propósito educar a população para a construção de uma sociedade dentro dos preceitos de bem-estar físico e moral. Diante das mudanças sociopolíticas ocorridas no país nesse período destacamos o início de uma intensa campanha em prol da educação sexual a partir dos esforços do médico e sexólogo José de Albuquerque e da criação de uma instituição focada na possibilidade de uma reforma na cultura sexual do país, o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES).

Atualmente, notamos que a proliferação de livros, teses e até periódicos destinados à divulgação de pesquisas e estudos envolvendo questões sexuais são um indício positivo e significativo que demonstra a importância que esse campo de estudo tem assumido no conjunto das ciências sociais e humanas. Porém mesmo com uma riqueza de produções, tal período ainda carece de pesquisas mais aprofundadas que possam resgatar e compor as partes dessa história. Nunes e Silva<sup>38</sup> apontam para a necessidade de mais estudos que possam recuperar algumas perspectivas sobre a história da educação sexual, além das tentativas de institucionalizar tal conhecimento, especialmente nas décadas de 1920 e 1930. São poucos os trabalhos que atualmente atendem a essa demanda histórica tão específica. A educação sexual brasileira ainda não possui uma historiografia bem explicitada, mesmo que tal período esteja inserido em um contexto de inúmeras reivindicações em prol da instrução sexual no país.

Buscamos então fazer um levantamento bibliográfico focado em alguns trabalhos que abordam a história da educação sexual no Brasil nas primeiras décadas do século XX, mais especificadamente aqueles que citam algo sobre a trajetória do médico e sexologista José de Albuquerque.

Entre os trabalhos identificados destacamos a dissertação de Giselle Volpato dos Reis<sup>39</sup>, na qual a autora aborda os conteúdos das obras de José de Albuquerque sobre educação sexual, publicadas entre 1928 e 1958. Reis destaca o quanto as ideias de

---

<sup>37</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Op. cit.* p. 66-67.

<sup>38</sup> NUNES, César; SILVA, Edna. Sexualidade e Educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei (org.). **Pesquisa em educação**: história, filosofia e temas transversais. Campinas: Autores Associados – HISTEDBR; Caçador: UnC, 1999, p. 172.

<sup>39</sup> REIS, Gisele Volpato dos. Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque. 2006. 92 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

Albuquerque tiveram um papel relevante na divulgação de um conhecimento sexual no país, destacando o médico enquanto pioneiro na área, desde a criação do CBES até o uso da imprensa escrita e de meios populares de comunicação para alcançar diferentes camadas sociais. Na tese de Cristiane de Oliveira Santos<sup>40</sup>, na área de Saúde Coletiva, a pesquisadora explora a regulação política da sexualidade das famílias por saberes e instituições médicas brasileiras, e num artigo da mesma autora, publicado pela revista *Psicologia & Sociedade*<sup>41</sup>, ela aborda alguns aspectos da campanha pela educação sexual empreendida pelo CBES, tomando como fonte algumas publicações do *Boletim de Educação Sexual*. Na dissertação de Leandro Felício<sup>42</sup>, encontramos algumas páginas em que o autor discorre sobre as ações de José de Albuquerque e o quanto ele foi uma figura importante no debate nacional sobre a importância da educação sexual, sendo reconhecido principalmente ao longo dos anos de 1930 pela fundação do CBES e pela defesa da andrologia. Na tese de Leandro Malcher<sup>43</sup>, o autor dedica os dois capítulos finais para falar sobre a sexologia e a educação sexual na década de 1930, destacando a luta de José de Albuquerque em prol desses assuntos. Malcher reconhece que, diferente de outros médicos do período, Albuquerque possuía uma abordagem mais ampla da sexualidade, entendendo-a não apenas inserida em um contexto físico/fisiológico, mas também psicológico e social. Para esse autor, a impressão que se tem é que o conhecimento e a importância dos projetos e ideias de José de Albuquerque no contexto do início da sexologia no Brasil e nos estudos sobre sexualidade ainda é muito pequeno se comparado com a amplitude que suas ações tiveram na sociedade da época. A abordagem de Malcher sobre Albuquerque se direciona para algumas campanhas empreendidas pelo médico ao longo de 1930 sobre andrologia, educação sexual e a luta contra a impotência sexual. No artigo de Jane Russo e Sérgio Carrara<sup>44</sup>, os pesquisadores abordam o mercado editorial sobre psicanálise e sexologia no Rio de Janeiro no período entre guerras. No texto, eles citam o fato de que Albuquerque enquanto sexólogo em muitos

---

<sup>40</sup> SANTOS, Cristiane de Oliveira. **A regulação política da sexualidade no âmbito da família por saberes e instituições médicas (1838-1940)**. 2010. 221f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Cristiane. “Libertar o brasileiro de seu prisioneiro moral”: identidade nacional, educação sexual e família no Brasil na década de 1930. *Psicologia & Sociedade*; 24(3), 2012, 507-516.

<sup>42</sup> FELICIO, Leandro Alves. A moralização do sexo: os debates sobre a educação sexual para o projeto de nação brasileira na I Conferência Nacional de Educação, 1927. 2012. 163f. **Dissertação** (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

<sup>43</sup> MALCHER, Leonardo Fabiano Sousa. Aos cuidados de Prápo: impotência sexual masculina, medicalização e tecnologia do corpo na medicina no Brasil. 2007. 208 f. **Tese** (Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>44</sup> CARRARA, Sérgio Luís; RUSSO, Jane Araújo. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. In: **História, Ciência e Saúde** – Manguinhos. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, v. 9, n. 2, 2002.

momentos foi colocado às margens das discussões médicas do período, sendo que o seu reconhecimento profissional aparentemente veio mais de fora do país, justificado através dos vários “títulos de glória” recebidos de instituições internacionais. O artigo ressaltava um pouco da trajetória de José de Albuquerque a partir de seus feitos notabilizados ao longo dos anos de 1930 em prol da educação sexual e da institucionalização da andrologia, tendo fundado periódicos especializados e o CBES.

O que praticamente todos esses trabalhos têm em comum? Em todos se fala muito sobre as ações do médico José de Albuquerque, sobre a criação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, sobre como ele foi uma figura importante para difundir a andrologia e a educação sexual no seio da sociedade brasileira da década de 1930, mas muito pouco (ou quase nada) se fala sobre quem foi José de Albuquerque antes disso tudo. Como foi sua trajetória antes do CBES, a infância, o papel da família na sua vida, sua formação secundária, suas influências, sua escolha e formação acadêmica, os primeiros passos da sua trajetória profissional, quando surgiu o interesse pelas questões sexuais, como a andrologia passou a despertar seu interesse juntamente com a educação sexual.

Neste capítulo pretendemos apresentar essas particularidades da vida de José de Albuquerque, revisitando suas memórias, detalhes sobre sua vida, infância, formação, carreira profissional, áreas de interesse, identificando os campos de poder e saber pelos quais ele se movimenta. Entendemos que essa revisitação da trajetória de vida de Albuquerque seja importante antes de adentrarmos propriamente na sua campanha pela educação sexual no país ao longo da década de 1930, pois ela não se deu sem conflitos. Por obra do acaso, ou não, veremos também como os jornais se fizeram importantes na escolha da sua especialidade médica, passando a ser parte integrante da divulgação e ampliação da sua clínica, desde a andrologia até a educação sexual.

## 1.1 PRIMEIROS ANOS DE FORMAÇÃO

Nascido em 28 de abril de 1904, na cidade do Rio de Janeiro, José Pereira de Oliveira Albuquerque foi o primogênito dos quatro filhos do casal Albuquerque. Seu pai fora casado e ficara viúvo antes de casar-se novamente com sua mãe, D. Otília. Desse primeiro casamento não teve filhos, pois a esposa faleceu pouco tempo depois do matrimônio. Porém, na casa dos Albuquerque nunca se falou sobre o assunto, o que gerou com o tempo curiosidades e angústias ao filho mais velho, que dos 8 aos 14 anos questionava-se se não

era filho do primeiro casamento de seu pai. Somente aos 14 anos José de Albuquerque tomou coragem para conversar com a mãe sobre o assunto, e ela lhe mostrou todas as lembranças do seu nascimento (fotos, primeiras roupinhas, cordão umbilical etc.), tudo para comprovar que de fato era sua mãe, e não madrasta, e que ele era o primogênito do casal<sup>45</sup>.

Iniciou seus estudos oficialmente aos 8 anos, quando entrou para o Colégio Rampi Williams<sup>46</sup> onde permaneceu até dezembro de 1913, pois em abril de 1914 completaria 10 anos, e no colégio o regulamento prefixava em 10 anos a idade máxima para a presença de meninos. A maioria dos alunos que frequentavam a instituição era dois ou três anos mais velhos, e por sugestão do pai, sempre que os colegas lhe perguntassem a idade, José fora instruído para que acrescentasse dois anos à verdadeira, de modo que os alunos não o importunassem por ser mais novo que os demais. Ainda nesse colégio, seu pai pagava uma taxa extra para o filho merendar de garfo e faca. Ia para a escola em trajes “nobres<sup>47</sup>”, diferente dos colegas que corriam livremente no pátio da escola com trajes leves e sapatos borzeguins, comendo sanduíches de carne ou de goiabada que levavam de casa. Quando era convidado pelos colegas para se juntar às brincadeiras, recusava com a desculpa de que não poderia sujar ou amarrotar a roupa, ou simplesmente que não podia porque era de família nobre<sup>48</sup>, justificativa essa que fora ensinada em casa, mas Albuquerque não se estende muito a esses detalhes sobre a origem de sua família.

Jurandir Freire Costa explica que a criação de hábitos e de educação, no final do XIX, torna-se sinônimo de disciplina e domesticação dos corpos<sup>49</sup>. Através de uma pedagogia higiênica, preocupada com os bons hábitos a fim de evitar as “más inclinações” das crianças, era um passo na criação do adulto adequado àquilo que o autor vai chamar de ordem médica. Esta por sua vez, “vai produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado, da pátria<sup>50</sup>”. Desde antes do seu ingresso no Colégio Rampi, Albuquerque fora educado em casa, tendo

---

<sup>45</sup> ALBUQUERQUE, José. Será que mamãe é minha mãe? In: CARRARA, Sérgio(org.). **Meu encontro com os outros**: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. p. 34-42.

<sup>46</sup> Colégio misto, localizado a época na Rua Voluntários da Pátria, 66, em Botafogo, Rio de Janeiro. Fundado em 9 de janeiro de 1893, por Emilia Rampi Williams e Anthony Williams. Cf. COLLEGIO Rampi Williams. **Jornal Rua do Ouvidor**. Rio de Janeiro. Edição de 23 de janeiro de 1909, ano XII.

<sup>47</sup> Albuquerque descreve o traje como sendo de veludo de seda, de casimira ou de puro linho branco, com colarinho e punhos engomados, gravata *papillon*, sapatos de verniz e meias de seda.

<sup>48</sup> ALBUQUERQUE, José. Menino desajustado. In: CARRARA, Sérgio(org.) *Op. cit.* p. 45-46.

<sup>49</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Op. cit.* p. 174

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 48.

os pais como pedagogos, num espaço reservado o qual eles chamavam de “sala de aulas”, com quatro carteiras (uma para cada irmão), coleções de livros, atlas, quadro negro e giz<sup>51</sup>.

Em 1914 ingressou no Externato Santo Inácio, dirigido pelos padres da Companhia de Jesus. Instruído pelo pai a não participar dos torneios de futebol, nem dos exercícios de trapézio que ocorriam no Santo Inácio durante a hora do recreio, Albuquerque seguia seus estudos sem interagir com muitos colegas. Em 1916, ingressou no *Lycée Français*, colégio instalado naquele mesmo ano, sob o patrocínio da Embaixada Francesa, e dirigido por Alexandre Brigole, ex-padre e antigo professor em colégios em Paris. O *Lycée* promovia muitas festas para seus alunos e familiares, motivo pelo qual o pai de Albuquerque cancelou, ainda em setembro de 1916, sua matrícula, pois na concepção do patriarca o “regime de festas” promovidas pelo colégio só servia para desviar a atenção dos estudos do filho. José fora então matriculado no Externato Ruch, o mesmo frequentado pela sua mãe no período de sua infância, e em 1917 passou a fazer aulas no Externato Boaventura para complementar sua formação em matemática<sup>52</sup>.

Em 1918, por decisão do pai que achava que as idas e voltas do colégio faziam o filho perder muito tempo, resolveu matriculá-lo em uma instituição mais próxima de casa, o Colégio Burlamaqui Moura. Foi ali que José de Albuquerque concluiu seus estudos preparatórios e relatou ter tido sua primeira experiência de “vida em sociedade”, ao interagir com grupos de colegas:

Esse convívio com os meninos e meninas do Colégio Burlamaqui, é bom realçar, era apenas nas horas em que me achava no colégio, pois meu pai não permitia que eu estreitasse nenhuma relação com meus colegas, alegando que em nada poderiam me adiantar as amizades com pessoas da minha idade, por serem tão ou mais inexperientes do que eu e, além disso, porque poderiam encontrar entre elas algum menino que me levasse para o mau caminho, ou alguma menina que eu viesse a namorar, e, assim, desviasse minha atenção dos estudos, que deveriam ser minha única e exclusiva preocupação<sup>53</sup>.

Albuquerque queixava-se de não ter vivido a infância como uma criança da sua idade, mas sim como “uma criança que se antecipou à sua idade mental nos atos que praticava”, destacando quatro aspectos que, em sua opinião, contribuíram para crescer como uma criança sem infância: o excesso de zelo dos pais por medo de que se machucasse; o

---

<sup>51</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com meus primeiros e maiores mestres. In: CARRARA, Sérgio(org.) *Op. cit.* p. 61-62

<sup>52</sup> ALBUQUERQUE, José. Menino desajustado. *Op. cit.* p. 47-49.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 51.

receio que tinham de que seus companheiros pudessem lhe ensinar coisas inconvenientes; a preocupação, especialmente do pai, de que suas brincadeiras fossem educativas e por fim a supervalorização que o pai dava à genealogia da nobreza. Além de privar o filho da companhia de crianças de sua idade, e obrigá-lo a acompanhá-lo em visitas nos lugares em que costumava frequentar, o pai ainda impunha três condições, descritas por Albuquerque como “verdadeiras torturas”:

[...] representá-lo nos lugares a que deveria comparecer e a que, por comodismo ou conveniência, não ia; ou fazer-me portador de cartas e documentos para serem entregues, pessoalmente, nas mãos do destinatário; ou, o que era pior, levar recados e trazer respostas que versavam sobre assuntos em que a terminologia a empregar, se já se me afigurava difícil, me tornava ainda mais difícil penetrar a essência da matéria a ser tratada<sup>54</sup>.

Mas essa relação autoritária entre pai e filho é tida por José de Albuquerque como necessária e fundamentalmente construtiva para a formação de sua personalidade e salvaguarda da sua moral e da sua saúde, quando criança. Tal pensamento reforça a concepção do papel da família no que corresponde a boa educação da sua prole e o cuidado na formação de indivíduos fortes e saudáveis, e corroborando com a ideia do poder disciplinador que produz corpos dóceis<sup>55</sup>, isto é, corpos obedientes, que possam ser submetidos, adestrados, utilizados, que não contestam a autoridade disciplinar, apenas se deixam instruir.

Para Norbert Elias, o “processo civilizador” de educação dos corpos é permeado de conflitos, tensões, mudanças das relações de poder, refinamento dos comportamentos, mudanças dos costumes, e se deu de forma lenta e gradual<sup>56</sup>. E é esse processo de civilização, de polidez dos costumes, de modelação e condicionamento do indivíduo em uma dada estrutura social que vamos observar ao longo de toda trajetória de José de Albuquerque.

Elias explica que “a relação entre pais e filhos tem sido claramente uma relação de dominação”, uma relação em que existem algumas pessoas que exercem uma autoridade e outras que as obedecem. Aos pais cabiam todas as decisões sobre as ações dos filhos, dentro de uma lógica de relações de poder, e essa norma social era tida como a mais adequada,

---

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 56

<sup>55</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>56</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador** v. 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

boa, desejável<sup>57</sup>. Uma vez que a criança era entendida como não possuidora de uma autonomia enquanto indivíduo, a ela caberia portanto, obedecer e acatar as ordens dos pais.

O medo da punição caso transgredissem as decisões do pai era o que mantinha esse sistema de rigorosa obediência e educação. Como relata Albuquerque:

Os homens, por temerem as punições, procuram proceder de acordo com as normas estabelecidas em seus códigos; nós, por temor do castigo, respeitávamos o nosso único código, que era a vontade paterna. O temor entrava, pois, de forma indireta no regime de educação que, meus irmãos e eu, recebemos no lar, como de forma indireta também entra no direito e na religião, variando apenas o agente a quem se teme: no primeiro caso o pai; no segundo, a lei; no terceiro, Deus<sup>58</sup>.

Elias reforça que “a relação entre pais e filhos é uma relação de dominação”, mas “com uma balança de poder muito desigual”. Mas isso de forma alguma implicou na exclusão do amor e do afeto que o pai demonstrava ao filho. Albuquerque descreve o pai enquanto pedagogo, como “o homem que procurava falar ao cérebro e ao coração, à inteligência e ao sentimento dos seus filhos<sup>59</sup>”. Essa relação entre pai-filho/mestre-discípulo encontrou seu primeiro enfrentamento quando aos 14 anos Albuquerque decidiu estudar medicina, e não direito, contrariando a vontade do pai que tinha como sonho ver o filho seguir sua carreira como bacharel em direito<sup>60</sup>.

Albuquerque conta que de todas as profissões que cogitou quando menino, medicina foi a única que não passou pelos seus pensamentos. O direito era a que tinha como prioridade, mas sonhava também em ser diplomata, ou engenheiro, ou ser professor, ou então seguir carreira na Marinha. E quando atingiu a idade de 14 anos, seu maior desejo era tornar-se acadêmico.

Dizia ele que “qualquer carreira me servia desde que eu atingisse, naquele momento, o que para mim constituía meu maior anseio”, ou seja, concluir os preparatórios que compunham o curso secundário e matricular-se no ensino superior, mas para isso faltavam ainda os exames das cadeiras de álgebra, geometria, história e inglês.

Por influência do ambiente escolar em que frequentava naquele momento, no Externato Burlamaqui Moura, Albuquerque decidiu inicialmente pela carreira de oficial da Marinha. Ele detalha que naquela época os rapazes que escolhessem pela Escola Naval

---

<sup>57</sup> ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27 n.3 set/dez, 2012.

<sup>58</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com meus primeiros e maiores mestres. *Op. cit.*, p. 67

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 70.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 64

podiam prestar seus exames preparatórios lá mesmo, e logo em seguida, prestar o concurso de admissão. Ao seguir esse plano, não precisaria, portanto, passar mais um ano como “preparatoriano”, pois em janeiro de 1919 prestaria os exames preparatórios que faltavam, e em fevereiro faria o concurso de admissão, matriculando-se assim no primeiro ano do curso da Marinha<sup>61</sup>. Porém não conseguiu ser aprovado nos exames que a Escola Naval exigia. Mas por ter adquirido uma boa base em matemática durante esse tempo de estudo, decidiu que seguiria a carreira na engenharia.

Procurou na Escola Politécnica informações sobre a possibilidade de se matricular no que se chamava Curso Anexo, uma espécie de preparação dos candidatos para os exames de admissão, pois de qualquer forma, queria ter o nome ligado a uma escola superior. E foi no retorno da Escola Politécnica, na Galeria Cruzeiro, quando se preparava para tomar a condução que o levaria para casa à Praia de Botafogo, que Albuquerque relata ter se encontrado com a medicina<sup>62</sup>.

Foi nesse trajeto que Albuquerque encontrou com um ex-colega do Externato Santo Inácio, Sílvio de Almeida Moutinho. Esse colega contou que estudaria medicina, mas antes faria o primeiro ano de farmácia para não perder o ano, pois ainda faltavam alguns preparatórios exigidos pelo curso de medicina, assim, quando o fizesse, iria requerer a matrícula no segundo ano médico. Foi assim que Albuquerque viu a possibilidade de ainda, em 1919 tornar-se acadêmico, e depois seguir a carreira médica. Já possuía os preparatórios exigidos para o curso de farmácia: português, francês, aritmética, geografia, física, química e história natural, e não teve dúvidas, no dia seguinte iria requerer sua matrícula<sup>63</sup>.

Albuquerque ainda relata que nessa época, por conta da grave epidemia de gripe espanhola<sup>64</sup> que assolou o país em fins de 1918, muitos estudantes foram beneficiados pelo que eles chamavam de “decreto da gripe”. Trata-se do Decreto 3.603, de 11 de dezembro de 1918, assinado pelo então presidente Delfim Moreira. Por força dessa lei, todos os estudantes naquele ano estariam aprovados, e os que deveriam matricular-se em 1919 nos cursos superiores estariam dispensados da prestação do exame vestibular<sup>65</sup>.

---

<sup>61</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a medicina. In: CARRARA, Sérgio(org.) *Op. cit.*, p. 72.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 75.

<sup>64</sup> Para saber mais sobre os impactos políticos e sociais da gripe espanhola em 1918, no Rio de Janeiro ver: GOULART, Adriana da Costa. Um cenário mefistofélico: gripe espanhola no Rio de Janeiro. 2003. 253f. **Dissertação.** (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

<sup>65</sup> BRASIL. **Decreto n. 3.603, de 11 de dez. de 1918.** Declara promovidos ao anno ou série immediatamente superior áquelle em que estiverem matriculados todos os alumnos das escolas superiores ou faculdades officiaes, Collegio Pedro II e militares, bem assim dos estabelecimentos de ensino equiparados ou sujeitos a fiscalização. Rio de Janeiro, RJ, 11 dez. 1918.

Ao organizar toda documentação necessária para requerer a matrícula no dia seguinte no curso de farmácia, com intenção de mudar para medicina, ainda faltava Albuquerque comunicar a decisão ao pai: “Enchi-me de coragem e cheguei até ele. Foi um deus nos acuda! O mundo parecia vir abaixo. Papai opôs uma terrível resistência à minha ideia<sup>66</sup>”.

No dia seguinte, expirava o prazo da matrícula e novamente na casa dos Albuquerque se retomava a discussão. O pai dizia ser impossível um aluno que não cursou o primeiro ano de medicina se matricular diretamente no segundo, e para tirar tal dúvida, ambos, pai e filho, seguiram para a secretaria da Faculdade de Medicina, à Praia Vermelha. Recebidos pelo subsecretário, Brito e Silva, este disse que não poderia afirmar sobre o assunto, visto que o regimento interno da faculdade nada previa. Foram então encaminhados para o gabinete do secretário, Espírito Santo de Menezes, que repetiu o mesmo que dissera o subsecretário, mas acrescentando que dezenas de alunos haviam se matriculado naquele ano com o mesmo propósito, ou seja, requerer transferência no ano seguinte, da segunda série de farmácia para a segunda série de medicina, fazendo apenas os exames complementares das cadeiras. O secretário ainda afirmou que possivelmente o Conselho Superior de Ensino não tomaria qualquer medida impedindo as transferências naquele ano. E assim, o pai de Albuquerque cedeu ao desejo do filho.

Mas a alegria de Albuquerque durou poucos dias, pois logo que requereu a matrícula na primeira série de farmácia, surgiu uma dúvida na secretaria da faculdade. Ele não poderia ser matriculado porque aos 14 anos não possuía a idade regulamentar exigida de 16 anos. Albuquerque então se dirigiu para o gabinete do secretário, que lhe deu duas opções: “Ou o senhor espera dois anos, ou requer à Congregação”.

Albuquerque deu então entrada ao requerimento, e o seu caso foi levado ao Conselho Privado, constituído na época pelos professores Pecegueiro do Amaral, Dias de Barros e Afrânio Peixoto. Por fim, o Conselho se reuniu e deferiu o requerimento, justificando que deveria prevalecer o critério de idade mental do candidato<sup>67</sup>. E assim, Albuquerque começou a frequentar as aulas da primeira série de farmácia.

---

<sup>66</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a medicina. *Op. cit.*, p. 76.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 77.

## 1.2 O ENCONTRO COM A MEDICINA

Enquanto calouro do curso de farmácia, fora aluno de Francisco Lafayette Rodrigues Pereira, na cadeira de física, de Diógenes de Almeida Sampaio em química, e de Antônio Pacheco Leão em história natural, e com o qual José de Albuquerque conta ter feito amizade, mesmo depois de ter deixado de ser seu aluno na faculdade. Diz ele que visitava o gabinete de trabalho de Pacheco Leão, e em muitas dessas visitas passava lendo laudas de papéis que escrevia sobre os mais diversos assuntos, e que Pacheco Leão, “com paciência paternal, escutava, comentava, corrigia...<sup>68</sup>”.

Em março de 1920, quando concluiu seus preparatórios, foi aprovado nos exames do primeiro ano de farmácia e feito os complementos das cadeiras do primeiro ano de medicina, aos 15 anos, Albuquerque matriculou-se na segunda série do curso médico.

Em dezembro de 1920, abriram vagas para o quadro de internos do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, e José de Albuquerque se candidatou a uma das vagas para as nomeações que seriam feitas em janeiro de 1921. Por indicação do cirurgião Camilo Bicalho, chefe da Terceira Enfermaria da Santa Casa, Albuquerque foi nomeado interno de terceira classe, recebendo um ordenado mensal de vinte mil-réis. Foi sob a tutoria de Bicalho que Albuquerque relata ter utilizado um bisturi pela primeira vez em uma cirurgia<sup>69</sup>.

Da Terceira Enfermaria do Hospital Geral, Albuquerque foi transferido para o serviço de cirurgia infantil e ortopedia do Hospital São Zacarias, na época, localizado no Morro do Castelo, onde permaneceu como interno da última equipe que o hospital recebeu. Foi designado para servir na enfermaria que tinha como chefe o cirurgião Pinto Portela. Albuquerque o descreve como um “*gentleman*”, tanto em suas atitudes no hospital, quanto no convívio em sociedade: “De atitudes afáveis, Pinto Portela tratava seus internos como colegas e com eles conversava no final dos trabalhos de cada dia, quando se aprestava para sair<sup>70</sup>”. Foi em uma dessas conversas, no vestiário do hospital que Portela lhe apresentou o médico catedrático de clínica cirúrgica infantil Luiz do Nascimento Gurgel, que para Albuquerque tornou-se, como ele mesmo descreve, “um ídolo”.

Em 1922, época em que se realizavam comemorações pelo primeiro centenário da independência no Brasil, ocorreu como parte das festividades o “Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância” juntamente com o “Terceiro Congresso Pan-Americano

---

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 82.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 84.

da Criança”. Tal evento teve um grande impacto no Brasil e no exterior, tendo dele participado mais de 2.300 pessoas<sup>71</sup>. Nascimento Gurgel participou enquanto secretário geral, também coordenando atividades de caráter cultural ou social para os congressistas durante o evento. Na ocasião do evento, por intermédio de Gurgel, Albuquerque na época com 18 anos conheceu grandes nomes da pediatria. Tão logo o Congresso terminou, o Hospital São Zacarias foi demolido, juntamente com o Morro do Castelo.

Depois de receber outras denominações como Morro do Descanso, ou Morro de São Januário, o Morro do Castelo passou a ser chamado assim devido ao forte de São Sebastião ali localizado, e cujas grossas paredes quando vistas de baixo lembravam um castelo<sup>72</sup>. Já em 1904 o Morro do Castelo perdeu a primeira encosta para abertura da Avenida Central, nas vizinhanças de onde atualmente se localizam os prédios do Museu Nacional de Belas Artes, a Biblioteca Nacional e o Centro Cultural da Justiça Federal. No início dos anos de 1920, com a proximidade das comemorações do Centenário da Independência, na tentativa de impressionar países estrangeiros mais desenvolvidos através da construção de uma imagem de um Brasil “civilizado”, o desmonte do Morro do Castelo se justificava em prol da modernidade da capital do país<sup>73</sup>. Além disso, outros fatores respaldavam as opiniões em favor do desmonte, tais como a higiene, o ar puro, o saneamento e o embelezamento do centro do Rio de Janeiro.

Para o desmonte do Morro do Castelo foi utilizado desde a picareta, o martelo até processos hidráulicos. Jatos de água transformavam o morro em lama, facilitando o processo de transporte e remoção dos resíduos, utilizados no aterro e construção da Avenida Beira Mar<sup>74</sup>.

A demolição do Hospital, bem como o desmanche do Morro do Castelo parecem ter marcado Albuquerque, pois ele relata tais episódios com detalhes sobre os jatos de água, as picaretas que destruíram tudo, e o mar de lama que aterrou a praia de Santa Luzia, deixando para ele uma nostalgia, “uma espécie de sensação de vazio, como alguém que tivesse perdido num incêndio a casa que o abrigava<sup>75</sup>”:

---

<sup>71</sup> WADSWORTH, James E. Morcovo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. **Revista Brasileira de História**. v. 19, n. 37, São Paulo, set. 1999.

<sup>72</sup> NONATO, José Antonio; SANTOS, Núbia Melhem. **Era uma vez o Morro do Castelo**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. p. 18.

<sup>73</sup> TOURINHO, Adriana de Oliveira. Atribuições de valor aos monumentos do Morro do Castelo (1920-1922). 2008. 136f. **Dissertação** (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

<sup>74</sup> PAIXÃO, Cláudia Míriam Quelhas. Moradores do Morro do Castelo: algumas considerações. **Anais**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005. p. 1.

<sup>75</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a medicina. *Op. cit.*, p. 85

Não me tendo sido possível ser o primeiro interno que o Hospital São Zacarias viu passar por seus quadros – nem pelo valor, nem cronologicamente, pois em 1912, quando foi inaugurado, eu era um menino de 8 anos –, coube a mim ter sido interno da última equipe que esse hospital conheceu. Nele funcionei até o dia derradeiro de sua existência, quando grandes mangueiras hidráulicas o demoliram, depois de terem sido, no afã de arrasar o morro do Castelo, também demolidos, a jatos d'água e picareta, o tradicional Observatório Astronômico e o mais tradicional ainda Convento dos Capuchinhos, vetustos casarões, respeitáveis pelos episódios históricos que evocavam, com suas austeras e soberanas presenças a cavaleiro do morro que foi o centro da vida social e política do Brasil Colônia. Ainda me recordo do que foram os derradeiros dias de funcionamento desse hospital, quando fazíamos a remoção das últimas crianças enfermas para outros serviços hospitalares, e trago vivas na retina as fisionomias compungidas de todos que assistiram aos primeiros estertores de morte do velho São Zacarias, cujas paredes, sob a inclemência das águas, se iam transformando num mar de lama e seguiam a caminho de um outro mar, o que lá embaixo, as esperava para ter uma de suas praias mais gratas aos cariocas – a praia de Santa Luzia – por elas aterrada, a fim de dar origem a um novo bairro no centro da cidade: a esplanada do Castelo<sup>76</sup>.

As novidades trazidas pela modernidade não permitiram que o apego ou a memória limitasse a reorganização do espaço urbano, o desmanche do morro para a abertura de ruas e o fluir do tráfego da cidade que freneticamente se modificava. Albuquerque saía de seus anos iniciais de formação e se deparava com um Rio de Janeiro em profunda transformação na busca de um ideal de “civildade” que se delineava com os primeiros anos da República.

Com os olhos voltados para a pediatria, após a demolição do São Zacarias, Albuquerque solicitou sua transferência para a Policlínica das Crianças, também mantida pela Santa Casa, e funcionava na Rua Miguel de Frias, em São Cristóvão. Nesse mesmo período, além de interno no campo da pediatria e higiene infantil sob a supervisão de Fernandes Figueira na Policlínica, José de Albuquerque também era monitor no setor da física médica, na Faculdade de Medicina, cadeira essa chefiada por Antonio Sattamini.

Albuquerque nunca foi muito encantado pelos estudos de matemática, mas o ensino da física elementar que se utilizava naquele tempo no curso secundário e o da física médica na Faculdade de Medicina não exigiam uma profundidade matemática. Desse modo, durante um período, por sugestão do professor Sattamini, Albuquerque adquiria prática de magistério ao mesmo tempo conseguia algum dinheiro, organizando aulas particulares para

---

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 83.

turmas de alunos que prestariam os exames preparatórios no Colégio Pedro II, exames vestibulares de física e exames finais de física médica, na Faculdade de Medicina<sup>77</sup>.

Como aluno do quarto ano médico, e com as atividades de monitor de física médica, cujas aulas oficiais da cadeira Albuquerque era obrigado a participar, ele acabou não comparecendo durante todo o ano letivo às aulas de anatomia e fisiologia patológicas ministradas na época pelo professor Raul Leitão da Cunha, pois os horários das aulas coincidiam com as de física médica. Procurou então o livre-docente Gustavo Hasselmann, e se inscreveu no seu curso de anatomia e fisiologia patológica. Em dezembro de 1922, quando foi prestar os exames finais das disciplinas daquele ano: anatomia e fisiologia patológica, farmacologia e patologia geral, um dos professores da banca examinadora era Leitão da Cunha. E foi com este professor que Albuquerque teve sua primeira e única reprovação durante o seu curso médico<sup>78</sup>.

O regulamento do curso exigia que os estudantes tivessem uma frequência regular nas aulas práticas para poderem se submeter aos exames. Porém, dizia Albuquerque, ninguém respeitava esse dispositivo regulamentar, e a secretaria sequer fazia a averiguação das frequências dos alunos. Leitão da Cunha permitia que os alunos fizessem o exame, mas não aprovava em primeira chamada aqueles que não tivessem preenchido tal formalidade regulamentar, sem exceção<sup>79</sup>.

Apesar de ter feito boa prova, Albuquerque foi reprovado. Ao questionar o professor sobre a reprovação e um possível equívoco, Leitão da Cunha apenas confirmou que o motivo da reprovação: a não frequência às suas aulas, e sugeriu que ele voltasse para a segunda chamada da prova em fevereiro, e que se obtivesse os resultados positivos que apresentou no exame de dezembro, seria aprovado. Assim em fevereiro, Albuquerque foi submetido a um novo exame, do qual ele saiu “temendo uma reprovação”. Mas fora aprovado<sup>80</sup>.

Observamos que José de Albuquerque ao se submeter ao curso médico passa não apenas a ter contato com outra forma de saber representada pela medicina, mas também a fazer parte dela. Jean Clavreul<sup>81</sup> ao falar sobre uma “ordem médica” afirma que esta reside em um espaço que não é acessado a não ser por seus pares. Segundo ele “A Ordem médica não tem de ser defendida nem demonstrada. Os médicos são seus executantes, seus funcionários, muitas vezes humildes, às vezes gloriosos, mas a Ordem se impõe por ela

---

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 88-89.

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 91.

<sup>81</sup> CLAVREUL, Jean. **A ordem médica: poder e impotência do discurso médico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

mesma<sup>82</sup>”. Nesse contexto a medicina enquanto forma de poder demonstra sua autoridade quando “nos reduz ao silêncio”, pois como diz Clavreul “Nenhuma razão é objetável à razão médica”. O médico é visto enquanto detentor de um saber e de uma técnica do qual aqueles que não têm acesso a eles devem apenas se submeter. Albuquerque enquanto acadêmico começa a ter os primeiros contatos com essa Ordem médica, passando a ver como essa “hierarquia em medicina, que é uma hierarquia do saber<sup>83</sup>” funciona. Gradualmente ele passa a ter acesso ao discurso médico quando é questionado por seus mestres ou quando recorre a eles para obter mais saber, pois o poder do discurso médico precisa ser constantemente reconhecido e atestado pela hierarquia da Ordem médica.

No quinto ano do curso Albuquerque começou a pensar na preparação da tese de doutoramento e na escolha de um tema. Para ele, a escrita da tese se constituía em uma perda de tempo, do qual poderia ser mais bem utilizado pelos estudantes em aulas práticas, por exemplo. Sobre essa questão, Albuquerque justificava:

Era uma verdadeira inutilidade e, mais ainda, trazia em si uma grande nocividade, pois desviava os estudantes, por várias horas do dia, do convívio das enfermarias para fazê-los mergulhar nas salas das bibliotecas, no afã de rebuscar livros, revistas, teses, monografias, etc., para compilar a matéria que deveria utilizar na confecção de seu trabalho inaugural. Rarissimamente traziam as teses de doutoramento qualquer contribuição nova ao estudo das ciências médicas, e quando isso conseguiam, o trabalho era mais dos outros que do próprio doutorando, isto é, refletia mais a opinião do seu inspirador e orientador que a do próprio autor, que não a podia ter, devido a sua pouquíssima ou nenhuma experiência da medicina<sup>84</sup>.

Para Clavreul, a redação de uma tese pode não ser muito favorável à prática médica, porém a exigência de sua escrita pode ser vista como uma forma do futuro profissional participar da construção do saber médico, e da importância dele se declarar enquanto “autor do discurso médico, tanto quanto seus iguais<sup>85</sup>”.

Mesmo diante de tal posicionamento crítico sobre a escrita da tese, esta era uma exigência do curso à qual Albuquerque precisou se submeter. Notamos aí como a medicina impõe uma hierarquia do saber para obtenção do título, como ela exerce poder para subjugar aqueles que querem fazer parte de seu círculo, para posteriormente os próprios sujeitos a

---

<sup>82</sup> *Ibid.* p, 27.

<sup>83</sup> *Ibid.*

<sup>84</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a medicina. *Op. cit.*, p. 92.

<sup>85</sup> CLAVREUL, Jean. *Op cit.* p. 47.

ela submetidos possam subjugar aqueles que recorrem ao seu conhecimento em busca de auxílio, na relação médico/paciente, por exemplo.

Albuquerque pensou inicialmente versar sobre um tema nas áreas em que estava mais familiarizado, como a física médica e a cirurgia geral, infantil e ortopédica. Optou então por um trabalho sobre “motores cineplásticos”, isto é, o aproveitamento de grupos musculares de função sinérgica, para utilizá-los em doentes amputados para acionar aparelhos ortopédicos que posteriormente, fossem aplicados<sup>86</sup>. E assim, para a escrita da tese eram necessários os conhecimentos de física, cirurgia e ortopedia.

Tal como ocorre em diversas pesquisas, a falta de bibliografias e referências que sustentem as discussões apresentadas, acaba dificultando ou até mesmo impossibilitando o desenvolvimento de uma pesquisa, que muitas vezes precisa ser abandonada. Assim como já ocorreu comigo durante minha trajetória acadêmica, e tantas outras pesquisadoras e pesquisadores, Albuquerque, por escassez de bibliografias, o que tornaria sua pesquisa inviável, optou então por abandonar o projeto inicial escolhendo outro tema para dissertar.

Decidido a escrever um trabalho sobre algum assunto não muito conhecido no Brasil, com intensão de instigar debates, análises e críticas sobre o tema, acabou optando pelo estudo da simpatectomia periarterial<sup>87</sup>. O tema estava em alta na França por conta dos estudos do cirurgião René Leriche, e no Brasil ainda nada havia sido publicado sobre o procedimento, chamado “operação de Leriche”. Albuquerque buscou então, sem sucesso, pelas enfermarias dos hospitais do Rio de Janeiro, por algum cirurgião que houvesse utilizado tal intervenção. Seguiu então para São Paulo, e na Santa Casa local soube que o professor de cirurgia da Faculdade de Medicina de cidade, Zeferino do Amaral, havia praticado em 1922 tal procedimento. Ao conversar com o professor, esse mostrou para Albuquerque a observação do caso operado, e o autorizou publicar em seu trabalho de pesquisa.

Retornando para o Rio, insistiu para que os cirurgiões com quem convivia nos ambulatórios realizassem a operação, pois queria apresentar mais observações nacionais sobre a operação de Leriche. Albuquerque relata então que Camilo Bicalho autorizou que ele realizasse a operação na sua enfermaria, depois que tivesse estudado suficientemente as indicações e a técnica do procedimento. E assim o fez praticando em cadáveres no Instituto Anatômico. Como não podia assumir a responsabilidade integral pela cirurgia, por ainda ser um estudante, Albuquerque convidou Luiz de Carvalho, um assistente da 23<sup>a</sup>

---

<sup>86</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a medicina. *Op. cit.*, p. 92

<sup>87</sup> Intervenção cirúrgica utilizada para tratar a dor secundária à doença obstrutiva vascular.

Enfermaria da Santa Casa, dirigida por Brandão Filho, para lhe acompanhar no ato cirúrgico, quando o primeiro caso aparecesse, o que ocorreu em 15 de fevereiro de 1924. Um paciente deu entrada na Terceira Enfermaria, ficando em observação e tratamento durante quatro meses. Nesse tempo, ele foi avaliado e recebeu todos os recursos terapêuticos indicados no caso para posterior verificação de que a simpatectomia seria o melhor tratamento a ser empregado. E em 24 de junho de 1924, Albuquerque juntamente a Luiz de Carvalho praticou a operação, que foi detalhada posteriormente na tese, junto de outros casos acompanhados por Albuquerque<sup>88</sup>, e defendida com distinção ao final do curso médico, como relata<sup>89</sup>.

Aos 19 anos chegou ao sexto ano do curso médico. Até meados do ano Albuquerque dava aulas de física e era monitor, mas quando retornou das férias de junho, pediu exoneração dessas funções na faculdade, devido à sobrecarga de trabalho com a escrita da tese e demais atividades que acompanhava nos serviços médicos e ambulatoriais<sup>90</sup>.

José de Albuquerque era o mais novo da turma de formandos daquele ano. Já na segunda quinzena de novembro de 1924, apareceu na Terceira Enfermaria da Santa Casa, um enfermo portador de uma pústula que precisava de uma intervenção cirúrgica. Quando Albuquerque foi operá-lo, ao fazer a incisão o pus que se encontrava acumulado sob grande pressão jorrou batendo nas luvas, e salpicando no lábio superior. Pediu então que o enfermeiro lavasse o local com algodão embebido em solução de oxicianeto de mercúrio, utilizado na época para fazer a antisepsia das mãos na sala de operações, sem dar muita importância ao ocorrido, continuou a operação. Ao final, lavou o bigode mais demoradamente com água e sabão, e seguiu com a rotina da enfermaria. Dois dias depois, Albuquerque relatou que o lado esquerdo da região supralabial foi tomado por um furúnculo, que se disseminou formando um antraz<sup>91</sup>.

Causado pelo esporo do *Bacillus anthracis*, o antraz é uma infecção bacteriana que geralmente afeta animais, e acidentalmente pode ser transmitido para pessoas. A sua manifestação na forma cutânea é a mais comum, e apesar de não ser possível pegar antraz de outra pessoa da mesma forma que se pega uma gripe ou resfriado, já foram registrados alguns casos raros de transmissão de antraz cutâneo, em que as secreções das lesões

---

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 93-94.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p. 101.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 99.

cutâneas podem ser infecciosas<sup>92</sup>. Possivelmente essa foi a forma de transmissão que acabou infectando Albuquerque. Atualmente, na maioria dos casos o tratamento com antibióticos pode curar o antraz cutâneo. Porém em 1924, tratava-se de uma doença de alta periculosidade e baixíssima percentagem de cura.

Albuquerque buscou ajuda nas enfermarias do Hospital da Santa Casa, para saber o melhor tratamento que pudesse ser empregado no seu caso. Todos os médicos sugeriam o uso do termocautério<sup>93</sup>. Porém devido à localização da ferida, Albuquerque possivelmente ficaria com uma cicatriz de queimadura visível no rosto, o que a todo custo ele queria evitar.

Com uma vaidade própria da criatura humana e que fala mais alto quando se tem 20 anos, só vendo nossa vida em função de nós mesmos, eu assim raciocinava: sou solteiro, não tenho pais, irmãos, ninguém sob minha dependência econômica, de sorte que não se justifica que vá ficar com o rosto marcado por uma cicatriz de queimadura... se eu não me salvar sem o termocautério, que morra; é preferível, está decidido!<sup>94</sup>

Decidido, portanto, a não utilizar o termocautério, Albuquerque descreve que, em decorrência da doença, ficou com a fisionomia deformada, com o lábio superior do lado esquerdo aumentado de volume se projetando como uma tromba sobre o lábio inferior, o inchaço devido à infiltração do tecido conjuntivo que levantava um lado do nariz fazia com que o olho esquerdo permanecesse fechado, além das crises febris devido à infecção. Retornando para a Terceira Enfermaria, o médico Armênio Borelli assumiu a responsabilidade pelo tratamento de Albuquerque, e naquele mesmo dia lhe aplicou doses de vacinas e solução de água fenicada para vaporizações várias vezes ao dia. Albuquerque relata que naquela mesma semana a febre começou a declinar e as dores a diminuir, mas o inchaço ainda permanecia. Era época das provas finais, e mesmo nessas condições era necessário que as fizesse. Saiu aprovado dos exames de higiene, medicina legal e clínica médica. Mas ainda faltava a prova de clínica obstétrica, e “Seria uma temeridade ainda com o antraz em fase de regressão, entrar na maternidade”, relatou<sup>95</sup>. Ligou para o professor que o acompanhava na disciplina, Fernando de Magalhães, e explicou a situação. Ele aconselhou que Albuquerque fizesse a prova em segunda chamada, assim teria mais tempo para recuperar sua condição de enfermo. Quando convocado para essa segunda prova, as lesões

---

<sup>92</sup> CDC. Centers for Disease Control and Prevention. **Guia para compreender o Antraz**. Centro Nacional de Doenças Infecciosas Emergentes e Zoonóticas. U.S – Department of Health and Human Services. May, 2016. p. 4.

<sup>93</sup> Instrumento com uma ponta incandescente, utilizado na medicina para cauterizar feridas.

<sup>94</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a medicina. *Op. cit.*, p. 100.

<sup>95</sup> *Ibid.*

ainda não estavam cicatrizadas, Magalhães então pediu que Albuquerque fosse fazer o exame, mas ficasse no saguão de entrada da maternidade, onde seria arguido.

Na hora do exame compareci e lhe mandei comunicar de minha chegada. Fernando desceu com uma papeleta escrita por mim. Falou mais de mim que da matéria do exame. Disse que só pelo fato de eu ter tido escrúpulo de entrar na maternidade por ser um possível portador de germe, eu havia demonstrado conhecer, em toda sua extensão, o perigo que representa a infecção puerperal... e, depois de muito haver falado sobre ela e eu o haver escutado o tempo todo, disse-me: - Muito bem, pode ir! Estou satisfeito com sua prova!<sup>96</sup>

Então aprovado em seu último exame e ainda de cara inchada, defendeu sua tese. Quando finalmente chegou o dia de sua formatura, em 30 de dezembro de 1924, Albuquerque compareceu apenas na solenidade de colação de grau, pois não queria comparecer para o baile com o rosto que lembrava como ele descreve: “um focinho de anta”.

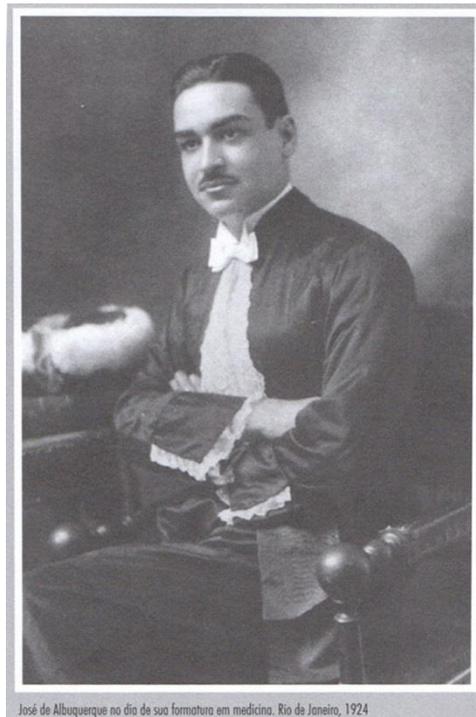
Ao fim do livro organizado por Carrara e Carvalho, existe um anexo com algumas imagens. Uma delas, como podemos ver na imagem 1, traz descrito na legenda “José de Albuquerque **no dia de sua formatura** em medicina. Rio de Janeiro, 1924” (**grifo nosso**).

Se analisarmos a foto, comparando com o relato de Albuquerque, podemos supor inicialmente que, a legenda utilizada para descrever a imagem está equivocada quanto à data da ocasião, o dia da formatura. Não cremos que a foto tenha sido “manipulada” ou tratada digitalmente, ou então que Albuquerque tenha recebido uma maquiagem que disfarçou perfeitamente o inchaço que descreveu. Ou podemos questionar a veracidade da ocasião, e se de fato a doença tomou a proporção relatada por ele. Acreditamos que, possivelmente, trata-se de uma foto de formatura tirada antes do incidente que o deixou com a face esquerda temporariamente deformada.

---

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 101.

Imagem 1 – José de Albuquerque



José de Albuquerque no dia de sua formatura em medicina. Rio de Janeiro, 1924

Fonte: CARRARA, Sérgio (org.). *Meu encontro com os outros: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016, p. 230.

Após concluir o curso de medicina José de Albuquerque precisou se adaptar a novos espaços de saber e reorganizar suas redes discursivas. Os desafios do início da carreira possibilitam verificar no tópico a seguir como o jovem médico vai se movimentar dentro desses espaços na tentativa de legitimar seus discursos e se estabelecer no campo profissional.

### 1.3 OS DESAFIOS DO INÍCIO DA CARREIRA PROFISSIONAL

Depois de formado, enquanto aguardava as formalidades do registro do diploma, Albuquerque pensou em como iniciar sua carreira profissional. Seu sonho era permanecer no Rio de Janeiro, e dedicar-se ao campo da cirurgia infantil, uma vez que havia adquirido experiência estagiando no Hospital São Zacarias, e feito muitos contatos com profissionais que já se dedicavam à especialidade<sup>97</sup>.

Como ainda morava com os pais, à Praia de Botafogo, em uma área bastante movimentada do Rio de Janeiro, planejou fixar uma placa profissional no gradil de ferro da casa, indicando seu nome e especialidade, bem como instalar um aparelho telefônico para

---

<sup>97</sup> ALBUQUERQUE, José. *Meu encontro com a profissão médica*. *Op. cit.*, p. 102.

atender possíveis chamadas de clientes. Porém o pai se opôs ao pedido do filho alegando que com a placa poderia atrair pacientes com doenças contagiosas, de forma que a família ficaria exposta ao perigo das enfermidades, e que o telefone tiraria o sossego da casa, devido aos chamados médicos que poderiam ocorrer em qualquer horário, inclusive de madrugada. Sem querer confrontar o pai, Albuquerque achou melhor respeitar suas opiniões, e decidiu procurar outro lugar para morar. Encontrou então um quarto em uma casa com telefone, localizada à rua do Catete<sup>98</sup>.

Não satisfeito com a mudança decidiu deixar o Rio de Janeiro, e ir para o sertão do Brasil, onde pretendia permanecer uns dois ou três anos, adquirindo experiência e prestígio profissional, para depois regressar para o Rio, com o sonho de ser professor de uma cadeira de cirurgia na faculdade da qual acabava de sair<sup>99</sup>.

Entrou em contato com alguns colegas do interior, sobre as possibilidades de clinicar nas localidades em que residiam. Alguém lhe disse que Belo Horizonte era um ótimo lugar para o campo pediátrico. Decidido então a fazer pediatria médica e cirúrgica em Belo Horizonte, comunicou-se por carta com a namorada Antonieta Morábito, que se encontrava em visita à família em Araraquara no período de férias da faculdade de medicina, onde se conheceram quando Albuquerque era monitor de física médica. Poucos dias depois, recebeu da namorada uma carta expressa em resposta, na qual ela informava que havia conversado com um de seus irmãos, Demétrio Guerino Morábito, que era proprietário de uma farmácia em Ponte Alta, no município de Boa Esperança<sup>100</sup>, interior de São Paulo, e que ele estava à procura de um médico para residir na localidade, e caso aceitasse a proposta de tentar a medicina em Ponte Alta, poderia ficar hospedado na casa do irmão, até decidir se ficaria por lá ou não.

Albuquerque aceitou a proposta, e iniciou os preparativos para a viagem, separando roupas e alguns livros que pudessem ser úteis. Relatou que à época sua biblioteca beirava uns oitocentos volumes, separando apenas umas duas dúzias para levar e sem ter onde deixar o restante achou melhor vendê-los. E em 2 de março de 1925, Albuquerque deixou o Rio de Janeiro, rumo ao interior de São Paulo:

Renunciava ao convívio de minha família; de meus companheiros; da cidade de meu berço e na qual até então tinha vivido; dos meus livros; dos meus hábitos cotidianos, que a fisiologia e a psicologia nos afirmam ser uma segunda natureza; renunciava a tudo para tentar nova vida em terra estranha,

---

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 103.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 105.

<sup>100</sup> A partir de 1944, o município passou a chamar-se Boa Esperança do Sul.

no convívio de outras gentes, forçado a adquirir novos hábitos, levado pelo ideal de ser alguém perante mim mesmo e perante a sociedade. Mas, desafiando conta por conta desse rosário de renúncias, sentia-me feliz, porque tinha a impressão de ser, cada uma dessas renúncias, um marco que plantava na estrada que começava a palmilhar em busca da conquista do meu próprio eu<sup>101</sup>.

Chegando em Araraquara, passou a primeira noite na residência da família Morábito. No dia seguinte, o irmão de Antonieta e proprietário da farmácia, levou Albuquerque em seu automóvel até a localidade de Ponte Alta, onde passaria a clinicar pelos próximos oito meses em que ali permaneceu.

Albuquerque relata que Ponte Alta era uma localidade tão pequena, que não figurava nos mapas da época. E para ele, que havia nascido e vivido até então no Rio de Janeiro, a mudança de ambiente fora bastante chocante. O povoado era pequeno, com um pouco mais de seis casas em torno da estação, e umas tantas outras mais distantes. A farmácia se localizava na “menos mal” de todas, e onde passou a residir. Não havia água encanada, esgoto, luz elétrica, banheiro ou forro nos tetos. Os pacientes que atendia eram em sua maioria colonos das fazendas da região, “noventa por cento da gente que ali vivia se dedicavam à lavoura<sup>102</sup>”.

Além de atender na farmácia, Albuquerque também saía em visitas médicas conduzido no automóvel de Guerino, e cobrando dos clientes o valor da corrida. Assim ele foi conhecendo a região e a população agrícola das redondezas, bem como outros proprietários de farmácias que ali existiam. Ao conhecer a região, Albuquerque relata ter verificado o quanto o curandeirismo estava presente entre as pessoas que ali viviam, mas especialmente em três figuras que ele descreve como “grandes ases”, que “desafiando médicos e autoridades sanitárias, assinando receitas, atendendo a chamados médicos a domicílio, dando consultas no fundo da farmácia, fazendo ‘tratamento’ de enfermidades dos olhos, assistindo parturientes e até operando...<sup>103</sup>”: Domenico Mezzottero, Aprígio e Colombo, proprietários das farmácias de Boa Esperança, Pedra Branca e Gavião Peixoto, respectivamente.

Guerino era o único proprietário de farmácia que não se entregava ao curandeirismo, segundo Albuquerque. E por ser o mais “recente” instalado na região, pois havia comprado a farmácia fazia poucos meses, buscou um médico formado na tentativa de se impor a

---

<sup>101</sup> ALBUQUERQUE, José. *Op. cit.*, p 107.

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 110.

<sup>103</sup> *Ibid.*, p. 111.

concorrência. Porém as coisas não ocorreram como Guerino pretendia, pois os farmacêuticos passaram a difamar o médico recém-chegado à região. Nas palavras de Albuquerque:

Temendo minha presença antes mesmo de me conhecerem, começaram a veicular toda sorte de aleivosias contra minha pessoa. O que menos disseram é que eu era um rapaz recentemente formado, sem nenhuma experiência da clínica, que para ali havia ido com um duplo propósito: explorar o corpo e o bolso dos que lá viviam. Explorar-lhes o corpo, para aprender, à custa de suas doenças, fazendo-os de cobaias, o que da medicina precisaria saber para, depois ir exercê-la num grande centro; e explorar-lhes o bolso, cobrando a preços altos os serviços que, com muito mais eficiência e por muito menor preço, eles prestavam<sup>104</sup>.

Os farmacêuticos locais ainda fizeram mais, ameaçando que aqueles que procurassem os serviços do médico recém-chegado não os buscassem quando ele fosse embora da região, pois se preferiam médicos, que buscassem em Dourado ou Araraquara, cujo preço da consulta domiciliar ou do transporte seria muito caro para o bolso daquela gente. Para evitar entrar em conflito com os “farmacistas<sup>105</sup>”, Albuquerque restringiu sua clínica exclusivamente a Ponte Alta.

Ocorreu então um caso clínico que fez com que o nome e os serviços de Albuquerque ficassem conhecidos na região. Ele relata que foi chamado para atender uma jovem de 20 anos, pertencente a uma família de colonos espanhóis na Fazenda dos Fartos, em cujas terras estava localizada a casa em que residia. Chamado para atendê-la, logo pode diagnosticar uma apendicite aguda, e uma cirurgia precisaria ser feita com urgência. Era noite, e o hospital mais próximo era em Araraquara. O único carro disponível para fazer a viagem, que levava aproximadamente duas horas, era o de Guerino, porém estava com os faróis estragados. Albuquerque relata que munido de dois lampiões a querosene, e a pé, ele e um cunhado da jovem iam à frente do carro, levando nas mãos os lampiões, iluminando o caminho de estradas mal conservadas que lentamente eles venciam. Mais de trinta quilômetros percorridos em aproximadamente cinco horas. Chegaram em Araraquara pela madrugada, e logo ele providenciou a internação da doente na Santa Casa local, onde ele mesmo pretendia operar a jovem, mesmo depois de toda a viagem. Como não conhecia nenhum médico na cidade, não sabia quem convidar para auxiliá-lo. Indicaram-lhe para anestesista o médico Mário Olivério, e para o campo operatório, o médico Simeão Bomfim.

---

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 112.

<sup>105</sup> Albuquerque diz que por influência italiana, “farmacista” era como designavam o farmacêutico naquelas regiões.

Albuquerque conta que os familiares da doente estavam desesperados, pois o quadro clínico da moça havia piorado muito, e as enfermeiras e irmãs de caridade diziam que só um milagre a poderia salvar. Já na sala de operações, ao abrir o abdômen da jovem, Albuquerque pode confirmar o diagnóstico. Após realizar a ressecção do apêndice, antes de fechar o corte e colocar os drenos, Albuquerque pediu a irmã um vidro de éter sulfúrico para ser despejado aos poucos na cavidade abdominal. O médico Bomfim que o acompanhava disse que aquilo mataria a doente, e a irmã recuou o braço que já estava estendido sobre a mesa de operações. Numa “explosão de cólera”, Albuquerque gritou para que a irmã fizesse o que ele havia mandado, pois ele era o responsável pela doente. A situação acabou por criar um ambiente de mais tensão e desconforto para Albuquerque.

O ambiente que se formara em torno de mim era o pior possível. Tinha todos contra mim: o médico, as irmãs, e, certamente, as pessoas da família da operada se esta viesse a falecer. A doente precisava se salvar, custasse o que custasse. Sua morte seria minha ruína profissional naquela zona, tanto mais que as ocorrências na sala de operações já haviam ganhado as ruas de Araraquara, por onde circulavam de boca em boca, e já haviam chegado até Ponte Alta e seus arredores. O melhor jornal das cidades do interior é o cochicho, e este estava se encarregando de veicular o incidente<sup>106</sup>.

Preocupado com a situação da moça, perante a família e perante a opinião pública, Albuquerque assumiu a inteira responsabilidade pelo caso proibindo que qualquer pessoa do hospital tocasse na enferma, mesmo que para aplicar uma injeção ou dar-lhe um caldo ou um gole de água. Ele mesmo se encarregou de ir ao hospital três vezes por dia. A moça só ingeria alimentos e água engarrafada que ele comprava, entregando diretamente nas mãos de um dos parentes da enferma, com a recomendação de que não levassem para fora do quarto. A operada foi melhorando, e depois de uma semana os pontos da ferida operatória foram retirados, e no dia seguinte ela pode sair do hospital, curada. O sucesso de Albuquerque no caso ecoou por Araraquara, principalmente em Ponte Alta e seus arredores. Adquiriu mais confiança por parte da população, e conseqüentemente, o número de pacientes aumentou. A figura de poder que o médico representa nem sempre é dada com facilidade ou sem conflitos, precisa ser conquistada, adquirida. Muitas vezes cria-se em um imaginário em torno da profissão médica, sem levar em conta os contornos e os desafios necessários para se alcançar tal patamar:

O médico é um personagem heroico, cavaleiro da ciência e do dever. Ele se expõe a riscos consideráveis porque trata das mais graves doenças, sem que

---

<sup>106</sup> *Ibid.* p. 115.

se saiba muito se é o risco de contágio que lhe confere sua aureola, ou o fato de que seu paciente quase morreu: o cirurgião é tanto mais prestigioso quanto as operações que pratica sejam mais perigosas; ele participa do risco mortal que sua intervenção faz seu cliente enfrentar. Sinais indiscutíveis testemunham a autoridade e a importância do médico<sup>107</sup>

Outro caso rendeu a Albuquerque ainda mais clientela e a “fama de bom médico”. Certa manhã ele foi chamado em uma fazenda para atender um menino de uma família de imigrantes italianos recém-chegados. O diagnóstico aparentemente se tratava de meningite cerebroespinal epidêmica. O médico levou o fato ao administrador da fazenda, por se tratar de um caso suspeito dessa doença, de acordo com a lei, Albuquerque estava na obrigação de fazer a notificação compulsória ao Serviço de Higiene. O proprietário da fazenda pediu então que antes de fazer a notificação, Albuquerque obtivesse a confirmação do diagnóstico, para não espalhar pânico nas fazendas. Para tal, seria necessário um exame laboratorial do líquido cefalorraquidiano, de modo que o doente precisou ser levado para a Santa Casa de Araraquara. No laboratório de análises do hospital, Albuquerque mesmo fez a punção da raque, e o líquido foi examinado pelo médico Mário Olivério, que confirmou a doença<sup>108</sup>. Com esse caso, mais uma vez, José de Albuquerque demonstrava segurança em seus diagnósticos. Entretanto ele não relata o que houve com o paciente, posteriormente à confirmação da doença, e a notificação ao Serviço de Higiene.

Já casado com Antonieta Morábito, Albuquerque permaneceu em Ponte Alta até novembro de 1925, quando a esposa já grávida do primeiro filho do casal, não queria permanecer ali, sugerindo ao marido que mudassem para Araraquara. Albuquerque diz ter ficado relutante de início com a ideia. Sair de Ponte Alta antes das colheitas seria renunciar ao recebimento da maior parte do serviço que prestou na região, uma vez que muitos dos seus serviços ficavam para ser pagos nessa ocasião. Mas Araraquara não era tão distante de Ponte Alta, assim poderia tanto receber alguns pacientes lá, como receber os valores das consultas que eram devidas, e já não era mais um profissional estranho naquela cidade.

Mudou-se junto da esposa para Araraquara onde pretendia se lançar no exercício da clínica, preferencialmente cirúrgica. Porém essa área já estava toda ocupada naquela cidade. Os poucos pacientes que lá procuravam o médico José de Albuquerque eram casos de clínica geral, e todos, residentes em Araraquara. De fora, apareceram apenas dois casos de doenças venéreas. Possivelmente de pessoas que, por vergonha de se consultarem com o médico de sua localidade, procuravam Albuquerque por ser um “desconhecido”. Ele então passou a

---

<sup>107</sup> CLAVREUL, Jean. *Op cit.* p. 46.

<sup>108</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a profissão médica. *Op. cit.*, p. 116.

perceber que as especialidades de vias urinárias e venereologia seriam as melhores possibilidades de clínica em Araraquara. Modificou então sua placa profissional, acrescentando ao “médico operador” as palavras “vias urinárias”, além de fazer alguns cartazes para colocar nas farmácias da região, onde ele acrescentou “doenças venéreas”. Mas a ideia que, inicialmente parecia ser promissora, teve um efeito contraproducente, pois os portadores de doenças venéreas passaram a não o procurar mais. Albuquerque se justifica, dizendo que “devido ao fato, penso eu, de a simples circunstância de serem vistos entrando no meu consultório poder denunciar sua enfermidade”, esses pacientes possivelmente por constrangimento não mais compareciam em seu consultório. E não somente os portadores de doenças venéreas, mas os portadores de outros males também diminuíram, pois o fato de procurar pelo Dr. José de Albuquerque poderia levantar suspeitas de estarem acometidos de uma doença venérea<sup>109</sup>.

Com as consultas diminuindo, Albuquerque mal conseguia custear as despesas mais imediatas da família, que naquele momento era constituída por ele, a esposa e o filho Pedro. Foi surpreendido então pelo aumento do aluguel da residência em que morava em Araraquara, como relata: “A revolta sacudiu-me, de alto a baixo, todas as fibras do meu corpo, não pelo aumento em si, pois este refletiria tão só a ganância do senhorio, mas pela deslealdade do colega”. Pois Albuquerque havia alugado um cômodo da sua casa para um colega, com quem confienciava acontecimentos da sua vida, inclusive as dificuldades financeiras que estava passando naquele momento. O colega quis aproveitar para ter o seu consultório no mesmo local onde outro médico, com uma clínica de oftalmologia muito bem estabelecida na região, havia se retirado da cidade por motivo de doença. Como a antiga clínica havia funcionado naquele mesmo lugar por vários anos, o novo oftalmologista quis aproveitar a localização e fama do antecessor, para manter a clientela. E funcionou. Sua clínica prosperava, e apenas um cômodo da casa não era suficiente para atender suas necessidades, e resolveu alugar o prédio todo. Como Albuquerque não havia feito nenhum contrato de locação, confiando apenas nos compromissos verbais, o pai de seu colega arrendou a casa do proprietário por cinco anos, com contrato em cartório. Na qualidade de arrendatário, seu colega se tornou seu locador, e o notificou sobre o aumento do aluguel mensal do prédio para quase o dobro do valor a partir daquela data, e que se caso não concordasse com o aumento que desocupasse o prédio imediatamente. Foi quando Albuquerque decidiu retornar para o Rio de Janeiro, com esposa e filho<sup>110</sup>.

---

<sup>109</sup> *Ibid.*, p. 119.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 119-120.

De volta ao Rio de Janeiro, inicialmente ficou um tempo instalado na casa de seu pai, que já não mais morava à Praia de Botafogo, agora residia no centro do Rio, à Rua Senador Dantas, em um dos imóveis pertencentes aos avós maternos<sup>111</sup> de Albuquerque. Como precisava de trabalho urgente e não tinha dinheiro para bancar o aluguel de uma casa, muito menos de abrir sua clínica no Rio de Janeiro, José de Albuquerque foi trabalhar como médico de farmácia. Conta ele que, naquela época, era muito comum os médicos consultarem em farmácias, inclusive em muitas delas a consulta era “gratuita”, porém sempre condicionada a manipulação do remédio no local. Para muitos donos de farmácias, os consultórios funcionavam como uma pequena indústria para gerar lucro aos seus proprietários. Muitos proprietários de farmácias anunciavam nos jornais da época vagas para médicos clinicarem em seus estabelecimentos. Era através desses anúncios de jornal que Albuquerque procurava as vagas. Foi também através de um anúncio que encontrou, em Olaria, um dono de farmácia chamado Antonio Tymbira Júnior que conduzia, segundo Albuquerque, de forma mais “ética” o seu negócio, vendendo somente o que prescrevesse o médico, e não forçando a compra de elixires e tônicos desnecessários apenas para dar lucro ao seu comércio.

Albuquerque não chegou a assumir o consultório da farmácia de Tymbira, pois precisava de dinheiro imediato, e, portanto, de uma farmácia mais estabelecida. Tymbira havia comprado a farmácia há pouco tempo, e o local possuía uma má reputação na região. Foi comprada dos sucessores de um médico que estava cumprindo pena na prisão, já pela segunda ou terceira vez, por comercializar entorpecentes na própria farmácia. Por ser reincidente no crime, e sempre andar trajado de fraque, o povo o apelidou de Casaca de Ferro<sup>112</sup>. Albuquerque combinou de passar diariamente, quando regressava de Meriti onde também dava suas consultas, na “ex-farmácia do Casaca de Ferro”, agora pertencente a Tymbira, e se houvesse algum cliente naquele horário, ele atenderia. Do contrário, aproveitava o tempo para ali almoçar os sanduíches que trazia de casa, pois não tinha dinheiro para comer fora, e atendendo nos subúrbios, não dava tempo de ir até em casa fazer suas refeições.

Foi em uma dessas “pausas” em Olaria que Albuquerque leu em um jornal a notícia de um próximo concurso para cirurgião do Corpo de Bombeiros. Interessado na vaga, ele acabou se inscrevendo, e se preparando:

---

<sup>111</sup> Cândido Coelho de Oliveira e Gertrudes Barbosa Coelho de Oliveira.

<sup>112</sup> *Ibid.*, p. 126.

Comecei a fazer a revisão dos assuntos de cirurgia, cujos livros eu lia nos trens de subúrbio, nos consultórios das farmácias, nos intervalos entre uma e outra consulta e, à noite em casa, até altas horas da madrugada. A parte prática eu não a repeti no cadáver, porque para isso precisaria de tempo e dinheiro – dois elementos de que eu não dispunha – e, além do mais, quando estudante havia praticado, sobejamente, na cadeira de medicina operatória e nas enfermarias de cirurgia de que fui interno<sup>113</sup>.

No dia do concurso, o ponto sorteado para prova escrita deixou Albuquerque apreensivo, pois “Apendicites agudas e crônicas sob o ponto de vista cirúrgico” era um tema que praticamente todos os concorrentes saberiam dissertar com facilidade. Preferia ele que o ponto sorteado fosse relacionado com cirurgia óssea ou articular, pois poderia levar alguma vantagem em relação aos outros concorrentes. A segunda prova foi oral e o ponto sorteado com 24 horas de antecedência foi “quistos serosos do rim”. Tratava-se de um tema bastante “árido”, como descreveu Albuquerque, para ser exposto em cinquenta minutos. Mas diz ter ocupado todo tempo da sua exposição sem se afastar do ponto, e ter se saído bem, pois sua prática de magistério durante a graduação colaborou para que falasse com mais método e desembaraço. No dia da prova prática, de técnica cirúrgica em cadáver, os pontos foram sorteados individualmente para cada candidato. A operação que lhe coube foi uma que ele nunca havia praticado, a operação de Gritti. Sabia apenas o que havia lido na faculdade, pois nunca se interessou por ela:

[...] considerada por muitos autores como uma operação que não trazia as vantagens que seu idealizador lhe queria atribuir, pois, em se tratando de uma amputação baixa de coxa, com conservação de rótula para servir de ponto de apoio do coto nos aparelhos protéticos ou na simples perna de pau, daria em resultado a ulceração da pele de revestimento da superfície óssea de contato, devido à inexistência de um coxim muscular protetor<sup>114</sup>.

Albuquerque realizou a operação, mas também fez a crítica do processo explicando que na prática jamais a realizaria uma vez que não via vantagens naquele tipo de procedimento operatório. Um dos examinadores da prova, Armênio Borelli, amigo e colega com quem trabalhou na Terceira Enfermaria da Santa Casa, relatou a Albuquerque, posteriormente a prova, que a banca se sentiu ofendida com suas críticas, entendidas por eles como uma crítica à banca por ter incluído tal operação nos pontos do concurso. Albuquerque tentou explicar-se ao amigo, pedindo que levasse ao conhecimento dos demais membros da banca que não foi esse o propósito das suas palavras. Quando saiu o resultado da prova, a vaga coube a Luiz de Souza

---

<sup>113</sup> *Ibid.*, p. 129.

<sup>114</sup> *Ibid.*, p. 130.

Lobo, também ex-colega de Albuquerque na Terceira Enfermaria, e que já vinha exercendo, interinamente, o cargo de cirurgião do Corpo de Bombeiros<sup>115</sup>.

Terminado o concurso, o primeiro problema a ser resolvido por Albuquerque foi a retirada dos seus móveis da casa do pai, começando pelos móveis do seu antigo escritório em Ponte Alta. Ao invés de deixar em algum depósito, onde além de pagar, eles ficariam empilhados e poderiam estragar com o tempo, Albuquerque teve a ideia de, por um preço pouco maior do que pagaria por um depósito, alugar uma sala no centro da cidade, onde arrumaria os móveis de forma a sublocar por hora, a colegas, para usar o espaço como consultório. Ele justifica-se dizendo que só não o fazia sozinho, porque não tinha clientes suficientes para cobrir as despesas do aluguel e demais gastos.

Conseguiu alugar uma sala, na rua da Carioca, 22, no centro do Rio de Janeiro, em um sobrado onde só iriam funcionar consultórios médicos e dentários. Por 250 mil-réis mensais, o aluguel dava direito a sala privativa, ao uso da sala de espera comum aos demais consultórios, ao telefone, e aos serviços de limpeza e portaria. Albuquerque então mobiliou o consultório com seus móveis, e providenciou a publicação de anúncio no qual oferecia a locação do espaço para médicos por hora, pelo custo de 150 mil-réis. Conseguiu alugar para quatro colegas em horários distintos, reservando para si o horário das 13 às 14 horas, não para atendimentos, pois lhe faltavam clientes, diz ele, mas para “fiscalizar” o andamento do seu “negócio”, além disso, “Já podia pensar em alugar uma casa, pois auferia de renda, como locador de consultório, quantia suficiente para pagar os aluguéis de uma casinha modesta em subúrbio<sup>116</sup>”.

Albuquerque relata então que comprou um exemplar do *Jornal do Brasil*, na intenção de encontrar anúncios de alguma casa para alugar, e não encontrando nenhuma que coubesse dentro do seu orçamento, folheando as páginas do jornal a esmo se deparou na seção profissional com vários anúncios de médicos divulgando suas clínicas para tratamentos de impotência, estreitamento de uretra, sífilis, gonorreia, e demais enfermidades sexuais. O que mais chamou a atenção de Albuquerque, além da quantidade de anúncios, foi a diagramação deles: anúncios em letras garrafais, destacadas em negrito.

Como afirma Sodré<sup>117</sup>, a imprensa nasce e evolui com o capitalismo, sempre acompanhando o seu desenvolvimento e as necessidades do período, tal como a publicidade, atendendo um conjunto de interesses a que o jornal se incorpora. Os textos publicados em suas páginas adquirem significados de muitas formas e a ênfase em certos temas, discursos,

---

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 131.

<sup>117</sup> SODRÉ, Nelson Wenerck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. X-XIV.

linguagens e conteúdo não se dissociam do público que o periódico pretende atingir. A imprensa reflete uma luta simbólica entre organizações e pessoas em diferentes posições, e que correspondem a diferentes interesses e aspirações, assumindo um papel preponderante na sociedade ao dar destaque a determinados assuntos, selecionando, ordenando, estruturando e narrando de certa maneira “aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público<sup>118</sup>”. A imprensa se revela aqui como outra forma de discurso que passa a fazer parte da vida do médico José de Albuquerque.

Imagens 2 e 3 – Recortes de propagandas da seção “médicos” do Jornal do Brasil

**DR. AMERICO DA VEIGA** — Especialista em pelle, syphilis, Blenorragia (tratamento rápido); inflamações e corrimento do utero; à rua S. José n. 83. (T. 11.761)

**Gonorrhéa Syphilis** — Aguda ou crônica em ambos os sexos: cura rápida em poucos dias — Syphilis Injeções de dolores: Avenida Almirante Barroso 1, 1º andar — 9 às 19 Tel. Central 1009 — DR. PEDRO MAGALHÃES. (V. 24.906)

**A Senhora** — Está triste! As suas regras são dolorosas e irregulares, tome **CALSULAS SEVENKHAUT** (Apol-Sabina Arswid). À venda na Droguaria Baptista, Rua 7 de Março 10. (T. 17610)

**GONORRHEA** e suas complicações em ambos os sexos. Cura radical por processos seguros e rápidos. — DR. JOAO ABREU e DUARTE NUNES das 8 às 19 horas. Telephone 5803 Norte — Rua S. Pedro n. 44. (V. 762)

**Doenças do recto e vias urinarias** — Cura radical das hemorrroidas sem operação e sem dor. Gonorrhéa e complicações (gota, es-treitamento, prostatite, impotencia, etc.), por processo moderado, usado nas clinicas de Berlím. Cirurgia geral, em especial appa-relho genito-urinário (rins, bexi-ga, urethra, utero ovarios, etc.). Diathermia, raios ultra-violetas. Dr. Mario Kroetz, chefe do Dispensário Central de Doenças Venereas (Saúde Publica), Prac-tica dos hospitais de Berlím e Paris. Uruguaiana n. 104 N. 604. Das 10 às 11 e 2 às 3 e 5 às 8 de noite. (V. 2494)

**DR. BRANDINO CORRÊA** — Molestias do aparelho ge-nito urinário no homem e na mulher. Operações: utero, ovarios, prostata, rins, bexi-ga, uretra, etc. Cura rápida por processos modernos, sem dor da

**GONORRHEA** e suas complicações, prosta-tites, orchites, cystites, es-treitamentos, etc. Diather-mia darsonvalização; à rua Republica do Peru n. 23, so-brado, das 7 às 9 e das 14 às 19 horas; domingos e fe-riados das 7 às 10 horas. telephone Central 2654.

**DOENÇAS DE NARIZ e Cura garantida e rápida de OZENA** — GARGANTA (feetiz de nauouvidos riz) processo in-e BOCCA teiramente novo. — DR. EURICO DE LEMOS. professor livre dessa especiali-dade na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Consultorio rua da Republica do Peru n. 19, 1º andar (antiga rua de Amara-bé), das 12 horas às 6 da tar-de. (V. 25372)

**Gonorrhéa** e suas complicações — Cura radi-cal e rápida no homem e na mulher. Rodrigo Silva 42 4º andar, elevador, das 8 às 11 e das 2 às 6 horas. Dr. Ruppert Pereira. (V. 25458)

**Impotencia** — Cura rapi-da e garantida no homem bem como da trissa sexual da mulher. Processo norte-americano, ainda não conhecido aqui. Dr. Ruppert Pereira, rua Rodri-go Silva 42, 4º andar, elevador. (V. 25458)

**DR. ANNIBAL VARGES** — Impotencia — Tratamento eficaz e indolor pelos processos Voronoff e alemão. Methodo especial na cura da Syphilis, Gonorrhéa e suas complicações (syphilis, prostatite, urethrites, orchites, etc. — DR. LEMOS DUARTE — do Hospital Baptista, às 2 hs. à rua Evaristo da Veiga n. 30. (C. 25.182)

**DR. BRANDINO CORRÊA** — Molestias do aparelho ge-nito urinário no homem e na mulher. Operações: utero, ovarios, prostata, rins, bexi-ga, uretra, etc. Cura rápida por processos modernos, sem dor da

**GONORRHEA** e suas complicações, cystites, es-treitamentos, etc. Diather-mia darsonvalização; à rua Republica do Peru n. 23, so-brado das 7 às 9 e das 14 às 19 horas; domingos e fe-riados das 7 às 10 horas. telephone Central 2654. (V. 4459)

**Prof. Renato Souza Lopes** — Doenças internas — Raios X — Tratamento especial das doen-ças do aparelho digestivo de quirculo (oposição, macera, du-betes) e nervosas. Tratamento moderno pelos grandes raios cathodicos — raios ultravioletas, diathermia, electrodos — da tu-berculose local, anemia, impotencia, arterio-sclerose, nevrites, varizes, hemorrroidas ulceras, eccema, etc. — Rua S. José 33, de 2 às 9. (C. 22.228)

**CONSULTAS GRATIS** — Pelo Dr. Luiz Lima Bitten court, especialista em mo.

Fonte: à esquerda: Jornal do Brasil, edição 65, de 17 de março de 1927, p. 24. À direita: Jornal do Brasil, edição 87, de 12 de abril de 1927, p. 24. *Hemeroteca Digital* – Fundação Biblioteca Nacional. Acervo disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>>.

Ao pesquisar as tais propagandas relatadas por Albuquerque, localizamos algumas delas no *Jornal do Brasil*, e como constatamos nas imagens acima, de fato, a diagramação das propagandas na seção “médicos” era feita de modo que chamassem atenção e se destacassem na página do jornal, com ênfase nas palavras: “gonorrhéa”, “syphilis”, “impotencia”, “doenças venereas”.

<sup>118</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 139.

A partir dessas propagandas, Albuquerque supôs que, se esses médicos pagavam a publicação na seção profissional desses anúncios mais elaborados, que certamente custavam mais, é porque tais anúncios possivelmente atraíam clientes aos seus consultórios, que por sua vez, pagavam bem pelas consultas e tratamentos de tais enfermidades. Foi aí que ele decidiu tentar clinicar nessa área, afinal o principal ele já possuía que era o consultório<sup>119</sup>.

Tratar de enfermos portadores de doenças venéreas não se configurava para ele uma tarefa difícil, pois quando era estudante frequentava os serviços de doenças venéreas da saúde pública, onde aprendeu como tratar esses casos. Sobre estreitamento de uretra, por ser um domínio do campo cirúrgico, teve também quando estudante a oportunidade de aprender na enfermaria da Santa Casa, com o Dr. Bicalho. Sobre o tratamento de impotência era que Albuquerque menos tinha conhecimento. Diz ele que por duas razões: uma porque os doentes, em serviços de ambulatório e de enfermaria, devido à presença de muitos estudantes, médicos e enfermeiros, tinham vergonha de revelar o problema, ou então quando o faziam, o médico enquadrava tal enfermidade na maior parte dos casos, no rol das doenças psíquicas. Buscou então reunir e reler livros de urologia e de venereologia que possuía, além de alguns de psiquiatria e neurologia. Adquiriu alguns tratados mais recentes sobre esses assuntos e assim “atualizou-se”, preparando-se para seus primeiros encontros com os casos clínicos daquelas doenças:

Sentia-me habilitado a tomar a responsabilidade do tratamento dos enfermos nesse campo da medicina que eu não podia bem individualizar qual fosse, visto participar da clínica impropriamente chamada *médica*, da psiquiatria, da neurologia, da endocrinologia, da urologia e da venereologia<sup>120</sup>.

Novamente Albuquerque recorre aos jornais, mas dessa vez direto às redações, no balcão de publicidade para divulgar anúncios sobre sua clínica. Conta ele que inicialmente pagou pela publicação de três anúncios diferentes no jornal *A Noite*, e quando os clientes começaram a aparecer, e os números aumentaram, levou anúncios para serem publicados no *Jornal do Brasil* e no *Correio da Manhã*.

Ao pesquisar sobre esses anúncios foi possível localizar tanto no acervo do jornal *A Noite*, quanto no jornal *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, mais de 200 propagandas entre 1927 e 1929, dos serviços oferecidos pelo Dr. José de Albuquerque, entre eles a cura da impotência, estreitamento de uretra e tratamento para gonorreia e outras doenças sexuais.

---

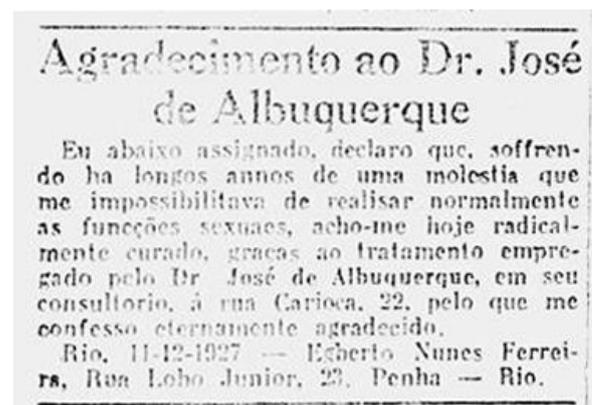
<sup>119</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a profissão médica. *Op. cit.*, p. 133.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 134.

Analisando esses anúncios, de modo geral, o tratamento de impotência sexual aparentemente era o “serviço” mais procurado no consultório do Dr. José de Albuquerque, dado a quantidade de anúncios sobre tal enfermidade.

Destacamos duas propagandas num formato de declaração de agradecimento e recomendação de tratamentos executados por Albuquerque, publicadas uma na edição 5769 de 12 de dezembro de 1927, e outra na edição 5770 de 13 de dezembro de 1927, do Jornal ‘A Noite’:

Imagens 4 e 5 – Recortes de notas de agradecimento ao Dr. José de Albuquerque



Fonte: À esquerda: Jornal A Noite. Edição 5769, de 12 de dezembro de 1927, p. 4. À direita: Jornal A Noite, edição 5770, de 13 de dezembro de 1927, p. 4. *Hemeroteca Digital* – Fundação Biblioteca Nacional. Acervo disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/> >.

Nas imagens 4 e 5 vemos as declarações publicadas no jornal *A Noite*, sobre tratamentos executados por Albuquerque. No primeiro recorte, à esquerda, trata-se de uma declaração de outro médico, “Dr. Levindo Mello”, que recomendou a um paciente seu identificado apenas pelas iniciais “N. P. S.”, que procurasse os serviços de especialidade médica de Albuquerque para o tratamento de impotência, e que esse paciente, após tratamento, relatou que se encontrava completamente curado. Na segunda imagem, à direita, trata-se de uma nota de agradecimento do paciente Egberto Nunes Ferreira ao Dr. José de Albuquerque. Na nota não está escrito que se trata de um caso de “impotência sexual”, pois não se utilizava essa palavra, mas podemos deduzir que seja esse o caso descrito pelo paciente como “uma moléstia que o impossibilitava de realizar normalmente suas funções sexuais”. Essas notas em forma de declaração e agradecimento também serviam como “propaganda” da clínica de Albuquerque, nos jornais do Rio de Janeiro.

Ainda sobre as propagandas de combate à impotência sexual, observamos que a partir de meados de 1928, na descrição dos anúncios surge uma especificação de pacientes

para os casos de impotência. Os anúncios passam a exibir tratamento de impotência sexual em “indivíduo moço”:

Imagem 6 – Recorte propaganda de impotência Jornal ‘A Noite’



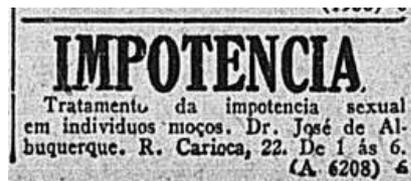
Fonte: Jornal A Noite, edição 5987, de 20 de julho de 1928, p. 4. *Hemeroteca Digital* – Fundação Biblioteca Nacional. Acervo disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>>.

Imagem 7 – Recorte propaganda de impotência sexual ‘Jornal do Brasil’



Fonte: Jornal do Brasil, edição 174, de 20 de julho de 1928, p. 25. *Hemeroteca Digital* – Fundação Biblioteca Nacional. Acervo disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>>.

Imagem 8 – Recorte propagada de impotência sexual Jornal ‘Correio da Manhã’



Fonte: Jornal Correio da Manhã, edição 10286, de 20 de julho de 1928, p. 14. *Hemeroteca Digital* – Fundação Biblioteca Nacional. Acervo disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/>>.

Sobre essa mudança em seus anúncios, Albuquerque relata que entre os primeiros clientes de impotência que se apresentavam em seu consultório, muitos deles eram homens de mais de 70 anos, reclamando que haviam se submetido a diversos outros tratamentos médicos sem nenhum resultado, e o procuravam com o propósito de se “tratar”. O médico então tentava explicar a esses pacientes que eles não tinham nenhuma “enfermidade”, pois na idade em que se encontravam a impotência sexual era uma condição fisiológica, um estado de regressão do próprio organismo. Dada à quantidade de casos de sexagenários e septuagenários que com frequência procuravam o consultório, Albuquerque pensou em uma maneira de indicar em seus anúncios, que “clientes” de tal ordem, não se enquadravam no tratamento de impotência:

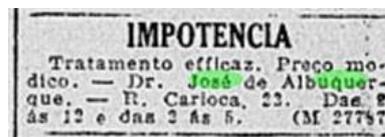
Encontrei a forma de o fazer: acrescentar ao substantivo impotência o adjunto e circunstancial em tempo em moço, e, assim, passei a anunciar

“impotência em moço”, expurgando, por esse meio, de maneira automática, de meu consultório, todos os casos em que essa disfunção sexual se apresentava sem ser como manifestação patológica<sup>121</sup>.

Os casos de impotência eram os que mais rendiam inicialmente a clínica de Albuquerque, e o que o motivou a publicar, em janeiro de 1928, dois livros dos conhecimentos que se possuía na época sobre o assunto: “Introdução do Estudo da Patologia Sexual”, e “Da Impotência Sexual no Homem”, este último teve uma segunda edição em 1933.

Outra particularidade identificada nas propagandas do Dr. José de Albuquerque publicadas no *Jornal do Brasil* foi que as primeiras não foram publicadas na seção “médicos” do jornal, mas sim na de “Anúncios diversos”. Nessa coluna identificamos uma série de anúncios dos mais variados tipos, como a própria descrição da seção diz: “Os anúncios pequenos interessam sempre uma massa considerável de leitores. Quem tem negócios de todo dia deve lê-los com atenção”. Quase todos os anúncios publicados nessa seção seguiam uma mesma padronização, de fonte e tamanho. Possivelmente custavam menos ao anunciante. A partir da edição 197 de 19 de agosto de 1927, as propagandas de Albuquerque passam a figurar na seção “médicos”, com letras maiores, em negrito, e algumas outras em destaque.

Imagem 9 – Recorte de propaganda sobre impotência do ‘Jornal do Brasil’



Fonte: *Jornal do Brasil*. Edição 55, de 3 de março de 1928, p. 28. *Hemeroteca Digital* – Fundação Biblioteca Nacional. Acervo disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>>.

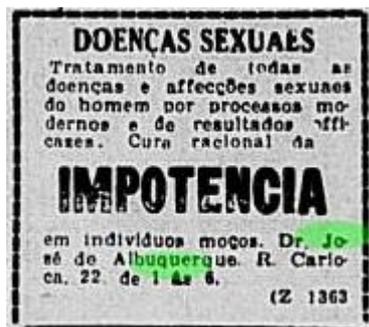
Imagem 10 – Recorte de propaganda sobre gonorreia do ‘Jornal do Brasil’



Fonte: *Jornal do Brasil*. Edição 226, de 19 de setembro de 1928, p. 29. *Hemeroteca Digital* – Fundação Biblioteca Nacional. Acervo disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>>.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p. 139.

Imagem 11 – Recorte de propaganda sobre doenças sexuais e impotência do ‘Jornal do Brasil’



Fonte: Jornal do Brasil. Edição 254, de 21 de outubro de 1928, p. 26. *Hemeroteca Digital* – Fundação Biblioteca Nacional. Acervo disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>>.

Quanto ao conteúdo das propagandas, como é possível constatar nas imagens acima, trata-se dos mais diversos: “cura rápida e eficaz para impotência”, “cura rápida e radical para gonorreia”, “preços módicos”, “processos modernos e sem dor”. São anúncios com letras garrafais em negrito e frases curtas, tudo para chamar a atenção do leitor e possível “cliente”.

Com os anúncios, a clínica do Dr. José de Albuquerque havia aumentado, e a essa altura, por falta de tempo, já não conseguia dar consultas nas farmácias. Finalmente alugou uma casa, em São Cristóvão, a rua Senador Alencar, 137, onde mudou-se com a esposa e filho, deixando então de residir com os pais. Também por ter aumentado a clínica, precisou pedir aos colegas as horas que ocupavam no consultório. Se antes, quando havia sublocado a sala, só a visitava em um curto espaço de tempo entre as 13 e 14 horas da tarde, a partir de então, como é possível ver em seus anúncios, Albuquerque atendia em seu consultório, a rua da Carioca, 22, nos mais diversos horários, entre nove da manhã e meio-dia, e das duas às cinco da tarde, ou então das 13 às 18 horas, como é possível observar em seus anúncios nos jornais da época.

Albuquerque relata que até o advento dos antibióticos, o tratamento para gonorreia (uretrite gonocócicas) era feito por meio de lavagens uretrais e uretrovesicais. Esse tratamento acabava molhando o consultório. Para facilitar a limpeza, Albuquerque acabou alugando mais uma sala de piso de ladrilhos e paredes de azulejos, nos fundos do consultório, exclusivamente para as lavagens e instilações uretrais. Como o movimento havia aumentado, Albuquerque convidou um médico que fora seu aluno de física, Natálio Camboim, para ser seu assistente, e tomar conta desses serviços. Mas depois de alguns

meses, Camboim ocupou-se em outro serviço e já não dispunha de horários para auxiliar na clínica.

Novamente sozinho, arcando com o movimento do consultório, Albuquerque se viu diante de alguns problemas: os clientes de gonorreia lhe davam muito trabalho e pagavam pouco porque, na época, o preço cobrado por uma lavagem uretral era de 5 mil-réis, e o tempo despendido no atendimento era longo. Muitos médicos que atendiam essas enfermidades entregavam esse serviço a enfermeiros que cobravam esse valor. Dificilmente os clientes pagavam mais, pois a concorrência das farmácias era grande, e nesses locais as lavagens eram feitas por um preço ainda menor. Também não podia contratar um auxiliar, pois surgiu um problema com o empregado de limpeza e de portaria do imóvel, diretamente subordinado ao locador das salas – o cirurgião-dentista Plínio Sena. O tal empregado avisou que não limparia o que o auxiliar desarrumasse ou sujasse, “pois não estava disposto a ser criado de empregado do médico<sup>122</sup>”. Não querendo criar caso com essa questão, e movido pela necessidade de reduzir o trabalho das lavagens, sem prejudicar sua eficiência, José de Albuquerque criou um aparelho, constituído de uma série de dispositivos reunidos num só sistema, e que ele denominou “Bock Sistema”. Como para cada doente era necessário a aplicação de uma solução de substância diferente e a uma temperatura adequada, o tempo que se despendia nessa preparação era ainda maior que o tempo gasto para aplicação. Assim o “Bock Sistema” resolveu esses problemas:

[...] o Bock Sistema permitia, no menor espaço de tempo e lugar, preparar as soluções das lavagens uretrais e uretrovesicais, fornecendo, em temperatura conveniente, o soluto esterilizado, titulado e em condições de ser aplicado diretamente no enfermo. Para isso era provido de um grande número de peças que podem ser agrupadas em sete sistemas: de sustentação; de elevação; de coleta d’água; de esterilização; de regulação térmica; de titulação e, finalmente o sistema injetor. Todo esse conjunto funcionava automaticamente, de modo a permitir ao médico, com o maior rigorismo técnico, efetuar um serviço que, como habitualmente era feito, exigia grande perda de tempo e de energia<sup>123</sup>.

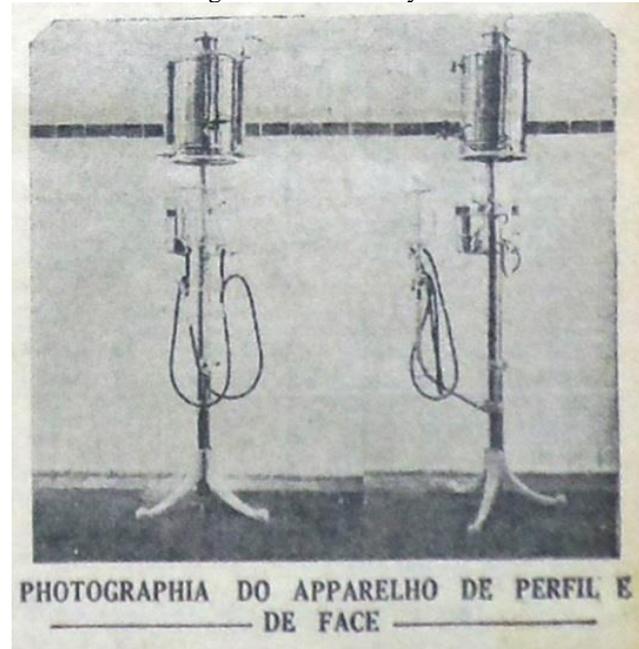
A construção do tal aparelho idealizado por José de Albuquerque e utilizado em seu consultório desde 1928 até a chegada dos antibióticos, que substituíram as lavagens uretrais e uretrovesicais para o tratamento da gonorreia, foi realizada nas oficinas de Lutz Ferrando, sobre a orientação técnica do irmão, o engenheiro Cândido de Albuquerque.

---

<sup>122</sup> *Ibid.*, p. 135.

<sup>123</sup> *Ibid.*, p. 136.

Imagem 12 – “Bock-Systema”



Fonte: Jornal de Andrologia, Ed. Outubro de 1933.

No trato diário de pacientes com doenças sexuais e impotência, José de Albuquerque foi adquirindo um cabedal de conhecimentos não apenas no que se refere às próprias patologias e suas terapêuticas, mas ao aspecto social que tais estados mórbidos refletiam. Ele relata que passou a olhar para seus casos clínicos de uma forma global, para além da vida biológica, atento aos aspectos sociais e culturais em que o doente se encontrava submetido. Na tentativa de solucionar os casos clínicos de forma mais eficaz, buscava investigar as causas e efeitos das doenças chegando à conclusão de que muitas delas se instalavam nos organismos “como consequência das condições morais, religiosas, econômicas e uma série de outras, de natureza social, que lhe foram impostas<sup>124</sup>”. Aparentemente, tudo girava em torno da falta de conhecimento sobre higiene e sexualidade. O preconceito em torno das questões sexuais acabava por “abafar” esses assuntos da vida dos indivíduos, não permitindo que esses temas fossem vistos de maneira mais global e sistematizada: “Tudo que se relacionava com a vida sexual navegava num verdadeiro oceano de confusão<sup>125</sup>”.

A partir de então, além de atender seus clientes no consultório, José de Albuquerque passou a reunir elementos para estudar mais atentamente os problemas sexuais, “pois via neles um campo completamente abandonado pelos estudiosos da medicina”, que

<sup>124</sup> *Ibid.*, p. 137.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p. 137.

supostamente pelo preconceito moral em torno dessas questões, se apresentava para Albuquerque como uma área na qual tudo estava por fazer<sup>126</sup>. E o primeiro campo, dessa “nova área” que José de Albuquerque passou a palmilhar, foi o da clínica andrológica, da qual trataremos no tópico a seguir.

#### 1.4 O PALADINO DA ANDROLOGIA

Discutia-se no círculo médico acadêmico, na segunda metade do ano de 1928, sobre a possibilidade de uma reforma no ensino médico, incluindo a criação de uma cadeira para o ensino da urologia, visto que até então, esta era ministrada na clínica cirúrgica. Foi quando José de Albuquerque pensou que, ao invés de criar uma cadeira urológica, que se pensasse em uma na qual até então, ninguém havia se ocupado. Passou então a propor e defender a criação de uma nova cadeira que ele denominou clínica andrológica, fazendo uma analogia usada em botânica para designar os órgãos sexuais femininos e masculinos das flores, na qual o radical *gyne* da palavra gineceu se contrapõe ao radical *andros* para a formação de androceu. Tal como a já existente clínica ginecológica dedicada aos estudos das doenças e afecções sexuais femininas, a clínica andrológica passaria a se ocupar das doenças e afecções sexuais masculinas<sup>127</sup>.

A questão da reforma do ensino médico chegou a ser debatida nos jornais da época, e aproveitando esse espaço na imprensa periódica Albuquerque passou a utilizar esse meio para divulgar sua ideia, em defesa da andrologia. Em outubro de 1928, o jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, publicou em suas páginas uma entrevista a respeito da possibilidade de criação de uma cadeira de clínica urológica nas faculdades de medicina no Brasil, tal como os modelos de alguns estabelecimentos de ensino médico no exterior. Na entrevista realizada com o médico, ele defendeu a importância da criação não de uma clínica urológica copiando os modelos estrangeiros, mas que os brasileiros fossem pioneiros em uma clínica nova, voltada para o estudo das doenças e funções dos órgãos sexuais masculinos. Segundo ele tal clínica não deveria ficar na dependência da clínica urológica, que “ao pé da letra” se ocuparia apenas das doenças e afecções dos rins, ureteres, bexiga, e uma limitada porção da

---

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 140.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 141.

uretra, sendo o restante da sua extensão de alçada do especialista em doenças sexuais no homem, e não do urologista<sup>128</sup>.

Albuquerque afirmava que a urologia havia anexado para si uma ciência muito maior que ela, elencando vários argumentos em defesa da autonomia da andrologia. Entre os argumentos em defesa dessa nova especialidade médica, Albuquerque destacava: a maior quantidade de órgãos com a qual se ocupa (enquanto a urologia se ocupa apenas dos rins, ureteres e bexiga, a andrologia se ocupa dos testículos, epidídimos, canais deferentes, vesículas seminais, canais ejaculadores, próstata, uretra, glândulas uretrais e pênis); a maior complexidade estrutural (enquanto no aparelho urinário apenas o rim possui uma estrutura mais complexa, sendo os ureteres e bexiga compostos por uma estrutura simples, os órgãos do aparelho genital são em maior quantidade e muito mais complexos); a maior autonomia funcional (uma vez que a função urinária é subsidiária da função circulatória, já que os rins tem a propriedade de filtrar e eliminar a maior parte das substâncias tóxicas do sangue, a função sexual se provê a si mesma, não estando na dependência direta de outra funcionalidade ou órgão); um intrincado funcionamento (ao passo que a função urinária secreta apenas a urina produzida pelos rins, a função sexual produz e secreta o esperma, composto por diferentes secreções como o líquido seminal e líquido prostático); grande repercussão somática e psíquica (as alterações da função urinária causam perturbações ao indivíduo, e como via de regra só são nocivas ao indivíduo, ao passo que as alterações da função sexual além de causar perturbações no organismo do indivíduo, também alteram suas características físicas, e os distúrbios sexuais muitas vezes saem do âmbito restrito da vida individual se refletindo sobre sua vida social e de relacionamentos íntimos), e por fim a variedade e frequências de seus casos mórbidos, sendo que os casos clínicos no campo da andrologia superam os da urologia<sup>129</sup>.

A criação de uma clínica andrológica acabou se tornando uma espécie de ideia fixa para Albuquerque. E entre os argumentos mais fortes que seus opositores apresentavam contra a criação dessa cadeira nas faculdades de medicina era a de que nenhuma nação do mundo havia incluído tal disciplina em seus cursos médicos. Para o médico, esse argumento representava negar a possibilidade do Brasil ser pioneiro em uma iniciativa, de avançar no campo da ciência.

---

<sup>128</sup> A criação de uma cadeira de clinica urologica – Fala, a respeito, um conhecido medico. **Jornal A Noite**, edição 6090 de 31 de outubro de 1928. p. 8.

<sup>129</sup> ALBUQUERQUE, J. *Op cit.* p. 142-143.

Em 1931, a questão da reforma do ensino médico novamente entra em debate, e José de Albuquerque seguiu defendendo sua posição. Em entrevista dada ao jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 4 de fevereiro de 1931, Albuquerque reapresenta seus argumentos em defesa da criação da cadeira de clínica andrológica, lembrando que desde 1928 já vinha sugerindo e apontando as vantagens de tal cátedra. Na entrevista ele defende que as patologias sexuais no homem se constituem como um vasto campo dentro da área médica, que precisa ser olhado com mais atenção, pois requerem estudos e habilidades específicas vista a quantidade de doenças e afecções que podem comprometer os órgãos e as funções sexuais masculinas, e compactar tudo isso na cadeira de clínica urológica não seria suficiente. Para finalizar a entrevista, Albuquerque apela para a questão da necessidade, uma vez que os homens sofrem tanto quanto as mulheres com doenças e problemas que afetam a função sexual, e da coerência para justificar a criação da clínica de andrologia, já que existe a clínica ginecológica para o trato dos órgãos sexuais femininos:

Si nas faculdades de medicina ha a cadeira de clinica gynecologica que se occupa das affecções sexuaes na mulher, porque pois, por uma questão de coherencia e uma vez que a necessidade é evidente, não se cria a cadeira de clinica andrológica, isto é, aqui se occuparia das affecções sexuaes no homem?<sup>130</sup>

A esperada reforma do ensino médico veio então com o decreto n. 19.851 de 11/04/1931, assinado pelo Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, e o então Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, que definia que o ensino superior no país deveria seguir o sistema universitário de acordo com os dispositivos dos Estatutos das universidades brasileiras. Na mesma data outros decretos relacionados à educação no país foram promulgados, no que ficou conhecida como Reforma Francisco Campos. O decreto n. 19.852, de abril de 1931, passou a dispor sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. Essa passava a ser constituída pelas seguintes unidades: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Escola Politécnica, Escola de Minas, Faculdade de Educação Ciências e Letras, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Odontologia, Escola de Belas Artes e Instituto Nacional de Música<sup>131</sup>.

A partir dessa reforma o ensino médico foi reorganizado de modo a fornecer no decorrer de seis anos de estudo, os conhecimentos necessários ao exercício profissional,

---

<sup>130</sup> A reforma do ensino medico: Diário de Noticias ouve o dr. José de Albuquerque, sobre a criação da cadeira de “Clínica Andrológica”. **Jornal Diário de Notícias**, edição 238 de 04 de fevereiro de 1931, p. 5.

<sup>131</sup> BRASIL. **Decreto nº 19.852**, de 11 de abril de 1931, Artigo 1º.

bem como promover a especialização em diversos ramos da medicina aplicada e nos domínios das ciências correlatas<sup>132</sup>. Para atender tal finalidade, foram instituídas para o ensino médico as seguintes disciplinas: anatomia, histologia e embriologia geral, fisiologia, física biológica, química fisiológica, microbiologia, parasitologia, patologia geral, farmacologia, anatomia e fisiologia patológicas, técnica operatória e cirurgia experimental, clínica propedêutica médica, clínica dermatológica e sifilográfica, clínica de doenças tropicais e infectuosas, clínica médica, clínica cirúrgica, terapêutica clínica, clínica urológica, clínica obstétrica, higiene, medicina legal, clínica cirúrgica infantil e ortopédica, clínica pediátrica médica e higiene infantil, clínica otorrinolaringológica, clínica ginecológica, clínica psiquiátrica, clínica oftalmológica e clínica neurológica<sup>133</sup>.

No que corresponde à questão da criação de novas cadeiras na Faculdade de Medicina, o decreto institui em seu artigo 285 que a segunda cadeira da disciplina de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro fosse transformada em cadeira de clínica urológica, e não clínica andrológica como propunha José de Albuquerque.

Porém o médico não deixou de militar em prol da tal especialidade em Andrologia. Ainda em 1931, no mês de julho, conta ele que apresentou três teses no “Primeiro Congresso Médico Sindicalista”, reunido no Rio de Janeiro: uma sobre o ensino médico, outra sobre o conceito de especialidade e outra sobre segredo profissional<sup>134</sup>.

Sobre o ensino médico, Albuquerque propunha uma reforma estrutural, desde a modificação serial das matérias, bem como limitar as matrículas dos estudantes no curso de medicina a um número compatível com a possibilidade de um ensino mais objetivo e prático. Relembrando seus tempos de faculdade ele desabafa:

Em meu tempo, “aula prática”, com raríssimas exceções, era aquela em que o aluno via fazer – isso quando seus olhos conseguiam chegar até onde a experiência estava sendo realizada; era aquela em que o aluno “aprendia” com os olhos o que deveria, depois de diplomado, fazer com as mãos; era aquela em que, quando o acúmulo de alunos era grande, a maioria se limitava, apenas, a ouvir – isso quando quem fazia a experiência não falava baixo ou não tinha voz abafada pelos alunos que em seu redor se acumulavam, pois havia “aulas práticas” em que cinquenta rapazes se apinhavam em torno do catedrático ou do preparador, as cabeças de uns não permitindo que os outros sequer vissem o que estava sendo ensinado<sup>135</sup>.

---

<sup>132</sup> Art. 53 (BRASIL, 1931).

<sup>133</sup> Art. 54. (BRASIL, 1931).

<sup>134</sup> ALBUQUERQUE, José de. *Op. cit.*, p. 146.

<sup>135</sup> *Ibid.*, p. 147.

A proposta da tese apresentada por Albuquerque era tanto uma crítica ao formato do curso quanto sugestões de mudanças, ou melhor, de uma readequação do ensino médico, especialmente no que correspondem as disciplinas ministradas e o formato das aulas, que segundo ele deveria seguir de uma maneira seriada capaz de um desenrolar lógico do raciocínio do aluno.

A outra tese apresentada por Albuquerque versou sobre a questão do segredo profissional<sup>136</sup>. Para o médico, abolir o segredo médico, como era a ideia de alguns profissionais, poderia trazer constrangimentos aos doentes principalmente aos portadores de doenças venéreas, por exemplo. Um dos argumentos defendidos por Albuquerque em defesa do segredo profissional era de que caso passasse a denunciar as doenças de seus pacientes, “o médico faria com que os ‘consultórios’ dos charlatões, dos curandeiros, enfim, de todo aquele que exercesse clandestinamente a medicina, se povoassem, pela confiança que então eles passariam a despertar nos enfermos<sup>137</sup>”, uma vez que caso denunciasses o paciente, estariam denunciando a si próprios. Assim, para Albuquerque abolir o segredo profissional seria uma medida ineficiente tanto para o indivíduo quanto para a sociedade.

Por fim a terceira tese apresentada por ele durante o Congresso versou sobre o “conceito de especialidade” na qual explicou sobre o problema de escolher uma especialidade médica de forma prematura durante o curso médico, ou seja, “antes mesmo de se ter uma noção geral da medicina”. Albuquerque também analisou os critérios utilizados para a divisão das várias especialidades médicas, aproveitando para lançar a proposta da nova especialidade que ele propunha denominar “clínica andrológica”.

Ao final da década de 1920 e ao longo da década de 1930 vamos observar que em meio aos debates sobre a criação de uma nova especialidade médica, tal período também está inserido em um contexto de inúmeras reivindicações em prol da educação sexual para construção da nação. Como aponta Flores<sup>138</sup>, a nação moderna não é somente uma instituição idealizada ou forma política, mas um fenômeno político-cultural de intervenção sobre o corpo do indivíduo para compor o corpo coletivo da nação. A ciência médica interessada em promover seus ideais higiênicos interagiu com o Estado, que por sua vez necessitava de um aliado para sustentar as mudanças políticas e sociais do país<sup>139</sup>. Assim, a

---

<sup>136</sup> Segundo nota dos organizadores da autobiografia de José de Albuquerque, essa é a única tese do médico que está registrada nos “Anais do Primeiro Congresso Médico Sindicalista Brasileiro” (Rio de Janeiro: Tipografia do Departamento de Estatística, 1933, p. 125-126).

<sup>137</sup> ALBUQUERQUE, José de. *Op. cit.* p. 152.

<sup>138</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Op. cit.* p. 68.

<sup>139</sup> RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Op. cit.* p. 17.

medicina torna-se tarefa nacional, e recebe do Estado um testemunho de validade e proteção legal para atuar na totalidade do espaço social<sup>140</sup>.

No próximo capítulo vamos analisar como se deu esse processo/tentativa de institucionalizar esse saber sexual, que culminou com a criação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual.

---

<sup>140</sup> FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. *Op. cit.* p. 20-21.

## 2. INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA CULTURA/SABER SEXUAL?

Da virada do século XIX às primeiras décadas do século XX a relação da medicina com a sexualidade se torna mais intensa, e culmina no surgimento da sexologia enquanto um campo oficial do saber médico<sup>141</sup>, entretanto, ainda levaria algum tempo para que se estabelecesse enquanto campo de prestígio científico na área médica.

Tanto no Brasil quanto na Europa e até nos Estados Unidos, os discursos especializados sobre sexo foram articulados principalmente por médicos. Alguns treinados em especialidade de maior notoriedade no período, como era o caso da medicina legal, psiquiatria, eugenia e ginecologia. Outros, porém, acabaram por dedicar-se a novas especialidades, como o caso da psicanálise e da sexologia, que ainda buscavam se estabelecer enquanto campos médicos igualmente respeitáveis. Se comparada com a psicanálise que mais facilmente conseguiu se consolidar enquanto face influente frente ao campo da medicina e da psiquiatria, a sexologia encontrou maiores dificuldades, uma vez que atraía para si as suspeitas de imoralidade<sup>142</sup>.

É difícil falar sobre sexologia no Brasil nessa primeira metade do século XX sem escapar do estigma que a cercava (e ainda hoje a acompanha), de algo imoral, obsceno, indecente, lascivo, escandaloso, o que conseqüentemente a manteve como uma especialidade menor ou subalterna, tanto no campo médico como fora dele.

Nesse novo ramo da ciência médica, embora fosse a anatomia e a fisiologia dos órgãos sexuais que “imprimiam a aura de cientificidade” à nova disciplina, a sexologia que os primeiros sexólogos buscavam elaborar era algo que transpassava o estudo do corpo e seu instinto sexual, dos nervos e sua energia sexual ou das glândulas e hormônios sexuais. Desde seu início, a sexologia se apresentava como uma especialidade que, embora tivesse médicos como principais porta-vozes e adeptos, possuía fronteiras muito versáteis e em constante comunicação com as chamadas “humanidades”:

Além disso, tratava-se de uma disciplina militante, comprometida com um conjunto de reformas sociais que envolviam a defesa de intervenções que iam desde a derrubada das leis que, na Inglaterra ou na Alemanha, ainda criminalizavam a homossexualidade, até a luta pelo divórcio no Brasil ou pelo controle da natalidade, nos Estados Unidos<sup>143</sup>.

---

<sup>141</sup> RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Op. cit.*, p. 19.

<sup>142</sup> CARRARA, Sérgio Luís; RUSSO, Jane Araújo. *Op. cit.*, p. 274-275.

<sup>143</sup> *Ibid.* p. 275.

Observamos então que a sexologia, nessas primeiras décadas do século XX, flertava com projetos de intervenções sociais que refletiam o controle sobre os corpos e a sexualidade. O alvo não foi só o corpo físico, suas funções biológicas e sexuais, mas a forma como esse corpo se manifestava e o espaço que deveria ocupar. Nesse contexto, a educação dos corpos assume um papel relevante, bem como os mecanismos e as políticas de controle destinadas a gerir a população sob o efeito da modernidade e de uma nova ordem urbano-industrial esperada com a instalação da República no Brasil<sup>144</sup>.

Como afirma Reis<sup>145</sup>, estudar tal período da história é compreender a construção de um conhecimento sexual no país, a institucionalização de um saber médico e educacional voltado para as questões sexuais, além da difusão de ideias que influenciaram conceitos, comportamentos e práticas por várias gerações, contribuindo para a consolidação de uma “cultura sexual” no Brasil.

A institucionalização é entendida aqui enquanto a articulação entre sujeitos em prol de um interesse comum para criação de um espaço onde se pode falar sobre determinado saber, neste caso o saber sexual. Esse saber é legitimado dentro da instituição pelas relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos que dão voz a esse saber. Observamos a institucionalização de um conhecimento sexual quando médicos, psiquiatras, educadores, cientistas sociais e diversos outros profissionais passam a elaborar, desenvolver ou se apropriar de discursos e teorias “científicas” capazes de dar a sustentação necessária para suas ideias em prol do objetivo de fazer ciência, de propor práticas pedagógicas e as mais diversas ações educacionais, para justificar suas ideologias, exercer poder e o domínio sobre os corpos.

Neste segundo capítulo, analisaremos o processo de institucionalização de um saber sobre sexualidade, alguns embates e avanços que se fizeram presentes quando José de Albuquerque decidiu tomar a frente dessas questões, demonstrando como a sua capacidade de se relacionar entre seus pares favoreceu a criação e a organização de uma instituição focada na possibilidade de uma reforma na cultura sexual do país, o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES).

Para o primeiro tópico deste segundo capítulo observamos o encontro de José de Albuquerque com a educação sexual e como esta passa a despertar seu interesse, seguido

---

<sup>144</sup> SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**, 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>145</sup> REIS, Gisele Volpato dos. *Op. cit.*

ao processo de criação do CBES, quando o médico passa a articular todo esse conhecimento envolvendo as questões sexuais. Nos propomos analisar num segundo momento, o processo de fundação do Círculo e das redes de apoio que Albuquerque passou a congregar em torno de si e da educação sexual. E por fim, verificamos alguns embates e conflitos que tal movimentação em prol da campanha pela educação sexual no país acabou gerando.

## 2.1 O ARAUTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Durante a infância e boa parte da adolescência de José de Albuquerque, as questões sexuais sempre estiveram envoltas em mistérios, cochichos, olhares de reprovação e “meias-palavras”. Relata ele que desde menino reconhecia que os assuntos relacionados ao sexo eram tratados de forma diferente se comparados a quaisquer outras questões. E embora reconhecesse que as respostas dadas de forma muito reservada eram evasivas ou contraditórias se comparadas às diferentes respostas que recebia sobre o mesmo assunto, nunca questionava ou dava muita importância<sup>146</sup>.

Nas escolas que Albuquerque frequentou o assunto preferido dos meninos, sempre aos cochichos e escondidos dos professores ou supervisores, era o sexo. Mesmo não tendo muito convívio com os meninos de sua idade, devido à escolha dos seus pais em relação a educação e criação dos filhos, como vimos no primeiro capítulo, foi aos 13 anos de idade que o futuro médico e sexologista encontrou nos colegas seus primeiros confidentes e mentores para as dúvidas e curiosidades sobre o sexo, passando naquele momento a encarar esse tema da mesma maneira que os colegas, e como fora ensinado pelos adultos: como coisa proibida, lasciva, libidinosa, imoral. E assim, Albuquerque passou sua infância e adolescência sem ter muitas noções sobre as questões sexuais:

Do sexo eu fazia uma ideia tão imprecisa e vaga que, toda vez que me decidia a analisa-lo quanto a seu verdadeiro significado, tinha a impressão de que sob meus pés havia um chão que me fugia, não me permitindo encontrar qualquer ponto em que me pudesse afirmar, para dar o primeiro passo seguro neste terreno. Doutras vezes a impressão que me dava era a de estar caminhando sobre a superfície movediça do mar, e eu não tinha outro recurso senão “ir na onda” ..., seguir o que outros faziam, sem me deter em procurar descobrir a razão do que praticava, nem o fim que

---

<sup>146</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a educação sexual. *Op. cit.* p. 156.

perseguia, fazendo, assim, tabula rasa do porquê e do para quê – as duas pedras angulares do edifício de minhas ações nos demais setores da vida.<sup>147</sup>

Somente mais tarde, na sua carreira como médico sexologista, é que Albuquerque vai reconhecer e militar sobre a importância da educação sexual para crianças e jovens. Mas antes de tudo isso, algumas questões e dúvidas relacionadas à sexualidade se perpetuaram ao longo de sua juventude: ainda como médico, em contato com seus primeiros pacientes afetados por doenças sexuais, encarava o sexo apenas do ponto de vista orgânico e biológico, concentrando-se apenas nos órgãos genitais, pois entendia que a partir deles resolveria qualquer problema relacionado à vida sexual do paciente.

Não tardou para que percebesse que essa visão limitada sobre o sexo não era suficiente para as demandas que recebia de seus pacientes. Foi nesse contexto que Albuquerque, na busca por um caminho que pudesse percorrer de forma mais sólida e não apenas “levado pela onda”, tratou de ler sobre Freud: “Seus livros, que até então não me haviam despertado qualquer curiosidade, começam a me interessar para ver se conseguia encontrar não digo a solução, mas pelo menos uma pista que me pudesse colocar na estrada que eu deveria palmilhar”<sup>148</sup>.

Relembrando a trajetória profissional de José de Albuquerque vista ao longo do primeiro capítulo, vemos que a atenção enquanto médico para as questões de ordem sexual surgiram inicialmente com as propagandas médicas nos jornais da época, divulgando tratamentos para doenças sexuais. Supomos que ao arriscar-se por essa especialidade, foi preciso aprofundar seus conhecimentos a respeito para não se tornar apenas mais um “charlatão” no assunto, como ele mesmo abominava.

O primeiro livro que Albuquerque buscou sobre o tema foi uma releitura de Freud, publicado no Brasil em 1920 pelo médico Francisco Franco da Rocha<sup>149</sup> e intitulado *O Pansexualismo na Doutrina de Freud*. Albuquerque se viu imerso em muitos conceitos novos, e incomodado com o emprego do termo “pansexualismo” dado por Franco da Rocha, decidiu ler Freud em seus trabalhos originais<sup>150</sup>, constatando alguns pontos:

Cheguei a uma primeira conclusão, a de que Franco da Rocha havia generalizado o conceito de libido dando-lhe um significado mais amplo do que o que Freud lhe emprestara, pois a libido de que este nos fala nem

---

<sup>147</sup> *Ibid.* p. 157.

<sup>148</sup> *Ibid.* p. 157.

<sup>149</sup> Médico psicanalista brasileiro, diretor do Hospício de Juqueri em São Paulo.

<sup>150</sup> Traduções autorizadas, mais especificadamente obras publicadas pela editora Payot, de Paris.

sempre envolve o predicado sexual. Estava, assim, posto por terra o “pan” de Franco da Rocha, que tanto me vinha molestando<sup>151</sup>.

Cabe ressaltarmos que numa segunda edição publicada em 1930, o livro de Franco da Rocha teve o título alterado para *A doutrina de Freud*, omitindo o termo “Pansexualismo”. Para Machado<sup>152</sup>, “a omissão do termo se deu por conta do contexto sociocultural em que a psicanálise tentava se estabelecer no Brasil, nos anos 1930, onde imperava certo moralismo, quando não se falava abertamente a respeito de sexualidade e outros assuntos “tabus” naquele momento.”.

A questão é que com a leitura dessas obras, José de Albuquerque encontrou na teoria de Freud algo que ele pode constatar pessoalmente, tanto através de observações clínicas quanto dos relatos de pacientes durante a ficha de anamnese, e que se refere aos recalques.

Entendido como “a pedra angular sobre a qual repousa todo o edifício da psicanálise”, o conceito de recalçamento (*Verdrängung*) gerou muitos debates, mas principalmente, marcou o início da psicanálise enquanto uma abordagem diferenciada para a vida psíquica. Freud define o recalçamento como um processo que consiste em afastar determinada representação do consciente, mantendo-a distante. Porém esse recalçamento requer muita energia para manter afastado no inconsciente certas repressões ligadas a uma pulsão, que acabam “retornando” ao recalcado em forma de sintomas, sonhos, atos falhos etc.<sup>153</sup>

Albuquerque entendia os recalques a partir de Freud enquanto “processos pelos quais os desejos que não são satisfeitos vão impregnar o subconsciente, produzindo as neuroses”, constatando assim através da observação e tratamento de seus pacientes enfermos que: “a maior parte dos estados mórbidos que os levavam à minha presença era devida aos recalques, e que as maiores fontes de neuroses geradas por esses recalques eram as imposições de ordem religiosa e os erros de orientação educacional da criança no lar e na escola”<sup>154</sup>.

Nesse contexto o médico percebeu que para evitar que seus pacientes contraíssem determinadas doenças de ordem sexual, era importante primeiro que se criasse um ambiente livre e saudável, longe das influências que pudessem causar disfunções, traumas ou recalques. A solução encontrada: educar sexualmente a população.

---

<sup>151</sup> ALBUQUERQUE, José. *Op. cit.*, p 158.

<sup>152</sup> MACHADO, Josiane Cantos. A psicanálise pansexualista de Francisco Franco da Rocha – um fragmento da história da psicanálise brasileira. *Jornal de Psicologia*, n. 47, v 86, p. 239-253, 2014.

<sup>153</sup> GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 24 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

<sup>154</sup> ALBUQUERQUE, José. *Op. cit.*, p. 158.

Eu estava sendo levado, como se vê, do terreno puramente clínico em que de início me coloquei, para um outro que, parecendo não ter ligação direta com a medicina, entretanto lhe era fundamental, pois que observando a boa norma de conduta de sua vida sexual, homens e mulheres evitariam que se instalassem em seus organismos grande número de estados mórbidos de difícil e fastidioso tratamento.<sup>155</sup>

Para Albuquerque somente mudando as normas educacionais até então adotadas a respeito do sexo, é que a sociedade se veria livre em boa parte, dos problemas e estados mórbidos decorrentes dele. Constatamos assim como a leitura da obra de Freud tornou-se fundamental para uma mudança na carreira profissional de José de Albuquerque e de sua trajetória como médico sexologista.

Basta olharmos para a sequência de publicação das primeiras obras de Albuquerque para compreendermos como a sua trajetória profissional seguiu em etapas passando pela clínica (Impotência Sexual no Homem – 1928), da clínica para a higiene (Hygiene Sexual – 1929), da higiene para a moral (Moral Sexual – 1930), até encontrar-se finalmente com a educação sexual.

Ao abordar a higiene sexual, Albuquerque alertava que esta não tinha a mesma finalidade da educação sexual, pois enquanto a educação sexual impõe conhecimentos voltados para a moral e para a sociologia, a higiene é puramente um estudo biológico. A confusão entre esses dois campos reside no fato de que a higiene é, até certo ponto, parte da educação sexual<sup>156</sup>.

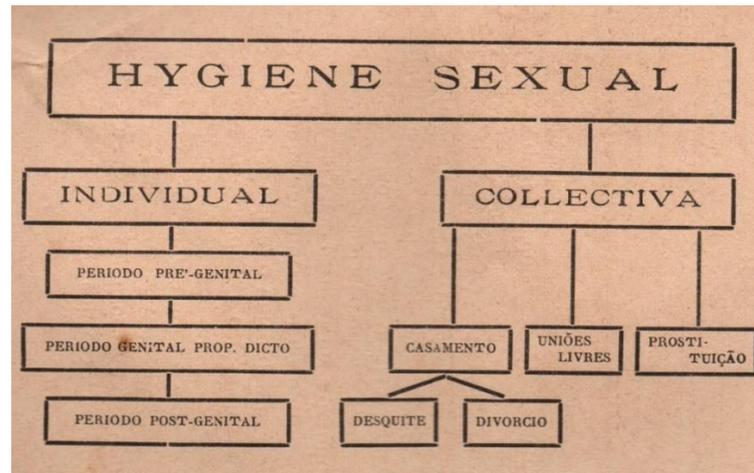
A higiene sexual conforme propunha Albuquerque não se limita, dentro do campo biológico, apenas à profilaxia de doenças venéreas ou a descrições anatômicas e fisiológicas dos órgãos genitais. Para o médico era necessário que a higiene sexual fosse estudada e aplicada de uma forma mais ampla, devendo estar presente em todas as etapas da vida do indivíduo. Para esse efeito, dividiu o seu estudo sobre higiene sexual conforme o fluxograma da imagem 13.

---

<sup>155</sup> *Ibid.* p. 159.

<sup>156</sup> ALBUQUERQUE, José. Educação sexual ou hygiene sexual? In: **O sexo em face do indivíduo, da família e da sociedade**. Rio de Janeiro: Circulo Brasileiro de Educação Sexual, 1936.

Imagem 13 – Fluxograma da divisão do estudo da Higiene Sexual



Fonte: ALBUQUERQUE, José de. *Hygiene Sexual*. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1929, p. 14.

Conforme observamos na imagem, Albuquerque conduzia seu estudo sobre higiene sexual dividindo-o em duas chaves principais, a higiene sexual individual e a higiene sexual coletiva. A primeira se ocupa de preceitos a serem observados pelo próprio indivíduo para cuidados do seu organismo e das funções sexuais. Divide-se em três momentos: 1) período pré-genital; 2) período genital propriamente dito; e 3) período pós-genital.

Para o primeiro período, Albuquerque delimita os cuidados de higiene e orientação aos hábitos infantis, evocando Freud para dividir a libido infantil, seguindo a evolução sexual da criança, em sexualidade vaga, quando a zona erógena é imprecisa; e sexualidade fixa, quando a zona erógena se localiza principalmente nos órgãos genitais<sup>157</sup>. Albuquerque recomenda que os pais evitem qualquer referência ou ação que possa despertar a curiosidade da criança para seu aparelho sexual. Mas se vierem a ser questionados com perguntas dos filhos a respeito de assuntos relacionados à sexualidade “que respondam a grosso modo”, mas de forma alguma repreendam ou proíbam o assunto, afinal esse é o principal motivo que leva, segundo Albuquerque, a curiosidade, ao enigma e as fantasias criadas em torno das questões sexuais, e conseqüentemente, servindo-se das expressão freudiana, ao recalçamento da sexualidade.

Ao abordar a higiene sexual no período genital, Albuquerque optou por explicar primeiro os aspectos do sexo masculino, desde a puberdade, o aparecimento do esperma, a masturbação, os malefícios dos excessos sexuais, e recomendações sobre a prática sexual.

<sup>157</sup> ALBUQUERQUE, José de. *Hygiene Sexual Op. cit.*

É curioso observarmos que entre as “dicas” dadas por Albuquerque para uma boa higiene sexual também estão inclusos os cuidados profiláticos ao ter relação sexual com prostitutas:

[...] b) abster-se de ter relações, nas horas de maior affluencia nas zonas do meretricio, para evitarem copulas azafamadas, motivadas pela pressa das meretrizes em se desobrigarem, afim de poderem attender o maior numero de individuos<sup>158</sup>;

[...] Aquelles que frequentam mercenarias e que lh’as praticam o coito buccal ou anal, na convicção de que assim procedendo, se põem a salvo de contaminações venereas, elaboram num grande erro, porque, do mesmo modo que a mucosa vaginal, as mucosas buccal e anal, podem ser séde de ulcerações venereas<sup>159</sup>.

[...] d) ao se praticar o coito com prostitutas, não se as deve beijar na boca, nem permittir que ellas beijem, visto, a mucoca buccal poder estar contaminada e como tal, infectar o individuo<sup>160</sup>.

[...] c) os que se entregam á copula com prostitutas, devem ao terminal-a, submeter seus órgãos genitais a uma rigorosa prophylaxia, para o que se lança mão, comumente, de um dos quatro antisepticos seguintes: phenol, sublimado corrosivo, permanganato de potássio ou formol, sendo que a este ultimo é que damos a nossa preferencia<sup>161</sup>.

Constatamos com isso, que embora José de Albuquerque entenda a procura pela prostituição como algo que possa gerar perversões sexuais<sup>162</sup>, pior seria deixar o indivíduo ingressar nesses ambientes de meretrício sem as devidas orientações de higiene sexual.

No que corresponde à higiene sexual da mulher no período genital, Albuquerque inicia com as explicações sobre a menstruação. Neste ponto é interessante destacar como os estudos clínicos e biológicos sobre o corpo feminino, especialmente sobre o ciclo menstrual ainda estavam em debate uma vez que Albuquerque questiona a origem ou a causa de perdas sanguíneas regulares das mulheres:

Dizem uns autores, que ellas aparecem em consequencia da ovulação, entretanto, isto não corresponde á verdade, pois para tal, careceria que quando a ovulação não se fizesse, a menstruação não se desse e vice-versa, o que em absoluto não se verifica, havendo casos em que, sem menstruação há ovulação e sem ovulação há menstruação. O que parece mais acertado,

---

<sup>158</sup> *Ibid.* p. 52-53.

<sup>159</sup> *Ibid.* p. 55.

<sup>160</sup> *Ibid.* p. 58.

<sup>161</sup> *Ibid.* p. 59.

<sup>162</sup> ALBUQUERQUE, José. Prophylaxia das perversões sociaes. In. **O sexo em face do indivíduo, da família e da sociedade.** *Op. cit.*

é que esses dois phenomenos se correspondem e se completam, sem que um seja consequencia do outro.<sup>163</sup>

Atualmente, sabemos que o ciclo menstrual está relacionado a uma complexa interação entre hormônios secretados pelo eixo hipotálamo-hipófise-gonadal. Ou seja, relacionam-se tanto com hormônios produzidos pelo cérebro quanto pelos ovários e útero<sup>164</sup>.

Albuquerque prossegue listando orientações para a mulher durante o período menstrual (evitar o frio ou calor demasiados; evitar o uso de medicamentos sem orientação médica; procurar repousar; lavar os órgãos genitais ao menos duas vezes por dia; utilizar alguma faixa de pano absorvente e evitar ter relações sexuais). No que corresponde à higiene do ato sexual, diferentemente das recomendações dadas aos homens, Albuquerque destaca que a abstinência sexual nas mulheres não causa nenhum dano ao seu organismo (diferente do que acontece nos homens), e a mulher não precisa nem mesmo manter uma frequência de relações sexuais. Notadamente, os aspectos relacionados ao ato sexual quando relacionados ao sexo masculino estão ligados ao bom funcionamento do organismo, sendo permitido e recomendado aos homens certa frequência sexual. Porém quando relacionada ao sexo feminino, prescreve-se ponderação e até mesmo abstinência, sendo que o ato sexual para a mulher funciona única e exclusivamente com o intuito de favorecer e possibilitar fecundação que venha gerar uma gravidez saudável. Neste ponto, Albuquerque chega até mesmo a alertar para os perigos das práticas de lavagens ou o uso de pomadas antissépticas em mulheres após coito, visto que tais atitudes são desfavoráveis à fecundação e podem acabar com os espermatozoides presentes no canal vaginal após o ato sexual. Na sequência, Albuquerque tece recomendações às mulheres grávidas e assuntos relacionados ao parto e puerpério, especialmente cuidados relacionados a assepsia.

Por fim para higiene sexual de indivíduos na fase pós-genital, isto é, após a fase do climatério, as recomendações do médico sexologista é de completa abstinência sexual: “Muita coisa se poderia dizer da hygiene sexual post-genital, mas entretanto, nos dispensaremos dessa tarefa, por reputarmol-a desnecessária, uma vez que todo assumpto de que ella se ocupa, póde ser resumido na seguinte equação: Climaterio = Repouso genital absoluto<sup>165</sup>”. Observamos nessa fase que as recomendações são postuladas exclusivamente aos homens, visto que para as mulheres, a recomendação de abstinência se dá desde a fase

<sup>163</sup> ALBUQUERQUE, José de. *Hygiene Sexual. Op. cit.*, p. 68.

<sup>164</sup> Para saber mais. Cf. BARACAT, Edmundo Chada. **Manual de Ginecologia Endócrina**. São Paulo: Fundação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstretícia, 2015.

<sup>165</sup> ALBUQUERQUE, José de. *Hygiene Sexual. Op. cit.*, p. 118.

anterior (fase genital), subtendendo que a partir do momento em que não é capaz de engravidar por ocasião da menopausa, a atividade sexual é completamente eliminada.

A segunda grande chave da higiene sexual segundo Albuquerque: a higiene coletiva, visa estudar os preceitos de natureza sexual que regulam as relações entre os indivíduos de ambos os sexos, quando considerados em face das relações sociais em três condições: o casamento, a união livre e a prostituição. Para o médico, o casamento é, entre essas três condições, a mais higiênica uma vez que possibilita o combate a doenças venéreas (através do exame pré-nupcial), propicia uma vida sexual saudável, regular e monogâmica, favorável a procriação higiênica. Nesse sentido, considerando os casos em que o casamento não atende a esses propósitos, podem levar ao desquite e o divórcio, sendo nesse caso preferível sob o ponto de vista higiênico, o divórcio ao desquite.

O desquite, diferente do divórcio, não permitia novas núpcias o que poderia conduzir o indivíduo a práticas não higiênicas, conforme lista Albuquerque:

- a) enquanto o divórcio faculta o casamento, [...] o desquite conduz ao concubinato, quando não, á prostituição, que são praticas sexuaes higienicamente condenaveis [...];
- b) enquanto o desquite favorece a contaminação venerea, devido ao facto da proibição de uma nova união legal, o que leva o individuo a tel-as clandestinamente, o divorcio permitindo novo enlace, faz a prophylaxia venerea.
- c) enquanto o desquite colloca o individuo num estado de inquietude sexual permanente, tornando-o por conseguinte propenso ás nevroses, o divorcio o permettindo integrar-se numa vida sexual sem emoção, quando substituído por outro casamento infeliz, concorre para a baixa da cifra de nevroses e psychonevroses.
- d) enquanto pelo divorcio o individuo não fica impossibilitado de constituir nova descendencia legitima, pelo desquite, não o podendo fazer, é obrigado a evitar a prole, para o que, lança mão dos recursos anti-concepcionaes os mais nocivos tanto ao organismo homem como da mulher, quando não chega ao ponto de se socorrer do aborto criminoso, para interromper uma gravidez em evolução, o que é sobremodo attentatorio, já não dizemos á moral, mas á vida da mulher<sup>166</sup>.

No que corresponde às uniões livres o maior perigo, segundo Albuquerque, reside no fato de não haver uma preocupação com o estabelecimento de uma instituição familiar sólida, e com isso limitando a natalidade, recorrendo a abortos ou métodos anticoncepcionais:

---

<sup>166</sup> *Ibid.* p. 153-154.

Aos casaes unidos livremente, não sendo em absoluto conveniente, a constituição de descendencia, desde o momento de sua união, deliberaram evitar a procreação, pelo que lançam mão dos meios preventivos e quando estes falham, do aborto, que para elles é preferível, ainda que supportando todas as suas consequencias más, devido ás contingencias impostas pelo meio social em que vivem<sup>167</sup>.

Quanto à prostituição, Albuquerque a considera como um “mal necessário”. Ainda que “higienicamente condenável”, pior seria sua extinção: “Si fechássemos os alcouces, os prostibulos, os antros das prostitutas, etc., a prostituição derivaria para o seio das famílias, deixando por conseguinte de ser o estado de algumas, para ser o de quase todas as mulheres<sup>168</sup>”. Nessa visão, acabar com a prostituição acabaria consequentemente com a família, pois para Albuquerque os homens necessitam, por questões de saúde, “aliviar-se sexualmente com certa regularidade”, senão dentro de uma relação matrimonial, que seja recorrendo a prostitutas. Do ponto de vista higiênico era necessário que se regulamentasse a prostituição a fim de evitar a propagação de doenças venéreas. Como solução, Albuquerque propunha o exame periódico em meretrizes para diagnóstico e tratamento de doenças contagiosas, em especial as sexuais, além de postos de tratamento para doentes venéreos e postos públicos de profilaxia antivenérea.

Observamos como a higiene nas primeiras décadas do século XX pretendia atingir um domínio mais amplo do sujeito em suas dimensões individuais e sociais bem como do ambiente em que ele estaria inserido, afinal “A higiene abarca para si problemas ligados à moral e aos costumes<sup>169</sup>”, por isso a preocupação com os hábitos de higiene e cuidados com a sexualidade da população.

Sobre sua obra *Moral Sexual* [1930], José de Albuquerque buscou esclarecer o que entendia por moral e imoral sobre a função sexual baseando-se na ciência. Nesse sentido o médico entendia a função sexual como qualquer outra função necessária para o bom funcionamento do organismo, comparando-a, por exemplo, com a função digestiva ou qualquer outra função orgânica necessária à sobrevivência. Caberia à função sexual a garantia da perpetuação da espécie, não sendo atribuído a isso nenhum tipo de imoralidade. Porém, Albuquerque alertava: “Desviemol-as de sua verdadeira finalidade, transformemol-as em agente de gozo e de prazer, e todas as nossas funcções, sem excepção, se tronarão

---

<sup>167</sup> *Ibid.* p. 160.

<sup>168</sup> *Ibid.* p. 167-168.

<sup>169</sup> REIS, Giselle Volpato dos. *Op. cit.*, p. 37.

immoralíssimas<sup>170</sup>”. Ou seja, para o médico quando excedemos o limite daquilo que cabe a determinada função, seja a sexual ou qualquer outra, aí então agimos com imoralidade.

É interessante pontuarmos que Albuquerque defendia a moral sexual a partir do olhar da ciência biológica, mas também aliada aos interesses individuais e coletivos. Para ele era fundamental olhar para a sexualidade através da Biologia e da Sociologia, para então formular uma concepção mais completa sobre as questões sexuais e a moralidade.

Observamos a partir daí como o olhar de Albuquerque sobre a educação sexual passa a ser construído a partir de um tríptico aspecto: biológico, moral e sexual. Isto é, a educação sexual para Albuquerque não se limita apenas ao caráter biológico ou fisiológico da sexualidade, mas se estendia ao social, verificado nas condutas morais do indivíduo em relação às questões de ordem sexual.

Foram esses aspectos juntos que fundamentaram a campanha pela educação sexual que o médico passou a defender ao longo da década de 1930 e que culminou com a criação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Nesse contexto é importante ressaltarmos como José de Albuquerque foi uma figura central em meio a essa articulação de saberes e redes discursivas que se cruzam em torno das questões sexuais naquele período, fazendo jus à alcunha de “arauto da educação sexual”.

## 2.2 O CÍRCULO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

O presidente do C.B.E.S. era apenas um homem que se fez arauto de uma idéia e que sabia onde a teria de levar e como deveria conduzi-la; a ela entregou as melhores horas de sua mocidade; nela empenhou uma grande parte de sua fortuna pessoal; por ela conquistou inimizados e, o que foi pior, perdeu velhas amizades; e, agora, que a velhice é chegada, destina-lhe as horas do repouso que a esta fase da vida requer de toda a gente.

(José de Albuquerque – Quatro Letras... Cinco Lustrros...)

Em decorrência do interesse de José de Albuquerque pela educação sexual e dos trabalhos que já vinha desenvolvendo na área, o médico teve a ideia de criar uma instituição para conduzir ações voltadas para a educação sexual da população brasileira: surge assim o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES).

---

<sup>170</sup> ALBUQUERQUE, José. **Moral Sexual**. Rio de Janeiro: Typographia Coelho, 1930, p. 15.

Em 5 de julho de 1933, em uma das salas de seu consultório no qual já funcionava a redação do *Jornal de Andrologia*, no centro da capital federal do Rio de Janeiro<sup>171</sup>, José de Albuquerque reuniu algumas pessoas de diferentes áreas que julgava relacionadas com a educação sexual, e que poderiam auxiliá-lo na tarefa de organizar e conduzir o ideal da futura instituição. Entre as pessoas que se fizeram presentes na ocasião, por ordem de assinatura na ata de fundação<sup>172</sup>, estavam: Isaias Rosa (farmacêutico), Amadeu Beaurepaire Rohan<sup>173</sup>, Celso de Figueiredo (jornalista), Mário do Amaral<sup>174</sup>, José de Freitas Bastos<sup>175</sup>, Armando da Silva Porto<sup>176</sup>, Ariovaldo Barboza, Pontes de Miranda<sup>177</sup>, Yolanda Castelar, Lourenço de Matos Borges<sup>178</sup>, Levindo Mello<sup>179</sup>, José da Cunha Ferreira (médico), Olympio Rodrigues Alves (advogado), Mazzini Serôa da Mota (jornalista), Manuel Lavrador, Demerval Gargaglione, Maria Appa dos Santos (professora), Ana Benvinda Dias de Toledo (professora), Deocleciano dos Santos e Oswaldo de Souza Guimarães.

Na mesma data do dia 05 de julho os convidados de Albuquerque aceitaram a ideia de fundar a instituição, e naquela mesma reunião redigiram seu estatuto e elegeram a primeira diretoria, conselho consultivo e comitês de imprensa, e em 20 de julho de 1933 foi oficialmente realizada a sessão solene de instalação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, e posse da primeira diretoria e conselho consultivo<sup>180</sup>.

Para o primeiro biênio (1933-1935) de funcionamento do CBES, fizeram parte da diretoria<sup>181</sup>:

Presidente: Dr. José de Albuquerque; Vice-Presidente: Dr. Olímpio Rodrigues Alves; Secretário: jornalista Armando da Silva Porto; Subsecretário: jornalista José Firmo; Tesoureiro: Dr. José da Cunha

<sup>171</sup> Mais precisamente à Rua 7 de Setembro, 207, 1º andar.

<sup>172</sup> ALBUQUERQUE, José. Quatro Letras... Cinco Lustrros..., p. 11, 1958.

<sup>173</sup> Conde de Rohan, pela França; filho do general e conde Rohan, Luís Máximo de Baurepaire Rohan; irmão de Henrique Pedro Carlos de Baurepaire Rohan (Visconde de Beaurepaire, pelo Brasil).

<sup>174</sup> Foi Diretor-Tesoureiro da Cruzada Brasileira, instituição responsável pela Associação de Combate à Tuberculose e a Lepra no Rio de Janeiro.

<sup>175</sup> Proprietário e fundador da Editora Freitas Bastos.

<sup>176</sup> Foi jornalista e diretor da União Brasileira de Imprensa.

<sup>177</sup> Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda foi um importante advogado, jurista, professor, diplomata e ensaísta tendo escrito inúmeras obras, especialmente na área jurídica.

<sup>178</sup> Grande Secretário Adjunto d' O movimento maçônico misto "Le Droit Humain" no Brasil que teve início a partir de 1918, quando maçons de Obediências masculinas, e mesmo alguns profanos, buscavam condições para a implantação de uma Loja de "Le Droit Humain" em território brasileiro. Foi então fundada uma Loja no Rio de Janeiro, sob a denominação de Anita Garibaldi. Cf. <<https://www.ledroit humain-br.com/copia-le-droit-humain-a-maconaria>>.

<sup>179</sup> Levindo Gonçalves de Mello era médico. Foi fundador e o primeiro presidente eleito da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Cf. <<https://www.smerj.org.br/portflio>>.

<sup>180</sup> ALBUQUERQUE, José. Quatro Letras... Cinco Lustrros..., *Op. cit.*, p. 12.

<sup>181</sup> *Idem*.

Ferreira; Bibliotecária: Dra. Ana Cavalcante Teixeira Leite<sup>182</sup>; Síndico: Dr. Levindo Mello; Orador oficial: jornalista Mário do Amaral. Conselho Consultivo: juiz Pontes de Miranda; professor Dr. J. P. Porto-Carrero; Dr. José de Freitas Bastos; Dr. Oswaldo Guimarães; jornalista Mazzini Serôa da Motta; Dr. Deocleciano dos Santos; Dr. Alcino Rongel; Dr. Fernando Valle; Dr. Lourenço Borges; jornalista Odilon Jucá; professora Armanda Alvaro Alberto e professora Maria Appa dos Santos. Comissão de Imprensa<sup>183</sup>: Presidente de Honra: jornalista Herbert Moses; Presidente: Dr. Deocleciano Martins de Oliveira Filho; Secretário: R. Magalhães Junior; Membros: Dr. Berilo Neves; Dr. Arnon de Mello; Dr. Armando F. Peixoto.

Dados oficiais da instituição registraram que durante a sessão solene de posse da primeira diretoria do CBES, ocorrida no salão nobre da sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)<sup>184</sup> cedido pelo então Presidente da ABI, Herbert Moses, compareceram aproximadamente 600 pessoas ou mais. Tal número foi entendido pelos membros fundadores como prova do interesse que o surgimento do Círculo Brasileiro de Educação Sexual despertou na elite intelectual da época. Não podemos deixar de questionar se esse número de participantes é real ou fora aumentado a fim de dar méritos ao CBES logo no início de sua fundação. Mas ao analisarmos mais atentamente os registros fotográficos da ocasião, observamos um número considerável de pessoas presentes, mas ainda assim revela pouco menos da metade da soma de 600 pessoas presentes.

---

<sup>182</sup> Localizamos nos “Arquivos Brasileiros de Hygiene Mental” (1933, p. 163) o nome da professora “Anna Bemvinda Dias de Toledo” enquanto bibliotecária da primeira diretoria do CBES. O que sabemos é que tanto Ana Cavalcante quanto Ana Toledo estavam presentes no dia da fundação e instalação do Círculo, colaborando em vários momentos ao longo dos anos com as ações da instituição.

<sup>183</sup> Cf. Boletim de Educação Sexual. Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Ed. 01, ano I, setembro de 1933. p. 1.

<sup>184</sup> Na época localizada à Rua do Passeio, 70. Rio de Janeiro, RJ.

Imagem 14 – Aspecto da sessão de posse da Diretoria do CBES em 20 de julho de 1933



Fonte: Revista Fonfon (Ano XVII, n. 31, de 5 de agosto de 1933, p. 41).

Imagem 15 – Registo de autoridades fizeram uso da palavra na ocasião da fundação do CBES (José de Albuquerque ao centro; à esquerda dele, juiz Pontes de Miranda e professor Roberto Lyra; à direita Prof. Dr. J. P. Porto-Carrero e professora Ana Benvinda Dias de Toledo)



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Janeiro de 1935).

Naquela noite, por norma do estatuto do CBES, o presidente ao tomar posse deveria expor o programa de ação que viria desenvolver em sua gestão. José de Albuquerque na condição do cargo, resumiu sua proposta a dois pontos:

1.º) mostrar o alcance da educação sexual e a importancia do estudo da sexologia, na solução dos maiores problemas da vida social, pelo que deve

seu estudo interessar ao psychologo, ao medico, ao jurista, ao magistrado, ao pedagogo, ao legislador, ao jornalista, ao sociólogo;  
 2.º) mostrar que si é um assumpto tão importante, deve ser cogitado, afastando o falso conceito ou melhor, o preconceito, de que sexualidade é immoralidade<sup>185</sup>.

Constatamos a partir da fala de Albuquerque que o médico concentrou seu programa inicial de gestão a preparar e formar uma nova mentalidade na população brasileira a respeito das questões sexuais, principalmente, que a sexualidade não é algo imoral.

No entanto cabe aqui analisarmos um aspecto levantado por Albuquerque, e bastante relevante para compreendermos o contexto dos discursos da época: a atenção que diversos profissionais da sociedade deveriam ter em relação a educação sexual, ao convocar médicos, psicólogos, magistrados, educadores, jornalistas entre outros, para auxiliá-lo em sua campanha no sentido de promover um bem social. Outro ponto revelado por Albuquerque é que essa nova mentalidade sobre a sexualidade deveria dirigir-se a “massa do povo”, uma vez que as “elites” em sua minoria já possuíam uma mentalidade “supostamente” mais preparada no sentido de compreender que a função sexual não é imoral.

A formulação de discursos como esse transparece a convicção sobre a importância de controlar e vigiar as massas populares que figuravam a época como a imagem da degeneração e da falta de civilidade. Nesse contexto os médicos em suas instâncias normativas, mas também profissionais de outras áreas (direito, educação, psicologia, jornalismo entre outras), acabavam promovendo ações saneadoras e educativas a fim de restaurar a ordem social, reabilitando as “massas” que, devidamente disciplinadas, poderiam se transformar no agente capaz de concretizar as mudanças previstas para a construção do novo Brasil das primeiras décadas do século XX.

Observamos, ainda na ocasião da solenidade de fundação do CBES, através do tema proposto para as conferências que se seguiram naquela noite após a fala de José de Albuquerque, como esse processo de educação sexual das massas relacionava-se com as diferentes áreas da vida social quando nos discursos de Pontes de Miranda, J. P. Porto-Carrero, Roberto Lyra e Ana Benvinda Dias de Toledo, propôs-se analisar a importância da educação sexual à luz da sociologia, da psicologia, da criminologia e da pedagogia, respectivamente<sup>186</sup>.

<sup>185</sup> CIRCULO Brasileiro de Educação Sexual. **Jornal de Andrologia**, n. III. Ed. Julho de 1933. p.1.

<sup>186</sup> Identificamos em alguns jornais do Rio de Janeiro (“A Batalha”; “Diário Carioca”; divulgando sobre a fundação e instituição do CBES e a programação que ocorreria na sessão solene de posse da diretoria do CBES na noite de 20 de julho de 1933. Nela estava programada além das conferências de Pontes de Miranda, Porto-Carrero, Roberto Lyra e Ana Benvinda, a conferência de Fernando Magalhães, sobre educação sexual em face da maternidade.

Em seu discurso, Porto-Carrero inicialmente cita os estudos de Freud sobre psicanálise, relacionando-os ao controle fisiológico e psíquico das funções sexuais do nascimento até a fase adulta. Porto-Carrero apresenta a importância da educação sexual para a formação do caráter, direcionando e defendendo a educação sexual das crianças, jovens e moças, e apontando as consequências que a falta ou ocultamento dela podem causar:

A educação sexual cumpre ser feita, pois e desde o momento da primeira pergunta. Se negamos resposta à criança, se a repreendemos porque quis descobrir o que lhe não ensinamos, fixamos-lhe então no espírito o conceito de coisa misteriosa, proibida, obscena, a respeito da vida sexual. E mais tarde, quando ella vem a compreender que nasceu da conjuncção sexual dos paes é com verdadeiro asco que tem de aceitar essa noção; e no seu íntimo se lhe pinta a desillusão de haverem os paes um comportamento immoral e de ter ella mesma provindo de um acto obsceno<sup>187</sup>.

Segundo Porto-Carrero, a educação sexual precisava ser iniciada desde cedo, começando pelos aspectos da fisiologia humana à luz da verdade, uma vez que depois de adultos a falta dela poderia causar as mais diversas impressões negativas sobre o sexo, além de ser potencialmente prejudicial ao organismo:

Então se compreende a razão por que tantas mocinhas têm medo do homem e renunciam ao casamento, através das angustias de uma neurose terrífica e se deixam envelhecer solteiras, mal humoradas, malevolentes, naufragas infelizes do amor. Então se compreende por que hesitam tantos rapazes em encetar a vida sexual e se manifestam impotentes para a conjucção, regredindo muita vez às fórmias pervertidas passivas<sup>188</sup>.

Porto-Carrero conclui sua fala alertando para o perigo gerado pela “ignorância em matéria sexual” transfigurada como “inocência”, levando aos consultórios médicos, como consequência, inúmeros casos de pacientes com problemas de ordem sexual. Como solução, além de educar desde infância, ele reforça a importância de romper os tabus sexuais para vir a público falar sobre tais questões, referindo-se às ações do CBES e de José de Albuquerque.

---

Porém, não localizamos nas memórias de José de Albuquerque, nem em outras fontes do período a ocorrência da fala de Magalhães na noite de instalação do CBES.

<sup>187</sup> PORTO-CARRERO. Educação e Caracter. Palestra realizada pelo professor J.P. Porto-Carrero em 20 de julho de 1933 no Círculo Brasileiro de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. n. I, ano I, setembro de 1933, p. 2.

<sup>188</sup> *Ibid.*

Roberto Lyra trouxe para a noite de fundação do Círculo um discurso no qual ele aponta a educação sexual enquanto possível substitutivo do Código Penal, relacionando a educação sexual ao controle dos instintos que levam a criminalidade: “Mesmo considerando imediatamente, nos limites do seu conceito legal, o crime se nutre, desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se, nos mysterios da carne<sup>189</sup>”.

Lyra expõe os crimes dispostos na lei penal do período, que poderiam ser evitados com a educação sexual da população:

Pela lei penal, a honra da mulher é uma membrana, ás mais das vezes complacente. A honra do homem, essa que se procura absurdamente recuperar a tiros, não dispõe de pose mais interessante. Tal concepção não se limita aos crimes sexuaes propriamente ditos, mas abrange até os crimes contra a segurança da pessoa e vida. Diminue-se a pena do infanticidio quando praticado para occultar a deshonra [...]. Em holocausto á integridade do hymem sacrificam-se vidas [...]. O adulterio, o aborto, o lenocidio, a polygamia offerecem material immenso á pedagogia do sexo<sup>190</sup>.

Observamos no discurso de Lyra a defesa dos direitos da mulher ao seu corpo e a crítica aqueles que em nome da “moral e honra” feminina, cometem os mais diversos crimes. Como solução para essa questão, Lyra defende que um primeiro passo no sentido de evitar os males sexuais se daria pela “abolição do preconceito bíblico da desigualdade dos sexos”, para que dessa forma a mulher alcance a dignidade humana, e não seja mais encarada como objeto de posse ou propriedade, muito menos como objeto exclusivo de desejo e satisfação sexual: “os seus lábios, as suas mãos, os seus olhos não foram feitos sômente para o amor, como queriam os poetas [...], mas para o estudo, para a eloquencia, para o trabalho e para a acção<sup>191</sup>”.

Percebemos em sua fala, uma breve defesa da autonomia feminina, incentivando as mulheres o direito ao trabalho, ao estudo e a vida social de forma geral, ainda que ele reproduza em seu discurso que a maternidade se dá por instinto, sendo próprio e natural de toda mulher<sup>192</sup>, entendemos que não foge dos padrões de pensamento da época, ainda que sejam, naquele contexto, entendidos como revolucionários ou a frente do seu tempo.

---

<sup>189</sup> LYRA, Roberto. Educação e Criminalidade. Palestra realizada pelo promotor Roberto Lyra, em 20 de julho de 1933, no Círculo Brasileiro de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. n. I, ano I, setembro de 1933, p. 2.

<sup>190</sup> *Ibid.*

<sup>191</sup> *Ibid.*

<sup>192</sup> “O preconceito impõe á mãe o crime [referindo-se ao aborto e infanticídio], suplantando o proprio instinto da maternidade” (Roberto Lyra, 1933).

Desde o seu início, o Círculo Brasileiro de Educação Sexual contou com o apoio da imprensa carioca, especialmente através da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Nas palavras de José de Albuquerque:

A imprensa carioca, em 1933, desempenhou, ao mesmo tempo, o papel de parteiro, de oficial de Registro Civil de Nascimento e de primeiro preceptor do C.B.E.S. [...] sem o estímulo da imprensa carioca, o C.B.E.S. talvez tivesse ficado no terreno da idealização, sem se constituir numa realização. [...] A imprensa carioca [...], deveu o C.B.E.S., sem nenhum, exagêro, a razão de sua existência e a projeção de seu nome e de suas atividades até às mais longínquas regiões em que se estende a pátria que estremecemos<sup>193</sup>.

No intervalo entre a data de fundação do CBES e sua instalação (05/07/1933 à 20/07/1933), uma carta circular fora redigida e enviada inicialmente, por intermédio da Associação Brasileira de Imprensa, a 850 jornais brasileiros localizados em todo território nacional, comunicando a existência da nova instituição e convidando esses jornais para colaborar com a campanha empreendida pela recém criada instituição<sup>194</sup>: “O C.B.E.S. não podendo operar no terreno social sem o auxílio dessa grande força propulsora das idéias, dêsse quarto poder das democracias que é a Imprensa, lançou um apelo aos jornais de todos os Estados do Brasil, no sentido de ser por eles secundado em suas, então, nascentes atividades<sup>195</sup>”.

As adesões e os pedidos de filiações chegaram de todos os cantos do país, desde jornais da capital até das cidades interioranas, como registrada na nota publicada na edição 12, de 24 de setembro de 1933 do jornal *O Comércio*, de Porto União, Santa Catarina.

---

<sup>193</sup> ALBUQUERQUE, José. Quatro Letras... Cinco Lustrros..., *Op. cit.*, p. 29-31.

<sup>194</sup> *Idem*. Meu encontro com a educação sexual, *Op. cit.*, p. 161.

<sup>195</sup> *Idem*. Quatro Letras... Cinco Lustrros..., *Op. cit.*, p. 31.

Imagem 16 – Jornal ‘O Comércio’, recorte página 7, Ed. 12, de 24 de setembro de 1933.



Fonte: Acervo Histórico do Jornal *O Comércio*.

Na imagem observamos alguns aspectos iniciais como, o reconhecimento da Federação Brasileira de Imprensa e do Círculo Brasileiro de Educação Sexual enquanto importantes órgãos de filiação do período; e o anúncio/divulgação da publicação, ainda na mesma edição do jornal *O Comércio*, de um artigo de autoria do médico sexologista José de Albuquerque. Notadamente, o apelo do CBES dirigido aos órgãos de imprensa do país começava a surtir o efeito desejado pelo seu idealizador: propagar a campanha pela educação sexual em todos os cantos do país.

Tantas foram as adesões ao movimento pela educação sexual pelos jornais brasileiros que o CBES viu a oportunidade de criar um Circuito Jornalístico Nacional<sup>196</sup> para divulgação de seus ideais. A esses jornais, que compunham o Circuito Jornalístico do CBES e que ultrapassava a soma de 700, o CBES na figura de seu presidente José de Albuquerque remetia regularmente artigos sobre educação sexual para que fossem publicados em suas colunas a “Serviço especial do Círculo Brasileiro de Educação Sexual”.

<sup>196</sup> Cf. Relação completa dos jornais que constituíram o Circuito Jornalístico do CBES (até 1958), em anexo.

Imagem 17 – ‘Jornal do Commercio’ (MT) a Serviço especial do CBES, recorte da página 2, ed. 1747, de 15 de fevereiro de 1935

**A sublime tarefa da Educação Sexual**

Pelo DR. JOSÉ DE ALBUQUERQUE  
(Serviço especial do Círculo Brasileiro de Educação Sexual)

A educação sexual é uma das tarefas mais sublimes que a criatura humana pode tomar a peito. Nobre, bello, alevantado e puro, não é somente o gesto de distribuir o pão que mate a fome do desgraçado faminto; de levar a gota d'agua que desaltere a sede, ao moribundo que se debatera nas vasças da agonia; de agasalhar do frio, os corpos nus, dos que tritam ao relento, no logeio das ruas; de dar o tecto ao mendigo que dorme na soleira, das portas e no banco dos jardins; de pôr balsamo na chaga do doente que geme vergado ao peso da dor, de dirigir uma palavra de conforto ao encarcerado, que vê passar seus dias no presidio, para expiar as faltas do passado, e de fazer voltar ao caminho do bem, os que delle se apeararam, e que como ovelhas tresmalhadas de um ribeiro, vaguem sem forças na beira de um abysmo.

N. b. e. bello, alevantado e puro, é também distribuir o pão que alimenta as intelligencias famintas; de saber, levar a gota d'agua que desaltere a sede daqueles que vivem sequiosos de aprender; agasalhar da nudez, cerebro nus, vestindo-os com a roupagem das letras, dar tecto a estas cabecinhas que dormem na soleira das portas do templo da sciencia, á espera que alguém as abra para fazel as entrar; curar as chagas abertas nos cerebros daquelles em que, em vez de se fazer penetrar um raio de luz da Verdade, se trespassou pelo punhal da Mentira; dirigir uma palavra de conforto ao encarcerado do espirito, auxiliando lhe a romper os pesados aneis de ferro da corrente que o atroz agilhoado ao preconceito e á rotina; e fazer palmilhar uma estrada larga, recta e illuminada, construida sobre o terreno firme da Verdade, aquelles que delase achavam desviados, perdidos em estradas escuras, ingremes e sinuosas, minadas pelo cupim e elevadas nas encostas de um morro em cujos flancos tudo é precipicio e abysmo.

Si tudo isso é n. b. e. bello, «levantado» e puro a missão de propagação entre a povo, a educação sexual tan bem o é; pó não é outra sua finalidade, senão alimentar as intelligencias famintas de saber; desalterar a sede, dos que vivem sequiosos de aprender, vestir de ideaes, cerebros nus, curar as chagas que a Mentira causou, bñhando-as com os raios de luz da Verdade; quebrar os grilhões do preconceito e da rotina e desviar as creaturas humanas dos terrenos pedregosos e ingremes que fatalmente as conduziriam á desgraça, para collocal-as numa estrada larga, recta e illuminada que as conduza á felicidade.

**Abdon Bunazar**  
COMMERCIANTE  
RIO PARDO – MATTO GROSSO

Anunciem no  
JORNAL DO COMMERCIO

Fonte: Acervo Hemeroteca digital – Fundação Biblioteca Nacional. “Jornal do Commercio”. Ed.1747, de 15 de fevereiro de 1935.

Imagem 18 – Jornal ‘Correio Paulistano’ (SP) a Serviço especial do CBES, recorte da página 4, ed. 24591, de 22 de janeiro de 1936

**A educação sexual e o combate ao extremismo**

Pelo DR. JOSÉ DE ALBUQUERQUE  
(Serviço especial do Círculo Brasileiro de Educação Sexual)

Nada mais opportuno no Brasil, no momento actual, que focalizar os malefícios que decorrem do extremismo, seja em que sentido se considere essa expressão.

Assim como ha o extremismo em relação á politica, tão nefastas sendo as consequências de um como de outro para o individuo e para a sociedade. Não iremos abordar aqui sinão a ultima das modalidades de extremismo acima referidas, pois, sobre o extremismo em politica, nestas ultimas semanas se produziu uma verdadeira literatura, grande, não só pela vultuosidade dos artigos publicados na imprensa diaria e periodica do Rio e dos Estados, como pelo prestigio das penhas que os subscreveram.

Sómente do extremismo na esphera moral iremos nos occupar e, si não vamos fazer, é não só porque interessa intrinsecamente á nossa campanha em prol de educação sexual, como também porque de certa forma vem coadjuvar e completar a tarefa a que se integram, aquelles que no momento em que a estabilidade nacional periclitava, arremeteram suas pennas em defesa da integridade do regime.

A moral social é de certa forma, reflexo da moral de cada um dos individuos que constitue a sociedade em que vive, decorrendo das concepções moraes dos povos, seus movimentos de caracter politico e partidario.

Como se vê, combater o extremismo no dominio da moral é de certa forma indispensavel na hora presente, no Brasil e, quizá, no mundo inteiro.

Assim como em politica ha os extremismos da direita e da esquerda, ambos altamente nocivos ao bem estar e equilibrio sociaes, o primeiro, por que, afeerando-se á tradição, conduz a um “statu quo” incompativel com a evolução e o progresso social; o segundo porque, — sem considerar que a marcha da civilização deve obedecer antes ao rythmo da evolução que aos cataclysmas das revoluções — procura impôr ás sociedades, á viva força e tumultuariamente, pelo terror e pela violencia, formulas sociaes creadas aprioristicamente; assim tambem ha em moral, os extremismos da direita e da esquerda, com as mesmas características acima referidas.

Em moral quasi tudo gravita em torno do sexo, quer a consideremos nas suas manifestações propriamente individuais, como collectivias, e neste ultimo caso, quer a consideremos nas sociedades primitivas, como na sociedade de nossos dias.

Si assim é, uma das grandes armas para o combate ao extremismo é a educação sexual, conduzida da forma pela qual o vem sendo no Brasil, isto é, á luz da pura sciencia, sem “partidarismo” nem lufas preconcebidas, sem nenhum colorido de ordem religiosa, politica ou partidario, inspirada exclusivamente na verdade e visando o individuo no seu conjunto, no triplice aspecto sob o qual se apresenta: biologica sexualmente, de forma compativel com o seu “eu” biologico e psicologico e com o seu “eu” cellula social.

**FIGADO E PRIS**

Aos que soffrerem do figado e enviara gratis tratamento seguro. São Paulo.

Fonte: Acervo Hemeroteca digital – Fundação Biblioteca Nacional. “Correio Paulistano”. Ed. 24591, de 22 de janeiro de 1936.

Ao localizar alguns desses jornais, como exemplo nas imagens acima, observamos que entre os temas dos artigos estavam as mais diferentes questões sexuais que se pudessem discutir: de combate aos preconceitos em relação à educação sexual, as diferentes faces da educação sexual e a sua importância nas diversas fases da vida, o combate às doenças venéreas, a maternidade, entre outros temas de interesse do CBES e defendidos por José de Albuquerque ao longo de sua campanha.

Ainda sobre os jornais que compunham o Circuito Jornalístico do CBES, verificamos que a adesão à campanha e ao apelo de José de Albuquerque em prol da educação sexual foi bem aceita, porém “Houve cidades nas quais todos os jornais que nelas se publicavam aderiam ao Círculo, mas por uma questão de vaidade jornalística, cada um queria que lhe fosse dada a exclusividade de publicação dos artigos que o C.B.E.S. lhe enviasse<sup>197</sup>”.

José de Albuquerque, não querendo estabelecer a preferência por um ou outro jornal que divulgasse sobre a educação sexual em determinada cidade, e entendendo que não seria interessante para os editores publicar em suas colunas jornalísticas um artigo assinado que

<sup>197</sup> ALBUQUERQUE, José. Circuito Jornalístico. Quatro letras... cinco lustros... *Op. cit.*, p. 31-32.

já houvesse sido publicado em primeira mão por outro jornal local, optou por uma solução mais prática:

Procurando contornar a situação lhe ocorreu a idéia da organização de cinco redes diferentes de artigos assinados, em cada uma das quais se inscrevera, apenas, um jornal de cada lugar, que, assim, teria o direito de exclusividade na publicação daquele artigo, naquela localidade, o que mereceu acolhida da imprensa das cidades em apreço e de outras que, ainda, não havendo levantado a questão, possivelmente, mais cedo ou mais tarde, o fariam.<sup>198</sup>

Dessa forma o CBES remetia quinzenalmente artigos sobre educação sexual para serem publicados regularmente pela maioria dos jornais apoiadores da instituição, e estabelecendo assim um “acordo” com os editores do seu Circuito Jornalístico que beneficiaria ambos os lados, fazendo dessa forma, nas palavras de Albuquerque, que a campanha em prol da educação sexual no país adquirisse “uma irradiação sem precedentes nos annaes de nossa historia<sup>199</sup>”, mas principalmente: resultaria na divulgação da campanha pela educação sexual no país como bem ressaltado na imagem 19, na propaganda ilustrada do CBES sobre o apoio da imprensa brasileira.

Imagem 19 – Recorte do ‘Boletim de Educação Sexual’ sobre a imprensa brasileira e o CBES.



Fonte: Boletim de Educação Sexual. Ed. de março de 1935.

<sup>198</sup> *Ibid.* p. 32.

<sup>199</sup> ALBUQUERQUE, José. Carta aberta aos jornalistas brasileiros. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1934. p. 1.

Em uma carta aberta dirigida aos “Jornalistas Brasileiros” em janeiro de 1934, José de Albuquerque agradece a acolhida inicial dos órgãos de imprensa que nos seis meses desde a fundação do CBES, em julho de 1933, acompanharam e apoiaram as atividades empreendidas pela instituição no campo da educação sexual, finalizando a carta com um apelo: “Resta-nos agora, por conseguinte, só uma coisa, apelar individualmente para cada jornalista de per si, para que cada um ponha sua penna a serviço de nossa causa, em artigos assignados, emprestando desta fôrma o prestígio de seu nome, a esta campanha por muitos títulos hemerita<sup>200</sup>”.

Sabemos que enquanto instituição independente, tendo à frente o médico José de Albuquerque, o CBES não mantinha qualquer vínculo com nenhuma religião ou partido político, sendo puramente inspirado pela ciência<sup>201</sup>, e tendo a imprensa como forte aliada. O jornal tornou-se naquele momento, o meio mais efetivo para se chegar à população em todo território nacional. Para Albuquerque a imprensa periódica levaria a mensagem da campanha pela educação sexual de uma forma muito mais efetiva a toda população, cumprindo sua função enquanto difusora de cultura e prestando um serviço de interesse público:

Perfeitamente integrada na sua finalidade, que é a de cooperar para a difusão da cultura no seio das massas populares, a imprensa brasileira, pelo apoio desinteressado que vem prestando á nossa campanha, realiza uma tarefa não só grandemente humanitaria, pois que vem defender dos males sexuais a população do paiz, como tambem, altamente patriotica, por não permitir que o Brasil forme na rectaguarda da civilização, emparelhado com os paizes que reputam a cultura sexual assumpto de somenos importancia<sup>202</sup>.

O jornal se transformou, no contexto da campanha do CBES, o meio mais eficiente para alcançar as massas populares, como descreve Albuquerque<sup>203</sup>: “um artigo bem lançado num órgão de imprensa, é muita vez a semente de uma arvore frondosa, a cuja sombra se abrigará a humanidade inteira”. Com tal afirmação entendemos que os periódicos impressos

---

<sup>200</sup> ALBUQUERQUE, José. Carta aberta aos jornalistas brasileiros. *Ibid.*

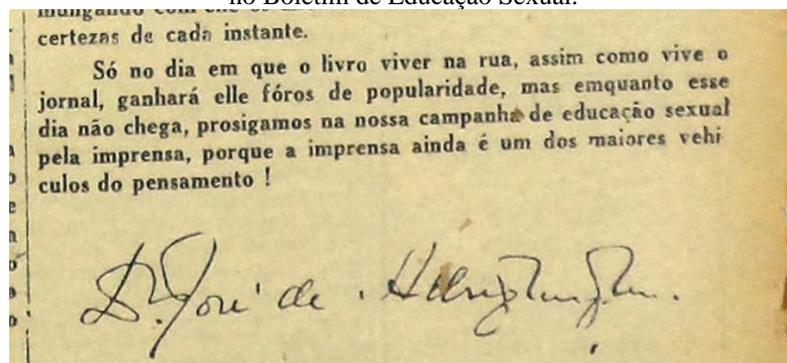
<sup>201</sup> ALBUQUERQUE, José. O C.B.E.S., as religiões e os partidos políticos. In.: Quatro Letras... Cinco Lustrros... *Op. cit.*, p. 26-27.

<sup>202</sup> A cooperação da imprensa brasileira na campanha da educação sexual. Boletim de Educação Sexual. Ed. Setembro de 1934, Ano II, p. 2.

<sup>203</sup> ALBUQUERQUE, José. A imprensa brasileira a serviço de um dos maiores movimentos sociaes da era contemporanea. Boletim de Educação Sexual. Edição de Março de 1935, Ano III, p. 1.

circulavam de forma intensa, chegando a todas as camadas sociais alfabetizadas<sup>204</sup>. Se um livro geralmente era procurado apenas por uma pequena parcela de pessoas alfabetizadas e com poderes aquisitivos maiores, o jornal era procurado por quase todas as camadas sociais, para os mais diversos fins, e por isso, demonstrava resultados mais eficazes e imediatos para a campanha empreendida pelo CBES: “Si ha lares em que nunca entrou um livro, não o haverá de certo, em que nunca houvesse entrado um jornal<sup>205</sup>”. Para Albuquerque o jornal era muito mais atrativo para as massas populares do que o livro; enquanto o livro parece viver enclausurado em livrarias e bibliotecas, o jornal vive e circula pelas ruas, “lado a lado com o povo”.

Imagem 20 – Recorte de artigo assinado por José de Albuquerque, defendendo a imprensa periódica, publicado no Boletim de Educação Sexual.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. de março de 1935)

Assim, a imprensa assumiu um papel de coadjuvante na campanha desenvolvida pelo CBES, devido a sua popularidade, poder de alcance dentro do território brasileiro e de influência na mentalidade da população.

Quanto à filiação no Círculo, ele dispunha inicialmente de três categorias de membros: contribuinte, honorário e benemérito. Poderia se tornar um “membro contribuinte”, de acordo com o Art. 5º do Estatuto do CBES, “[...] qualquer pessoa sem distinção de cor, sexo, nacionalidade, credo político ou religioso e que tenha meio de vida honesto, compatível com o bem estar social<sup>206</sup>”. Além dessas atribuições, ao membro contribuinte caberia o pagamento de

<sup>204</sup> Ressaltamos que entre 1920 e 1940 mais da metade da população brasileira não sabia ler nem escrever. Segundo os índices apresentados pelos censos demográficos do IBGE, em 1920, 35,06% das pessoas recenseadas de 15 anos ou mais, declararam que sabiam ler e escrever, e 64,94% informaram que não sabiam ler, nem escrever. Em 1940, o índice de pessoas que sabiam ler e escrever subiu para 43,78%; e 55,09% que não sabiam nem ler nem escrever; 0,25% não se declararam. Cf. BRASIL. IBGE. Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, 1956. 354 p.

<sup>205</sup> ALBUQUERQUE, José. A imprensa brasileira a serviço de um dos maiores movimentos sociaes... *Op. Cit.*

<sup>206</sup> SI ainda não sois membro do Circulo Brasileiro de Educação Sexual, por que não vos inscreveis? **Boletim de Educação Sexual**. Ed. de setembro de 1933. n. 1, ano I, p. 4

uma anuidade no valor de 60\$000 (sessenta mil réis), podendo esse valor ser pago de uma só vez ou parcelado.

A proposta de filiação de membro nessas condições se dava mediante inscrição realizada pela própria pessoa, em formulário no qual constavam informações como nome, estado civil, endereço residencial e de cobrança, e proposta de pagamento. Tal formulário poderia ser solicitado pessoalmente, por telefone ou por carta na secretaria da instituição<sup>207</sup>. Os formulários preenchidos que chegavam à Secretaria eram então encaminhados ao Síndico do CBES, sendo ele responsável por dar o parecer, em no máximo de uma semana, se o candidato estava ou não aceito na instituição<sup>208</sup>.

Como “membros beneméritos”, enquadravam-se de acordo com o Art. 2º do Estatuto, pessoas que contribuíssem de uma só vez, com valor de cinco ou mais anuidades (o que totalizava 300\$000 ou mais); e ainda membro “grande benemérito” quando a contribuição ao CBES fosse igual ou superior ao valor de vinte e cinco anuidades, pagos de uma só vez.

Por fim, o membro honorário, segundo Art. 3º, era “todo aquelle que pela acção ou pela palavra escripta ou fallada, emprestar o prestígio de sua actividade, á diffusão da obra pela qual o Circulo se empenha<sup>209</sup>”. Ou seja, diferente das outras duas categorias, o membro honorário não necessariamente era obrigado a contribuir financeiramente com a instituição. Sua contribuição se dava mais no campo intelectual. Não localizamos mais informações sobre essa categoria de membro, mas supomos que ela ocorria por indicação.

No seu início, o CBES era aberto para qualquer pessoa que estivesse interessada nos propósitos ideológicos da instituição em relação a educação sexual, embora José de Albuquerque preferisse selecionar para compor o quadro social da instituição apenas pessoas que contribuíssem ativamente nas campanhas, evocando um “espírito de combatividade e de desprendimento”.

Mas logo após sua fundação, o presidente Albuquerque questionou o fato de que nem todos que compunham o quadro social do CBES estavam de fato integrados a esse propósito: alguns buscavam apenas “colherem os louros da vitória à custa do esforço e do sacrifício de meia dúzia de denodados companheiros”, outros faziam da associação um “trampolim para atingirem propósitos alheios aos fins dessa instituição”. Albuquerque na condição de presidente decidiu por “esquecer” de tais membros, excluindo-os pouco a pouco das atividades e das responsabilidades do CBES, até que restassem apenas membros ativos.

---

<sup>207</sup> Localizada na época a Rua Sete de Setembro, 207, Telefone 2-5505.

<sup>208</sup> *Ibid.* SI ainda não sois membro do Circulo Brasileiro de Educação Sexual [...]

<sup>209</sup> *Ibid.*

A partir de então, outra medida adotada pela instituição foi realizar uma seleção mais apurada dos novos integrantes do seu quadro social: “Como medida preliminar para se atingir a êsse desiderado, ficou estabelecido que sômente se verificaria qualquer admissão de novo sócio depois que o mesmo, por suas atividades em favor da educação sexual, se tornasse possuidor das credenciais que habilitassem a ter acesso nas fileiras do C.B.E.S.<sup>210</sup>”.

Dessa forma, antes de fazer parte do quadro social do CBES, o futuro membro deveria demonstrar além de interesse, atividades efetivas relacionadas à campanha pela educação sexual. Mas isso gerou um problema de ordem financeira para a instituição, uma vez que o número de sócios fora reduzido a pouco mais de trinta, e a contribuição mensal no valor de cinco mil réis (5\$000) de cada sócio não eram suficientes para pagar as despesas de manutenção do CBES, despesas essas que, segundo Albuquerque, progressivamente aumentavam devido a intensificação da campanha pelo país.

Para que a atividades empreendidas pelo Círculo não fossem interrompidas, José de Albuquerque cobria o valor com recursos pessoais que, segundo ele, ultrapassavam a época várias dezenas de contos de réis mensais. Os outros sócios sentiam-se incomodados com essa disparidade de contribuição. Foi quando Albuquerque, na condição de presidente da instituição sugeriu uma reforma no estatuto do CBES.

Ocorrida em 20 de julho de 1935, e aprovada pelos demais membros, na reformulação do estatuto determinou-se que ao presidente da instituição caberia o encargo de mantenedor da mesma, exonerando desta maneira o pagamento de valores monetários de qualquer outro associado, cabendo a eles apenas a cooperação nas atividades que estivessem ao alcance dentro de suas atribuições e especialidades<sup>211</sup>.

Essa nova mudança no estatuto do CBES talvez explique e justifique o porquê de José de Albuquerque ter sido reeleito presidente da instituição em todos os anos subsequentes. Provavelmente nenhum outro membro estivesse tão disposto, inclusive financeiramente, a levar adiante a campanha pela educação sexual quanto José de Albuquerque.

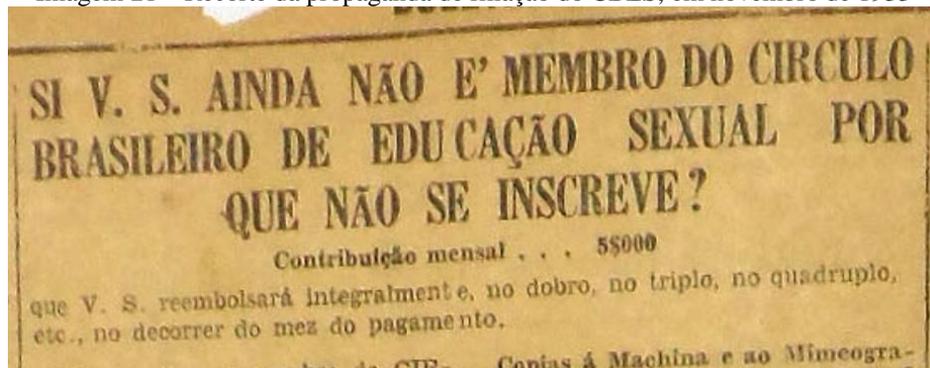
Mas antes dessa mudança regimental, ainda em 1933, o Círculo realizava todo tipo de investidas a fim de conseguir novos membros para a instituição, como observamos na imagem 20, quando o CBES lançou a público uma proposta de filiação com apelo financeiro e comercial, a fim de despertar o interesse de futuros membros contribuintes:

---

<sup>210</sup> ALBUQUERQUE, José. Presidente, Ditador ou Escravo? Quatro Letras... Cinco Lustrros. *Op. cit.*, p. 17.

<sup>211</sup> *Ibid.* p. 18.

Imagem 21 – Recorte da propaganda de filiação do CBES, em novembro de 1933



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Novembro de 1933)

Logo nas primeiras linhas da chamada, o CBES oferece “reembolso” integral ou mais, do valor investido mensalmente pelo filiado. Mas como se daria esse reembolso? Com desconto em compras realizadas em lojas comerciais da capital, apoiadoras da instituição: “Algumas firmas comerciais, desejando prestar seu apoio moral ao CIRCULO, propuseram-se fazer um abatimento, que orça em média, em dez por cento, a todos os membros do Circulo que effectuarem suas compras nos seus estabelecimentos commerciaes<sup>212</sup>”.

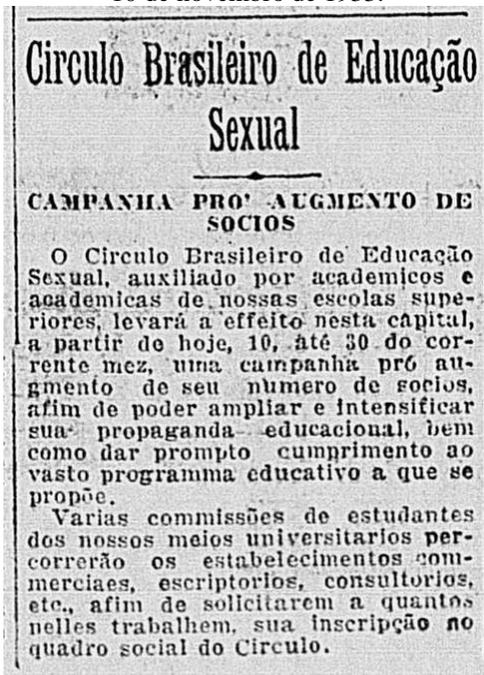
Dessa forma, o futuro filiado contribuiria com o valor mensal de 5\$000 (cinco mil réis) ao CBES, e poderia ter esse “investimento” reembolsado em forma de desconto nas compras realizadas em lojas apoiadoras da instituição. Entre algumas das lojas comerciais que se dispuseram a ceder descontos aos membros filiados da instituição estavam alfaiatarias; copiadoras; serviços de eletricidade; estabelecimentos de ensino secundário, de datilografia, e de línguas; hotel; loja de guarda-chuva e sombrinhas; loja de instrumentos musicais; joalheria; lavagens e reforma de chapéus; livraria; loja de louças e cristais; loja de materiais médicos e cirúrgicos; loja de materiais fotográficos; loja de móveis, entre outros.

No decorrer de um mês, possivelmente, nem todas as pessoas utilizassem todos os serviços e descontos disponíveis na lista de parceiros comerciais, mas essa lista nos revela um pouco do público ao qual se pretendia ter como sócio no Círculo. Tratava-se de um público mais abastado financeiramente, que efetuava compras em joalherias e lojas de cristais, frequentava alfaiates, possuía acesso à educação, e possivelmente acesso à energia elétrica e serviços de saneamento básicos, e/ou possuíam alguma especialidade profissional.

<sup>212</sup> SI V. S. ainda não é membro do Circulo Brasileiro de Educação Sexual por que não se inscreve? **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1933, Ano I, n. 3, p. 4.

Ao pesquisar em outros jornais do período, localizamos em dois periódicos do Rio de Janeiro, *O Jornal* e o *Diario da Noite*, uma mesma nota sobre outra campanha do Círculo para aumentar o número de associados da instituição.

Imagem 22 – ‘O Jornal’ (RJ), recorte da ed. 4312, de 10 de novembro de 1933.



Fonte: Acervo Hemeroteca digital – Fundação Biblioteca Nacional. “O Jornal”. Ed. 4312, de 10 de novembro de 1933.

Imagem 23 – ‘Diario da Noite’ (RJ), recorte da ed. 1088, de 10 de novembro de 1933.



Fonte: Acervo Hemeroteca digital – Fundação Biblioteca Nacional. “Diario da Noite”, recorte da ed. 1088, de 10 de novembro de 1933.

A nota destaca que grupos de universitárias e universitários, em nome do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, percorreriam estabelecimentos comerciais e de serviços da capital em busca de novos associados para compor o quadro social da instituição. Tal ação foi coordenada e conduzida pelo acadêmico de direito, Bernardo Schemkmann<sup>213</sup>, e possivelmente foi através dela, que o CBES conseguiu as parcerias com os comércios locais do Rio de Janeiro, listados anteriormente. Essa ação revela dois pontos importantes, primeiro, a intensa investida do Círculo em busca de novos membros, e segundo, o apoio e a acolhida recebida por parte de jovens estudantes em relação a campanha pela educação sexual empreendida pelo CBES.

Verificamos que ao longo de toda sua campanha em prol da educação sexual, tanto o Círculo Brasileiro de Educação Sexual quanto José de Albuquerque conseguiram despertar o interesse de muitos jovens ao longo dos anos de 1930 para os assuntos

<sup>213</sup> QUATRO meses de atividade, Boletim de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1933, Ano I, n. 3, p. 1.

relacionados à educação sexual no Brasil. O interesse demonstrado por esses jovens foi tanto ao ponto de eles reunirem-se em outubro de 1936, para fundar o que chamaram de “Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual” – (CMPES).

### 2.2.1 Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual

“Sem educação sexual não ha mocidade forte, mas sim, infeliz nucleo de degenerados phisicos e mentaes”

(Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual - 1937)

Desde as primeiras campanhas sobre educação sexual, muitos jovens estudantes frequentavam a sede do CBES: “Se crescia o número de estudantes que freqüentavam assiduamente o C.B.E.S., e acompanhavam de perto suas atividades, nêles, também se verificava, num crescendo constante, o interêsse que demonstravam pela educação sexual<sup>214</sup>”. Não eram apenas os estudantes, mas também a juventude que trabalhava em estabelecimentos comerciais, na indústria e principalmente na imprensa. Para Albuquerque esses jovens compreendiam a extensão e a importância que a campanha pela educação sexual possuía.

Dentre os jovens dos estabelecimentos de ensino que visitaram o Círculo Brasileiro de Educação Sexual ao longo dos anos de 1930, localizamos<sup>215</sup>: estudantes do Colégio Pedro II (em 1935); estudantes do “Gymnasio O’Granbery de Juiz de Fora (em 1938 e 1939); estudantes de cursos secundários da capital Rio de Janeiro – entre esses estudantes encontra-se Evandro Collares Quitete que pouco mais tarde viria a ser o presidente da “Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual” – (em 1936); grupo de jovens da Federação Brasileira dos Escoteiros do Mar (em 1935); acadêmicos do curso de Direito da cidade de Buenos Aires, Argentina (em 1935); e estudantes da Embaixada Acadêmica Augusto Vianna, da Faculdade de Medicina da Bahia (em 1936). Em geral essas visitas eram recepcionadas por algum diretor do CBES presente no dia, e encerradas pessoalmente por José de Albuquerque com alguma conferência feita para os jovens visitantes na ocasião.

---

<sup>214</sup> ALBUQUERQUE, José. Coligação da mocidade pró educação sexual. Quatro Letras... Cinco Lustrros... *Op. cit.*, p. 53

<sup>215</sup> Cf. Registros fotográficos dos grupos de visitantes em Anexo.

Frequentemente José de Albuquerque era convidado, tanto por estudantes quanto docentes ou diretores, para conferenciar em colégios, escolas superiores e demais estabelecimentos e organizações estudantis. Dentre elas localizamos<sup>216</sup>: a Faculdade de Direito, a convite do Centro Oswaldo Spengler (em 1935); a Faculdade de Direito de Niterói, a convite do Centro Acadêmico Evaristo da Veiga (em 1935); o Colégio Pedro II (em 1935); a Escola de Veterinária do Exército (em 1936) logo após a visita de um grupo de alunos da escola acompanhados do capitão Luiz Gentil, ao CBES; a Escola Julio de Castilhos, a convite da diretora da escola professora Eugenia Cotia (em 1936); a Escola Nacional de Belas Artes a convite da Sociedade Universitária de Intercâmbio Cultural (em 1937); e o Colégio Militar da capital Rio de Janeiro, a convite da Sociedade Literária da instituição (em 1937).

Assim, a relação entre a campanha pela educação sexual e os jovens, principalmente da classe estudantil tornava-se mais próxima, e José de Albuquerque, aparentemente, se apresentava sempre disposto a recepcionar e atender os jovens que recorressem a ele ou ao Círculo Brasileiro de Educação Sexual, levando pessoalmente “sua palavra aos estudantes, no recinto de duas próprias escolas e associações” ou na sede do CBES.

Com a justificativa de que a ligação entre o CBES, José de Albuquerque e parte dos jovens brasileiros ocorresse de uma maneira mais organizada, em outubro de 1936 um grupo de estudantes decidiu reunir-se para formar o que chamaram de “Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual – CMPES”.

Em dezembro de 1936, José de Albuquerque, presidente de honra da CMPES<sup>217</sup>, publicou um artigo dedicado a mocidade brasileira<sup>218</sup>, como uma forma reconhecimento aos jovens que decidiram coligar-se para apoiar a causa do CBES em defesa da educação sexual, e dar continuidade a essa campanha junto às novas gerações. Observamos na imagem 23 que o destaque do artigo, além do *layout* do título “Ave, Mocidade!”, é uma ilustração assinada pelo artista Calmon Barreto<sup>219</sup>.

---

<sup>216</sup> Cf. Registos fotográficos de conferências e palestras realizadas por José de Albuquerque em estabelecimentos de ensino em Anexo.

<sup>217</sup> NA Presidencia de honra o Dr. José de Albuquerque. In. **BOLETIM** da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual, n. 1, ano I. Novembro de 1936.

<sup>218</sup> ALBUQUERQUE, José. Ave, Mocidade! **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Dezembro de 1936, n. 8, ano IV, p. 1.

<sup>219</sup> Calmon Barreto foi um artista multifacetado, nascido em Araxá (MG) em 1909. Viveu no Rio de Janeiro e estudou na Escola Nacional de Belas Artes, onde aposentou-se como diretor da Escola. Também trabalhou na Casa da Moeda e foi autor de moedas que circularam pelo Brasil. Cf. FUNDAÇÃO Cultural Calmon Barreto. Revista O Trem da História. Calmon Barreto 100 anos de história. Araxá, novembro de 2010, Ano 20, n. 47.

Imagem 24 – Recorte de artigo sobre a mocidade brasileira

# Ave, Mocidade!

Pelo Dr. JOSE' DE ALBUQUERQUE

**MOCIDADE BRASILEIRA:**

A geração que vive lado a lado conosco; a geração que cronologicamente vos precedeu; a geração a que eu pertença e a qual pertence a maioria dos nossos companheiros de campanha, patrioticamente vos saúda neste findar de 1936.

Não penseis que seja uma saudação vulgar, destas que a pragmática social impõe, e que não representem senão a exteriorização de sentimentos que na realidade não foram experimentados.

A nossa geração saúda a vossa, porque vê em vós os fiéis depositários de grandes ideologias, que a nação hoje theoreticamente discute e que a vós caberá praticamente realizar.

A nossa geração saúda a vossa, porque vós já destes provas da perfeita penetração que tendes, de vossa situação no cenário da vida nacional.

A nossa geração saúda a vossa, porque vós corajosamente banistes de vossas cogitações, todos os valores negativos que até hoje tem sido a causa da desgraça e do retrocesso dos povos.

A nossa geração saúda a vossa, porque o movimento que se faz no Brasil em torno da educação sexual e que tem interessado todas as classes sociais, de norte a sul do país, conquistou este ano o apoio, não, de elementos isolados e esparsos da geração nova de nossa terra, mas sim, dos moços do Brasil, arrematados, congregados, confederados, em uma palavra e para usar do termo que vós mesmos escolhestes: **colligados**.

A nossa geração saúda a vossa porque recebeu com o mais vivo jubilo a vossa adesão em nossas fileiras e porque sabe que qualquer movimento social que não conte com o apoio da mocidade, pôde-se prevêr como um movimento fracassado, ou, si victorioso, de duração ephemera.

A nossa geração saúda a vossa, porque sabe que sem o apoio das gerações novas, todo o palpitante de aspirações e anseios das gerações que as precederam, se extinguirá, e que com o vosso apoio, vós não permitireis que se apague na pyra das grandes cogitações da Patria, o fogo sagrado dos idéas sublimes que nos agitam hoje no cenário

(continua na 2.ª pagina)

A MOCIDADE BRASILEIRA DE AMBOS OS SEXOS, FIEL AOS SUPREMOS POSTULADOS DO "SABER", ACCENDE NO ALTAR DA PATRIA A CHAMMA DA "VERDADE", PARA QUE EM SEU CALOR SE RETEMPERE O PATRIOTISMO E EM SUA LUZ SE ACLARE A INTELIGENCIA DOS BRASILEIROS QUE VIVEM VERGADOS AO PESO DO PRECONCEITO E DA ROTINA.

Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Dezembro de 1936).

Na legenda junto a imagem lemos: “A mocidade brasileira de ambos os sexos, fiel aos supremos postulados do “saber”, accende no altar da patria a chamma da “verdade”, para que em seu calor se retempere o patriotismo e em sua luz se aclare a intelligencia dos brasileiros que vivem vergados ao peso do preconceito e da rotina”. Essa descrição explica o sentido dos símbolos escolhidos para ilustração: dois jovens (representantes de ambos os sexos) veneram um livro aberto (que simboliza o conhecimento, o saber) que se encontra no altar da pátria (pequeno altar com a bandeira do Brasil ao fundo). O ato de veneração desses jovens acende uma chama (a “chama da verdade”) junto do saber (o livro aberto), para que através do calor dessa chama o patriotismo encontre forças, e através de sua luz a inteligência possa superar o preconceito (entendido nesse contexto como uma escuridão

prejudicial ao povo brasileiro). Essa “chama da verdade” junto do “saber” também pode ser entendida enquanto as “verdades científicas” em relação às questões sexuais e tão defendidas por José de Albuquerque, isto é, compreender a educação sexual “a luz da verdade e da ciência”. Entendemos também, que nesse contexto, a juventude brasileira era tida enquanto parte importante e redentora da campanha pela educação sexual.

Ao finalizar o artigo, Albuquerque faz um apelo a moças e rapazes que saíram de cidades do interior para estudar nos grandes centros urbanos, de que quando retornassem para suas casas, no interior, levassem consigo os ensinamentos a respeito dos postulados da educação sexual para suas cidades, propagando esse conhecimento para todo território brasileiro:

No momento em que vós, deixae os grandes centros, onde estivestes durante todo periodo lectivo empenhados em vossos estudos e que regressae á vossa cidade, para desfructar as sublimes ternuras da vida do lar, eu vos concito a que leveis no acervo de vossos planos e de vossas cidades, por esses problemas de que vos fizestes arauto nos grandes centros, para que assim vossa actuação se possa sentir de maneira completa em todo scenario de nossa Patria, em todos os recantos de nosso amado e estremecido Brasil!<sup>220</sup>

A CMPES também falava diretamente a juventude brasileira através de uma página de imprensa chamada *Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual*, sob a direção de Nelson Ferreira e publicada pela primeira vez em novembro de 1936, no periódico oficial do CBES, o *Boletim de Educação Sexual*<sup>221</sup>.

---

<sup>220</sup> ALBUQUERQUE, José. Ave, Mocidade! *Op. cit.*

<sup>221</sup> Analisaremos especificadamente o Boletim de Educação Sexual no capítulo 3.



# Boletim da Colligação da Mocidade Pró Educação Sexual

(agregação filiada ao Circulo Brasileiro de Educação Sexual)

Redactor-chefe: Nelson Ferreira

## TOQUE DE ALVORADA

Por NELSON FERREIRA

"Colligação da Mocidade" em prol da educação sexual. "Colligação", por que? — Porque se faz necessário um desenvolvimento maior á campanha que se vem travando, ha quatro annos, em todo o Brasil, para orientar o povo brasileiro no problema da sexualidade? E essa campanha, sob todos os pontos de vista benemerita, humanitaria, tem sido feita mais para a mocidade e menos pela mocidade. E porque não comprehendimos a falta da colaboração sincera e espontanea dos moços na linha de frente, é que resolvemos fundar essa Colligação e falar directamente á juventude do Brasil, concitando-a a reunir-se conosco nessa nova cruzada, como um templario medieval.

Com esse elemento novo, entusiastico e capaz, certo, venceremos — faremos, enfim, a expansão melhor das verdades scientificas que vimos apregoando, sem temor dos iconoclastas e dos retrogradados, porque só o dogma scientifico é indestructivel.

Estas columnas estarão abertas para os jovens que queiram, sem partidario, combater nessa trincheira, ventilando as palpitantes questões que se prendem ao problema da educação.

A imprensa é tambem educativa e constructora: aproveitada, nesse sentido, ella se torna até maior, mais brilhante, mais valiosa e mais progressista, porque concorre para a melhoria da cultura popular, formando espiritos de "élite" e homens conscientes.

## A vida sexual nos presídios EM PREPARATIVOS UMA SÉRIE DE PALPITANTES REPORTAGENS

A Colligação da Mocidade Pro-Educação Sexual está fadada a vencer. Em seu nucleo inicial os rapazes estão desdobrando franca actividade. Esses moços não vão ficar estreitados na discussão dos já debatidos problemas sexuais e atolados com as idéas expendidas nos compendios sobre a materia.

Não, uma serie de proveitosas reportagens sobre a vida sexual dos presidiarios, muito em breve, irá ser desenvolvida.

A Casa de Detenção, a Casa de Correção e o Manicomio Judiciario, segundo sabemos, vão ser hisbilhotados por esses rapazes.

Ha de apparecer em letra de forma muita coisa interessante.

Assim, vamos ter rivulgação da vida sexual com as centenas de casos que vivem na realidade.

Fóra dos compendios, fóra dos livros, muitos dos quizes já ficaram bolorentos.

A Sciencia não tem que ficar accocondionada, ella tem

que procurar nos casos da vida real.

E esse trabalho de arcajamento dos principios scientificos é grandioso. Mas, entretanto, essa pleiade fundadores da C. M. P. E. S., não vai ficar só atiprende ir mais longe, elles tencionam estudar no Juizo de Menores, na Santa Casa da Misericordia, no Instituto de Psychopathias e, até mesmo, no Hospicio Nacional.

## De uma conferencia de LUIZ SAMIS

O problema sexual, nos dias que se escoram, está ligado a sua solução. Acompanhando a evolução scientifica, as resoluções biologicas se succodem. E a humanidade soffredora, recalçada por um complexo formidavel de phobias, desvencilha-se, paulatinamente dos traumas que atormentam a sua existencia, desviam sua rota historica e falsificam o seu pensamento...

## EX-CATHEDRA ...



## Na presidencia de honra o Dr. José de Albuquerque

Approvados os estatutos da Colligação da Mocidade da Educação Sexual, por proposta da minoria, foi, por unanimidade, aceita a indicação do nome do professor José de Albuquerque, presidente do Circulo Brasileiro de Educação Sexual, para o cargo de Presidente de Honra daquelle novel agregação de cultura sexual.

Nada mais justa e mais significativa do que uma homenagem a um combatente fervoroso da campanha de educação sexual, que deu grande apoio e muita contribuição intellectual para a formação da C. M. P. E. S.

Quantos e quantos rapazes, entrando no consultorio de um medico escrupuloso, após uma série de perguntinhas de fundo sexual, dessa forma respondem: — Mas doutor, eu não sabia disso... E o discipulo de Hippocrates, embora sendo um estorçado, e obrigado a dizer-lhes: agora o remedio vem tarde demais!

## Congregar para desenvolver a campanha de Educação Sexual

### FOI FUNDADA, NESTA CAPITAL, A COLLIGAÇÃO DA MOCIDADE PRO' EDUCAÇÃO SEXUAL

Entre os acontecimentos que, por certo, vai causar jubilo a todos quantos dão um pouco de esforço em favor da campanha da educação sexual, merece especial registro a fundação da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual.

Essa esperançosa entidade acaba de passar pela sua phase preparatoria e está funcionando na sede do Circulo Brasileiro de Educação Sexual.

Em suas primeiras reuniões estiveram presentes dezenas de moços de todas as classes sociais que discutiram, com

entusiasmo e brilhantismo, as linhas mestras da recém-fundada agregação de cultura sexual.

De trabalho productivo, no curto lapso de tempo, de meos de um mez, já foram organizados os estatutos da C.

As nossas columnas estarão abertas, para todos aquellos que, sem intransigencia nem partidario, pretendam ventilar, com independencia, idéas e iniciativas proveitosas em favor da mocidade patria.

M. P. E. S. e já foi eleita a sua primeira directoria.

No tocante á mesma foram eleitos, para a primeira directoria que deve reger os destinos dessa sympathica associação os seguintes nomes: —

Presidente, Evandro Collares Quetele; Vice-Presidente — Geraldo Avellar.

1º Secretario Wilson de Castro.

2º Secretario — Geraldo Amin.

Bibliothecario — Pedro Albuquerque.

Redactor chefe do "BOLETIM" — Nelson Ferreira.

## ASTHMA?

Cigarros de Estramono

"GONZAGA"

EXIJA A MARCA —

"GONZAGA"

## EXPEDIENTE:

"Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual".

Correspondencia para a redacção: rua do Rosario nº 172.

## COMPANHEIRO,

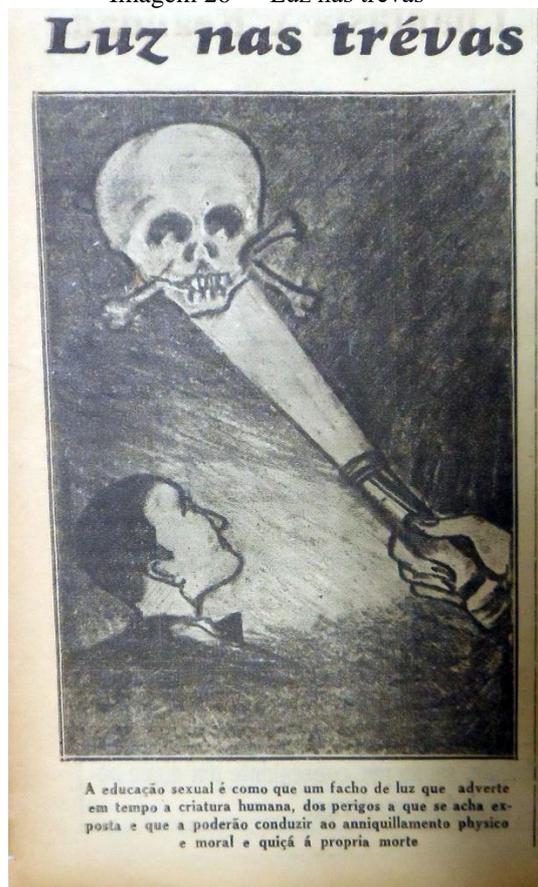
Você ainda não ingressou na campanha de educação sexual? Procure, então, se informar sobre a Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual.

Sede: — Rua do Rosario, 172

O Boletim da CMPES estampava um logotipo representado por uma mão segurando uma tocha em chamas. Entendemos que a imagem foi utilizada propositalmente para fazer uma alusão a “chama da verdade” que trazia luz e sabedoria, ao mesmo tempo que “apagava” o preconceito em relação as questões sexuais.

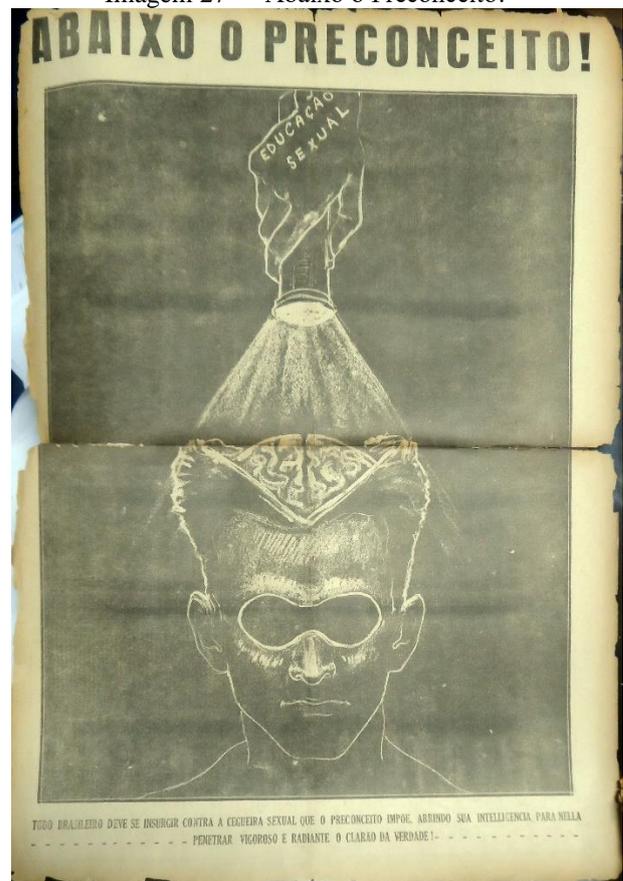
Esse enredo foi bastante utilizado pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual durante sua campanha: de que a educação sexual era a luz que conduzia a vida humana, salvando-a tanto dos perigos físicos (doenças) quanto morais (preconceitos). Observamos que o apelo visual também era bastante frequente nas ilustrações e nos cartazes produzidos para as campanhas do CBES.

Imagem 26 – “Luz nas trevas”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Janeiro de 1936).

Imagem 27 – “Abaixo o Preconceito!”



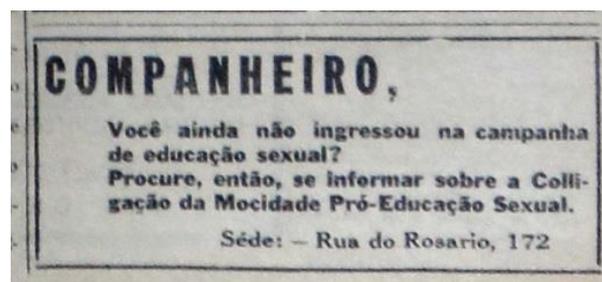
Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Junho de 1935).

Na imagem 26 a educação sexual é comparada a um feixe de luz que salva o ser humano possibilitando enxergar os perigos em meio à escuridão. Na imagem 27, a “mão da educação sexual” acende o feixe de luz diretamente ao cérebro, isto é, na inteligência humana, uma vez que o ser humano se encontra “cego” em relação às questões sexuais.

Quanto à página do Boletim da CMPES, ela oferecia aos jovens do país, mas especialmente aos seus coligados, uma “tribuna de fala” aberta “para todos aqueles que, sem intransigência nem partidarismo, pretendam ventilar, com independência, idéas e iniciativas proveitosas em favor da mocidade patria”, e claro, em defesa das ideologias pregadas pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual sobre o sexo. Observamos, por exemplo, o anúncio de uma série de reportagens a ser publicada pela Coligação, sobre a vida sexual nos presídios. A nota descreve que “a Casa de Detenção, a Casa de Correção e o Manicomio Judiciário” seriam alvos de pesquisa por parte de alguns rapazes. O interesse de pesquisa por esses locais pode ser em parte justificado pelo fato da maioria dos fundadores do CMPES ser composta por jovens acadêmicos de Direito do Rio de Janeiro, daí o interesse de estudar aspectos das questões sexuais em ambientes nos quais estão familiarizados em função de suas escolhas profissionais. Infelizmente nas edições seguintes não foi possível localizar a publicação de tais reportagens. Outros temas vinculados a educação sexual eram abordados nas colunas do Boletim como as doenças venéreas, a higiene sexual, a importância da educação sexual, entre outros.

Ainda na primeira publicação do Boletim da CMPES, em novembro de 1936, observamos o redator Nelson Ferreira escrever uma nota à juventude brasileira sobre a importância da campanha pela educação sexual que o CBES vinha desenvolvendo ao longo de seus quatro anos de existência, e como essa campanha “tem sido feita mais para a mocidade e menos pela mocidade”, justificando assim a criação da Coligação, e convocando a todos os jovens interessados em publicar nas colunas do CMPES, sem partidarismo, sobre assuntos relacionados à educação sexual. Observamos na imagem 28 uma propaganda mais direta, também utilizada para convidar jovens para fazer parte da Coligação.

Imagem 28 – Recorte do “Boletim da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual” de novembro de 1936.



Fonte: Boletim de Educação Sexual, Ed. Novembro de 1936.

O endereço na publicação indicava que a sede da CMPES funcionava junto ao CBES, na capital Rio de Janeiro, na Rua do Rosário n. 172, 2º andar. As atividades coordenadas pelos jovens da coligação geralmente funcionavam no expediente das 16 às 17 horas.

Assim como o CBES, a Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual não se envolvia diretamente com partidanismos políticos, conforme determinava seu estatuto. Seu campo de atuação voltava-se predominantemente para o campo educacional ligado as questões sexuais:

O fim principal da Colligação é de infundir no seio da Mocidade as regras que patrocinam a sã moral sexual, os meios de evitar as doenças venereas e outras questões ligadas ao problema sexual. O seu fim, pois, como têm é puramente pratico e no terreno educacional outro ponto que fizemos questão de frizar é que a Colligação não se deixa levar por influencia de politica partidaria, qualquer que seja ella<sup>222</sup>.

Frequentemente a CMPES anunciava, como vimos anteriormente, que as colunas de seu Boletim estavam abertas para colaborações “de fundo puramente educativo”, não sendo permitido aos seus colaboradores envolver ou atacar credos políticos ou religiosos em seus artigos. Assim como nas campanhas do CBES não localizamos nenhuma menção politicamente partidária, que não fosse apenas relacionada com a educação sexual.

Outras características assumidas pela CMPES foram<sup>223</sup>: “1) Incentivar a Educação Sexual no meio da mocidade brasileira”, sendo esse o propósito principal de origem da Coligação. “2) Manter correspondência com sociedades de Educação Sexual estrangeiras para intercâmbio de ideias” e “3) organizar uma biblioteca sobre educação sexual para os jovens”; quanto a manter correspondência com sociedades de Educação Sexual estrangeiras não localizamos muitas informações, porém a CMPES mantinha um fluxo de correspondência com diversas sociedades estudantis do país, além de aderir a várias instituições e movimentos estudantis, tais como a participação no Congresso Nacional de Estudantes; recebeu apoio da União Universitária Feminina, do Centro Estudantil Cearense, da Associação Universitária da Bahia, de alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, de alunos do Instituto Rabello e do Ginásio 28 de Setembro, entre outras instituições e organizações estudantis. E sobre a biblioteca para os jovens, sabemos que o próprio CBES já possuía esse espaço próprio e a disposição de qualquer pessoa que tivesse interesse em

<sup>222</sup> ORIENTAÇÃO Política da C.M.P.E.S. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 5, ano I. Abril de 1937.

<sup>223</sup> FINALIDADES da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 4, ano I. Março de 1937.

assuntos relacionados as questões sexuais. Subtendemos que a CMPES funcionando no mesmo local que o CBES, possuía total acesso a essa biblioteca também, assim como qualquer jovem que a procurasse em busca de informações e conhecimento. “4) manter no Distrito Federal e, posteriormente, nos Estados, um representante em cada escola e associações civis e militares” para com isso, propagar a campanha pela educação sexual nesses espaços.

No cumprimento deste último item, de ampliar e propagar a educação sexual entre a juventude brasileira, a CMPES optou por designar alguns representantes e colaboradores tanto em instituições de ensino na capital, quanto colaboradores de fora do estado. Inicialmente localizamos as indicações de Waldyr Polis, Decio Barros de Azevedo e Eloy Freitas (do Colégio Militar do Rio de Janeiro); João Gonçalves Helo (Colégio Pedro II); Joel Schrneekler e Paulo Cunha (Instituto de Ensino Secundário); Luiz de Lima (Ginásio Guanabara); Marcio Quitete Messina (representante no Estado do Rio) e Clovis Macedo (representante no Estado de São Paulo), entre outros<sup>224</sup>.

Fizeram parte da primeira diretoria da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual os seguintes estudantes: Presidente: Evandro Colares Quitete (acadêmico de Direito); vice-presidente: Geraldo Avellar (acadêmico de Direito); 1º Secretário: Geraldo Amin (acadêmico de Direito); 2º Secretário: Milton Lobato (acadêmico de Medicina); Bibliotecário: Pedro Albuquerque (Ginasiano) e Redator-Chefe do “Boletim da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual”: Nelson Ferreira (acadêmico de Direito)<sup>225</sup>.

Localizamos uma nota<sup>226</sup> divulgando a viagem de Geraldo Amin, 1º secretário da Coligação, para Minas Gerais em dezembro de 1936, “afim de intensificar a propaganda da CMPES” naquele estado, mas especificadamente na cidade de Rio Branco<sup>227</sup>. Provavelmente em decorrência dessa viagem, a composição da diretoria foi temporariamente alterada, apresentando como 1º Secretário o estudante Wilson de Casto, e Geraldo Amin figurando como 2º Secretário. A viagem de Amin para Minas perdurou até março de 1937, quando localizamos a última nota sobre sua “viagem de divulgação” no Boletim da CMPES<sup>228</sup>. Outra hipótese sobre a viagem de Geraldo Amin é de que não tenha

---

<sup>224</sup> PARA maior amplitude da campanha. **Boletim da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 8, ano I. Março de 1937.

<sup>225</sup> COLLIGAÇÃO da Mocidade Pró-Educação Sexual. **Jornal Diario Carioca**, ed. 2671, de 25 de fevereiro de 1937, p. 7.

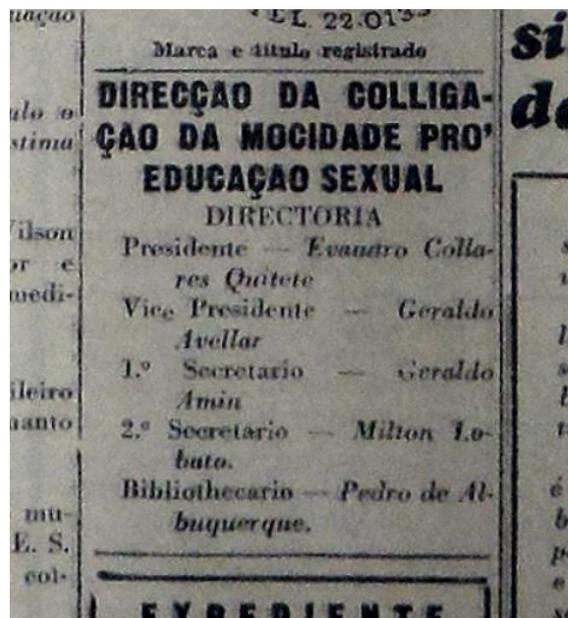
<sup>226</sup> EM Minas Gerais. **Boletim da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 1, ano I. Dezembro de 1936.

<sup>227</sup> Em 1943 o município mineiro teve sua denominação alterada para Visconde do Rio Branco, a qual mantém atualmente.

<sup>228</sup> BOLETIM da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual. n. 4, ano I. Março de 1937.

sido uma viagem oficial da Coligação apenas para divulgar a campanha. Levando em consideração que de dezembro até março muitas atividades escolares e acadêmicas entravam em período de férias na capital, e aproveitando o período de recesso acadêmico de fim de ano, Amin teria viajado para Rio Branco, em Minas Gerais não somente para divulgar a campanha pela educação sexual entre os jovens, mas também em férias para visitar familiares. Em abril de 1937, o Boletim da CMPES já felicitava o seu representante pelo retorno à capital, e na mesma edição anunciava a composição oficial de sua primeira Diretoria, com o nome de Geraldo Amin no cargo de 1º Secretário, como observamos na imagem 28 abaixo.

Imagem 29 – Recorte do “Boletim da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual” de abril de 1937.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Abril de 1937)

Decorrido um ano de mandato da primeira Diretoria, em outubro de 1937 o Boletim da CMPES anunciava as eleições para a nova Diretoria da coligação, a qual caberia assumir a responsabilidade pelas atividades da organização durante o biênio de 1937-1939. Em novembro de 1937, compunham como novos membros da diretoria em seus respectivos cargos: o Presidente (reeleito), Evandro Collares Quitete; Vice-Presidente, Mori Ribeiro; 1º Secretário, Paulo de Azevedo Cunha; 2º Secretário, Carlos Alexandrino; Bibliotecária, Aracy Celina Barbosa; Redator-Chefe do órgão oficial, Nelson Ferreira. Para a Comissão Executiva foram escolhidos: Pedro Albuquerque, Elza Pinho, Dilson Avilla Thomé, Milton

Lobato, Carmen Portinho, Elizeu Bandeira, Fernando Torres, Carlos Carneiro, Amaro de Souza, Salin Mansur, Wilson Ferreira, João Salvador Sobral, Rubens Saldanha, Darcy Ramos, Miguel Lima e Osmar Geraldo de Freitas<sup>229</sup>.

Não podemos deixar de destacar que foi somente na segunda diretoria da CMPES que verificamos o nome de mulheres em algum cargo oficial dentro da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual. Vale ressaltar também que não localizamos na página do Boletim da CMPES nenhum artigo de autoria feminina. Constatamos a partir disso que apesar da Coligação anunciar que “[...] levamos de vencida um grande preconceito arraigado em muitos paizes – o de que as mulheres só devem ficar em casa quietinhas, alheias a todo movimento<sup>230</sup>”, se referindo a adesão da “União Universitaria Feminina” à campanha pela educação sexual, a CMPES ainda era uma organização predominantemente masculina.

No final de abril de 1937 ocorreu a primeira reunião pública da Coligação da Mocidade Pró-Educação Sexual para sessão de instalação dos trabalhos da organização para aquele ano. A sessão foi presidida pelo presidente da Coligação, Evandro Colares Quitete, além dele tomaram parte na mesa “o Dr. José de Albuquerque, “leader” da campanha de educação sexual no Brasil; os representantes do “Congresso Nacional de Estudantes”, “Sociedade Universitaria de Intercambio Cultural do Brasil”, “Sociedade Academica de Medicina e Cirurgia”, “Sociedade Literario do Collegio Militar” e “Gremio de Estudantes do Instituto Rabello”<sup>231</sup>.” Observamos na imagem 29 parte do público que assistiu a reunião naquela noite e que além da fala dos componentes da mesa, acompanharam a palestra do médico Jacy Rego Barros sobre o tema “O conceito da educação sexual”.

---

<sup>229</sup> COLLIGAÇÃO da Mocidade Pró Educação Sexual. **Jornal Diário de Notícias** (RJ), Ed. 3617, de 14 de novembro de 1937, p. 8.

<sup>230</sup> MOVIMENTO interno da Colligação. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 6, ano I. Maio de 1937.

<sup>231</sup> BOLETIM da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual. n. 7, ano I. Junho de 1937.

Imagem 30 – Recorte do registro fotográfico da primeira reunião pública da CMPES



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Junho de 1937).

A partir da edição de junho de 1937, o *Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual* passa a estampar em sua página como sendo uma “Sociedade Estudantil” filiada ao CBES, e não mais “Agremiação” filiada ao CBES. Na ocasião o redator-chefe do Boletim era Helio de Alcantara Avellar, permanecendo nesta posição até novembro de 1937, quando então assume novamente o cargo, o estudante Nelson Ferreira. Na edição de janeiro de 1938, o Boletim da CMPES volta a ser identificado como “agremiação” filiada ao CBES. E em fevereiro de 1938, a da mocidade pró-educação sexual publicou seu último Boletim.

Infelizmente, não localizamos em nossas fontes e arquivos o motivo ou alguma nota que justificasse o fim da publicação do Boletim da CMPES, apenas uma nota explicando que devido ao período de férias, a Coligação deixaria de publicar sua seção sobre as atividades internas e externas da organização, como observamos abaixo. Mas o restante da página não traz menção alguma sobre o fim da Coligação ou de seu Boletim, que a partir de fevereiro de 1938 deixou de ser publicado.

Imagem 31 – Última publicação do ‘Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual’.

FEVEREIRO DE 1938

BOLETIM DE EDUCAÇÃO SEXUAL

# Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual

(Agremiação filiada ao Círculo Brasileiro de Educação Sexual)

ANNO II — PUBLICAÇÃO MENSAL — N.º XIII

REDACÇÃO: ROSARIO, 172 — 2.º andar — TEL. 43-1272

REDACTOR-CHEFE: — NELSON FERREIRA

Devido ao período de férias da “Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual”, deixa de ser publicada no presente numero a materia correspondente ás actividades desta organização da juventude de nossa patria.

## A Educação Sexual “Premio José de Albuquerque”

**CONRADO R. FERRARI**

O premio José de Albuquerque, instituido pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual, constante de 1:000\$000 (um conto de réis) em dinheiro, será conferido em 20 de julho de cada anno ao melhor trabalho inédito, de autor brasileiro ou estrangeiro, sobre educação sexual, escripto em idioma nacional e que se inscreva a concurso obedecendo ás seguintes condições:

- Os trabalhos devem ser dactylographados em paginas de papel tamanho officio, guardando as linhas espaço 2, não podendo o numero de paginas ser inferior a 50 nem superior a 60.
- Os trabalhos devem ser assignados com pseudonymo estatico o nome do autor em envelope lacrado.
- Os trabalhos não premiados serão devolvidos, mantido o sigillo do anonymato.
- As inscrições devem ser feitas na secretaria do Círculo Brasileiro de Educação Sexual á rua do Rosario, 172, até ás 15 horas de 2.º dia de Maio de 1938, devendo o julgamento do concurso ser feito dentro do prazo de um mez decorrido da data de encerramento da inscrição.
- A commissão julgadora será composta de tres membros, todos technicos de notoria competencia no assumpto, sendo que o presidente da referida commissão deve ser o Presidente do C. B. E. S.
- O autor premiado perderá os direitos autorales da 1.ª edição que passará a pertencer ao Círculo Brasileiro de Educação Sexual que se obriga a mandar imprimir dentro do prazo de seis mezes ás suas expensas, uma edição que será de 2.000 exemplares, destinando-se 50 (cincoenta) ao autor para offertas: 1.500 (mil e quinhentos) para serem distribuidos pelo C. B. E. S., a todos os jornales e revistas brasileiras que constituem a sua redacção; 50 (cincoenta) para serem distribuidos ás Bibliotecas publicas dos diversos Estados da União; e 400 (quatrocentos) para serem offerecidos como brindes aos primeiros centros assignados do “Boletim de Educação Sexual”, que tomarem ou renovarem suas assignaturas, a partir da data da impressão.
- Exgotada a 1.ª edição o autor terá direito de fazer editar novas edições por conta propria ou transferir seus direitos autorales a terceiros, obrigando-se em qualquer das hypothese a declarar textualmente na capa e frontispicio: **PREMIO JOSE DE ALBUQUERQUE 1938**
- A directoria do C. B. E. S. tem poderes para deliberar sobre quaisquer assumptos relacionados ao concurso e que escaparem ás previsiones dessas normas basicas.

Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1937

A COMMISSAO

**“O LIVRO DE VISITAÇÕES”**

Com o titulo supra foi publicado em o BOLETIM de dezembro de 1937, um artigo que, por um descuido de paginação, saiu sem o nome de seu autor

Aparto-nos rectificar o erro, esclarecendo que o artigo em questão é de autoria do sr. Ignacio Torres do Nascimento, um collaborador quasi que assíduo da “Página de nossos Leitores”.

Gracias á perseverança heroica de um pugillo de homens patriotas, o problema da educação sexual entrou a ser encarado e discutido pela nossa gente.

Nasceu o movimento na Capital da Republica, onde já existe uma organização — a Cruzada da Educação Sexual — com seu orgão de propagação, museu, bibliotheca e salão de conferencias.

Como todos os grandes movimentos que contrariam o commodismo, a rotina, o preconceito, essa cruzada encontrou vehementes oppositores, que não pouparam sequer os apostolos que tomaram a si a espinhosa, mas salvadora tarefa de destruir o erro secular creado por uma educação religiosa estranha.

No Brasil reina a situação incrível dos paes abdicarem, por completo, de instruir os filhos no problema sexual.

A quasi totalidade assim procede, e o faz por ignorancia, por inadvertencia, victimas do preconceito, do falso pudor.

Ensinam-se ás crianças a hygiene corporal e a hygiene mental, e relega-se a mais importante — a hygiene sexual — que tem influencia decisiva sobre as outras duas.

A quasi totalidade dos jovens brasileiros aprende as coisas relativas ao sexo com os creados, ou nos gymnasios, com os collegas, e nas ruas, com os companheiros, uns e outros tantas vezes maliciosos, viçados, senão degenerados.

São, sem duvida, criminosos os paes que debarcam aos outros a tarefa de desvendar aos filhos os segredos da procreação. As crianças de ambos os sexos, mesmo antes da puberdade, devem ser paulatinamente, e nas occasiões opportunas, esclarecidas sobre os problemas sexuaes. O aprendizado se processa, então, sem malicia, com a mesma naturalidade com que se lhes ensina a escovar os dentes ou a cortar as unhas, evitando-se as surpresas tão prejudiciaes, mais tarde, quando entram no convivio dos outros jovens.

É lastimavel a percentagem de adolescentes criados ao léo, sob o ponto de vista da educação sexual. Quando se reúnem as palestras predilectas são sempre as que se relacionam com o sexo, mas entretidas com malicia, libidinosa, em vez de o ser com elevação de propósitos e intenções.

Qual a situação de um adolescente criado com recato, subtraído, até certa idade, do

**A LUTA CONTRA AS MOLESTIAS VENEREAS NO CHILE**

SANTIAGO DO CHILE, 21 (U. P.) — O Senado está criando os ultimos retoques ao projecto de lei que prescreve o tratamento obrigatorio das molestias venereas, bem como periodos de convalescencia para empregados assalariados, por determinação de juntas medicas.

O projecto voltará ainda logo á Camara para que esta determine os salarios a serem pagos durante a convalescencia.

—Nota da Redacção:— E está uma medida pela qual vem se batendo o “Círculo Brasileiro de Educação Sexual” desde a sua fundação. Oxala, o nosso prezado governo tome iniciativas eguaes a essa, porque terá a gratidão de uma raza inteira.

convivio de outras crianças, mas educado na completa ignorancia dos problemas do sexo, quando ingressa, de repente, nessa vida?

Podeis avaliar a responsabilidade dos paes que assim conduzem os filhos. Podeis tambem avaliar o effeito de desastro de um desvendar abrupto e corrompido dessa função vital.

Ao contrario, aquelle que haja sido iniciado desde cedo nos mysterios da procreação “criou-se” familiarizado com elles, de modo que repellirá, instinctivamente, a convivencia dos devassos, existentes, infelizmente, em grande numero.

A educação sexual é tão necessaria e importante como o alimento que se dá ás crianças. Deixa depende o futuro da nossa raza. Avancem os brasileiros esclarecidos e patriotas, para secundar aquelles que tomaram sobre os hombros a tarefa grandiosa de destruir um erro que é o maior responsavel pela desgraça de milhares de condemnados que se acham atrádos aos hospitales, presídios e manicomios.

Os espiritas, especialmente, que, pela natureza da doutrina que abraçaram, combatem o erro e o preconceito futil, devem formar na primeira linha da grande cruzada.

**CONRADO R. FERRARI**  
(Transcripto do “Jornal Espirita”, de Porto Alegre (R. G. do Sul), de 1.º de dezembro de 1938.)

Revela-se as verdades sexuaes, somente a partir da puberdade, depois de se as haver deturpado na infancia, é tão ignominiosa tarefa, quanto o se pretender desentortar o tronco de uma arvore, que propositadamente se entortou.

Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. de Fevereiro de 1938).

Constatamos durante a pesquisa que o CBES recebeu o apoio de muitos jovens no seu período de campanha, e que José de Albuquerque era visto por esses jovens como o grande líder da educação sexual no país, constantemente requisitado por estudantes em suas instituições de ensino para se pronunciar sobre os temas relacionados as questões sexuais.

Esses jovens demonstravam-se abertos a ouvir, aprender e divulgar, dentro de suas condições, sobre a campanha pela educação sexual empreendida por José de Albuquerque e o CBES.

Mas será que essa campanha ocorreu sem nenhuma resistência? Certamente não. Veremos no tópico a seguir alguns dos antagonistas que publicaram críticas negativas na imprensa nacional sobre a campanha pela educação sexual de José de Albuquerque e do Círculo Brasileiro de Educação Sexual.

### 2.3 ANTAGONISTAS DO MOVIMENTO PELA EDUCAÇÃO SEXUAL NA IMPRENSA

Sabemos que a imprensa foi uma forte aliada da campanha empreendida por Albuquerque e pelo CBES, “Foi, a bem dizer, quase toda imprensa brasileira que se levantou de uma só vez a sacudir a opinião pública brasileira do pó com que o preconceito tinha anuviado a mentalidade de nossa gente<sup>232</sup>”. Vimos anteriormente como o CBES conseguiu reunir um Circuito Jornalístico favorável a campanha pela educação sexual. Tais jornais disponibilizavam suas colunas para as publicações de artigos sobre questões sexuais a serviço do Círculo e de José de Albuquerque.

Todo esse empreendimento em prol da educação sexual no país encontrou muitos apoiadores, entretanto não ocorreu sem resistência. Relata Albuquerque que a criação de uma instituição que defendesse a educação sexual no país foi uma iniciativa que enfrentou dificuldades e muitas críticas. Alguns jornais do período “abriram de par em par suas colunas para agasalhar as polêmicas que então se feriram<sup>233</sup>”. Sobre a campanha pela educação sexual e seus antagonistas, dizia Albuquerque:

É preciso que se consigne que o trabalho em que nos empenhamos não foi o de um exército que marcha nas largas avenidas de uma metrópole, em parada cívica, num dia de festa nacional, mas o daquele que se apresenta para as marchas forçadas dos grandes combatentes no teatro da guerra, pois os nossos adversários, logo que se refizeram do susto inicial que nossa investida guerreira lhes causou, saíram dos subterrâneos de suas fortalezas de papelão e, por detrás de suas seteiras, entraram a desferir contra nós suas flechas envenenadas. Envenenadas é bem o termo, porque elas traziam suas pontas impregnadas de toda sorte de injúrias, diatribes, mentiras e infâmias contra as

---

<sup>232</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a educação sexual. *Op. Cit.*, p. 161.

<sup>233</sup> *Ibid.* p. 162.

peças dos que dirigem o movimento e, sobretudo, contra a do seu idealizador e seu líder<sup>234</sup>.

Tão logo o Círculo Brasileiro de Educação Sexual foi fundado, surgiram na imprensa, especialmente em jornais católicos conservadores, os primeiros artigos criticando a instituição.

Sabemos que a imprensa da primeira metade do século XX também passa a ser um importante veículo de divulgação dos discursos católicos, reafirmando e divulgando o catolicismo no país. Os idealizadores dessa “boa imprensa” denunciavam a existência de “duas faces” dos discursos estampados pelos jornais: quando apresentada enquanto veículo de comunicação dos preceitos religiosos da Igreja Católica era “benéfico”, porém, quando apresentavam ideias divergentes sobre “as verdades católicas” ou mesmo posições neutras, eram “maléficas” aos leitores<sup>235</sup>. A “boa imprensa” católica passava então a expor os perigos a que seus leitores e a população de um modo geral, estavam expostos quando em contato com a “má imprensa”, e dessa forma denunciavam e criticavam qualquer ideologia que se “desviasse” dos pressupostos católicos.

Localizamos em alguns desses jornais da “boa imprensa” denúncias e críticas direcionadas especificadamente ao CBES, a José de Albuquerque, seus seguidores e a toda campanha empreendida pela instituição e seu idealizador.

Poucos meses após a criação do CBES o jornal *O Apóstolo*<sup>236</sup>, de Florianópolis, Santa Catarina, lançou em suas colunas um artigo intitulado “Os Cavaleiros Apocalípticos”<sup>237</sup>. O referido artigo faz menção à visão do apóstolo João sobre a vinda dos quatro cavaleiros do apocalipse, destacando a chegada do 1º cavaleiro: “Este primeiro Espírito mau do nosso século é aquela ética que, com a auréola da ciência e a corôa da objetividade sem preconceitos avança para “vencer”, para triunfar no mundo”. Na sequência, o artigo vai criticar um trecho do discurso proferido por José de Albuquerque na ocasião da fundação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, quando o médico mencionava as ações e as propostas da instituição. Para finalizar, o jornal refere-se aos defensores da campanha como sendo a “corte” do primeiro cavaleiro apocalíptico, e alerta as pessoas para o chamado desses “emancipados da pudicícia”, “que falsifica as normas da moral, que chamam direito o que é torto”. Sobre o discurso de Albuquerque, *O Apóstolo* publicou:

---

<sup>234</sup> *Ibid.*

<sup>235</sup> PAULA, Andressa. A Revista *A Cruzada* e a “boa imprensa” católica no Paraná (1926 – 1931). 2017. 127f. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR.

<sup>236</sup> Cf. Para saber mais sobre as ideias propagadas pelo jornal “O Apóstolo”: RIBAS, Ana Claudia. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal *O Apóstolo* (1929-1959). **Rev. Espaço Plural**, v. XII, n. 24, 1º semestre de 2011.

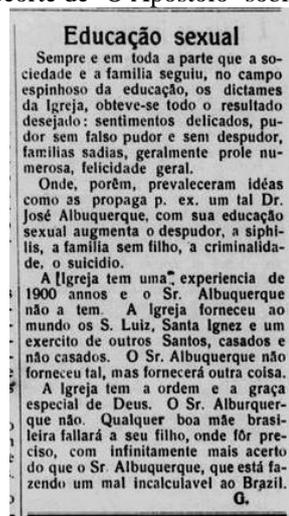
<sup>237</sup> OS Cavaleiros Apocalípticos. **O Apóstolo**, ano V, ed. 82 de 15 de novembro de 1933.

Os propagandistas da nova ética e da falsa “Educação sexual” pedem dos seus adéto o obsequio: “Acalmae os espíritos que se acham apreensivos e temerosos com a fundação do Circulo, e dizei-lhes que o Circulo Brasileiro de Educação sexual, não tocará nem em seu boletim pela pena de seus relatores ..... em nenhum assunto que possa ofender a falsa pudicícia de nosso povo, sinão depois que se operar a renovação, essa que esperamos não estará longe de ser conseguida, por que dia a dia, se evolua a corte de espíritos emancipados que aderem á nossa causa!”....

Ouvimos bem? Não queremos ofender a “falsa pudicícia”, mas querem preparar-nos, renovar – como dizem – e depois, a coorte dos espíritos emancipados há de vencer a pudicícia do nosso povo!<sup>238</sup>

Localizamos ainda em *O Apóstolo* um exemplo de como o mecanismo de discurso da “boa imprensa” se apresentava apontando e comparando quem julgavam “opositores” da moral cristã. No recorte abaixo, observamos uma pequena nota mencionando especificadamente o nome de José de Albuquerque e apontando o “mal incalculável” que sua propaganda sobre educação sexual vinha causando ao Brasil, acusando-o de inexperiente para abordar tais assuntos se comparado a Igreja Católica, que segundo o jornal possuía uma “experiência de 1900 anos”.

Imagem 32 – Recorte de ‘O Apóstolo’ sobre educação sexual



Fonte: Jornal “O Apóstolo”. Ano VI, ed. 101, de 1 de setembro de 1934

Observamos no recorte uma comparação entre a igreja católica que de acordo com o texto educa a família para a “moralidade cristã e sadia”, enquanto a educação sexual defendida José de Albuquerque é apontada pelo jornal como “imoral”, causadora de doenças, transgressora e prejudicial a família e a sociedade.

<sup>238</sup> *Ibid.*

Ainda sobre a fundação do CBES, localizamos no jornal *A Cruz*<sup>239</sup>, da capital Rio de Janeiro, um artigo<sup>240</sup> condenando os jornais que noticiaram e enalteceram a criação de uma instituição como o Círculo de Educação Sexual, além de acusar a organização e seus idealizadores de utilizar a ciência para corromper os preceitos morais e religiosos. Sobre a fundação do CBES, o artigo de *A Cruz* registra o seguinte:

A imprensa do Rio, que está bem longe de se guiar por princípios severos de moral, e a imprensa do interior, que publica tudo, sem exame e sem critério, noticiam a instalação da nova sociedade com expressões elogiosas, enaltecendo os seus fins e glorificando os seus fundadores. Entretanto [...] a nova agremiação não merece em absoluto o apoio publico, pois não passa de uma audaciosa investida contra os princípios de recato e pudor que até agora têm regido a sociedade brasileira, conservando-a no pedestal de honra e dignidade em que a colocaram os nossos antepassados. Poderão dizer que é obra da ciencia, estando á sua frente medicos e professores de nomeada. Será obre de ciencia naturalista, de homens que nada enxergam além da matéria. É ciencia ao serviço da corrupção. Nada mais. O que se disser em contrario, achincalhando a velha moral cristã, é fruto de hipocrisia ou de lamentavel cegueira<sup>241</sup>.

Posicionando-se ainda sobre as orientações da Igreja em relação às questões sexuais, o jornal *A Cruz* escreve que não é a favor da educação sexual pública, isto é, a educação coletiva através de conferências, cursos ou através da imprensa, sendo preferível segundo ela um ensino individual, em “momentos oportunos” e realizada por pessoas que possuíssem “autoridade e critério” para proceder com tais ensinamentos. Entretanto o artigo não revela quais são esses “momentos oportunos”, nem quem são as “autoridades” para tratar desses assuntos ou o critério que as qualifica para tal.

Por fim, citando diretamente o nome de José de Albuquerque, o artigo critica a iniciativa de promover uma campanha em prol da educação sexual, repetindo o discurso da “boa imprensa” de alertar “as pessoas sensatas e católicas” sobre o perigo de uma educação sexual anticlerical, “naturalista e livresca”:

As rápidas considerações que acabamos de fazer são suficientes para mostrar que a iniciativa do sr. José de Albuquerque foi infeliz e não merece as simpatias das pessoas sensatas e catolicas. Combate-la é um dever de todo o brasileiro que não queira ver a ruina total do pudor em nossa Patria<sup>242</sup>.

<sup>239</sup> Órgão de imprensa da Paróquia de São João Batista, em Botafogo, Rio de Janeiro (RJ) publicado pela primeira vez em 21 de setembro de 1919.

<sup>240</sup> A ciência a serviço da corrupção – em torno da educação sexual. Artigo extraído do jornal “Semana Religiosa”, de Pouso Alegre, Minas Gerais. **Jornal “A Cruz”**. Ed. 44 de 29 de outubro de 1933, p. 4.

<sup>241</sup> *Ibid.*

<sup>242</sup> *Ibid.*

Ressaltamos que essas críticas partiam de jornais fundamentalmente católicos. É importante e necessário ressaltar essa questão uma vez que Albuquerque defendia-se de tais críticas argumentando em diversos momentos que a campanha pela educação sexual do CBES não atentava contra a Igreja Católica e nenhuma religião. Em um artigo publicado em setembro de 1933<sup>243</sup>, Albuquerque chega até mesmo a citar o discurso de um cardeal e arcebispo de Paris na ocasião de sua participação no “VII Congresso Nacional da Associação do Casamento Cristão”, quando o referido religioso defende a educação sexual realizada com “iniciações claras, feitas com tacto necessário”, e não “fechado a todo progresso pedagógico e mesmo científico”. Albuquerque, ao defender que a Igreja Católica Romana não combate a educação sexual, justifica-se no artigo:

Si os seus pontos de vista fossem contrários aos pontos de vista da Igreja, o cardeal Verdier não seria elevado a tão alta dignidade eclesiástica, porque a Igreja não haveria de arriscar a estabilidade de suas doutrinas, entregando a purpura cardinalícia a quem anteriormente já houvera dado prova de não estar em condições de recebê-la.

A Igreja, por conseguinte, como se vê deste simples facto, não combate a educação sexual; antes, a promove<sup>244</sup>.

Para José de Albuquerque a boa compreensão da educação sexual é de certo modo, uma tarefa complementar da Igreja e de todas as correntes espiritualistas, possuindo uma “[...] finalidade altamente moral e impregnada de um alto sentido de espiritualidade<sup>245</sup>”. Embora encontre críticas e resistências, localizamos momentos em que a campanha pela educação sexual consegue adentrar em espaços religiosos, quando por exemplo, em meados de 1935, José de Albuquerque foi convidado pelo Reverendo Euclides Deslandes, da Igreja da Trindade, no Meyer (Rio de Janeiro), para proferir uma conferência na Casa Paroquial sobre educação sexual aos jovens (de ambos os sexos), pais e demais convidados da Liga de Jovens da Igreja da Trindade. Convite esse, aceito por Albuquerque, e utilizado posteriormente como propaganda pelo CBES com o título de “A Educação Sexual nos arraiaes religiosos”.

---

<sup>243</sup> ALBUQUERQUE, José. Igreja Romana não combate a educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**, ano I, n. 1. Setembro de 1933, p. 4.

<sup>244</sup> *Ibid.*

<sup>245</sup> ALBUQUERQUE, José. Educação sexual e espiritualidade. In: O sexo em face do indivíduo, da família e da sociedade. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Educação Sexual, 1936. p. 53.

Imagem 33 – Aspecto da mesa que dirigiu os trabalhos na Casa Paroquial da Igreja da Trindade



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Agosto de 1935).

Não tardou para que a “boa imprensa” se manifestasse a respeito dessa conferência de José de Albuquerque. Em outubro de 1935, o jornal *A Cruz* publica uma nota questionando o fato de alguns jornais do interior terem noticiado em suas colunas que José de Albuquerque havia sido convidado pelo “reverendo” da “Igreja Trindade” para realizar uma conferência na Casa Paroquial. O que a nota vai contestar é o fato do Círculo Brasileiro de Educação Sexual não mencionar que tal Igreja, na realidade é protestante.

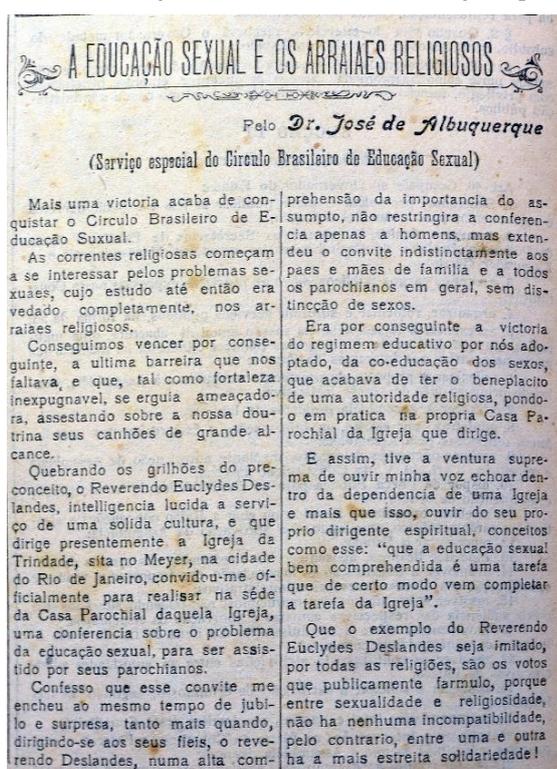
Saibam todos que o “reverendo Euclides Deslandes”, mencionado naquela notícia, é uma pastor protestante e que a “Igreja” é um templo protestante. Isto é de capital importancia, pois a notícia não desce a minucias tais, talvez, por conveniência do Circulo de Educação Sexual, afim de (quem sabe?) lançar um pouco de confusão no cérebro dos catolicos do interior. Estes, aliás, já nos endereçaram muitas cartas, naturalmente pasmados, tudo porque a notícia publicada não tem a necessaria claresa<sup>246</sup>.

Para o jornal *A Cruz*, a atitude do CBES de não esclarecer que não se tratava de uma igreja católica causou confusão entre os católicos, afinal, segundo o referido jornal, “A Igreja de Cristo há de sempre combater a educação sexual nas bases preconizadas pelo dito Circulo”, porque entendia-se que tal campanha estava em divergência com os princípios morais da igreja católica, incentivando e consequentemente agravando o “desquilíbrio moral” das famílias e da sociedade brasileira.

<sup>246</sup> JORNAL A Cruz. Edição 41, de 13 de outubro de 1935, p. 3.

De fato, José de Albuquerque não menciona nos artigos encaminhados aos jornais do Circuito Jornalístico do CBES que tal conferência ocorreu em uma igreja “protestante” a convite de um “pastor protestante”, como podemos constatar na imagem 33 em um artigo publicado pelo Jornal *O Comércio*, de Porto União (SC). Albuquerque limita-se a dizer que a atitude do reverendo Deslandes é um exemplo de avanço no que diz respeito às **correntes religiosas** [grifo nosso] impostas sobre as questões sexuais, e que tal atitude deveria ser imitada “por todas as religiões”.

Imagem 34 – Recorte do jornal ‘O Comércio’ a Serviço Especial do CBES



Fonte: Jornal “O Comércio”, Ed. 114, de 10 de outubro de 1935.

Protestante ou não, a questão é que a tal conferência na Igreja da Trindade é divulgada enquanto ocorrendo num ambiente “religioso” e não necessariamente relacionada à igreja católica ou protestante. Logo, a crítica de *A Cruz* se mostra tanto em relação à campanha pela educação sexual, quanto ao preconceito em relação a corrente protestante. Constatamos também que as críticas à campanha do CBES e a José de Albuquerque partiam especialmente de defensores da igreja católica, mas encontravam, ao mesmo tempo, apoio em outras correntes religiosas que não diretamente ligadas ao catolicismo.

Em contrapartida a essas críticas, José de Albuquerque seguia obstinado em defender que a educação sexual a qual pregava de modo algum era imoral, muito menos se

posicionava contra os ensinamentos da Igreja. Na realidade, o médico buscava sempre que possível distanciar a educação sexual e o CBES de qualquer religião ou partido político, o que possivelmente justificaria o fato de não mencionar ou defender uma ou outra corrente religiosa, referindo-se a elas no plural (correntes religiosas; religiões) ou de maneira neutra (religiosidade; espiritualidade).

Ao analisarmos as respostas de José de Albuquerque aos seus antagonistas, identificamos em seus discursos dois padrões de resposta às críticas que recebia. A primeira era através da escrita e publicação de artigos argumentando, defendendo e posicionando-se a respeito dos temas relacionados às questões sexuais, porém sem mencionar diretamente os jornais contrários à sua ideologia ou os nomes dos seus críticos, isto é, ele expunha as críticas de modo geral, mas não sua origem e autoria. Por exemplo, em uma publicação de 1934 no *Boletim de Educação Sexual*, Albuquerque agradece o apoio recebido da imprensa brasileira, e menciona algumas críticas e acusações que sua campanha vinha recebendo, tais como:

Não faltou quem nos accusasse de estarmos pagando a peso de bom ouro toda publicidade feita por intermedio dos jornaes brasileiros, ouro esse, que nos era remetido por capitalistas americanos, porque nossa campanha era de fundo puramente comercial, com intuitos exclusivamente mercantis.

Não faltou ainda quem assacassee contra nós a injuria de estarmos recebendo uma subvenção do Governo dos Soviets, para pregarmos em nosso paiz, idéas que de certa fôrma preparariam o terreno á implantação do communismo no Brasil.

Não faltou tampouco quem asseverasse que a nossa campanha era de fundo religioso, e que estávamos a soldo de todas as correntes anti-clericaes, para combatermos a religião catholica.

Finalmente houve ainda quem dissesse que somente os jornaesinhos do interior, onde há falta de colaboradores, é que publicavam nossas collaborações e que os jornaes das grandes capitaes, somente davam atenção á nossa campanha, nos dias em que havia falta de materia ou quando os interesses da paginação o exigiam, para preencher um claro [?], num rodapé da columna<sup>247</sup>.

Sabemos que Albuquerque cobria as despesas do Círculo Brasileiro de Educação Sexual com dinheiro de sua herança pessoal, mas não identificamos nenhuma outra forma de pagamento ou doação estrangeira para a campanha pela educação sexual no Brasil. Não localizamos a origem do “boato” sobre o suposto financiamento americano a campanha do CBES no país. Sobre o fato da campanha “combater a religião católica”, como vimos nas

---

<sup>247</sup> ALBUQUERQUE, José. A Educação Sexual e o apoio da imprensa. *Boletim de Educação Sexual*. Edição de Julho de 1934, ano II, n. 4, p. 3.

críticas anteriores, isso se estabeleceu através chamada “boa imprensa”, que condenava toda e qualquer publicação que não correspondesse aos ideais do clero católico. Vimos ainda nesses mesmos jornais da “boa imprensa”, a crítica aos órgãos de imprensa da capital e do interior que divulgavam em suas colunas as ações e os ideais defendidos pelo Círculo de Educação Sexual e por José de Albuquerque. Não localizamos fontes que indicassem que José de Albuquerque ou mesmo o CBES mantinham relações com o governo soviético ou mesmo contatos com o movimento comunista no Brasil. Localizamos justamente o contrário, artigos de Albuquerque condenando o comunismo, julgando-o juntamente ao integralismo como extremismos políticos de esquerda e de direita. Frequentemente o médico apontava tais “extremismos” como prejudiciais à sociedade, comemorando a decadência de ambas correntes políticas no país:

Destruindo integralmente o integralismo depois da destruição do comunismo em nossa patria, póde o Brasil agora caminhar mais celere na estrada que o levará á méta suprema de seu destino historico e na qual sempre no encontrará, como nos tem encontrado, para, de peito descoberto e de viseira erguida, trabalharmos pela nacionalidade [...] <sup>248</sup>

Como destacam Carrara e Carvalho, “Ao longo dos anos 30, torna-se ainda mais evidente a posição das elites católicas e de grupos integralistas emergentes, prontos a verem na educação sexual uma prática de “comunistas” empenhados em promover a dissolução dos costumes e da família<sup>249</sup>”. José de Albuquerque sempre que possível defendia-se das acusações de comunista ou materialista que lhe dirigiam os católicos do período. A exemplo disso localizamos uma crítica de Tristão de Athayde<sup>250</sup>, publicada em *O Jornal*. Nela, seu autor aponta os perigos e as modalidades de um “bolchevismo intelectual” que acabaria com a sociedade tal como ela era, e nessa “nova ordem” a família seria dissolvida bem como todos os valores cristãos. Era importante portanto, segundo o colunista, combater e resistir a “degeneração da cultura”. Nesse contexto ele aponta algumas ideologias que precisavam ser combatidas, e entre elas a da “eugenia ou sexologia materialista”, para Athayde representada pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual<sup>251</sup>.

---

<sup>248</sup> ALBUQUERQUE, José. A Margem... Integralismo, comunismo e educação sexual. **Boletim de Educação Sexual**, Edição de Maio/Junho de 1928, ano VI, n. 43, p. 1.

<sup>249</sup> CARRARA, Sérgio (org.). Apresentação. *Op. cit.*, p. 16

<sup>250</sup> Pseudônimo utilizado por Alceu Amoroso Lima. Cf. SESC. Coletânea Ciclo – Tristão de Athayde / Alceu Amoroso Lima. São Paulo: SESC-SP, 2017.

<sup>251</sup> ATHAYDE, Tristão de. O Bolchevismo Intelectual - Letras Estrangeiras. **O Jornal**, ano XV, n. 4350, 24 de dezembro de 1933. p. 4.

Não foi o único “ataque” proferido ao CBES ou a José de Albuquerque, pois *O Jornal* mantinha uma coluna paga pelo Centro Don Vital<sup>252</sup>, a “Columna do Centro”, e nela Tristão de Athayde, entre outros nomes, figurava como o principal colunista. Em meados de novembro de 1935, Tristão de Athayde e Perillo Gomes publicam na referida coluna, críticas a um evento promovido pelo CBES, ao juramento proferido pelos integrantes do Círculo e a toda campanha empreendida pela organização em prol da educação sexual no país. Da referida coluna extraímos trechos como:

Lendo – nos muros desta pobre “cidade maravilhosa”, que se vae convertendo, dia a dia, de “mui heroica e leal”, que fora outr’ora, em mui jogadora, desnuda e leviana, - lendo o annuncio do “dia do sexo” e do “hymno á educação sexual” (sic) e do “poema symphonico óde ao sexo” (sic) fiquei meditando, mais uma vez, na gratidão que devemos ao velho Renan, por aquella phase, com que resgatou alguns de seus pecados: “Nada nos dá uma idéa tão perfeita do infinito como a imbecilidade humana.” Será forte o termo, mas é muito verdadeiro e providencial para ajudar-nos a apanhar de novo a alma, nos momentos em que ella nos cae aos pés. [...]  
A educação sexual é, realmente, a flor do “humour” de todos os tempos.<sup>253</sup>

Os leitores desta “Columna” já estão ao corrente de que uma das muitas associações com que demonstramos nosso gênio inventivo, promoveu para esta semana a celebração de um dia consagrado ao sexo. Até há pouco tempo, vivíamos despercebidos de que possuir um sexo fosse algo digno de nota, menos ainda motivo para celebridade. Já agora, porém, depois que se fundou entre nós o Circulo Brasileiro de Educação Sexual, torna-se imperdoável que permaneçamos em tão triste ignorância. Estamos no dever de aceitar que sobre os órgãos da procriação se pôde levantar uma doutrina, formar com eles uma ideologia que não se presume picaresca.<sup>254</sup>

José de Albuquerque menciona em sua autobiografia o nome de Tristão de Athayde enquanto um de seus grandes antagonistas<sup>255</sup>. Identificamos através disso, o segundo padrão de resposta de Albuquerque às críticas que recebia: quando o médico vinha a público, dirigindo-se especificadamente a algum crítico, mencionando seus nomes, como foi o caso por exemplo, de uma carta aberta dirigida a Tristão de Athayde e Perillo Gomes, na ocasião das críticas mencionadas acima publicadas na “Columna do Centro”.

<sup>252</sup> Associação Civil para estudo, discussão e apostolado, subordinada à Igreja Católica, fundada em maio de 1922 no Rio de Janeiro por Jackson de Figueiredo. Funcionando sob a supervisão de autoridades eclesíásticas, o Centro Don Vital possuía um caráter elitista, cujo objetivo principal era atrair para a Igreja elementos da intelectualidade do país e formar uma “nova geração de intelectuais católicos”

<sup>253</sup> ATHAYDE, Tristão de. A flor do “humour” – Columna do Centro. *O Jornal*, ed. 5033, de 17 de novembro de 1935. p. 3 e p. 9.

<sup>254</sup> GOMES, Perillo. O “dia do sexo” – Columna do Centro. *O Jornal*, ed. 5036 de 21 de novembro de 1935. p. 3.

<sup>255</sup> ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com a educação sexual. *Op. cit.* p. 162.

Imagem 35 – Carta Aberta a Tristão de Athayde e Perillo Gomes

**A PEDIDOS**

**Carta aberta do dr. José de Albuquerque aos srs. Tristão de Athayde e Perillo Gomes**

Prezados patricios.

Pela presente convido v.v. s.s. a determinarem local, dia e hora para que nos defrontemos, num duello tribunicio, afim de v.v. s.s. provarem, em publico, todas as acusações até hoje formuladas covardemente contra mim e contra a campanha da educação sexual, que se fere no Brasil e que, com muita honra, venho dirigindo.

Dado o interesse que certamente o assumpto despertará, exijo amplitude de local, para isso me promptificando a installar ás minhas custas microphones e alto-falantes para que as nossas palavras possam ser devidamente ouvidas.

Se v.v. s.s. se recusarem a aceitar a proposta que desassombadamente lhes formulo como homem que sabe encarar de frente as situações, armado de argumentos e inspirado na verdade, dar-mo-ão direito a que faça de ambos o juizo de covardes Moraes.

Se eu estiver em erro, prometto-lhes dar por encerrada a campanha da educação sexual, esperando, em caso contrario, procedimento identico de v.v. s.s. quanto á campanha de descredito que v.v. s.s. vêm movendo contra mim e contra a educação sexual da fórma pela qual vem sendo conduzida no Brasil .

Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1935.

**DR. JOSE' DE ALBUQUERQUE**

Fonte: “O Jornal”, Ed. 5041, de 27 de novembro de 1935.

Na referida carta, Albuquerque convida seus “rivais” para um debate público para que fossem apresentadas provas das acusações feitas contra ele e sua campanha pela educação sexual. Caso a oferta não fosse aceita, o médico tomaria a negativa como sinal de covardia de Tristão e Perillo de encará-lo pessoalmente em uma tribuna.

Nos dias que se seguiram à publicação da carta aberta, nenhum dos dois opositores convocados por José de Albuquerque se manifestaram em resposta, não de forma direta ao menos. Mas na edição seguinte à publicação da carta aberta, a “Columna do Centro” publicou um artigo assinado por Heitor da Silva Costa, no qual expõe que o debate em tribuna (tal qual Albuquerque propunha), não era algo útil para manifestar opiniões, servindo apenas como espetáculo:

Seja este tecnico ou profissional, seja ecletico, como o grande publico, o debate, assim estabelecido, não produz nenhum resultado apreciável, sendo facilmente transformado em circulo de espetaculo, com toda sorte de excitações próprias para perturbarem a serenidade de exposição de theses controversas e para maior gaudio do auditorio que intervem com apartes, risos galhofeiros, degenerando tudo em “polvorosa” com apitos, ataques hystericos, pancadaria e intervenção da policia<sup>256</sup>.

<sup>256</sup> COSTA, Heitor da Silva. Tribuna Livre – Columna do Centro. **O Jornal**, ed. 5042 de 28 de novembro de 1935.

Costa prossegue argumentando que o Centro Dom Vital, reconhecendo a inutilidade de tais debates, optou por manter a “autoridade tribunícia”, ou seja, um espaço livre de debate, sem confrontos intelectuais, alegando ainda que convocações para tais debates são ineficientes e não passam de palco para exibicionismo.

Uma vez que não obteve uma resposta direta de seus impugnadores, José de Albuquerque optou por dar satisfação ao público através de uma nova carta, e novamente citando os nomes de Tristão de Athayde e Perillo Gomes.

Imagem 36 – José de Albuquerque ao público

**A PEDIDOS**

**O DR. JOSE' DE ALBUQUERQUE  
AO PUBLICO**

Os srs. Tristão de Athayde e Perillo Gomes estão atemorizados. Minha carta-aberta, a elles dirigida, em 23 do corrente, não admittia outra attitude por parte de ambos, senão a resposta pessoal, e nunca insinuações covardes em artigos, assignados por terceiros, pretendendo justificar a fuga.

Meu intuito ao propor-lhes o “duello tribunicio” não foi esclarecer pontos de doutrina, porque para isso lhes fallece competencia, mas tão sómente obrigar-os a “provar em publico, todas as accusações até hoje formuladas covardemente contra mim e contra a campanha da educação sexual, que se fere no Brasil e que com muita honra, venho dirigindo”.

Foi por conseguinte uma verdadeira acareação publica, que exigi a dois individuos que tiveram o despudor de, publicamente, faltar com a verdade.

Quem não mente não foge da arena da luta, nos momentos em que as provas do que affirmaram são exigidas de forma peremptoria. Se os meus accusadores fogem é porque mentiram e quem mente, antes de faltar com o respeito a quem quer que seja, falta com o respeito a si mesmo, á sua propria dignidade moral.

E quem não sabe se respeitar a si mesmo a unica recompensa que deve merecer de nós outros é o desprezo, e este, elles o terão de minha parte d'óra avante.

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1935.

**DR. JOSE' DE ALBUQUERQUE.**

Fonte: “O Jornal”, Ed. 5044, de 30 de novembro de 1935.

Observamos através da publicação de José de Albuquerque ao público, que o texto de Heitor da Silva Costa foi entendido como a recusa e justificativa de seus opositores de enfrentá-lo em um “duelo tribunício”, uma vez que os mesmos, para Albuquerque, apenas proferem mentiras contra sua campanha e sendo assim, se não tem a coragem de vir a público provar o que falam, a única coisa que merecem é o seu desprezo. E assim o fez. Depois de tal publicação, não localizamos nas fontes nenhuma resposta de Albuquerque dirigida a Athayde ou Perillo, embora eventualmente, eles continuassem a publicar críticas

negativas na imprensa sobre a campanha pela educação sexual, o CBES e seu idealizador<sup>257</sup>. Vamos encontrar ao longo da década de 1940 outras críticas dirigidas a Albuquerque e sua campanha publicadas em outros órgãos de imprensa brasileiros, mas que não cabem ao recorte temporal delimitado para a presente pesquisa, portanto, optamos por não analisá-las no texto<sup>258</sup>.

Mesmo em meio às críticas, José de Albuquerque deu continuidade através do Círculo Brasileiro de Educação Sexual a sua campanha em prol da educação sexual no país, promovendo diferentes ações de divulgação em diferentes meios de comunicação. Analisaremos no próximo capítulo como Albuquerque e o CBES buscaram difundir a educação sexual entre a sociedade brasileira através de várias frentes como a imprensa periódica, o rádio, eventos populares, conferências, cinema, museu e exposições entre outros.

---

<sup>257</sup> Cf. ATHAYDE, Tristão de. *Semana Tragica – Columna do Centro*. In. O Jornal, ed. 5045 de 1 de dezembro de 1935. Cf. GOMES, Perillo. *Educação Sexual – Columna do Centro*. In. O Jornal, ed. 5331 de 31 de outubro de 1936. Cf. ATHAYDE, Tristão de. *Agua envenenada – Columna do Centro*. In. O Jornal, ed. 5350, e3 22 de novembro de 1936. Cf. GOMES, Perillo. *A campanha pela educação sexual*. In. O Jornal, ed. 5392, de 12 de janeiro de 1937.

<sup>258</sup> Tais críticas podem ser localizadas nos jornais “A Ordem”, de Natal (RN), ed. 1749, de 5 de agosto de 1941 e “Staffeta Riograndense”, de Garibaldi (RS), edições 24 e 25, de 11 de junho de 1941 e edição 33, de 13 de agosto de 1941. Respostas as críticas publicadas no “Staffeta” podem ser lidas no jornal “A Época” de Caxias (RS), ed. 136, e ed. 142.

### 3. ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

#### 3.1 O BOLETIM DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Desde o início de sua campanha pela educação sexual, José de Albuquerque via na imprensa periódica uma grande aliada. Assim, ao longo da década de 1930 o jornal se transformou em uma importante ferramenta de divulgação dos ideais defendidos pelo sexologista e seu Círculo Brasileiro de Educação Sexual.

Após a fundação do CBES, a instituição anunciou a criação de seu órgão oficial de imprensa, o chamado *Boletim de Educação Sexual*. Enquanto canal de imprensa oficial do CBES, o Boletim seguia as mesmas diretrizes defendidas pela instituição e seu fundador. Dentre elas destacamos a necessidade de propagar as ideias e a campanha pela educação sexual e demais problemas relacionados às questões sexuais no país, a necessidade de combater o preconceito em torno da temática vista por muitos opositores da campanha como algo imoral, e a necessidade de esclarecer sobre tais assuntos fundamentados à luz da ciência.

Imagem 37 – Fatores de criação do ‘Boletim de Educação Sexual’



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Setembro de 1933).

Enquanto jornal que pretendeu ser lido pelo maior número possível de pessoas nas mais diversas regiões do país, o *Boletim de Educação Sexual* definia-se não como um órgão de imprensa luxuoso e elegante, mas como um “[...] agitador e difusor de idéas, no domínio da materia que tomou para seu campo de acção”<sup>259</sup>, tendo como objetivo maior incitar e difundir a educação sexual na mentalidade da população brasileira.

Fundado e dirigido por Albuquerque, passaram pela secretaria e gerência do *Boletim de Educação Sexual* diversos outros membros do CBES<sup>260</sup>. Durante sete anos consecutivos entre 1933 e 1939, o *Boletim* foi impresso em formato tabloide, inicialmente com quatro páginas<sup>261</sup> e posteriormente com oito<sup>262</sup>, nas oficinas do vespertino carioca *Vanguarda*, de Oséias Mota<sup>263</sup>. Era distribuído gratuitamente para qualquer região do país desde que os interessados encaminhassem uma solicitação por escrito à Redação do jornal.

Imagem 38 – Flagrante do transporte de edições do ‘Boletim de Educação Sexual’ das oficinas tipográficas da ‘Vanguarda’ para a sede do CBES (1934)



Fonte: *Boletim de Educação Sexual* (Ed. Novembro de 1934).

<sup>259</sup> O que é o “Boletim de Educação Sexual”. *Boletim de Educação Sexual*. Ed. Setembro de 1933, ano I, n. 1. p. 2.

<sup>260</sup> Secretários: José Firmo (set. 1933/jun. 1935); Walfredo Machado (jul. 1935/jul. 1937); Guayanáz de Souza (ago. 1937/set. out. 1939). Gerentes: Manoel Marques Silva (set. 1933/ nov. 1933); Carlos Bastos (jan. 1934/mar. 1934); Castellar da Silva (mai. 1934/ jul. 1934); Demétrio Morábito (set. 1934); Norival Fonseca (nov. 1934/ set. out. 1939). Em dezembro de 1936, José da Cunha Ferreira assumiu o cargo de redator-chefe, antes ocupado exclusivamente por José de Albuquerque.

<sup>261</sup> Edições com 4 páginas de Setembro de 1933 até Setembro de 1934.

<sup>262</sup> Edições com 8 páginas a partir de Novembro de 1934 até Outubro de 1939.

<sup>263</sup> Jornalista e apoiador do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, Oséias Mota foi diretor-proprietário do jornal “Vanguarda”. Também foi um dos fundadores dos jornais “A Noite” e “A Rua”. Atuou também como diretor da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e foi presidente do Sindicato das Empresas e Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro. Cf. MOTA, Oséias. *Verbete Biográfico*. CPDOD/FGV, 2009.

A primeira edição do *Boletim* lançada em setembro de 1933 contou com uma tiragem de 30 mil exemplares, passando para 50 mil nas edições seguintes até atingir 100 mil exemplares a partir da edição de julho de 1934. Esse aumento na impressão das tiragens do *Boletim* revela dois aspectos: primeiro o sucesso e o interesse do público por um jornal que aborda questões relacionadas a educação sexual, mas também pode ser explicado pela abertura de uma “assinatura anual” para o recebimento do periódico.

Imagem 39 – Registro do serviço de expedição do ‘Boletim de Educação Sexual’ na sede do CBES



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Novembro de 1934).

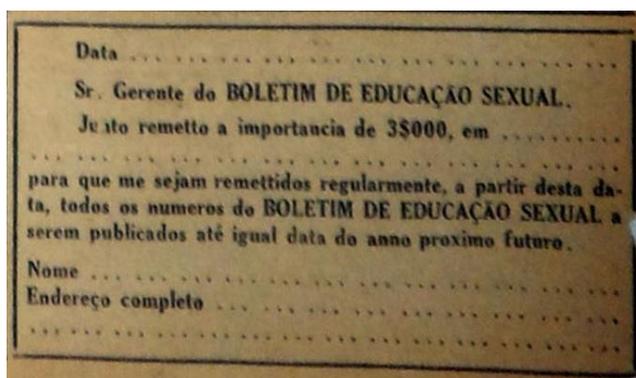
Em março de 1934, o *Boletim* publicou uma nota ao seu público leitor explicando sobre a dificuldade que o jornal teria em remeter com regularidade ao mesmo destinatário todas as suas edições de forma gratuita, uma vez que isso limitaria o número de pessoas que poderiam ser contempladas com a sua leitura à medida que as solicitações para recebimento do jornal fossem aumentando além do número de tiragens disponíveis para sua distribuição. Como justificativa, o *Boletim* afirmou que bastava a leitura de uma edição para despertar o interesse do público sobre tais assuntos e demonstrar a importância dessa temática, e dessa forma a pessoa interessada poderia buscar outros meios de informação mais específicos, como livros ou manuais de sexologia.

A finalidade do Boletim de Educação Sexual é apenas mostrar a importância da Educação Sexual, de sorte que a leitura de um número apenas, basta para disso convencer o leitor, que dessa forma tendo sua atenção despertada para este assunto, poderá haurir conhecimentos de maneira mais rápida e eficiente, nos compendios de divulgação sexológica<sup>264</sup>.

<sup>264</sup> AO Publico. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março de 1934, n. 2, ano II, p. 3.

Dessa forma, com exceção dos membros do CBES e dos órgãos de imprensa brasileiros filiados a instituição, qualquer pessoa que desejasse receber o *Boletim de Educação Sexual* com regularidade a partir daquela data, deveria enviar junto com a sua requisição uma contribuição anual de 3\$000 (três mil réis). Tal valor poderia ser remetido à redação do jornal em moeda corrente, vale postal, carta registrada com valor declarado ou em selos postais de 50 réis.

Imagem 40 – Requisição para assinatura anual do ‘Boletim de Educação Sexual’



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Março de 1934).

Criar uma assinatura anual foi a maneira que o *Boletim* encontrou de se comprometer em distribuir suas edições com regularidade a um mesmo destinatário, sem prejudicar sua finalidade de chegar ao maior número possível de pessoas, bem como possibilitou aumentar o número de tiragens à medida que o número de assinantes foi crescendo. Não demorou muito para que esses números aumentassem. Em julho de 1934, o *Boletim de Educação Sexual* já anunciava a tiragem de 100 mil exemplares, além do lançamento de folhetos de propaganda educativa a serem enviados aos seus assinantes. Apesar da propaganda de gratuidade dos folhetos, aos assinantes regulares foi estabelecido um novo valor de assinatura que passou a ser de 5\$000 (cinco mil réis).

No intuito de satisfazer não só os interessados em receber regularmente o BOLETIM, como os que pretendem receber nossos folhetos de propaganda educativa por via postal, resolvemos instituir a quota de 5\$000 annuaes, pensando desta forma solucionarmos satisfatoriamente a questão, sem prejuizo para nossa propaganda, pois a tiragem do BOLETIM poderá ser augmentada à proporção que o numero de assignantes augmentar, e sem sobrecarga para nossa thesouraria<sup>265</sup>.

<sup>265</sup> AO Publico. *Boletim de Educação Sexual*. Ed. Julho de 1934, n. 4, ano II, p. 3.

Os cinco folhetos iniciais já estavam impressos quando o *Boletim* anunciou tal novidade para o público, porém estariam disponíveis para retirada diretamente na sede do CBES visto que remetê-los por via postal a cada pessoa que solicitasse receber os folhetos gratuitamente acarretaria num valor muito alto para a tesouraria da instituição. Para o assinante que já havia enviado o valor da assinatura postal e desejasse receber todos os folhetos disponíveis à medida que fossem lançados a partir daquela data, deveria apenas remeter a diferença do valor entre a assinatura já paga e o valor atualizado. Na edição de Março de 1935<sup>266</sup>, o *Boletim* anunciou um novo aumento no valor das novas assinaturas e renovações anuais, que então passou a ser de 10\$000 (dez mil réis), com direito de receber com regularidade todas as edições do jornal a partir da data de assinatura e todas as vantagens e bonificações oferecidas aos seus assinantes, como os folhetos de propaganda educativa e alguns livros de José de Albuquerque lançados pelo CBES.

Os folhetos de propaganda educativa totalizavam dez números, cada qual com um tema específico: nº 1 – “Decalogo da Educação Sexual”; nº 2 – “Educação Sexual da Criança”; nº 3 – “O que ha de verdadeiro e de falso a respeito da masturbação”; nº 4 – “Como evitar as doenças venereas”; nº 5 – “Conselhos á mulher grávida”; nº 6 – “O que todos devem saber a respeito da blenorragia”; nº 7 – “Considerações a respeito do controle de natalidade”; nº 8 – “Doenças sexuaes da virgem”; nº 9 – “O Problema da ejaculação precoce”; nº 10 – “Da Impotencia Sexual no Homem”.

Entendemos que a escolha de tais temas revela alguns aspectos de maior interesse por parte do público leitor, afinal dentre tantas questões possíveis para serem levadas até o conhecimento do público, essas foram as escolhidas para serem publicados nos folhetos educativos. Outro fator que revela o interesse dos leitores por essas temáticas pode ser observado nas respostas publicadas na coluna “Correio do Boletim”. A referida seção foi criada para responder as inúmeras solicitações de cartas, informações, conselhos e opiniões que diariamente chegavam ao CBES, e que se relacionavam diretamente a campanha pela educação sexual.

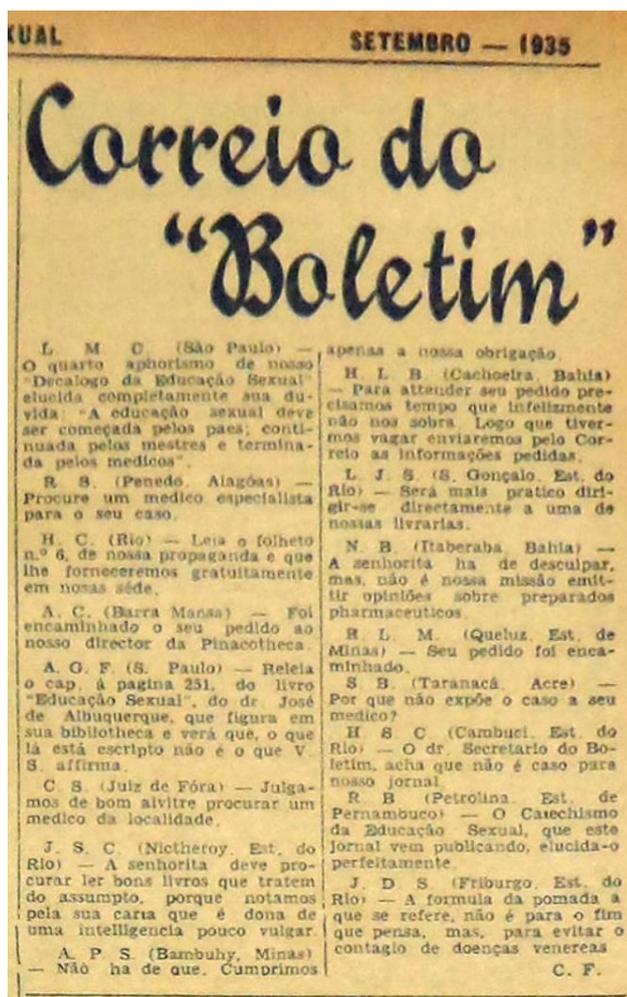
Muitas dessas cartas, abordam pontos mais ou menos iguaes, aos abordados por outros missivistas, pelo que, nos obrigam a estar continuamente respondendo com grande perda de tempo para nos, questões que certamente não seriam formuladas pelos nossos leitores si já as encontrassem respondidas neste BOLETIM<sup>267</sup>.

<sup>266</sup> AVISO aos nossos assignantes. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março de 1935, n. 2, ano III, p. 5.

<sup>267</sup> Á Margem. Correio do Boletim. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro de 1935, n. 8, ano III, p. 1.

Dessa forma perguntas e dúvidas relacionadas à educação sexual seriam respondidas pelo então secretário do CBES, José da Cunha Ferreira e publicadas nas edições do *Boletim de Educação Sexual*, na seção “Coluna do Boletim”. Ao analisar tais publicações observamos que a coluna não publicava diretamente as perguntas ou o nome dos leitores, apenas as respostas direcionadas as iniciais (ou pseudônimos) de quem enviou a carta e a cidade/estado.

Imagem 41 – Primeira publicação do “Correio do Boletim”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. de Setembro de 1935).

Ao observarmos as respostas dadas por Cunha Ferreira, frequentemente vemos a recomendação para procurar algum médico local para resolver problemas específicos possivelmente relacionados a saúde sexual, e a indicação da leitura dos materiais escritos por José de Albuquerque e demais produções do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, especialmente de algum dos folhetos de propaganda educativa, o que nos revela os assuntos que geravam mais dúvidas por parte do público leitor.

Das recomendações de leitura dos folhetos educativos, os mais citados no “Correio do Boletim” foram os de n. 5 sobre conselhos às mulheres grávidas e n. 8 sobre doenças sexuais da mulher virgem, seguidos dos folhetos de n. 4 e n. 6 sobre doenças venéreas e blenorragia. Também foram citados em algumas respostas os folhetos de n. 7 sobre controle de natalidade e o n. 3 sobre masturbação. A partir disso podemos considerar que o público feminino tinha acesso ao *Boletim de Educação Sexual*, bem como recorria a ele para sanar dúvidas a respeito de questões sexuais, especialmente aquelas relacionadas propriamente às funções sexuais da mulher e a educação sexual dos filhos.

Desde o início de sua campanha pela educação sexual no país José de Albuquerque sempre defendeu e incentivou a presença das mulheres nesse meio, não apenas como público, mas também como parte integrante da campanha movida por ele através do CBES. Para o médico a presença do elemento feminino em sua campanha era fundamental para que se atingisse os fins pretendidos de levar a educação sexual a todas as pessoas.

Auxiliando grandemente a nossa tarefa tem concorrido como elemento de primeira plana, como estrella de primeira grandeza, – a mulher –, seja a mulher-mãe; a mulher esposa; a mulher filha; a mulher em suas actividades publicas, no magistério, na imprensa, na politica; a mulher sob qualquer aspecto que a encaremos.

Nenhuma campanha social hoje em dia póde terminar pela victoria da ideologia que defende, si não conseguir interessar, mas interessar viva e intensamente o elemento feminino.

Cansada de viver sob o jugo avassallador do homem, a mulher moderna não lhe secundará senão nas iniciativas que vierem modificar a situação de “statu quo” até então verificado, isto é, sómente si presentir que concorrerão para despertar a sociedade da lethargia em que se comprazia de viver.

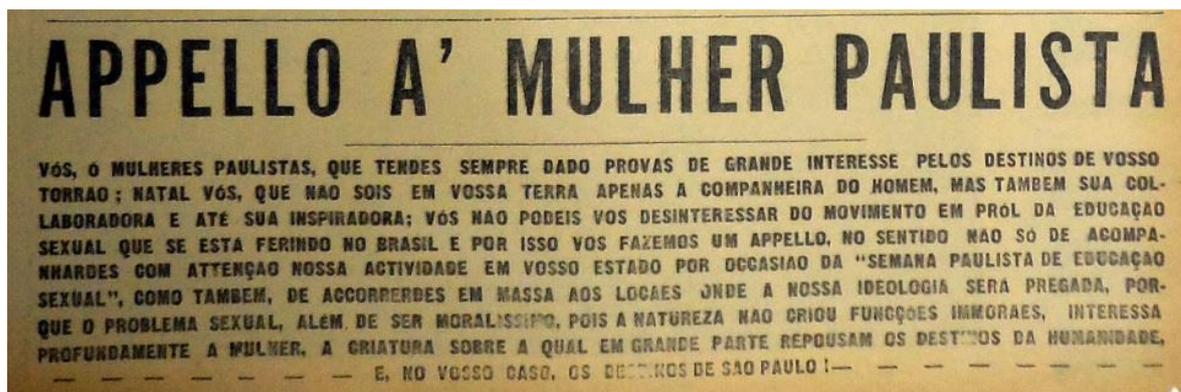
A campanha da educação sexual veiu consultar os anseio da nacionalidade em peso: aos homens ella interessou, porque lhes veiu abrir ante as vistas um mundo novo que para elles permanecia ignorado, mostrando-lhes o que são e o que deveriam fazer para se collocarem em harmonia comsigo mesmos; ás mulheres ella interessou porque veiu tirar-lhes as algemas que as prendiam como escravas, sob o dominio do outro sexo<sup>268</sup>.

Frequentemente o *Boletim* publicava apelos dirigidos especialmente às mulheres, convidando para participarem das ações promovidas pelo CBES, como foi o caso do evento da “Semana Paulista de Educação Sexual”, em 1935.

---

<sup>268</sup> Á MARGEM. Perspectivas promissoras. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1935, n. 1, ano III, p. 1.

Imagem 42 – Convite às mulheres paulistas para “Semana Paulista de Educação Sexual”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Junho de 1935).

Em outro artigo publicado pelo *Boletim*, José de Albuquerque comenta sobre mulheres que ao final de suas conferências o cumprimentam agradecendo sua conduta frente aos benefícios que sua campanha pela educação sexual traz para as mulheres. Mas reconhece que diante dos preconceitos, se comparado aos homens, seus ensinamentos beneficiam principalmente as mulheres uma vez que durante longos séculos o acesso aos conhecimentos de ordem sexual foram bastantes escassos ao sexo feminino. Entretanto Albuquerque defende que sua campanha é para todas as pessoas, independente do sexo.

Rara é a vez que ao terminar minhas conferencias, não me veja assediado de senhoras interessadas em me cumprimentar.

Muitas dellas me dizem que todas as mulheres me deveriam ser muitíssimo gratas, pelos grandes beneficios que as estou proporcionando, desvendando em publico os assumptos sexuaes e pondo-os em seus termos reaes, acabando com os conceitos de “sexo forte”, de “sexo fraco”, de “supremacia de sexo”, e outros mais.

A mulher tem atravessado os diversos periodos da historia da humanidade, subjugada por determinações que lhe eram impostas peol outro sexo, inspiradas no infundado de taes conceitos. [...]

“Doutor! O senhor é o advogado do nosso sexo”, assim me falavam nestes encontros de fim de conferencia, muitas senhoras. [...]

A todas as senhoras eu retruco: “minhas senhoras, vós não tendes nada que me agradecer, porquanto si eu as estou beneficiando, o estou fazendo indirectamente, sem fim premeditado. Meu único escopo ao iniciar a campanha de educação sexual, foi pôr o povo ao corrente de verdades, que elle desconhecia, libertando-o assim, da terrível perniciosa vassalagem do preconceito.

As mulheres como parte integrante do povo, vêm sentindo como elle o vem em massa, os effeitos libertadores desta campanha e acredito mesmo que comparado ao homem a mulher seja beneficiada em maior escala, porque sempre viveu mais menietada pelo preconceito do que elle [...] <sup>269</sup>.

<sup>269</sup> ALBUQUERQUE, José de. A educação sexual e as mulheres. *Boletim de Educação sexual*. Ed. Junho de 1935, n. 5, ano III, p. 6.

Outro tema recorrente nas páginas do *Boletim de Educação Sexual* relacionava-se às doenças venéreas. Debate recorrente durante todo o início do século XX, as doenças venéreas eram tidas por grande parte dos médicos do período não apenas como um mal físico, mas também como uma patologia social responsável tanto pela degeneração do corpo quando da moral dos indivíduos. Neste contexto, as doenças venéreas, especialmente as sífilis, eram tidas como um risco iminente para saúde da população, portanto precisavam ser combatidas<sup>270</sup>.

Tendo em vista tais debates e reconhecendo a importância de se combater o “mal venéreo”, Albuquerque via no jornal a possibilidade de utilizá-lo como uma ferramenta pela qual esse discurso médico-científico poderia chegar à população, enfatizando a necessidade das estratégias de controle e de ações higienistas e saneadoras.

Para abordar esse tema em específico e educar sexualmente as pessoas em relação a importância do combate às doenças venéreas, além dos eventos promovidos pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual<sup>271</sup> e dos inúmeros artigos, livros e folhetos publicados por Albuquerque, observamos que o sexologista frequentemente publicava nas páginas do *Boletim de Educação Sexual* alguns recursos visuais mais diretos, como o uso de frases curtas aliadas a imagens, pequenas notas ilustradas e cartazes, muitos deles com o intuito de chocar o público leitor e conseqüentemente gerar a reflexão e o debate sobre o tema.

---

<sup>270</sup> CARRARA, Sérgio. **Tributo a Vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

<sup>271</sup> Um dos principais eventos promovidos pelo CBES dedicados especificadamente a essa temática foi o “Dia Anti-Venereo”, comemorado pela primeira vez no Brasil em 1935. Na ocasião desses eventos eram realizadas palestras, conferências pelo rádio, distribuição de folhetos e livros educativos.

Imagem 43 – Notas ilustradas publicadas pelo ‘Boletim de Educação Sexual’



Fonte: Recorte à esquerda e central (Boletim de Educação Sexual, Ed. Maio de 1935); recorte à direita (Boletim de Educação Sexual, Ed. Janeiro de 1936).

Nos recortes das notas acima observamos em específico a associação das doenças venéreas, em especial a sífilis, a problemas hereditários. Nos dois primeiros recortes a mensagem é direcionada especificadamente aos pais, pois relacionam-se às possíveis consequências da sífilis hereditária, isto é, aquela transmitida pelos genitores aos filhos. Como solução para evitar que tal doença afete a prole gerando deformidades, a nota sugere que as doenças venéreas sejam identificadas pelos cônjuges e tratadas se possível antes do casamento, o que revela outro ponto bastante defendido por José de Albuquerque, a importância do exame pré-nupcial. Para o sexologista, o exame pré-nupcial representava dentro da sua campanha pela educação sexual um ponto fundamental no combate a propagação de doenças venéreas, pois identificava e advertia o futuro casal sobre as “condições sanitárias” propícias ou não da união, salvaguardando tanto a saúde dos cônjuges, quanto os possíveis descendentes dos estados mórbidos adquiridos dos pais<sup>272</sup>. O recorte da terceira nota, “O preço da imprevidência” sugere justamente as consequências de um casamento sem a realização do exame pré-nupcial, associando a cegueira do filho a uma condição que poderia ser evitada através do exame “sanitário” para verificar, anteriormente, as condições eugênicas de procriação do casal.

<sup>272</sup> ALBUQUERQUE, José de. Sexo e herança. In: O sexo em face do individuo, da familia e da sociedade. *Op. cit.*

Imagem 44 – Nota ilustrada: “O inimigo invisível”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Fevereiro de 1936).

Outra nota ilustrada publicada nas páginas do *Boletim* apela para um discurso mais direto demonstrando uma das possíveis consequências da sífilis no organismo: a calvície. Atualmente pesquisas atestam que a alopecia é uma manifestação incomum da sífilis, e mais raro ainda quando se apresenta como única condição para atestar o diagnóstico clínico da infecção<sup>273</sup>. Ou seja, a nota publicada pelo *Boletim de Educação Sexual* apela para um conceito estético e até equivocado, associando a infecção pela sífilis como a grande responsável pela “criação de uma legião de calvos”. Certamente a intenção da nota era gerar um choque ao público leitor, e conseqüentemente a preocupação com a possível infecção pela doença levaria o indivíduo a procurar um médico para fazer uma avaliação minuciosa de saúde para identificar a sífilis, ou outra doença venérea que pudesse ser tratada.

Na edição de Abril de 1935, o *Boletim* lançou um apelo aos leitores para uma iniciativa que o jornal passaria a publicar em suas páginas: cartazes sobre diversos temas relacionados a campanha pela educação sexual para serem afixados em estabelecimentos de circulação de pessoas ou então entregues para amigos ou parentes.

Com o presente numero deste jornal, iniciamos a publicação de gravuras de grande formato, allusivas a temas importantissimos de educação sexual, pelo que pedimos a nossos assignantes e leitores que forem commerciantes, industriaes ou fazendeiros, collocal-as em pontos destacados de seus estabelecimentos commerciais, industriaes ou agricolas e áquelles que não o forem, a dal-as a amigos e parentes que o sejam, transmitindo-lhes o pedido que formulamos. Com essa iniciativa pensamos concorrer grandemente para a diffusão não só dos conhecimentos de sexologia como tambem dos

<sup>273</sup> JUNIOR, A. S. et. al. Alopecia sífilítica difusa essencial. *Rev. Científica da FMC*. v. 15, n. 3, 2020.

principios fundamentaes que devem regular a conducta sexual da criatura humana em todos os passos de sua vida, quer considerada sob o ponto de vista biologico como social. Si cada um de nossos cem mil leitores attender este nosso apello, teremos a certeza de que nossa campanha terá uma irradiação cujas proporções irão além de nossas previsões, por mais arrojadas que pareçam. A gravura exposta ao alcance do publico num lugar diariamente frequentado por um numero avultado de pessôas, desperta commentarios, troca de impressões, até mesmo discussões, sobe o assumpto que ella procura focalizar. Assim sendo, os problemas sexuaes deixarão de ser objecto de conversas pornographicas, lubricas ou licenciosas para occuparem o lugar que lhes cabe entre os demais assumptos que servem de thema a conversas limpas e serias.<sup>274</sup>

Percebemos que a intenção dessa ação revela mais uma estratégia de difusão da campanha elaborada por José de Albuquerque de fazer com que sua proposta para educação sexual circule e seja conhecida pelo maior número de pessoas, gerando a reflexão e o debate sobre os diversos temas apresentados e defendidos pelo médico sexologista.

Entre os cartazes em preto e branco publicados pelo Boletim de Educação Sexual e impressos em página dupla do jornal, destacamos três deles relacionados especificadamente ao perigo das doenças venéreas e a profilaxia antivenérea.

O primeiro cartaz intitulado “O Pacto da Morte!” traz como ilustração a representação de um casal de noivos, e logo abaixo deles dois esqueletos de mãos dadas. Na legenda se lê: “Muita vez debaixo de um véo de noiva e de uma casaca de noivo, traiçoeiros se encontram de mãos dadas, tramando um pacto sinistro, o germen da gonorrhéa e o microbio da syphilis”.

---

<sup>274</sup> Ferreira, José da Cunha. Á Margem. Appello aos nossos leitores. Boletim de Educação Sexual, Ed. abril de 1935, ano III, n. 3, p. 1.

Imagem 45 – Cartaz “O Pacto da Morte!”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Abril de 1935).

Ao analisar a imagem ilustrada no cartaz juntamente da legenda compreendemos que os esqueletos representam doenças venéreas (especificamente a gonorreia e a sífilis) que os noivos possuem e que não foram identificadas ou tratadas antes do casamento. Logo, as “aparências dos noivos” não são suficientes para atestar a boa saúde do futuro casal. Entendemos que o cartaz remete tanto ao perigo das doenças venéreas, quanto a importância do exame pré-nupcial a fim de evitar o contágio venéreo, pois a maioria dessas doenças só é identificada a partir do exame médico.

O segundo cartaz “Combatamos as doenças venereas!” apresenta um discurso de urgência quanto ao perigo das doenças venéreas e à necessidade de combatê-las. Na ilustração observamos uma serpente gigante e uma espécie de dragão, representando a sífilis e a gonorreia respectivamente, “atacando” o mapa do Brasil.

Imagem 46 – Cartaz “Combatamos as doenças venereas!”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Maio de 1935).

A partir desse cartaz compreendemos que naquele momento histórico doenças como a sífilis e a gonorreia representavam “grandes monstros perigosos” que poderiam acabar com o país. Tal discurso se relaciona com a visão de muitos médicos do período quanto ao problema das doenças venéreas e seu impacto no projeto de construção da nação brasileira forte e saudável, e que é um dos pontos alinhados com o pensamento de José de Albuquerque. A imagem do cartaz aliada à legenda com o trecho de um discurso de Albuquerque, “Ou o Brasil acaba com as doenças venereas ou as doenças venereas acabarão com o Brasil” remete diretamente ao “perigo venéreo” trazendo um alerta para as proporções que tais doenças poderiam tomar no país.

O terceiro cartaz “Advertencia util...” traz a reflexão sobre a questão da profilaxia antivenérea. Na ilustração observamos parte de um relógio, e ao lado as mãos de uma pessoa apertando um tubo de creme profilático, com a seguinte legenda: “Em materia de prophylaxia anti-venerea o fator tempo é importantíssimo, pois quanto mais precocemente for feita a desinfecção, maiores são as probabilidades de se evitar o contágio”.

Imagem 47 – Cartaz “Advertencia util...”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Novembro de 1935).

A questão da profilaxia venérea foi um ponto bastante defendido por José de Albuquerque ao longo de sua campanha pela educação sexual no país. Para o sexologista evitar o contágio era muito mais lógico numa campanha de combate às doenças venéreas, do que esperar que o indivíduo se contamine para depois tratá-lo<sup>275</sup>.

Seguindo essa ideia a respeito da profilaxia antivenérea, em meados de 1938 o *Boletim de Educação Sexual* anunciou o lançamento de um preventivo antivenéreo – o “Venereol”, – formulado por José de Albuquerque. Na primeira edição de 1939 do *Boletim*, localizamos uma propaganda com várias especificações do produto, as recomendações de uso, como e onde adquirir, valores entre outras informações, a qual destacamos em especial, o público-alvo ao qual o produto era destinado. Em negrito com letras garrafais e sublinhado lemos a chamada: “Cavalheiros:”, ou seja, trata-se de um produto especificadamente para homens. O texto da propaganda continua: “O Brasil precisa de filhos sadios e robustos. É um dever de todos vós evitar as doenças venereas que debilitam vossos organismos, aniquilam vossas energias e degeneram a vossa prole”.

<sup>275</sup> ALBUQUERQUE, José de. Como Portugal cuida da prevenção das doenças venereas. *Boletim de Educação Sexual*. Ed. Abril de 1937, n. 30, ano V, p. 6.

Imagem 48 – “Venereol”

**CAVALHEIROS:**

O Brasil precisa de filhos sadios e robustos

É um dever de todos vós evitar as

**DOENÇAS VENEREAS**

que debilitam vossos organismos, aniquilam vossas energias e degeneram a vossa prole

**VENEREOL**

é o mais poderoso preventivo contra as doenças venereas, evitando o contágio de Blenorragia, Syphilis ou Cancros.

**VENEREOL**

é formula do illustre sexologista  
**DR. JOSE' DE ALBUQUERQUE**  
Mata os germens das doenças venereas e não irrita a pelle nem as mucosas.

**VENEREOL**

é apresentado sob a fórma de pasta, em cuja composição não entram substancias gordurosas, pelo que não deixa nodoas e não mancha as roupas.

**VENEREOL**

é acondicionado em tubos grandes com quantidade para 10 applicações

**VENEREOL**

é um prophylactico ao alcance de todos

**PREÇOS:**

No balcão: 5\$500 — Pelo Correio: 6\$500

**DROGARIA SUL AMERICANA**  
LARGO DE S. FRANCISCO, 42  
Rio de Janeiro

AVISO IMPORTANTE: Venereol não é acondicionado em tubo com a extremidade alongada, porque deve ser applicado no meato da urethra com a pulpa digital. É desnecessario e mesmo prejudicial qualquer applicação antiseptica com fim prophylactico no interior da urethra, porque os germens após o acto sexual não se encontram além do meato.

Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Janeiro/Fevereiro de 1939).

A ideia de um produto para prevenir doenças venéreas voltado completamente ao público masculino nos remete a uma mentalidade que passou a ser amplamente divulgada, a de que a responsabilidade de evitar e combater tais enfermidades é dos homens.

Com a convicção de os homens mantinham relações sexuais antes e/ou fora do casamento, em especial com meretrizes, a educação voltada ao público masculino faria parte das campanhas contra a sífilis no sentido de convencer os homens da importância da prevenção contra esta doença evitando o meretrício, percebido como lugar de propagação do “perigo venéreo” por excelência<sup>276</sup>.

<sup>276</sup> MACHADO, G. T.; ROSS, S. Inimigas da pátria: Propostas educativas para a guerra contra as doenças venéreas na Marinha do Brasil nas décadas de 1920 e 1930. *Rev. Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 28, abril/2018, p. 212.

Como vimos em tópicos anteriormente, em relação à prostituição Albuquerque a considerava um “mal necessário”, portanto era preciso educar sexualmente os homens quanto aos perigos da propagação das doenças venéreas, bem como aplicar medidas profiláticas de higiene a fim de evitar e/ou reduzir o risco de contágio.

No final de 1936, o *Boletim de Educação Sexual* anunciou em suas páginas o lançamento de uma nova seção, a chamada “Pagina de Nossos Leitores”<sup>277</sup>. Com o intuito de promover e divulgar a educação sexual, tal seção se destinava à publicação de artigos sobre o tema e escritos pelos leitores. Assim, o *Boletim* abriu suas páginas para que seus leitores também pudessem opinar e divulgar artigos de sua autoria. A escolha dos textos sobre educação sexual a serem publicados caberia a redação do jornal. Os autores dos artigos teriam direito a receber cem exemplares da edição a qual publicaram, além de receber como bonificação um dos livros de José de Albuquerque de livre escolha.

A primeira publicação da nova seção ocorreu na edição de Fevereiro de 1937, e ocupava uma página inteira do *Boletim*. Em suas colunas a “Pagina de Nossos Leitores” selecionava artigos alinhados com os ideais defendidos por José de Albuquerque ao longo de sua campanha pela educação sexual. Entre os temas frequentes listamos a importância da educação sexual, a educação sexual das crianças e jovens, as doenças venéreas, a defesa do exame pré-nupcial, orientações sobre a educação sexual dos filhos, entre outros temas relacionados a maternidade, gravidez, controle de natalidade e até o divórcio.

---

<sup>277</sup> PAGINA dos nossos leitores. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Dezembro de 1936, n. 8, ano IV.

Imagem 49 – Primeira publicação da seção “Pagina de Nossos Leitores”



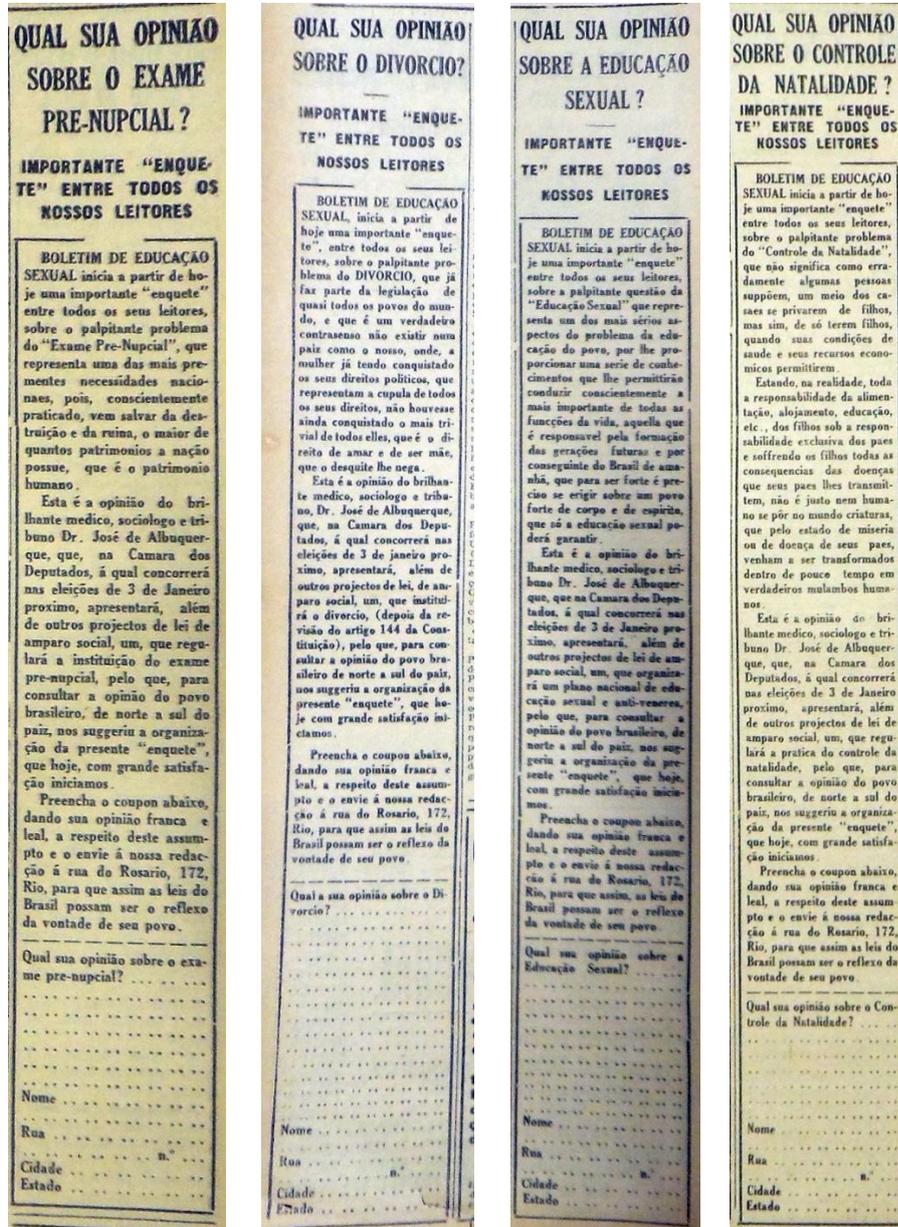
Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Fevereiro de 1937).

Outra forma de interação com o público do *Boletim de Educação Sexual* pode ser observada quando o jornal lançou em suas edições de Setembro e Outubro de 1937, algumas enquetes para seus leitores sobre temas mais pontuais da campanha pela educação sexual defendidos por José de Albuquerque. Tais enquetes também faziam parte da divulgação e propaganda do programa de ação legislativa proposto e defendido por Albuquerque na ocasião de sua candidatura a Deputado Federal<sup>278</sup>, nas eleições que estariam programadas

<sup>278</sup> Cf. ALBUQUERQUE, José de. *Programa de Acção Legislativa*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1937.

para 1938 e que não ocorreram devido ao Golpe do Estado Novo em novembro de 1937. Nas enquetes publicadas pelo *Boletim* em Setembro de 1937, os temas abordados foram o exame pré-nupcial, o divórcio, a educação sexual e o controle da natalidade; e na edição de Outubro de 1937 os temas foram apenas a educação sexual e o divórcio.

Imagem 50 – Recorte das enquetes publicadas no ‘Boletim de Educação Sexual’



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Setembro de 1937).

Logo na edição seguinte à publicação das enquetes, o *Boletim* divulgou uma nota sobre os primeiros resultados obtidos, "Em menos de 10 dias após a publicação de nosso ultimo numero já orçavam em mais de mil as cartas que nos haviam chegado para atingirem

até o momento em que escrevemos, ao numero que vae publicado<sup>279</sup>”. Podemos observar no quadro abaixo o resultado em números das opiniões favoráveis e contrárias contabilizadas até aquele momento, pela redação do jornal.

Tabela 1 – Resultado das Enquetes em Outubro de 1937.

TEMA	OPINIÃO FAVORÁVEL	OPINIÃO CONTRÁRIA
Exame pré-nupcial	1384	9
Divórcio	1247	6
Educação sexual	1556	9
Controle de natalidade	1293	14

Fonte: Boletim de Educação Sexual

Considerando que o *Boletim de Educação Sexual* se tratava de um periódico de circulação nacional e que percorria os mais distantes Estados e cidades do país, muitas respostas ainda estavam por chegar. Assim, na edição de Novembro de 1937<sup>280</sup>, o *Boletim* divulgou uma atualização das opiniões públicas sobre as enquetes, a partir as opiniões que começaram a chegar dos pontos mais distantes do país, “Devemos salientar que agora é que começaram a chegar opiniões de pessoas que habitam pontos remotos do país e onde o transporte de correspondencia é demorado”<sup>281</sup>. Observamos no quadro abaixo, os números atualizados das enquetes.

Tabela 2 – Atualização dos resultados das Enquetes em Novembro de 1937.

TEMA	OPINIÃO FAVORÁVEL	OPINIÃO CONTRÁRIA
Exame pré-nupcial	1827	14
Divórcio	1952	13
Educação sexual	2018	9
Controle de natalidade	1654	26

Fonte: Boletim de Educação Sexual

A partir desses números observamos que a opinião dos leitores, em sua grande maioria, estava alinhada com a ideologia defendida por José de Albuquerque, demonstrando

<sup>279</sup> AS “enquêtes” do Boletim de Educação Sexual. *Boletim de Educação Sexual*, Ed. Outubro de 1937, n. 36, ano V, p. 2.

<sup>280</sup> AS “enquêtes” do Boletim de Educação Sexual. *Boletim de Educação Sexual*, Ed. Novembro de 1937, n. 37, ano V, p. 2.

<sup>281</sup> *Ibid.*

um parecer favorável à campanha empreendida pelo médico sexologista ao longo da década de 1930. Infelizmente nas fontes consultadas obtivemos acesso apenas aos números, e não à descrição ou às justificativas de tais opiniões por parte dos leitores que participaram da pesquisa.

De modo geral, como órgão oficial de imprensa do CBES, o *Boletim de Educação Sexual* serviu principalmente para cobrir e propagandear as atividades promovidas pelo Círculo, sempre enaltecendo a figura de seu fundador. José de Albuquerque sempre aparece nas páginas do *Boletim* como figura de destaque, bem como todas as suas ações e opiniões. Como descreve Carrara e Carvalho, “[...] o *Boletim* era basicamente uma publicação de divulgação e combate, contendo artigos curtos, em linguagem acessível, cheio de ilustrações e fotos”<sup>282</sup>.

Como dito no início do capítulo, o *Boletim de Educação Sexual* circulou até 1939, tendo sua última edição a número 51, de Setembro/Outubro. Na referida edição não identificamos nenhuma nota ou justificativa por parte da redação sobre o motivo que levou o *Boletim* não ser mais impresso, ou até mesmo informando que aquela seria sua última edição.

Alguns anos mais tarde, José de Albuquerque relatou em “Quatro letras, cinco lustros...” o motivo que o teria levado a dar fim ao *Boletim* na edição de Setembro/Outubro de 1939. Tal edição estamparia em suas páginas um artigo sobre “A Guerra e a Educação Sexual”. Segundo Albuquerque, tal artigo abordaria algumas neuroses e psiconeuroses de guerra e seus impactos na vida sexual de ex-combatentes, bem como algumas questões relacionadas a prostituição e as doenças venéreas no pós guerra<sup>283</sup>, porém o artigo foi considerado subversivo, e acabou censurado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Por mais que se procurasse convencer o censor, do nenhum caráter subversivo do artigo, o lápis vermelho correu por sobre a prova de página, o que obrigou a se substituir o texto do artigo por uma gravura sobre a guerra, ocupando o espaço de quase meia página, obtido o cliché no arquivo de clichés de “Vanguarda”, dando-se-lhes como legenda uma das poucas frases, assim mesmo mutilada, que escaparam à sanha do iracundo censor.<sup>284</sup>

---

<sup>282</sup> CARRARA, Sérgio. (org.) Apresentação. *Op. cit.*, p. 21.

<sup>283</sup> ALBUQUERQUE, José de. *Boletim de Educação Sexual*. In. Quatro letras, cinco lustros... *Op. cit.*

<sup>284</sup> *Ibid.* p. 34.

Imagem 51 – “A Guerra e a Educação Sexual”

BOLETIM DE EDUCAÇÃO SEXUAL Setembro-Outubro de 1939

# A Guerra e a Educação Sexual



**SI OUTRAS RAZÕES NÃO HOUVESSE CONTRA A GUERRA, BASTARIA A DE ORDEM EUGENICA PARA QUE ELLA FOSSE JULGADA UMA TAREFA EXECRANDA, POIS TOMBANDO NO CAMPO DE BATALHA OS MAIS FORTES E SADIOS, FICA A PERPETUAÇÃO DA ESPECIE ENTREGUE AOS FRACOS, TARADOS E ENFERMOS.**

## Nunca é tarde Correio do

### “Boletim”

Por PEDRO DE ALBUQUERQUE

Confundir “sexualidade” com “immoralidade” é o mesmo que desconhecer por completo a Educação Sexual.

Os assumptos sexuais não devem ser esquivados ao estudo, mas em rotinas e entre rivais, mas sim serem tratados, como todos os demais, com dignidade e seriedade.

Si nós não achamos immo-zação e função alimentar e as outras, não é justo que assim achemos a função sexual.

Não Clemente de Alexandria, que foi figura destacada da Igreja, disse: “A criação humana não deveria ter vergonha de fazer o que Deus não teve vergonha de criar”.

Todas as pessoas, sejam do sexo masculino ou do feminino, não entendiendo a natureza ou as funções, sabendo que estas não têm pratica para fazer o estado ou a terra com acerto.

Fala bem a educação sexual, que qual o “Circulo Brasileiro de Educação Sexual” tanto se encontra no Brasil, trata de ensinar as pessoas como se conduzir

na puberdade e antes de contra-rem matrimonio, porque é muito mais sã a geração de filhos que a concepção de rapas.

Imaturos, quatos, tarados, sielados, deformados, etc., nascem por dia, e quantos, nestas condições, vivem no mundo incapazes, portanto, de fazer parte da comunidade social. Logo, porém, poderia ser evitado, se as causas que precipitam imbecilidade, são receber a educação sexual, a receberem pouco antes de contra-rem casamento.

O exame pre-nupcial é muito necessario para as pessoas que vão constituir familia, contribuindo para, que o casal dê o paz de mais um filho forte e sadio, que possa concorrer para seu engrandecimento.

As pessoas que ainda não sabem do que trata a educação sexual fiquem, pois, avisadas de sua alta finalidade, e se que já sabem, e que já estão completamente federados do assunto, por intermedio do “Circulo Brasileiro de Educação Sexual”, que promovem os ensinamentos que esta instituição divulga.

“Sexualidade” não é sinônimo de “immoralidade”, e sim uma coisa muito importante, que todos os bons brasileiros devem conhecer, e cujo ensinamento poderia obter, visitando o “Circulo Brasileiro de Educação Sexual”, onde sempre amavelmente atendidos, lendo o “Boletim de Educação Sexual”, frequentando o “Museu e Pinacotheca” e o “Bureau de Educação Sexual”, além de fazerem completamente sabedores da materia, porque nunca é tarde para se aprender assumpto de tão grande relevancia.

**A função sexual não é immoral, entretanto, como todas as demais, pôde ser immoralizada, quando desviada de suas verdadeiras finalidades.**

**C. BASTOS** (Varginha — Minas) — Não vejo motivo para alarme, leia o nosso folheto n. 3 que o esclarecerá.

**THEOPHILO** (Bagé — E. do Rio grande do Sul) — Não é aconselhavel neste periodo.

**ROSELIA** (Ita) — E de S. Paulo) — É um phenomeno natural, deve escrever a sua filha a respeito do mesmo e não fazer mysterio.

**M. C. ROCHA** (Olinda — Pernambuco) — As funções do organismo não são immo-zação. Os individuos e que as immo-zação.

**A. CORREIA** — (Rio) — Faça uma visita ao Museu e

Pinacotheca de Educação Sexual que lhe será util.

**X. X.** (Victoria — E. do Espirito Santo) — É caso para tratarmos; exponha-o a seu medico assistente.

**LUCY** (Campinas — E. de S. Paulo) — Leia a resposta dada a Roselia.

**A educação sexual deve ser iniciada pelos paes; continuada pelos mestres; e terminada pelos medicos.**

Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Setembro/Outubro de 1939).

A preocupação com a saúde dos homens que prestavam serviços militares não era uma novidade para a época. Desde a década de 1920, o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) estabelecia a obrigatoriedade de ações voltadas, por exemplo, ao combate das doenças venéreas nas Forças Armadas Brasileiras. Nos debates médicos, defendia-se uma “educação sexual” voltada para a higiene e profilaxia com intuito de preservar a boa

saúde daqueles que estariam prestando um serviço de proteção à Pátria<sup>285</sup>. Como não foi possível ter acesso em outras fontes ao artigo que seria publicado no *Boletim*, infelizmente não podemos analisar o conteúdo que motivou a censura por parte do DIP quando o jornal decidiu abordar tal tema.

Sabemos que dentro da história da imprensa no Brasil, desde a instalação do Estado Novo, o Governo passou a censurar de forma mais intensa os meios de comunicação criando órgãos específicos dedicados à propaganda e ao controle da informação<sup>286</sup>, especialmente para difundir uma imagem positiva do regime do Estado Novo. Como destaca Sodré “[...] os jornais passaram, assim, por gosto ou a contragosto, a servir à ditadura”<sup>287</sup>, e com a desculpa de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, a censura prévia a imprensa cerceava tudo aquilo que julgasse impróprio, ao mesmo tempo que aproveitava os meios de comunicação para se promover e enfatizar o regime político vigente.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), chefiado por Lourival Fontes entre 1939 e 1942, foi o principal órgão criado no período responsável por listar os assuntos proibidos de serem abordados pela imprensa. Frente às novas exigências jurídicas, os periódicos eram obrigados a se registrar no DIP e como aponta Luca<sup>288</sup>, estimativas indicam que aproximadamente 30% deles não conseguiu obter a licença necessária, sendo assim, deixaram de circular. O que se viu, nas palavras de Sodré<sup>289</sup> foi “a proibição de novos jornais” e “o fechamento de outros”.

Possivelmente o conjunto de todos esses fatores influenciou na decisão de José de Albuquerque de encerrar a publicação do *Boletim de Educação Sexual* em 1939, apesar de apontar como principal justificativa para o fim do seu órgão oficial de imprensa, o ato de censura “dipiana” que seu jornal sofreu na edição de Setembro/Outubro de 1939. Temendo que todo trabalho divulgado ao longo dos sete anos de existência do *Boletim* viesse sofrer qualquer outro tipo de pressão ou influência ideológica que não correspondesse aos ideais defendidos pelo médico e seu Círculo até então, o jornal deixou de existir a partir daquela data.

Jornal inspirado no idealismo e escrito por idealistas, não podia o “Boletim de Educação Sexual” submeter-se à tutela mental de quem quer que fosse, nem,

<sup>285</sup> MACHADO, G. T.; ROSS, S. Inimigas da pátria... *Op. cit.*

<sup>286</sup> LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In. MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>287</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 382.

<sup>288</sup> LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. *Op. cit.* p. 172.

<sup>289</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. *Op. cit.* p. 381.

tampouco, ao regime da rólha, porque tal submissão implicaria em desmentir o seu passado de independência e em conspurcar a pureza de seus ideais. Sendo excessivamente alto o preço que se lhe exigia para continuar a sobreviver, o “Boletim de Educação Sexual” preferiu morrer com dignidade, e, assim, o fez!<sup>290</sup>

O *Boletim de Educação Sexual* foi sem dúvida uma das ferramentas mais importantes utilizadas por José de Albuquerque para divulgar sua campanha pela educação sexual em todo território nacional. Mas certamente não foi a única estratégia de difusão empregada pelo médico sexologista ao longo da década de 1930, como veremos no tópico a seguir. Para além do jornal, Albuquerque utilizou os mais diversos meios de comunicação e propaganda disponíveis no período para levar a educação sexual para o maior número de pessoas, seja através da promoção de eventos, conferências, palestras no rádio, teatro, exposições, museu, cinema entre outros.

### 3.2 A CAMPANHA PELA EDUCAÇÃO SEXUAL ALÉM DO JORNAL

Reconhecemos que a imprensa teve um valor significativo enquanto principal veículo de informação e propagação de toda campanha elaborada por José de Albuquerque e seu Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Mas não podemos reduzir todos os esforços dessa campanha apenas à imprensa periódica. Veremos a partir dessa segunda parte do capítulo outras estratégias articuladas por Albuquerque e pelo CBES para difundir a educação sexual pelo país para além do jornal.

#### 3.2.1 Conferências, filmes e “sketches” de educação sexual

José de Albuquerque realizou por doze anos consecutivos na sede social do CBES sessões públicas de conferências, além das palestras realizadas em outros locais a convite de grupos estudantis, organizações sociais e associações de classe. Quando José de Albuquerque lançou a ideia de realizar palestras públicas sobre educação sexual, muitos antagonistas a sua campanha proferiram ataques verbais a todas as estratégias de difusão da educação sexual no país proposta pelo médico e o seu Círculo, acusando-os de licenciosos

---

<sup>290</sup> ALBUQUERQUE, José de. Boletim de Educação Sexual. In. Quatro letras, cinco lustros... *Op. cit.* p. 34.

e imorais por abordar publicamente tal tema. Em sua defesa Albuquerque sempre reafirmava o quão moral era sua campanha e como o tempo se encarregou de provar o quão necessário e importante era toda aquela mobilização, especialmente pela quantidade de pessoas que dia a dia recorriam a instituição e ao seu fundador em busca de conhecimento e informações.

Dia a dia, nosso auditorio augmentava e de cada um dos que assistiam nossas palestras partiam palavras de aplauso á iniciativa do Circulo Brasileiro de Educação Sexual. A partir dahi, não necessitamos mais solicitar salões porque os convites para a realização de conferencias surgiam expontaneamente, como expontanemante eram postos á nossa disposição, locaes para pregarmos nossas idéas<sup>291</sup>.

As palestras realizadas na sede do CBES aconteciam todas as quartas-feiras, iniciavam-se às 20:30h e muitas vezes se estendiam até perto da meia-noite. Seguindo o modelo de todos os eventos promovidos pela instituição, a entrada era gratuita e aberta a qualquer pessoa independente do sexo, idade, classe social ou estado civil. Organizadas em três momentos, as palestras contavam inicialmente com uma explanação sobre algum tópico relacionado a educação sexual; em seguida a projeção de um filme sobre educação sexual, e por fim José de Albuquerque se colocava à disposição para responder as perguntas formuladas por escrito pelo público presente e depositadas em uma urna na entrada do salão de conferências<sup>292</sup>.

Imagem 52 – Propaganda das Conferências na sede do CBES às quartas-feiras



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Set./Out. de 1938).

Com o intuito de levar seus ensinamentos sobre educação sexual para mais pessoas que se interessassem pelo tema e que não pudessem se deslocar até a sede do CBES, José de Albuquerque lançou as chamadas “conferências dominicais”, realizadas em cinemas da

<sup>291</sup> PALESTRAS sobre Educação Sexual. Breve demonstração de nossas actividades no corrente anno, no Rio e no norte do paiz. **Boletim de Educação Sexual**. n. 8, novembro de 1934, p. 8.

<sup>292</sup> ALBUQUERQUE, José de. As Quartas... Ferinas. In. Quatro letras, cinco lustros... *Op cit.*

zona urbana e suburbana da capital Rio de Janeiro<sup>293</sup>. Para que os cinemas não fossem prejudicados em suas programações de exibições, os salões cinematográficos foram cedidos gratuitamente para as conferências de Albuquerque na parte da manhã, geralmente das dez horas ao meio-dia.

Imagem 53 – Público durante uma “conferência dominial” realizada no Cine Meyer, em 1937.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Abril de 1937).

Notamos pela imagem acima, um número considerável de pessoas presentes durante uma das conferências. Nesta em específico, o tema abordado pelo médico sexologista foi a importância da educação sexual na infância e na idade adulta, seguida da projeção luminosa produzida pelo CBES.

A ideia de produzir um filme sobre educação sexual foi mais uma das propostas de José de Albuquerque para difundir sua campanha, mesmo numa época em que a cinematografia no Brasil ensaiava seus primeiros passos. Desde o seu surgimento, o cinema no Brasil sempre suscitou sua potencialidade tanto como entretenimento, quanto a possibilidade de sua utilização para fins sociais, seja na educação, na ciência ou na política. Muitos filmes produzidos já na década de 1930 no Brasil, especialmente por influência do

<sup>293</sup> Relação de cinemas em que foram realizadas as conferências dominicais no Rio de Janeiro: “Cine Teatro Edison” (Engenho de Dentro); “Cine Pilar” (Inhaúma); “Cine Alpha” (Madureira); “Cine Ipiranga” (Jacarepaguá); “Cine Meier” (Méier); “Cine Santa Cruz” (Santa Cruz); “Cine Penha” (Penha); “Cine Progresso” (Campo Grande); “Cine Paraíso” (Bonsucesso); “Cine Vitória” (Bangu); “Cine Oriente” (Olaria); “Cine Cavalcanti” (Cavalcanti); “Cine Guarani” (Rua Frei Caneca); “Cine Vitória” (Rua Conselheiro Mayrink); “Cine Catumbi” (Catumbi); “Cine Maracanã” (Rua São Francisco Xavier); “Cine Parque Brasil” (Rua D. Ana Neri); “Cine Vila Isabel” (Av. 28 de Setembro); “Cine Rio Branco” (Praça Onze de Junho); “Cine Real” (Rua Barão do Bom Retiro); “Cine Lapa” (Av. Mem de Sá); “Cine Fluminense” (Praça Marechal Deodoro); “Cine Avenida” (Rua Haddock Lobo); “Cine Ramos” (Ramos); “Cine Grajaú” (Rua Barão de Mesquita); “Cine América” (Rua Conde de Bomfim); “Cine Modêlo” (Riachuelo); “Cine Politeama” (Largo do Machado); “Cine Santa Cecília” (Braz de Pina); “Cine Americano” (R. N. S. Copacabana); “Cine Piedade” (Piedade); “Cine Moderno” (Bangu); “Cine Quintino” (Quintino); “Cine Inhaúma” (Inhaúma); “Cine Sant’Ana” (Rocha Miranda); “Cine Batuta” (Rua Senador Pompeu); “Cine Olímpia” (Caxias); “Cine Jardim” (Ilha do Governador); “Cine Pilar” (Pilares); “Cine Triunfo” (Irajá); “Cine Lux” (Marechal Hermes), entre outros. (Cf. ALBUQUERQUE, José de. Quatro Letras, Cinco Lustros... Op. cit.)

governo Vargas, traziam em si projetos ideológicos e de propaganda do governo em suas produções, utilizando a imagem visual enquanto recurso pedagógico e educativo<sup>294</sup>.

Em meio a sua campanha Albuquerque percebeu a ausência de qualquer filme educativo sobre sexologia. Dizia ele que os filmes que se propagandeavam nos jornais e nos cartazes dos cinemas brasileiros e que se diziam de “educação sexual” não passavam “senão de recortes de trechos mais ou menos lubricos de ‘films’ já exibidos”, geralmente de produções estrangeiras editadas e montadas sem os devidos créditos aos artistas e produtores originais, numa forma de comércio ilegal e desonesta dos direitos autorais, ou então de filmes originais importados e exibidos nos cinemas brasileiros com o rótulo de “filme de educação sexual”, mas que de educativos não tinham nada, não passando de quadros de cenas que evidenciavam “perversões e desvios sexuais”, além das cenas de sexo explícito<sup>295</sup>. Diante disso, para José de Albuquerque o cinema brasileiro carecia de uma produção cinematográfica que de fato abordasse a questão sexual em seus aspectos biológico, moral e social, tão defendidos pelo médico sexologista.

Sentindo a necessidade de um filme que abordasse em conjunto o problema da educação sexual, isto é, encarando-o sob o ponto de vista biológico, moral e social e, mais ainda, nas diversas fases da vida humana – infância, adolescência, idade adulta e velhice – e como nada houvesse nesse sentido nas filmotecas de nenhum país do mundo, resolveu o C.B.E.S. editar, por sua conta e sob sua responsabilidade, um que viesse preencher este vazio até então existente<sup>296</sup>.

Para a realização de tal produção Albuquerque contratou os serviços da “Cinédia”<sup>297</sup>, através da pessoa de seu diretor e presidente, Ademar Gonzaga<sup>298</sup>. Albuquerque relata que ao contatar Gonzaga para propor sua produção cinematográfica inédita sobre educação sexual, foi prontamente atendido.

---

<sup>294</sup> CATELLI, Rosana Elisa. O cinema educativo nos anos de 1920 e 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea. **Rev. Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-15, Jan./Jun. 2005.

<sup>295</sup> ALBUQUERQUE, José de. Films sobre Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1934, ano II, n. 8, p. 3.

<sup>296</sup> ALBUQUERQUE, José de. Filme sobre educação sexual. In. Quatro letras, cinco lustros... *Op. cit.*

<sup>297</sup> Primeiro estúdio cinematográfico brasileiro fundado pelo jornalista carioca Ademar Gonzaga, em março de 1930. O primeiro filme produzido pela companhia foi “Lábios sem Beijos” (1930), um drama dirigido pelo cineasta Humberto Mauro. Cf. FERREIRA, Suzana Cristina de Souza. Adhemar Gonzaga e a Cinédia – Imagens de um País que dança. 2006. 193 f. **Tese**. (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>298</sup> Cineasta e jornalista carioca, Ademar Gonzaga (1901-1978) almejava criar uma indústria de cinema brasileiro. Foi quando em 1930 utilizou sua herança para fundar no Rio de Janeiro a Cinédia, o primeiro estúdio brasileiro de cinema que durante a década de 1930 liderou a produção cinematográfica nacional. Cf. FERREIRA, Suzana Cristina de Souza. Adhemar Gonzaga e a Cinédia – Imagens de um País que dança. 2006. 193 f. **Tese**. (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais.

Ademar Gonzaga, com o entusiasmo de moço e detentor de uma bela fortuna, a estava enterrando toda no seu velho sonho de fazer cinema brasileiro. Tinha para tal fim montado a Cinédia, numa vasta área de terreno no bairro de São Cristóvão. Procurei-o. Ainda não havia lhe dito o que pretendia e ele foi logo concordando. Tratava-se de iniciativa cinematográfica, logo não havia o que discutir nem o que pensar... era pôr, imediatamente, mãos à obra. Eu que dirigisse o filme, arranjasse os artistas e cenários, que os operadores, o estúdio e todo seu maquinário estavam às minhas ordens<sup>299</sup>.

Dessa forma a parte técnica das filmagens estava acertada, porém com recursos econômicos limitados Albuquerque deparou-se com os primeiros desafios de seu plano: a escolha dos artistas para o elenco e a construção dos cenários. Para resolver essa questão, os próprios membros do CBES ofereceram-se para representar os personagens necessários, além de cederem o espaço de suas próprias residências para servir de cenário. Assim, quase todos os membros do CBES acabaram trabalhando na confecção do filme, sob a direção e acompanhamento constante de José de Albuquerque. Ao fim das gravações das cenas, veio a etapa da “tesoura e da cola”, isto é, o recorte das cenas que seriam aproveitadas, seguida da colagem dos quadros de forma sequencial e lógica para dar um sentido de unidade ao filme apesar da pluralidade dos temas abordados como a educação sexual na infância, puberdade, exame pré-nupcial, casamento, entre outros. Por fim a etapa da legendagem, uma vez que se tratava de um filme mudo as legendas se faziam necessárias.

Assim que finalizado em meados de 1935, o longa-metragem (1.800 metros) intitulado “A Educação Sexual nos diversos períodos da vida”, foi exibido pela primeira vez ao público no “Cinema Broadway”, na Cinelândia, Rio de Janeiro. O cinema foi gratuitamente cedido ao CBES por seus proprietários, Generoso Ponce Filho e Altamiro Ponce. O evento de lançamento do filme contou com a presença de um público diverso, estimado em aproximadamente duas mil pessoas.

---

<sup>299</sup> ALBUQUERQUE, José de. Meu encontro com a educação sexual. *Op. cit.* p. 177-178.

Imagem 54 – Sessão de lançamento do primeiro filme brasileiro de educação sexual



Fonte: Revista da Semana. Ed. 31, 15 de julho de 1935, p. 2.

O filme foi exibido em outras capitais e cidades do território nacional e regularmente utilizado durante as palestras de Albuquerque nas quartas-feiras no CBES. Em 1936, o Círculo passou a realizar semanalmente em sua sede social, uma sessão cinematográfica para exibir o filme produzido. Além das palestras às quartas-feiras, Albuquerque passou a coordenar sessões de cinema educativo, abertas ao público mediante convite para evitar uma superlotação do salão de conferências e projeções do CBES<sup>300</sup>.

Imagem 55 – Salão de conferências e projeções cinematográficas do CBES



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Março de 1937).

<sup>300</sup> SESSÕES de cinema educativo. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. de Outubro de 1936, ano IV, n. 6, p. 2.

Cabe destacar que José de Albuquerque investiu não apenas na produção de um filme de educação sexual, mas em meios para exibir e divulgar sua produção. O médico adquiriu para sua instituição um aparelho portátil de projeção cinematográfica, para filmes de 36 mm (largura exata do filme produzido), a fim de promover séries de exibições em diferentes locais, especialmente as sessões cinematográficas semanais na sede do CBES<sup>301</sup>.

As fontes que consultamos citam que a exibição do filme ocorreu em vários locais tanto da capital como em outros pontos do território nacional. Entretanto certo dia, não identificamos exatamente quando, o serviço de censura de cinema na época sob a chefia de Israel Souto<sup>302</sup>, alegou que o filme produzido pelo CBES não possuía “méritos artísticos”, portanto deveria ser integralmente refilmado, substituindo os “canastrões” por artistas profissionais. Como vimos anteriormente, o filme de José de Albuquerque foi integralmente composto por pessoas da sua instituição, militantes, ativas e envolvidas com sua campanha pela educação sexual e que se dispuseram a representar os personagens diante das câmeras sem gerar custos à produção do filme com a contratação de atores profissionais. Albuquerque relata que naquele momento foi humanamente impossível ao CBES satisfazer a tal “exigência” imposta pelo diretor da Divisão de Cinema e Teatro (DCT), primeiro por ordem econômica dada a sobrecarga de mão-de-obra necessária para regravação quase que total da película (contratação de artistas, construção de cenários, refilmagens, entre outros); e segundo por ordem psicológica, uma vez que para Albuquerque não fazia sentido substituir as pessoas que faziam parte do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, que viviam, acreditavam e defendiam os ideais da instituição e seu fundador, por artistas que pudessem fazer “tábua rasa” dos conceitos e fundamentos da educação sexual defendidos pelo médico.

Quanto à Divisão de Cinema e Teatro (DCT), Israel Souto declarava que cabia ao seu departamento “o cumprimento e atendimento das finalidades do cinema nacional” para que o Brasil alcançasse um posto de destaque no mercado cinematográfico interno e externo. Restava ao DCT o registro de contrato de artistas, a fiscalização de teatros e cinemas, a concessão de prêmios e a censura. Sobre a censura das produções cinematográficas brasileiras:

As disposições censórias estipulavam que deveriam ser vetados filmes que contivessem os seguintes pontos: 1) qualquer ofensa ao decoro público; 2)

---

<sup>301</sup> ALBUQUERQUE, José de. Meu encontro com a educação sexual. *Op. cit.*

<sup>302</sup> Foi diretor da Divisão de Cinema e Teatro (DCT) do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela censura.

cenas de ferocidade ou que sugerissem a prática de crimes; 3) divulgassem ou induzissem aos maus costumes; 4) provocassem incitamento contra o regime vigente, à ordem pública, às autoridades constituídas e seus agentes; 5) prejudicassem a cordialidade das relações com outros povos; 6) fossem ofensivos às coletividades e às religiões; 7) ferissem, por qualquer forma, a dignidade ou os interesses nacionais; 8) induzissem ao desprestígio das forças armadas.<sup>303</sup>

Notadamente a censura pelo fator “mérito artístico” não se enquadra em nenhum desses pontos, porém “A vaguidão do sistema brasileiro, por outro lado, deixava ao critério do poder, as delimitações daquilo que hoje podia ser proibido e amanhã liberado”, ou vice-versa. Logo cabia aos diretores da censura exercer um poder de ação coercitiva, decidindo além das disposições censórias aquilo que poderia ser exibido ou censurado aos espectadores brasileiros<sup>304</sup>. Não havendo a possibilidade de “negociar” a censura da obra cinematográfica produzida pelo CBES, Albuquerque teve seu filme apreendido e retido no departamento de censura, “[...] num ato de verdadeira violência e usurpação da propriedade alheia”, como mais tarde ele descreveu o fato<sup>305</sup>.

Tal como ocorreu com o artigo do *Boletim de Educação Sexual* censurado pelo DIP, e que levou o seu fundador a encerrar as publicações de tal órgão de imprensa, novamente observamos outro instrumento de divulgação da campanha pela educação sexual elaborada por José de Albuquerque ser censurado.

Ao longo da década de 1930 José de Albuquerque soube aproveitar os diferentes meios disponíveis para difundir sua campanha, levando seu conhecimento sobre sexologia e noções sobre educação sexual para a população em todo território nacional.

O cinema, a música, o canto, o desenho, a escultura, a poesia e a oratória, todas essas artes, foram aproveitadas pelos “leaders” do movimento da educação sexual em nosso país, auxiliando-os assim a difundir, entre as massas populares, os postulados dessa complexa ciência, de tanta importância para a vida dos indivíduos e da sociedade. Faltava o teatro<sup>306</sup>.

Seguindo um modelo “Teatro-escola” utilizado na França em campanhas de educação sexual e antivenérea, José de Albuquerque buscou empregar em meados de 1938 esse mesmo modelo a serviço da educação sexual nacional. O médico sexologista limitou-

---

<sup>303</sup> SOUZA, José Inácio de Melo. **O Estado contra os meios de comunicação** (1889-1945). São Paulo: Annablume. Fapesp, 2003. p. 129.

<sup>304</sup> *Ibid.*

<sup>305</sup> ALBUQUERQUE, José de. Filme sobre educação sexual. In. Quatro letras, cinco lustros... *Op. cit.* p. 40.

<sup>306</sup> ALBUQUERQUE, José de. O Teatro a serviço da Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**, Ed. Julho/Agosto de 1938, ano VI, n. 44. p. 1.

se a escrever pequenos “sketches”, que não seriam inicialmente representados, mas sim, lidos nos microfones da Rádio Ipanema, do Rio de Janeiro, na semana do dia 11 a 16 de julho de 1938. Os “sketches” escritos por Albuquerque também foram publicados no *Boletim de Educação Sexual*<sup>307</sup>.

O primeiro “sketch” foi chamado “Numa viagem de bonde”: a cena se passa em um bonde, entre um cavalheiro que lê o *Boletim de Educação Sexual*, e uma senhora ao seu lado que está incomodada com a leitura de um jornal sobre esse assunto. Ambos iniciam um diálogo, no qual o cavalheiro explica para a senhora que não existe problema nenhum com a leitura, nem “imoralidade” de sua parte por fazê-la, pois o que ali se lê são informações úteis e importantes a todos os indivíduos, sobre diferentes aspectos da função sexual<sup>308</sup>.

O segundo “sketch” publicado, “Dê o livro para ela, Fedegundes”, se passa em uma sala de jantar de uma casa de família. A filha lê um livro emprestado de uma amiga sobre educação sexual, e é questionada pela mãe sobre tal leitura. Indignada a mãe chama o pai para avaliar se tal leitura é adequada para a filha, uma vez que para a mãe trata-se de um tema imoral e inadequado para uma moça. O pai conversa com a filha, e esta explica que o livro aborda questões científicas relacionadas à educação sexual que deveriam ser de conhecimento de todas as pessoas. Ao avaliar o livro, o pai e a mãe percebem o quão importante é sua leitura, especialmente para a educação das moças<sup>309</sup>.

“No consultório do Dr. Xisto”, o terceiro “sketch” publicado, se passa na recepção de um consultório médico entre o pai que leva seu filho para uma consulta médica, e posteriormente entre o pai e o médico na sala de consulta. Na recepção o pai solicita a enfermeira para que ele possa falar com o médico em particular, antes de examinar o filho. Na conversa com o médico o pai explica que embora tenha oferecido a melhor educação ao filho, este acabou cometendo um duplo crime: primeiro porque mesmo tendo recebido a melhor educação na visão do pai, o filho acabou se contaminando com uma doença venérea que vinha afetando sua saúde física, e segundo, que o filho ouvindo o conselho de amigos e omitindo o problema da família, buscou automedicar-se com produtos farmacêuticos ineficientes. O médico então explica que neste caso não existe criminosos, apenas vítimas. O filho vítima de quem o contaminou, e de quem não lhe esclareceu os meios adequados

---

<sup>307</sup> “SKETCHS” de Educação Sexual – Boletim de Educação Sexual iniciará sua publicação a partir do próximo número. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro/Outubro de 1938, Ano VI, n. 45, p. 2.

<sup>308</sup> “SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” inicia hoje sua publicação. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro/Dezembro de 1938, Ano VI, n. 46, p. 2.

<sup>309</sup> “SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” prossigue em sua publicação. In. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro/Fevereiro de 1939, ano VII, n. 47, p. 2.

para se evitar o contágio venéreo. O médico esclarece ao pai que embora tenha oferecido a melhor educação ao filho, acabou deixando de lado, por preconceito ou falta de informação, uma parte fundamental de uma educação completa: a educação sexual<sup>310</sup>.

No quarto “sketch”, “Julita quer casar” o diálogo se passa entre uma filha e seu pai. A jovem Julita pede ao pai que receba um rapaz que pretende pedir autorização para propor casamento. O pai questiona sobre as intenções do rapaz e se a filha realmente o conhece bem para formar uma família com ele. A moça apaixonada relata ao pai apenas as boas condições econômicas do rapaz. O pai explica que apenas fatores econômicos e afetuosos não garantem a felicidade de um casamento, e então questiona a filha sobre a saúde do rapaz, explicando o quanto é importante que além do pedido de casamento, o rapaz apresente um atestado de exame pré-nupcial comprovando sua boa saúde, e que a filha deve fazer o mesmo. E só depois de avaliar todas essas questões poderá dar o seu “sim” a união, pois é sua responsabilidade enquanto pai zelar pela felicidade e futuro da filha<sup>311</sup>. O quinto e último, “O pedido de Balthazar...” é uma continuação do enredo do “sketch” anterior. Balthazar, o jovem que deseja desposar Julita, vai até a casa da família da moça pedir ao pai que autorize a união matrimonial de ambos. Na conversa o pai explica a importância de saber das condições de saúde do jovem antes do casamento. O jovem Balthazar em concordância com o pai de Julita reafirma a importância de tal exame, e dá os detalhes de como adiantou-se consultando um médico para que este o fizesse um exame pré-nupcial antes mesmo de conversar diretamente com o pai da moça, e assim, naquela ocasião já se encontrava com o atestado de boa saúde assinado pelo médico para apresentar ao patriarca juntamente do pedido de casamento. Satisfeito com a atitude do rapaz, o pai o encarrega de acompanhar a filha ao consultório médico para que ela também seja examinada<sup>312</sup>.

Analisando os “sketches” percebemos que todos abordam questões específicas em relação à educação sexual e que são defendidas por Albuquerque ao longo de toda sua campanha: a imoralidade e o preconceito existente quando se trata da educação sexual, a importância da educação sexual para as mulheres, a educação sexual dos filhos, o perigo das doenças venéreas e a importância do exame pré-nupcial. Entendemos que abordar tais assuntos num formato de diálogos cotidianos foi mais uma das estratégias de José de

---

<sup>310</sup> “SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” prossegue em sua publicação. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março/Abril de 1939, ano VII, n. 48, p. 2.

<sup>311</sup> “SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” prossegue em sua publicação. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Maio/Junho de 1939, ano VII, n. 49, p. 2.

<sup>312</sup> “SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” prossegue em sua publicação. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Julho/Agosto de 1939, ano VII, n. 50, p. 2.

Albuquerque de levar seus ensinamentos a população, despertando o interesse pelo tema e demonstrando o quanto a educação sexual é importante e se faz presente em diferentes situações e períodos da vida.

Vimos também que tais “sketches” foram não apenas publicados ao longo das edições do *Boletim de Educação Sexual*, mas também irradiados pela Rádio Ipanema (PRH – 8). Cabe destacarmos o quanto o rádio também se fez presente enquanto importante meio de comunicação utilizado por Albuquerque ao longo de sua campanha na década de 1930, e é essa relação que veremos no tópico a seguir.

### 3.2.2 Educação Sexual pelo Rádio

Desde o seu surgimento no início do século XX, o rádio exerceu uma importante influência na vida das pessoas enquanto meio de comunicação de massa, funcionando enquanto difusor de ideias, conhecimentos, moda, entretenimento e informações sobre os mais diversos aspectos do cotidiano. Ao longo da década de 1920 o setor radiofônico brasileiro se desenvolveu muito lentamente. Vários aspectos podem ser apontados para isso como os horários irregulares de transmissão, as frequências de baixa intensidade e os altos preços dos aparelhos receptores, além da falta de recursos financeiros para manter as emissoras em funcionamento<sup>313</sup>.

No Brasil a instalação da primeira emissora de rádio em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro fundada pelo médico e antropólogo Edgar Roquette Pinto e pelo engenheiro e geógrafo Henrique Morize, trouxe uma proposta educativa e cultural para o novo meio de comunicação que surgia. Para os fundadores da Rádio Sociedade, a noção de educação e cultura transmitidas pela emissora estava muito mais ligada à veiculação de informações científicas, econômicas, palestras, aulas, poesia e música clássica, o que restringia parte do público ouvinte. Dessa forma “A emissora tinha um caráter elitista não só pelo conteúdo que veiculava, como palestras com temática científica e músicas clássicas, mas também pelo fato de poucas pessoas terem um aparelho de rádio”<sup>314</sup>. Ou seja, na década de 1920 o

---

<sup>313</sup> AZEVEDO, Lia Calebre. No tempo do Rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil (1923 – 1960). 2002. 277 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

<sup>314</sup> ANDRELO, Roseane. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. **Rev. HistedBR** On-line, Campinas, n. 47, set. 2012, p. 141.

rádio não se configurava como um meio de comunicação para as massas, mantendo uma programação muito mais voltada aos interesses da elite.

Tal cenário começa a se modificar no início dos anos de 1930 quando as rádios começam a trilhar o caminho da profissionalização, irradiando programas diários em uma frequência de captação de som mais eficiente, e as indústrias estrangeiras pouco a pouco conquistavam o mercado brasileiro com novidades tecnológicas<sup>315</sup>. O rádio em seu início não era o grande veículo de comunicação de massa, mas seu potencial enquanto tal, o levou a sua popularização, “[...] sua capacidade de falar simultaneamente a incontáveis milhões, cada um deles sentindo-se abordado como indivíduo, transformava-o numa ferramenta inconcebivelmente poderosa de informação de massa, como governantes e vendedores logo perceberam, para propaganda política e publicidade<sup>316</sup>”.

Ao longo da década de 1930 o rádio começa a se popularizar no país junto do crescimento no número de emissoras, especialmente graças aos Decretos nº 20.047 de 27 de maio de 1931, e nº 21.111 de 1 de março de 1932, que regulamentavam o funcionamento das emissoras colocando-as à disposição do governo, bem como autorizavam a veiculação de publicidade permitindo a transmissão de propagandas em caráter comercial. Seguido do crescimento no número de emissoras, veio o aumento do número de ouvintes, o barateamento dos aparelhos de recepção e das opções disponíveis no mercado, bem como a diversificação dos programas de rádio<sup>317</sup>.

José de Albuquerque não deixou de notar a potencialidade desse meio de comunicação, e buscou logo levar sua campanha aos microfones das rádios brasileiras lançando um apelo às emissoras disponíveis, principalmente na capital, para que colaborassem com seu projeto ideológico em prol da educação sexual, tal como havia feito com a imprensa periódica assim que fundou o Círculo Brasileiro de Educação Sexual.

Não podendo o C.B.E.S. dispensar a preciosa colaboração do Rádio para levar a bom termo, como o fez, a campanha em que se ia empenhar, lançou um apelo às estações radiofônicas brasileiras, que, em massa, atenderam a essa solicitação, colocando seus microfones a serviço da causa da educação sexual<sup>318</sup>.

---

<sup>315</sup> AZEVEDO, Lia Calebre. *Op. cit.*

<sup>316</sup> HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos** – o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 194-195.

<sup>317</sup> AZEVEDO, Lia Calebre. *Op. cit.*

<sup>318</sup> ALBUQUERQUE, José de. O rádio na educação sexual. In. Quatro letras, cinco lustros. *Op. cit.*

Várias rádios atenderam ao apelo do médico<sup>319</sup> disponibilizando seus microfones para a transmissão de palestras, conferências e eventos promovidos por Albuquerque e pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Em julho de 1934, a Rádio Cajuti do Rio de Janeiro cedeu gratuitamente seus microfones para que José de Albuquerque transmitisse breves palestras sobre educação sexual na ocasião de um evento promovido pelo CBES, a “Semana de Educação Sexual”. Durante seis dias do evento, das 18:50 às 19 horas Albuquerque proferiu palestras radiofônicas sobre diversos temas relacionados à educação sexual.

Accedendo ao convite por nós feito por ocasião da “Semana de Educação Sexual” uma estação de radio, a mais recente entre todas as da Capital da Republica, a “Radio Cajuti”, franqueou por ocasião daquelle tentamen seu microfone ao “Circulo Brasileiro de Educação Sexual”, para no decorrer daquella “Semana” serem proferidas palestras sobre educação sexual, ficando assim, inaugurada de uma fôrma digna dos melhores applausos, conforme testemunho dos jornaes da época e das cartas que foram escriptas a uma e outra dessas instituições, a propaganda da educação sexual pelo radio, no Brasil<sup>320</sup>.

Passados alguns meses do evento, o *Boletim de Educação Sexual* anunciou que devido ao sucesso das palestras transmitidas via rádio por ocasião da “Semana de Educação Sexual”, a “PRE2 - Sociedade Radio Cajuti do Rio de Janeiro” em parceria com o Círculo Brasileiro de Educação Sexual organizou uma série de 15 palestras sobre educação sexual a cargo de José de Albuquerque, e que seriam irradiadas todas as quintas-feiras das 19h às 19h:10min nos microfones da rádio.

No decorrer de quatro meses entre novembro de 1934 e fevereiro de 1935, semanalmente, José de Albuquerque proferia suas palestras nos microfones da Rádio Cajuti. Conforme relatam as fontes, a iniciativa radiofônica foi elogiada na imprensa carioca através de notas publicadas em suas páginas<sup>321</sup>, bem como pelo público ouvinte através de cartas de apoio e de telefonemas recebidos tanto pela rádio quanto pelo CBES sugerindo que tal programação fosse mantida em caráter permanente pela emissora de rádio<sup>322</sup>. Mas

---

<sup>319</sup> Rádios citadas por Albuquerque que colaboraram com o CBES: Rádio Clube do Brasil; Rádio Sociedade do Rio de Janeiro; Rádio Cajuti; Rádio Guanabara; Rádio Ipanema; Rádio Nacional; Rádio São Paulo; Rádio Roquette Pinto e a Hora do Brasil.

<sup>320</sup> O radio a serviço da Educação Sexual – A “Radio Cajuti” inicia brevemente uma série de palestras a cargo do Dr. José de Albuquerque. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1934, ano II, n. 8, p. 6.

<sup>321</sup> O ‘Boletim de Educação Sexual’ transcreveu as notas publicadas em alguns órgãos de imprensa do Rio de Janeiro: “O Globo” de 21 de novembro de 1934, “Jornal do Brasil” de 27 de novembro de 1934 e “A Patria” de 24 de novembro de 1934 e “Revista P.R.”, de dezembro de 1934. Cf. Boletim de Educação Sexual, n. 1, Janeiro de 1935, p. 4-5.

<sup>322</sup> EDUCAÇÃO Sexual pelo Rádio – Encerramento das palestras do Dr. José de Albuquerque na “Rádio Cajuti”. In. Boletim de Educação Sexual, n. 2, Março de 1935, p. 3.

ao fim das 15 palestras que inicialmente as duas instituições haviam concordado, o programa de educação sexual através do rádio teve seu fim. Na ocasião do encerramento além da última palestra de José de Albuquerque, também falaram brevemente ao público através dos microfones da rádio o vice-presidente do CBES, Olympio Rodrigues Alves agradecendo aos diretores da Cajuti por cederem seus microfones em prol de levar a educação sexual aos seus ouvintes<sup>323</sup>; e o diretor artístico da Rádio Cajuti, Paulo Bevilacqua que agradeceu a José de Albuquerque pela maneira como o médico sexologista vinha conduzindo a campanha pela educação sexual no país<sup>324</sup>.

Imagem 56 – Na sede da Rádio Cajuti na ocasião da inauguração da série de palestras sobre educação sexual



Fonte: Sentados, da esquerda para a direita: Francisco Antonio dos Santos (Rádio Cajuti), José da Cunha Ferreira (CBES), José de Albuquerque (CBES), Alberto Santos (Rádio Cajuti), Olympio Rodrigues Alves (CBES); Em pé, na mesma ordem: Paulo Bevilacqua, Renato Andrade e Alvaro Santos (Rádio Cajuti). In. Boletim de Educação Sexual (Ed. Janeiro de 1935).

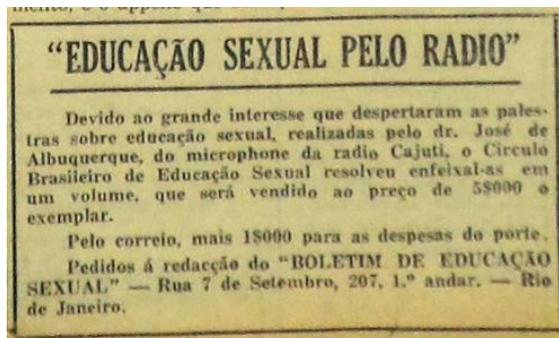
A iniciativa do CBES e da Rádio Cajuti em promover palestras sobre educação sexual para seu público ouvinte demonstram o quanto José de Albuquerque buscou se apropriar de diferentes meios de comunicação para divulgar sua campanha para o público. Porém, sabendo que durante a década de 1930 o rádio não era um meio comunicação acessível a toda população ou a grande parte dela, não se caracterizando ainda nesse início como um veículo de comunicação em massa, Albuquerque junto dos demais membros do CBES se propuseram a lançar a obra “Educação Sexual pelo Rádio”, com a série das 15 palestras de José de Albuquerque irradiadas pela Rádio Cajuti. Logo que as palestras foram encerradas no

<sup>323</sup> EDUCAÇÃO Sexual pelo Rádio – Discurso do Dr. Olympio Rodrigues Alves no encerramento da serie de palestras sobre educação sexual pelo radio. In. Boletim de Educação Sexual, n. 2, Março de 1935, p. 3.

<sup>324</sup> EDUCAÇÃO Sexual pelo Rádio – Discurso do Dr. Paulo Bevilacqua. In. Boletim de Educação Sexual, n. 2, Março de 1935, p. 3.

programa de rádio, o *Boletim de Educação Sexual* publicou em suas páginas uma propaganda anunciando a venda dos exemplares da obra a quem pudesse interessar.

Imagem 57 – Propaganda no ‘Boletim de Educação Sexual’ sobre a obra “Educação Sexual pelo Rádio”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Março/1935).

A proposta de elaborar um livro com as palestras de José de Albuquerque foi decidida em uma sessão da diretoria do CBES em 18 de março de 1935, assim como seu financiamento e a impressão do volume. Durante a sessão o diretor-tesoureiro do CBES, José da Cunha Ferreira, fez questão de elencar uma série de justificativas para a publicação das palestras. Tais considerações feitas por Cunha Ferreira foram transcritas como prefácio do livro, e apontam para questões como a limitação da população ao acesso às palestras via rádio, a relevância da temática e de toda campanha de José de Albuquerque e do CBES, e a importância dessa campanha chegar ao público.

Considerando que as conferencias do Dr. José de Albuquerque, proferidas por intermedio da Radio Cajuti são de grande utilidade, como ensino, a todos aproveitaveis;

Considerando que é medida de alto patriotismo pôr estes conhecimentos ao alcance de todos em geral;

Considerando que nem a todos foi dado o prazer de conhecel-as, por não terem em suas casas receptores de radio, ou por dificuldade de serem ouvidas na hora em que foram irradiadas;

Considerando que proporcionar sua leitura por meio facil e ao alcance do grande publico – é uma bôa maneira de diffundir a cultura e a educação;

Considerando que o programma do “Circulo Brasileiro de Educação Sexual” já é bastante conhecido em todo paiz e todos têm desejo de um modo geral e bem manifestado, de conseguir estas leituras, hoje, felizmente já acessiveis ao conhecimento do publico;

Considerando afinal, que é medida de alto alcance para a educação sexual e tambem para o “Circulo Brasileiro de Educação Sexual” mande publicar as ditas conferencias em volume

Esta proposta foi unanimemente aceita em sessão de directoria, estando assim perfeitamente justificada a razão de ser da publicação do presente trabalho<sup>325</sup>.

Entre os temas das palestras que foram compiladas no volume “Educação Sexual pelo Rádio” constavam os preconceitos e as dificuldades enfrentadas por aqueles que levantavam a bandeira da campanha pela educação sexual no país; a educação sexual a partir de bases científicas; a relação entre sexualidade e imoralidade e o “falso conceito” de que a função sexual é algo imoral; a falsa ideia de que a educação sexual concorre para a destruição da família, do lar, e da deformação do caráter individual; o combate ao conceito de “sexo superior/forte” e “sexo fraco”; a compatibilidade entre educação sexual e a religião; conselhos de como os pais devem conduzir a educação sexual das crianças sem mentiras ou fantasias, de maneira natural e em uma linguagem acessível ao grau de mentalidade de cada fase da infância quando a própria curiosidade infantil se dirigir para tais assuntos; a educação sexual nas escolas sem que necessariamente seja criada uma cadeira para educação sexual; a importância da educação sexual para as moças, uma vez que a puberdade acarreta mudanças corporais em ambos os sexos; a importância do exame pré-nupcial a fim de conhecer as condições biológicas do cônjuge de gerar uma prole sadia; e por fim aproveitando o período de encerramento das palestras em meio as comemorações de Carnaval, uma palestra sobre a relação entre esta grande festa popular e os excessos cometidos durante esse período, especialmente no que corresponde ao abuso do álcool, a propagação e contágio de doenças venéreas, gravidez não planejada e o elevado número de abortos logo após as comemorações, bem como o nascimentos de crianças com deficiências congênitas em decorrência de doenças venéreas dos genitores durante as festas carnavalescas.

Dentre tantas possibilidades de reflexão e análises que a educação sexual proporciona, observamos através dos temas escolhidos por José de Albuquerque para esta série de palestras, que se trata de um resumo dos principais tópicos relacionados à educação sexual defendidos pelo médico sexologista ao longo de toda sua campanha frente ao CBES.

Mas não foi apenas a Cajuti a única emissora radiofônica que serviu a campanha de José de Albuquerque pela educação sexual. Em janeiro de 1937, encerrava-se um curso composto por 25 palestras do médico sexologista sobre educação sexual a convite do Programa Universal da Rádio Ipanema (PRH-8). Diferente das palestras, cursos e conferências realizadas em outras estações de rádio, a proposta apresentada por Albuquerque

---

<sup>325</sup> FERREIRA, José da Cunha. Duas Palavras. In. ALBUQUERQUE, José de. **Educação Sexual pelo Rádio**. Rio de Janeiro: Circulo Brasileiro de Educação Sexual, 1935.

na série de conferências na Rádio Ipanema foi de aliar temas e fatos que estavam acontecendo naquele momento à luz dos problemas da educação sexual. Tal proposta tinha como objetivo demonstrar o quanto a educação sexual estava presente em diferentes momentos e aspectos do cotidiano.

Ao contrario do que havia feito de outras vezes, em estações de radio daqui e dos Estados, em que realizei cursos de conferencias sobre educação sexual, no que ora acabo de realizar, tirei o thema das minhas palestras dos assumptos que no momento em que falava, preocupavam a opinião publica do paiz. Eram, por conseguinte, assumptos da ordem do dia, analysados á luz do problema máximo da nossa éra, que é o problema da educação sexual. A visita de Roosevelt ao Brasil; a abdicação de Eduardo VIII; a Conferencia Inter-Americana de Buenos Aires; as commemorações do Natal; as canções carnavalescas; a determinação policial referente aos banhistas; e muitos outros assumptos, foram analysados através desse microphone, no espaço de três mezes em que o ocupei, provando assim que os problemas sociaes os mais diversos, apresentam sempre aspectos sexuaes, de modo que não serão resolvidos senão parcialmente, si em seus aspectos sexuaes não forem tambem convenientemente analysados<sup>326</sup>.

Além da série de palestras, a Rádio Ipanema também transmitiu conferências realizadas pelo CBES na ocasião das comemorações da “Semana de Educação Sexual”, em julho de 1937 e julho 1938. Nesta última, durante a palestra de abertura Albuquerque justificou que a escolha do rádio para transmissão do evento ocorreu para não privilegiar apenas um ou outro Estado com a realização da “Semana de Educação Sexual” em algum local específico limitado a um número específico de público presente, então através do rádio o país todo poderia participar do movimento organizado pelo médico<sup>327</sup>. Cabe destacarmos também que durante essa “Semana” de 1938, José de Albuquerque optou por irradiar seus “sketches” teatrais sobre educação sexual alegando que era preciso inovar e prender a atenção dos ouvintes falando tanto às elites quanto às massas, e nestas condições seus “sketches” possibilitavam abordar os temas necessários relacionados a educação sexual aplicado a situações cotidianas sem utilizar uma linguagem de difícil compreensão ou totalmente científica que não alcançasse a todos os públicos.

Apesar de não ser tão popular enquanto veículo de comunicação em massa durante a década de 1930, não podemos deixar de considerar a relevância que o rádio teve em vários momentos da campanha pela educação sexual movida por José de Albuquerque, enquanto

---

<sup>326</sup> PALESTRA de encerramento do prof. Dr. José de Albuquerque. Educação Sexual pelo Radio. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Fevereiro de 1937, ano V, n. 28, p. 3.

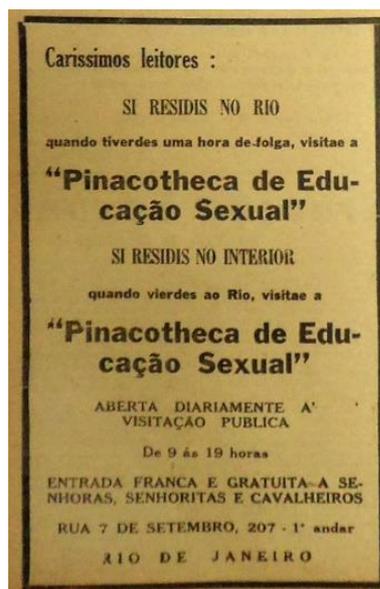
<sup>327</sup> SEMANA de Educação Sexual – Sua realização pela quarta vez no Brasil. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro/Outubro de 1938, ano VI, n. 45, p. 5.

meio de difusão de suas ideias. Durante toda sua campanha ao longo da década de 1930, observamos que Albuquerque articulou diferentes estratégias não apenas para levar a educação sexual ao público, mas também para aproximar esse público das ações elaboradas por ele e pelo CBES, possibilitando que as pessoas interagissem com a campanha como veremos nos tópicos a seguir.

### 3.2.3 Museu, Pinacoteca e Bureau Internacional de Educação Sexual e Antivenérea

Logo que José de Albuquerque fundou o Círculo Brasileiro de Educação, utilizou a sede da instituição para organizar uma pinacoteca sobre educação sexual aberta para visitação gratuita do público. Quando em 1935 ocorreu a reformulação do Estatuto do CBES, ocorreu também uma mudança que afetou diretamente a Pinacoteca de Educação Sexual, a criação de um cargo especial na diretoria, o de “Diretor/a de Pinacoteca”. Ao responsável do cargo caberia a função de atender as necessidades de tal seção cultural. Foi eleito inicialmente para tal cargo Edelberto Nunes Ribeiro<sup>328</sup>.

Imagem 58 – Propaganda da “Pinacoteca de Educação Sexual”



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Agosto de 1935).

Aberta diariamente das 9 às 19 horas para visitação do público e com entrada gratuita conforme anunciava propagandas publicadas no *Boletim de Educação Sexual*, em 1935 a

<sup>328</sup> ALBUQUERQUE, José de. Á Margem. Pinacoteca de Educação Sexual. *Boletim de Educação Sexual*. Ed. Agosto de 1935, ano III, n. 7, p. 1.

Pinacoteca, com quase dois anos de funcionamento, contava com 135 quadros em cores, dos quais 81 medindo 0,27 x 0,36 cm e 54 medindo 0,46 x 0,64 cm. A confecção desses quadros e mais tarde de peças modeladas para exposição, coube inicialmente a dois artistas nacionais: o professor Calmon Barreto, da Escola Nacional de Belas Artes e ao modelador do Museu da Faculdade Nacional de Medicina, Aldo Baldissara<sup>329</sup>.

Sobre os primeiros quadros e peças expostos na Pinacoteca:

Os primeiros quadros inaugurados abordavam, sob a forma apologética, o problema da educação sexual. Eram quadros que tão bem cabiam numa pinacoteca de arte como de ciência, conforme a interpretação que lhes fôsse dada. Tinha isso uma finalidade psicológica: ir habituando o povo às questões sexuais, para que, compreendendo o alcance da educação sexual, depois se interessasse, espontaneamente, pelos detalhes, isto é, pelo “como” e “por que?” que novos quadros e as peças ceroplásticas, mais tarde inauguradas, vieram explicar.<sup>330</sup>

Utilizar de recursos visuais foi mais uma das estratégias utilizadas por Albuquerque para a divulgação de sua campanha pelo país. Para o médico a máxima “uma imagem vale mais que mil palavras” adequava-se perfeitamente quando a intenção era atingir as massas populares, ou a maior parte da população que não sabia ler ou escrever na época. Para ele a imagem sintetizava vocábulos que muitas vezes não eram compreendidos em seu real sentido, portanto, os recursos visuais se tornavam acessíveis a toda população.

Além dos livros de educação sexual, dos “films” especializados sobre esse assunto, das conferencias populares de vulgarização sexologica, das palestras radiophonicas etc, as pinacothécas de educação sexual prestam um inestimável serviço, para levar no seio das massas populares, os conhecimentos indispensáveis sobre os factos fundamentaes da sexualidade, que todos deveriam conhecer, para que melhor se soubessem conduzir [...] A imagem visual, diz com muito maior eficiencia, do que a palavra falada ou escripta, aquillo que nós queremos que chegue até as mássas populares [...].<sup>331</sup>

Quando as obras expostas na Pinacoteca de Educação Sexual já não eram suficientes para explanar sobre alguns aspectos relacionados às questões sexuais, José de Albuquerque decidiu ampliar os recursos visuais criando um “Museu de Educação Sexual”, para expor inicialmente algumas peças ceroplásticas especialmente confeccionadas para o museu, em tamanho real, representando órgãos, lesões e deformidades causadas por doenças sexuais.

<sup>329</sup> ALBUQUERQUE, José de. Museu e Pinacoteca de educação sexual. In. Quatro letras, cinco lustros. *Op. cit.*

<sup>330</sup> *Ibid.*, p. 41-42.

<sup>331</sup> ALBUQUERQUE, José de. Pinacothéca de Educação Sexual. Serviço especial do Circulo Brasileiro de Educação Sexual. **O Jornal**. Ed. 107 de 13 de fevereiro de 1935. p. 3.

Tais peças pretendiam demonstrar de forma mais fiel possível algumas patologias sexuais que afetam fisicamente o corpo humano de forma que o visitante compreendesse que o que estava exposto ali não era “produto da imaginação”, mas casos reais de enfermidades. Com isso Albuquerque pretendia levar ao público que os seus ensinamentos sobre educação sexual poderiam poupar todo aquele sofrimento.

O relevo, as saliências e reentrâncias, as cambiantes de côr, tudo isso não escapou ao artista que sob nossa orientação confeccionou taes peças, de sorte que o visitante é muita vez impressionado de tal forma, que se julga em presença de um segmento vivo, destacado do corpo de um enfermo. São casos reaes, colhidos nas enfermarias de hospitaes e modelados muitos delles no proprio local, em gesso, e depois copiados em cêra, ficando assim excluida toda e qualquer idéa de “exagero” que muita vez o publico attribue ás gravuras e desenhos, exagero esse que julgam ser um recurso de que lançam mão seus autores, para melhor poderem impressional-o e como tal leval-o mais promptamente ao cumprimento daquilo que lhe procuraram ensinar.<sup>332</sup>

Em 5 de março de 1936 o museu foi inaugurado funcionando juntamente da pinacoteca, na nova sede do CBES na Rua do Rosário 172, na capital, com entrada franca e abertos diariamente à visitação do público. Mais tarde, ainda naquele ano, José de Albuquerque adquiriu novos trabalhos confeccionados pela professora Francelina Pires<sup>333</sup>. Tratava-se de uma coleção de modelos anatômicos em papel mata-borrão, representando os diversos estágios do desenvolvimento embrionário, desde a fecundação até sua etapa final<sup>334</sup>.

---

<sup>332</sup> ALBUQUERQUE, José de. Á Margem. Inauguração do Museu de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Fevereiro de 1936, ano IV, n. 2. p. 1.

<sup>333</sup> Na época exercia magistério em Belo Horizonte, Minas Gerais.

<sup>334</sup> MUSEU de Educação Sexual. Interessantes trabalhos da Professora Francelina Pires. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1936, ano IV, n. 7, p. 8.

Imagem 59 – Museu e Pinacoteca de Educação Sexual



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Março/1937).

Organizado em cinco seções, o Museu de Educação Sexual contava com uma primeira seção composta de peças em cera em tamanho real de partes do corpo humano as quais apresentam lesões e deformidades; a segunda seção era composta de peças naturais conservadas, obtidas em intervenções cirúrgicas ou de autópsias, e que demonstram particularidades que as peças artificiais não poderiam evidenciar; a terceira, a quarta e a quinta seção exibiam aparelhos, objetos e instrumentos utilizados tanto pela população em geral sem supervisão médica, quando instrumentais utilizados por médicos nos tratamentos de pacientes no que se refere a esfera sexual, e todo arsenal cirúrgico empregado pela ciência “[...] para reparação dos danos causados pela imprevidencia popular, devida á falta de educação sexual”<sup>335</sup>, conforme alegava Albuquerque.

Diariamente o Museu e Pinacoteca de Educação Sexual era visitado por grupos nacionais e estrangeiros de estudantes, professores, médicos, jornalistas, juristas, religiosos, pais, mães, homens e mulheres interessadas pela campanha desenvolvida no CBES. Muitas dessas visitas eram recepcionadas e guiadas pelo próprio José de Albuquerque, ou demais membros do Círculo disponíveis para tal naquele momento, sem que nenhum valor monetário fosse cobrado por tais serviços. Ao visitante também era oferecido um catálogo

<sup>335</sup> ALBUQUERQUE, José de. O “Museu de Educação Sexual” e o Povo. **Jornal O Comércio**. Ed. 140, de 17 de maio de 1936, p. 2.

explicativo das obras e qualquer dúvida poderia ser esclarecida com a pessoa disponibilizada como guia<sup>336</sup>.

Ao final do “tour”, os visitantes assinavam um livro de visitas. A partir dele, o CBES mensurava a média mensal ou anual de visitantes ao Museu<sup>337</sup>. Neste livro também era possível registrar brevemente as impressões sobre as exposições. Alguns dos visitantes escreviam diretamente ao CBES através de pequenos artigos, muitos dos quais eram publicados no *Boletim de Educação Sexual*, na seção “Página de nossos Leitores”.

Em um desses artigos o visitante Ignacio Torres do Nascimento descreve:

Não imaginam os leitores como ficámos radiantes e ao mesmo tempo horrorizados, com o que vimos e aprendemos. Radiantes porque, naquilo tudo que representa para nós a oitava maravilha, conseguimos em curto espaço de tempo ilustrar os nossos conhecimentos, com uma infinidade de coisas uteis e indispensáveis a todos os jovens educandos. Horrorizados, por saber a quantos perigos estávamos expostos, antes desta lucrativa visita á “Pinacoteca e Museu de Educação Sexual”<sup>338</sup>.

Ele relata ainda que dentre tantas obras expostas é difícil apontar a que chamou mais sua atenção, porém descreve em detalhes sobre um quadro em específico que representa um casamento realizado sem o exame pré-nupcial e os vestígios deixados por esse matrimônio. Condenados a uma “existência precária”, o quadro apresenta a ilustração de um noivo com sua noiva unidos sem terem realizado o exame pré-nupcial, e logo abaixo deles esqueletos de mãos dadas representando as doenças venéreas<sup>339</sup>.

Em outro artigo publicado na seção “Página de Nossos Leitores” sobre o Museu e Pinacoteca, a professora Amelia do Nascimento recomendava aos pais e mães que enviassem seus filhos e filhas para visitar o Museu de Educação Sexual como forma de “esclarecimento das mentes e orientação na estrada da vida”, pois as seções disponíveis no museu apresentavam muitos exemplos de males que podem ser evitados através da educação sexual, especialmente aqueles relacionados às doenças venéreas<sup>340</sup>. Para Joaquim Eloy de Britto, a visita ao Museu e Pinacoteca de Educação Sexual num primeiro momento pode

---

<sup>336</sup> CASTELLAR, Yolanda. Sobre o Museu e Pinacoteca de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1937, ano V, n. 27.

<sup>337</sup> Segundo José de Albuquerque a média de visitas mensais girava em torno de quatrocentas pessoas, sem contar as visitas coletivas (grupos estudantis, excursões, associações de classe, turistas entre outros).

<sup>338</sup> NASCIMENTO, Ignacio Torres do. A Pinacoteca e o Museu de Educação Sexual. Página de Nossos Leitores. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março de 1937, ano V, n 29, p. 5.

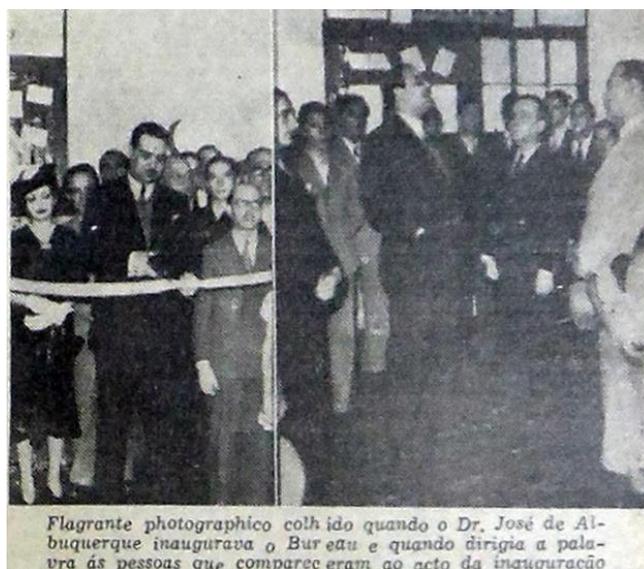
<sup>339</sup> Trata-se do cartaz “O Pacto da Morte!” abordado em tópicos anteriores.

<sup>340</sup> NASCIMENTO, Amelia do. Museu de Educação Sexual. Página de Nossos Leitores. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Julho de 1937, ano V, n. 33 p. 5.

causar espanto frente aos horrores das doenças apresentadas, porém quando o olhar se volta para o aprendizado que aquilo tudo representa, os temores se dissipam e resta o ensinamento como arma fundamental de defesa da saúde do indivíduo, da família e da prole<sup>341</sup>.

Em setembro de 1938, o CBES anunciou a organização e inauguração de um “Bureau Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea”. Tendo como presidente José de Albuquerque, como secretário Cunha Ferreira e como monitora Paulina Meira Vasconcellos, tal espaço pretendia reunir e sistematizar todo material disponível, produzidos tanto no país quanto fora dele, sobre propagandas educativas relacionadas aos setores de sexologia e venereologia<sup>342</sup>.

Imagem 60 – Inauguração do Bureau Internacional de Educação Sexual e Antivenérea



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Novembro/dezembro de 1938).

Funcionando na sede do CBES, o Bureau foi organizado com gráficos, cartazes, folhetos, cartões postais e tudo que tenha servido como material para levar conhecimento a população em diferentes países sobre educação sexual e antivenérea<sup>343</sup>. Aberto diariamente ao público em uma grande exposição permanente, todo o material estava disponível para ser examinado por qualquer pessoa interessada e contava com um dispositivo de caixilhos

<sup>341</sup> BRITTO, Joaquim Eloy de. Museu e Pinacotheca de Educação Sexual, impressões de visita. Pagina de Nossos Leitores. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março/Abril de 1938, ano VI, n. 41 e 42, p. 5.

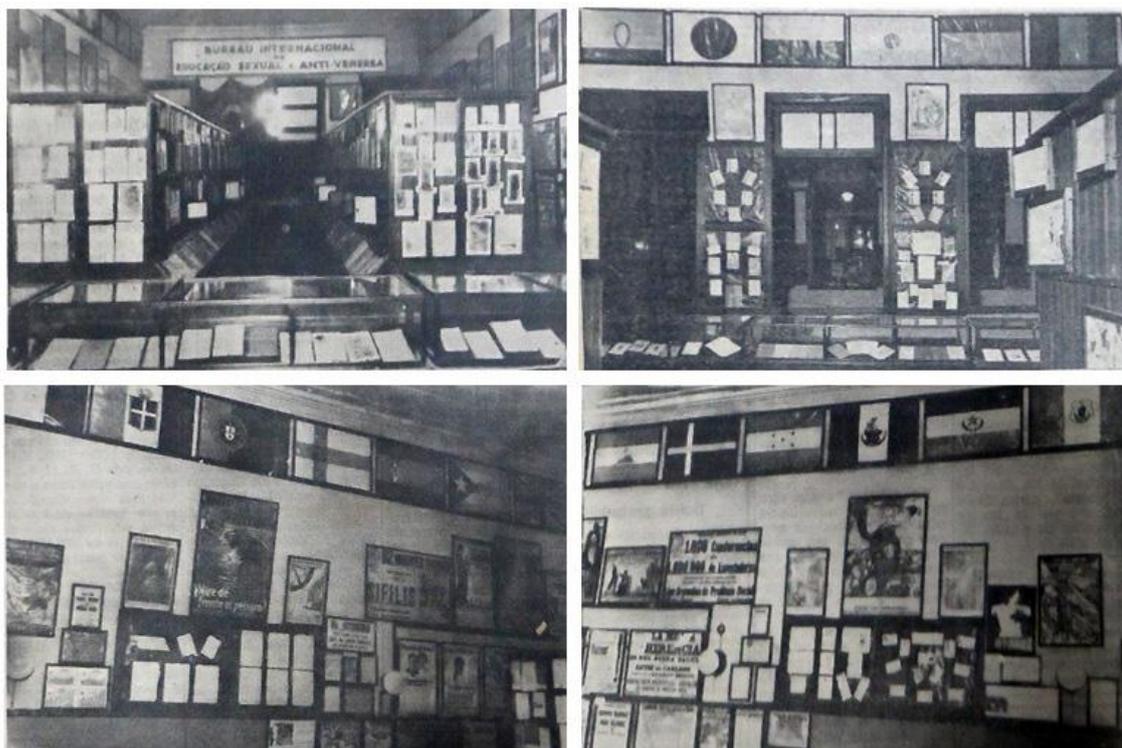
<sup>342</sup> BUREAU Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea. Alguns dados sobre a vida desta instituição da qual é diretor o Dr. José de Albuquerque. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Maio/Junho de 1939, ano VII, n. 49.

<sup>343</sup> ALBUQUERQUE, José de. À Margem. Bureau Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro/Outubro de 1938, ano VI, n. 45.

de armazenamento que permitia ao público analisar os documentos frente e verso, em todos os seus detalhes, sem o risco de expô-los a estragos de manuseio.

Contando inicialmente com aproximadamente quatrocentos documentos, em sua maioria obtidos por José de Albuquerque nas ocasiões de suas viagens a diversos países, o Bureau buscou ampliar seu acervo mantendo contato com organizações de educação sexual e antivenérea do mundo, e solicitando a remessa de novos materiais para exposição<sup>344</sup>.

Imagem 61 – Aspectos do Bureau Internacional de Educação Sexual e Antivenérea



Fonte: Boletim de Educação Sexual.

A partir de então José de Albuquerque passou a manter nas dependências do CBES, além da Pinacoteca e Museu de Educação Sexual, o Bureau Internacional de Educação Sexual e Antivenérea até meados de 1940, quando a instituição mudou novamente de endereço, levando todo material do museu, pinacoteca e bureau para a nova sede, na Rua do Rosário, 98, 2º andar. Devido ao espaço disponível no novo prédio, o CBES precisou readequar alguns de seus setores.

Ficou sem salão de conferências. Sua biblioteca viu-se privada da sala de leitura. Seus arquivos foram transferidos para outro local. Sua secretaria, de

<sup>344</sup> BUREAU Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea. Sua inauguração sob os auspícios do Circulo Brasileiro de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro/Dezembro de 1938, ano VI, n. 46.

proporções mais exíguas, continuou a dar cumprimento a seu trabalho. Só não sofreu nenhuma restrição, a não ser na questão do espaço, em comparação com o de que dispunha anteriormente, o “Museu e Pinacoteca de Educação Sexual”, que continuou a funcionar, sem prejuízo para os visitantes, no horário habitual de 10 às 18 horas, nos dias úteis, e de 9 ao meio-dia, nos sábados<sup>345</sup>.

Como relatado, o Museu de Educação Sexual não sofreu grandes mudanças na nova sede, permanecendo com suas obras em exposição e aberto para visitação. Porém não foi possível identificar nas fontes consultadas a menção do funcionamento do Bureau após 1940. Possivelmente o acervo foi mantido em posse de José de Albuquerque e do CBES para consultas, mas não em exposição ao pública.

O Museu, a Pinacoteca e Bureau de Educação Sexual e Antivenérea representam ao longo da década de 1930 alguns dos aspectos importantes da movimentação de José de Albuquerque no sentido de difundir a educação sexual no país dando visibilidade e importância a temática, dispondo de materiais visuais, educativos e didáticos para a população.

Além das conferências, filme, “sketches”, palestras radiofônicas, museu, pinacoteca e bureau, José de Albuquerque organizou diversos eventos em prol da campanha pela educação sexual, especialmente em comemoração   várias datas importantes para o CBES. Destacamos no t pico a seguir uma dessas solenidades celebradas por Albuquerque e pelo Círculo em 20 de novembro: O “Dia do Sexo”.

### 3.2.4 Dia do Sexo

Instituído pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual, a data de 20 de novembro foi especialmente dedicada ao “Dia do Sexo”. Para este t pico buscamos analisar como foram as comemorações dessa data pelo CBES, as a es promovidas na ocasião, sua mobilização para organização e realização do evento no Rio de Janeiro entre os anos de 1935 e 1937.

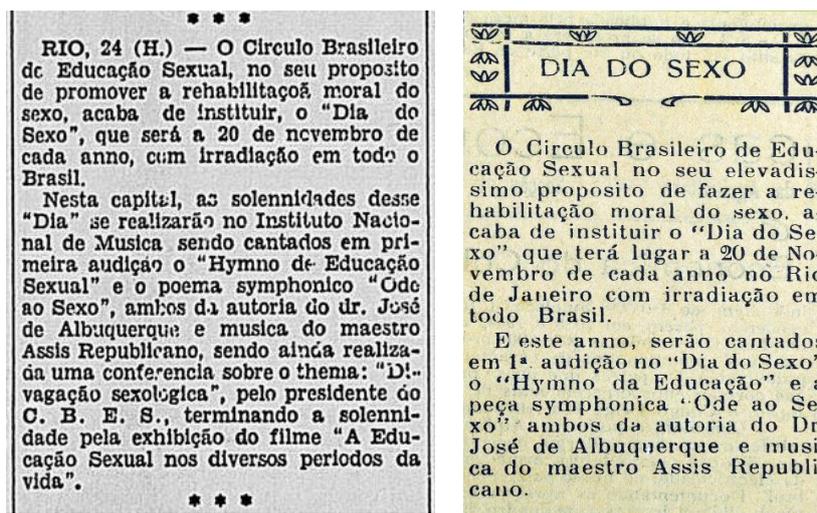
Conforme anunciado pelo *Boletim de Educação Sexual*, o “Dia do Sexo” tinha como finalidade propor uma “reabilita o moral do sexo”, retomando os debates tão defendidos por José de Albuquerque ao longo de toda a sua campanha sobre as questões da moralidade e da imoralidade em torno das questões sexuais<sup>346</sup>.

<sup>345</sup> ALBUQUERQUE, José de. As sedes do C.B.E.S. In. Quatro letras, cinco lustros... *Op. cit.*, p. 15.

<sup>346</sup> Cf. ALBUQUERQUE, José de. *Moral Sexual*. Rio de Janeiro: Typographia Coelho, 1930.

Certamente o anúncio de tal evento causou alvoroço pela imprensa. Muitos jornais filiados ao circuito jornalístico do CBES publicaram em suas páginas o anúncio da comemoração que se realizou pela primeira vez no dia 20 de Novembro de 1935 no Rio de Janeiro, bem como toda programação da solenidade. A exemplo na coluna “Varias noticias do Rio” do jornal *Correio Paulistano* (SP) e de nota extraída do jornal *O Comércio*, de Porto União, interior de Santa Catarina.

Imagem 62 – Notas sobre “Dia do Sexo” na Imprensa



Fontes: à esq. “Correio Paulistano” (ed. 24416, de 24 de outubro de 1935, p. 4); à dir. “O Comércio” (ed. 119, de 14 de novembro de 1935, p. 1).

Naquele ano as comemorações ao “Dia do Sexo” ocorreram no Instituto Nacional de Música, na capital. A organização do evento não contou apenas com membros do CBES, mas mobilizou o apoio de diversas entidades do poder público e instituições privadas, conforme nota anunciada pelo *Boletim de Educação Sexual*:

[...] O poder publico emprestou sua solidariedade ao movimento, de fôrma brilhante. A Prefeitura do Districto Federal dispensou o Circulo do pagamento de impostos para a collocação de tres mil cartazes, de grande formato, nos muros da cidade do Rio de Janeiro; [...] e o Departamento de Propaganda do Ministerio da Justiça franqueou ao dr. José de Albuquerque seu microphone, no programma official, na “Hora do Brasil”, para, em onda longa e curta, ser feita uma palestra allusiva á data [...] <sup>347</sup>

<sup>347</sup> DIA do Sexo – decorreu brilhantemente sua comemoração nesta capital. *Boletim de Educação Sexual*. Ed. Novembro de 1935, ano III, n. 10, p. 3.

A utilização de cartazes como meio de propaganda da campanha do CBES não era uma novidade. José de Albuquerque defendia que a utilização de folhetos de propaganda e cartazes no Brasil não fugia à regra de diversos outros países considerados pelo médico como “mais cultos” em relação à educação sexual, tais como Alemanha, Bélgica e França<sup>348</sup>. No que diz respeito à liberação do pagamento de impostos pela prefeitura para a colocação dos cartazes, sabemos que durante o governo de Pedro Ernesto, no Distrito Federal, o CBES contou com o apoio do “tenente civil”<sup>349</sup>, ao menos até a sua prisão em abril de 1936<sup>350</sup>. Albuquerque declarou abertamente o apoio recebido por Pedro Ernesto durante o tempo em que o político esteve à frente da prefeitura carioca: “Na capital do paiz, iniciamos a nossa propaganda por meio de cartazes, no governo do Dr. Pedro Ernesto, que criou todas as facilidades para que pudessemos levá-la avante, mas, questões de ordem política, o afastaram a Prefeitura do Distrito Federal [...]”<sup>351</sup>.

Quanto às instituições privadas que prestaram apoio à realização do “Dia do Sexo”, a companhia Light disponibilizou gratuitamente bondes a serviço do CBES; jornais, principalmente do Rio de Janeiro, noticiaram sobre o evento, e rádios locais disponibilizaram seus microfones para membros do CBES em diferentes horários no dia do evento<sup>352</sup>.

Quanto ao público presente, o Instituto Nacional de Música possuía capacidade de mil e duzentos lugares, mas conforme consta em nota divulgada pelo *Boletim*, estima-se que compareceram naquela noite aproximadamente três mil pessoas, muitas das quais se mantiveram em pé até o fim do evento. Nas imagens publicadas pelos jornais locais, em que se estampava parte da assistência naquela noite, observamos várias pessoas em pé, nas laterais e ao fundo auditório do Instituto.

---

<sup>348</sup> ALBUQUERQUE, José. *Programma de Acção Legislativa*. *Op. cit.*

<sup>349</sup> CARRARA, Sérgio (org.). *Apresentação*. *Op. cit.*, p. 25.

<sup>350</sup> Em 1935 Pedro Ernesto, ainda enquanto prefeito do Rio de Janeiro, aproximou-se da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e em julho daquele ano protestou contra o fechamento dela, decretada pelo governo, e denunciou a articulação de um golpe pelas forças conservadoras. Posteriormente foi acusado de ter participado de conspirações levadas a cabo por setores da ANL. Então em abril de 1936 foi preso e afastado da prefeitura carioca. Cf. PEDRO Ernesto. In. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1920*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/pedro\\_ernesto](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/pedro_ernesto)>

<sup>351</sup> ALBUQUERQUE, José. *Programma de Acção Legislativa*. *Op. cit.* p. 34.

<sup>352</sup> DIA do Sexo. *Op. cit.*

Imagem 63 – Aspecto de parte do público no “Dia do Sexo” em 1935.



Fonte: O Malho, Ed. 133 de 19 de dezembro de 1935.

No hall de entrada do Instituto, a banda do Corpo de Bombeiros, cedida pelo comandante da corporação Coronel Aristarco Pessoa, executou sob regência do maestro Pinto Junior o “Hino da Educação Sexual”. No interior do auditório sob regência da maestrina Joanídia Sodré, a Grande Orquestra Sinfônica interpretou em primeira mão o poema sinfônico “Ode ao Sexo”. Alunas do Instituto Nacional de Música e integrantes do CBES compuseram o coral que executou os hinos naquela noite.

Imagem 64 – Parte do coral e orquestra regida pela maestrina Joanídia Sodré



Fonte: Boletim de Educação Sexual. n. 10, novembro de 1935.

Ambos escritos por José de Albuquerque, e musicados pelo maestro Assis Republicano<sup>353</sup>, tanto o “Hino da Educação Sexual” quanto a “Ode ao Sexo” traziam em suas letras um resumo dos ideais defendidos por Albuquerque em sua campanha pela educação sexual. O “Hino da Educação Sexual” foi adotado oficialmente como hino do CBES, e gravado pela RCA Victor<sup>354</sup> em duas versões, uma apenas de orquestra e outra de orquestra e canto. Cópias da gravação eram executadas na abertura de sessões públicas ou conferências realizadas pela instituição<sup>355</sup>.

Ao analisar as letras da “Ode” e do “Hino da educação sexual” observamos que suas letras apresentam alguns dos principais discursos e argumentos defendidos por José de Albuquerque durante toda a sua campanha. A questão do combate ao preconceito em relação às questões sexuais era recorrente em praticamente todas as falas de Albuquerque, portanto, não deixou de ser evidenciada em ambas as composições. O hino apresenta em sua segunda estrofe os seguintes dizeres: “// Nossa arma é o Argumento, / O projectil é a Verdade, / Nosso alvo é o Preconceito / Que visamos destruir //”.

Argumentar com verdades científicas sempre foi uma das premissas defendidas por Albuquerque quando se tratava do sexo. Para ele somente a verdade libertaria da mente das pessoas o preconceito em relação à função sexual, e esse foi um dos pontos que sua campanha visava. Mas que verdade era essa? Para Albuquerque essa verdade relacionava-se à função fisiológica e higiênica do sexo tal como qualquer outra função do corpo humano, como por exemplo a função digestiva ou respiratória, ou seja, a função sexual é tão necessária quando qualquer outra<sup>356</sup>. Segundo Albuquerque a partir do momento que começamos a olhar para ela como tal, percebemos o quão importante e fundamental ela se faz, e como em nada ela se relaciona a algo imoral ou pervertido que mereça tanto preconceito, como bem destacam algumas estrofes da ode: “// Não poderás ser tido / Como função immoral / Quando fores conduzido / Dentro da lei natural. // Tu deverás ser cingido / Duma aureola de respeito / No dia em que fôr varrido / Das mentes o preconceito. //”.

Albuquerque destacava a urgência em abordar tais questões naquele momento e como a questão sexual era fundamental para conduzir os rumos da sociedade que se desenvolvia, como reforçado no estribilho de seu hino: “// Na era actual / Nenhuma campanha / É mais

---

<sup>353</sup> Antônio de Assis Republicano foi compositor, maestro, professor e fagotista brasileiro. Responsável pela orquestração do Hino Nacional Brasileiro.

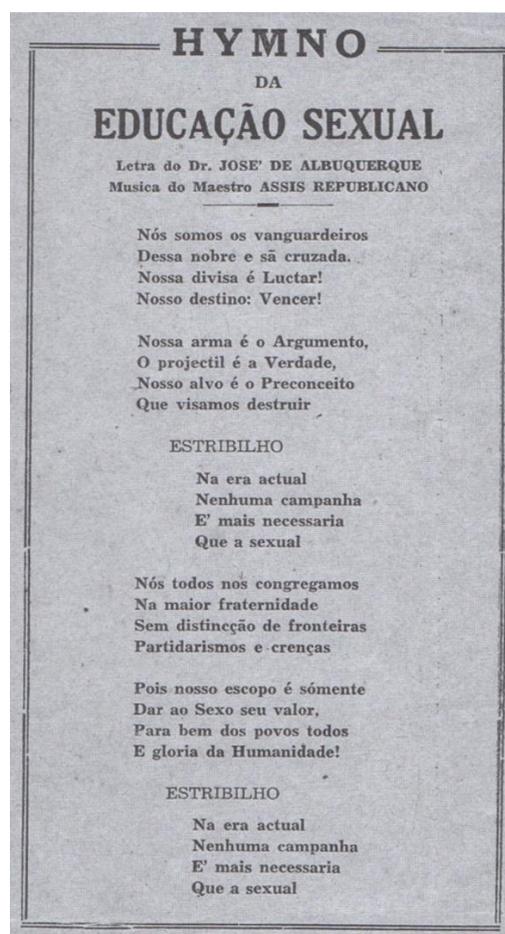
<sup>354</sup> Gravadora que se consolidou ao longo da década de 1930 no Brasil com artistas como Almirante, Mário Reis, Carmem Miranda, Aracy de Almeida e Ciro Monteiro; posteriormente na década de 1940 com Nelson Gonçalves e Luiz Gonzaga.

<sup>355</sup> ALBUQUERQUE, José. Hino da educação sexual. In. Quatro letras, cinco lustros. *Op. Cit.*

<sup>356</sup> ALBUQUERQUE, José de. Moral Sexual. *Op. cit.*

necessária / Que a sexual //”, e também em uma das estrofes da ode “//Tu é o eixo da vida / Dos homens e das nações, / É’s o ponto de partida / De grandiosas acções. //”. Podemos analisar esses trechos à luz de outra questão defendida por Albuquerque que é olhar para a sexualidade sob o ponto de vista social, isto é, colocar as questões sexuais nas pautas dos programas de governo, afinal, são questões que se relacionam diretamente com o destino da sociedade. Para Albuquerque é fundamental que se instituem leis e diretrizes sexuais para a sociedade, ou como ele chama, uma política sexual, visando o controle de natalidade, do contágio venéreo, regular a questão do divórcio, da prostituição, a criação de postos de higiene sexual, entre outros<sup>357</sup>.

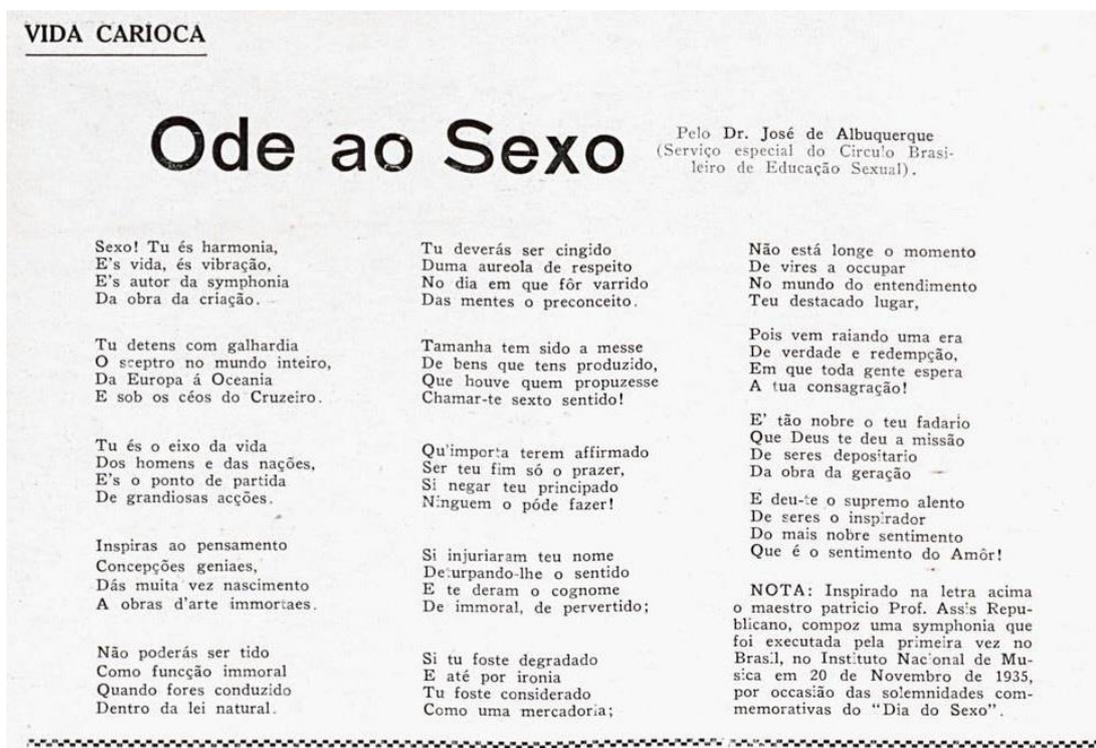
Imagem 65 – Hino da Educação Sexual



Fonte: CARRARA, S. (org). Imagens. In. Meu encontro com os outros. p. 228.

<sup>357</sup> ALBUQUERQUE, José de. Educação Sexual. Op. cit.

Imagem 66 – Ode ao Sexo



Fonte: VIDA Carioca. Ode ao Sexo. Ed. 117, de janeiro de 1936, p. 26.

Em 1936, o CBES divulgou em seu periódico a programação da solenidade naquele ano<sup>358</sup>. O evento se realizou novamente no Instituto Nacional de Música, no dia 20 de novembro de 1936, e contou com uma plateia numerosa que lotou o auditório do Instituto tal como nas festividades do evento passado, como observamos na imagem 66. Conforme a programação daquela noite, a conferência principal proferida por José de Albuquerque teve como tema “O sexo como erradamente o compreendem e como deve ser compreendido”. Seguido do presidente do CBES, coube a palavra ao representante da “Colligação da Mocidade Pro-Educação Sexual”, o acadêmico de Direito Geraldo Avellar, que em nome da Coligação e dos jovens presentes, falou sobre a importante tarefa desempenhada em prol da educação sexual no país, finalizando seu discurso com um dos bordões de José de Albuquerque: “Não há educação completa sem educação sexual”.

<sup>358</sup> DIA do Sexo. Sua comemoração a 20 de novembro. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. de Novembro de 1936, ano IV, n. 7, p. 2.

Imagem 67 – “Dia do Sexo” em 1936



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Dezembro de 1936).

A segunda parte da programação contou com a exibição de uma série de projeções luminosas e coloridas sobre diversos assuntos relacionados à educação sexual. Tais projeções foram comentadas pelo professor e membro do CBES, Guayanás de Souza. Terminadas as projeções, foram distribuídos de forma gratuita a todos os presentes um exemplar do último livro lançado por José de Albuquerque naquele ano e editado pelo CBES especialmente para as comemorações do “Dia do Sexo” de 1936. A obra *O sexo em face do individuo, da familia e da sociedade* conta com uma compilação de pequenas crônicas sobre os mais diversos assuntos e temas relacionados à educação sexual em aspectos individuais, familiares ou da sociedade de um modo geral, tais como a educação sexual das crianças e jovens, o combate à pornografia, questões sobre aborto, doenças venéreas, casamento, educação sexual nas escolas entre outros. E assim encerrou-se a sessão comemorativa do “Dia do Sexo” naquele ano.

Para o ano seguinte o evento ganhou um novo formato, conforme anunciado em uma nota publicada no *Boletim de Educação Sexual* em novembro de 1937:

Como se vem verificando nos anos anteriores, será levada a efeito, na data de 20 de novembro proxima, a comemoração do “Dia do Sexo”, cujas solemnidades, **para maior propagação em todo território nacional, serão irradiadas por intermedio de PRH-8 (Radio Ipanema)**, directamente de seus studios, de 21 ás 23 horas. Durante a solemnidade será executado o “Hymno da Educação Sexual”, letra do dr. José de Albuquerque e musica do

maestro Assis Republicano, sendo esta a primeira vez que será feita a transmissão radiophonica desta peça musical<sup>359</sup>. [**grifo nosso**]

A nota afirma que para aquele ano o evento seria transmitido através da Rádio Ipanema, pois dessa forma poderia alcançar um número muito maior de pessoas, atingindo patamares de evento nacional e não apenas uma comemoração limitada a um determinado número de presentes no local das solenidades. Mas não foi apenas essa a motivação para a mudança repentina do formato das comemorações do “Dia do Sexo” em 1937.

Na edição de Maio/Junho de 1938, o *Boletim de Educação Sexual* publicou um artigo denunciando algumas perseguições movidas pelo movimento integralista contra a campanha pela educação sexual realizada por José de Albuquerque e pelo CBES. Na mesma edição, um artigo denunciou especificadamente um fato que envolveu o ex-diretor do Instituto Nacional de Música e membro da “Câmara dos Quarenta” do movimento integralista, Guilherme Fointainha, e o evento do “Dia do Sexo” de 1937, a ser realizado a princípio como nos anos anteriores, no salão Leopoldo Miguez<sup>360</sup>.

Conforme denunciado pelo artigo, o movimento integralista foi um dos principais antagonistas da campanha pela educação sexual no país, especialmente das ações realizadas pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual e seus membros. Mas por ocasião do “Dia do Sexo” de 1937, ocorreu um fato entendido por Albuquerque como um ataque direto de boicote a um evento do CBES, uma vez que a instituição e seus membros recusavam-se a apoiar ou aliar-se ao movimento integralista.

Em 1937, entretanto, devido ao facto de termos recusado terminantemente entrar para as hostes integralistas, nos opondo a este movimento por ser, conforme dissemos, um “movimento de asphyxia da nacionalidade, que visava bitolar o Brasil a canones de importação estrangeira”, tivemos as iras do famigerado integralista director do Instituto Nacional de Musica voltadas contra nós, servindo-se do exercicio de seu cargo publico para nos perseguir [...]<sup>361</sup>

Como dito, as solenidades do “Dia do Sexo” de 1937 foram inicialmente planejadas para ocorrer como nos anos anteriores, no salão Leopoldo Miguez do Instituto Nacional de Música. No dia 28 de maio de 1937, o CBES entra com um requerimento no referido Instituto solicitando a locação do salão para realização de uma solenidade no dia 20 de

<sup>359</sup> DIA do Sexo. *Boletim de Educação Sexual*. Ed. Novembro de 1937, ano V, n. 37, p. 6.

<sup>360</sup> PERSEGUIÇÕES movidas á campanha da Educação Sexual pelo integralismo. *Boletim de Educação Sexual*. Ed. Maio/Junho de 1938, ano VI, n. 43, p. 6-7.

<sup>361</sup> *Ibid.* p. 7.

novembro de 1937, em comemoração ao “Dia do Sexo”. Por se tratar de um requerimento de ordem administrativa e previsto no regulamento interno do estabelecimento, e por estar vago o Salão para a data e horário requeridos, o funcionário que atendeu a solicitação realizou o devido registro no livro competente e extraiu a guia de pagamento de locação do depósito no valor de 75\$000 (setenta e cinco mil réis) que foi imediatamente paga, e com ela o recibo de pagamento entregue ao Círculo.

Imagem 68 – Recibo de pagamento da locação do Salão Leopoldo Miguez

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA  
N.º 39  
(C. de B. Pres. Educação Social)

○ Sr. Dr. João de Deus recebe em recibo  
vae pagariao recebedor, pela realização de um concerto  
no salão "Leopoldo Miguez", deste Instituto, no dia 20/11 do  
corrente anno, ás 20 horas, a quantia de setenta e cinco mil  
reys (75.000), assim discriminada:

Deposito de garantia	75.000
Aluguel do salão	\$
Aluguel do instrumento	\$
Ensalos extraordinarios	\$
	\$
	R\$. 75.000

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1937  
João de Deus

RECEBI  
INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

"Fac-simile" do recibo do pagamento da taxa de locação do Salão

Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Maio/Junho de 1938).

Preenchida todas as formalidades administrativas, a locação do salão estava garantida ao CBES para a noite do dia 20 de novembro de 1937. Passadas algumas semanas, o diretor do Instituto, Guilherme Fontainha, solicitou que se telefonasse para o CBES avisando que a locação do salão estava desfeita. Tal ação causou estranheza ao Círculo, já que por estar em posse do recibo de pagamento subentendia-se que a locação era um ato resolvido, e ainda, o porquê um “telefonena” e não um ofício, uma vez que um ofício seria a maneira adequada da diretoria do Instituto se dirigir à diretoria do CBES para resolver tal questão.

O Círculo enviou um representante para conversar com o diretor do Instituto de Música para entender qual o problema com a locação do salão para o evento. Recebido por um funcionário do Instituto, o emissário do CBES foi informado que o Salão não poderia ser alugado e que a averbação do depósito estava a disposição do Círculo, uma vez que a locação estava cancelada, mas sem explicar os motivos para tal. Não satisfeitos com a

atitude por parte da diretoria do Instituto e querendo entender os motivos para tal, o CBES solicitou uma audiência para que os diretores de ambas as instituições pudessem esclarecer sobre tal incidente. Tal solicitação foi negada pelo diretor do Instituto Nacional de Música, e José de Albuquerque foi recebido por um funcionário da secretaria que informou que o motivo do cancelamento da locação foi uma recente deliberação da Diretoria de não ceder o espaço do Salão Leopoldo Miguez para conferencistas. Em posse dessa explicação, Albuquerque compreendeu que se tratando de um novo e atual regime interno do estabelecimento, não quis causar inconvenientes. Porém passados alguns dias do ocorrido, o também integralista Rodolpho Josetti anunciava através de “placards” colocados no exterior do Instituto de Música, uma conferência a ser realizada naquele local.

Imagem 69 – Propaganda da conferência de Rodolpho Josetti



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Maio/Junho de 1938).

Com isso, o cancelamento do aluguel do salão nobre por parte do diretor do Instituto Nacional de Música para realização da solenidade do “Dia do Sexo” em 1937 foi entendido como um ataque direto ao CBES e seus membros, por não compactuarem com os mesmos ideais políticos do diretor integralista, e não por que o salão não seria mais alugado para

conferencistas. “Como se vê, o gesto do director integralista era uma medida pessoal e de excepção, contra um desaffectedo de seu credo político [...]”<sup>362</sup>.

Não sabemos o que motivou a publicação no *Boletim de Educação Sexual*, quase um ano depois, da denúncia da “perseguição” por parte do ex-diretor do Instituto Nacional da Música ao CBES. O que observamos é que o evento do “Dia do Sexo” foi realizado em 1937 no formato de conferências transmitidas pela Rádio Ipanema, e Albuquerque só se deu ao trabalho de divulgar sobre o cancelamento da locação do salão Leopoldo Miguez muito depois do ocorrido. Ressaltamos que em 1937 Albuquerque foi candidato (sem filiação política) ao cargo de deputado federal, retirando sua candidatura poucos dias antes do Golpe de 1937. Possivelmente por não querer prejudicar sua campanha ao se envolver em polémicas e denúncias, pois o que ocorreu com a locação do Instituto Nacional de Música para o evento do “Dia do Sexo” apenas veio à tona no ano seguinte, quando Guilherme Fontainha não era mais diretor do Instituto e encontrava-se preso, e o movimento integralista extinto.

No “Dia do Sexo” de 1937, no final da tarde, o professor e membro do CBES Guayanáz de Souza ocupou o microfone da Rádio Ipanema para divulgar as festividades que seriam irradiadas mais a noite naqueles estúdios. Às 21 horas, o radialista anunciava o início da irradiação das comemorações do “Dia do Sexo”, sob o patrocínio do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, lembrando as palavras ditas a tarde pelo professor Guayanáz sobre a mensagem deixada por José de Albuquerque na qual dizia “[...] que este é um dia destinado a se ventilar amplamente os problemas que se prendem ao sexo, e da solução dos quaes depende o aperfeiçoamento dos individuos, o equilibrio da sociedade, e como consequencia immediatao engrandecimento nacional”<sup>363</sup>. Finalizada a apresentação, José de Albuquerque ocupou o microfone para proferir sua conferência, intitulada “Os problemas sexuaes e a defeza nacional”. Nela Albuquerque defendeu a campanha realizada por ele e por sua instituição em prol da educação sexual no país como exemplo de tarefa nacional em defesa do bem social, ressaltando o preconceito que a ciência sexológica enfrenta e os problemas que ela pode evitar quando bem realizada.

---

<sup>362</sup> PERSEGUIÇÕES movidas á campanha da Educação Sexual pelo integralismo. *Op. cit.* p. 7.

<sup>363</sup> “DIA do Sexo”. Como foi comemorado, no corrente anno, pelo Circulo Brasileiro de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Dezembro de 1937, ano V, n. 38, p. 2.

Imagem 70 – “Dia do Sexo” em 1937, na Rádio Ipanema



O dr. José de Albuquerque, ao ocupar o microfone e um grupo de pessoas presentes

Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Dezembro de 1937).

Seguidos de Albuquerque conferenciaram naquela noite os seguintes membros do CBES: Barbosa Martins, Yolanda Castellar, Rachel Prado, Cunha Ferreira e Walfredo Machado. As conferências foram publicadas nas edições seguintes do *Boletim de Educação Sexual*.

Imagem 71 – Membros do CBES que ocuparam o microfone no “Dia do Sexo”, de 1937.



Fonte: Boletim de Educação Sexual.

Barbosa Martins em sua palestra “Os problemas sexuaes e a defeza sanitaria da raça”, defendeu a importância da educação sexual no que diz respeito às questões da raça para a grandeza da nação, exaltando os problemas de ordem sexual e sanitária que podem ser evitados quando a educação sexual é bem realizada, tais como os problemas das doenças venéreas e a geração de proles saudáveis<sup>364</sup>. Rachel Prado em sua fala enalteceu a trajetória

<sup>364</sup> MARTINS, Barbosa. Os problemas sexuaes e a defeza sanitaria da raça. *Boletim de Educação Sexual*. Ed. Dezembro de 1937, ano V, n. 38, p. 8.

de José de Albuquerque, e como ele vem se colocando a frente na defesa da educação sexual no país<sup>365</sup>.

Walfredo Machado em sua palestra ressaltou a importância da educação sexual para o engrandecimento nacional e o quanto ela é necessária “[...] porque prepara o homem capaz, de vigor moral e physico, para realizar todos os empreendimentos indispensaveis ao progresso geral do paiz”. Para ele a educação sexual deve ser vista como um fator de progresso nacional, e quando ignorada gera inúmeros problemas para os indivíduos e para a sociedade.

Uma sociedade cujos componentes ignoram os mais elementares conhecimentos relativos á sexualidade, é sempre um meio propicio a tristes consequencias, pela sua degeneração sombria e funesta. Assiste-se o desequilibrio social através das desharmonias conjugaes, da baixaza dos instintos, das enfermidades, dos suicidios, dos crimes.<sup>366</sup>

A Diretora do Museu e Pinacoteca de Educação Sexual, Yolanda Castellar evidenciou em sua palestra os problemas sexuais e a defesa moral do indivíduo, ressaltando como a educação pode ser a solução para diversos problemas sexuais. Para Castellar<sup>367</sup> “[...]a educação sexual arma os individuos dos meios necessarios para a sua defesa, tanto no terreno da saude, quanto no terreno da moral”. Por fim Cunha Ferreira discursou sobre os problemas sexuais e a defesa da família, levantando aspectos relacionados à educação sexual e higiene, exame pré-nupcial, casamento, procriação e educação sexual dos filhos<sup>368</sup>.

E assim encerrou-se as comemorações do “Dia do Sexo” em 1937, que segundo as fontes consultadas foi a última solenidade realizada por ocasião da data comemorativa. Infelizmente não localizamos nos anos seguintes nenhuma menção ou a realização de alguma solenidade comemorativa da data por parte do CBES ou de José de Albuquerque, finalizando assim os ciclos de eventos do “Dia do Sexo”.

---

<sup>365</sup> PRADO, Rachel. Perfil do Dr. José de Albuquerque. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1938, ano VI, n. 39, p. 2.

<sup>366</sup> MACHADO, Walfredo. A educação sexual e o engrandecimento nacional. **Boletim de Educação Sexual**. n. 39, Ed. Janeiro de 1938, ano VI, n. 39, p. 2.

<sup>367</sup> CASTELLAR, Yolanda. Os problemas sexuaes e a defeza moral do individuo. In. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1938, ano VI, n. 39, p. 3.

<sup>368</sup> FERREIRA, Cunha. Os problemas sexuaes e a defeza da familia. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1938, ano VI, n. 39.

### 3.2.5 Prêmio José de Albuquerque para melhor livro sobre educação sexual

Foi em outubro de 1935 que o Círculo Brasileiro de Educação Sexual lançou publicamente nas páginas do seu *Boletim*, o edital de um prêmio para o melhor livro sobre educação sexual para o ano de 1936<sup>369</sup>. Observamos com isso que embora José de Albuquerque em alguns momentos tenha declarado que o jornal era um veículo de informação muito mais atrativo para as massas populares quando se tratava dessas temáticas enquanto o livro se mostra mais distante “enclausurado em livrarias e bibliotecas”, ele reconhecia a importância e o alcance que o livro possui em outras camadas da sociedade, o que demonstra novamente o quão eclético era o público a qual José de Albuquerque pretendia alcançar em seus discursos sobre a educação sexual.

Mas não foi essa justificativa utilizada pelo médico para o lançamento do concurso, “No intuito de estimular a publicação de livros brasileiros sobre educação sexual, o presidente do C.B.E.S. resolveu instituir um prêmio anual para ser conferido ao melhor trabalho inédito, de autor brasileiro, que se inscrevesse no concurso [...]”<sup>370</sup>. Ou seja, tratava-se de um incentivo ao mercado editorial nacional no que diz respeito a publicação de obras sobre temas ligados a sexualidade e a educação sexual.

Com a crescente expansão do mercado editorial brasileiro ao longo de 1930, a busca por obras sobre questões sexuais passava a ser do interesse não apenas de especialistas no assunto, e assim “[...] as livrarias da cidade iriam receber um fluxo crescente de obras sobre sexo e as casas editoras iriam procurar afastar a acusação implícita de que, ao publicá-las, estariam apenas cedendo a uma curiosidade mórbida do mercado”<sup>371</sup>. A estratégia lançada pelas editoras do período para a publicação dessa literatura sem o risco de serem acusadas de imoralidade ou licenciosidade era apresentar os livros de sexologia como trabalhos ligados a disciplinas mais respeitáveis, como por exemplo a medicina legal ou a psiquiatria, e assim poderia falar livremente sobre assuntos “moralmente condenáveis pela sociedade”, como homossexualidade, crimes sexuais, e doenças psiquiátricas de cunho sexual.

Como bem afirmou José de Albuquerque, o intuito do prêmio que levava o seu nome era a publicação de literaturas inéditas sobre educação sexual e apresentava em suas normas algumas particularidades como um prêmio em dinheiro (1:000\$000, um conto de réis) ao

<sup>369</sup> “PREMIO José de Albuquerque” Para o melhor livro sobre Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Outubro de 1935, ano III, n. 9.

<sup>370</sup> ALBUQUERQUE, José de. Prêmio para o melhor livro sobre educação sexual. In.: Quatro Letras... Cinco Lustros. *Op cit.* p. 47-48.

<sup>371</sup> CARRARA; RUSSO. *Op cit.*, p. 281.

vencedor ou vencedora, e a garantia de publicação pelo CBES da 1ª edição da obra vencedora:

- f) O autor premiado perderá os direitos autorais da 1.º edição que passarão a pertencer ao Circulo Brasileiro de Educação Sexual que se obriga a mandar imprimir dentro do prazo de seis meses às suas expensas, uma edição que será de 2.000 exemplares, destinando-se 50 (cincoenta) ao autor para ofertas; 1500 (mil e quinhentos) para serem distribuídos pelo C.B.E.S., a todos os jornais e revistas brasileiras que constituem a sua rede jornalística; 50 (cincoenta) para serem distribuídos às Bibliothecas publicas dos diversos Estados da União; e 400 (quatrocentos) para serem oferecidos como brindes aos primeiros quatrocentos assignantes do “Boletim de Educação Sexual”, que tomarem ou renovarem suas assignaturas, a partir da data de impressão.
- g) Exgotada a 1.º edição o autor terá direito de fazer editar novas edições, por conta propria ou transferir seus direitos autorais a terceiros, obrigando-se em qualquer das hypotheses a declarar textualmente na capa e frontespicio: “PREMIO JOSÉ DE ALBUQUERQUE 1936”<sup>372</sup>.

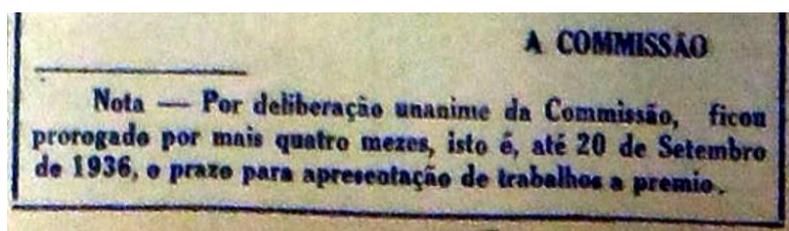
Qualquer pessoa poderia inscrever-se e concorrer ao prêmio desde que cumprisse as condições estipuladas pela comissão e pela diretoria do CBES. Entre as condições a serem seguidas pelos inscritos constavam: a inscrição do trabalho entre 50 e 60 páginas, datilografado em papel tamanho ofício e assinado com pseudônimo, estando o nome do autor em envelope lacrado. As inscrições deveriam ser realizadas na secretaria do CBES até a data estipulada, sendo o julgamento do concurso a ser feito dentro do prazo de um mês decorrido a data de encerramento das inscrições. A comissão julgadora do prêmio seria composta por três membros do CBES e presidida por José de Albuquerque. Caberia ainda à diretoria do CBES os poderes de deliberar sobre quaisquer assuntos relacionados ao concurso que escapassem as condições básicas estipuladas.

Segundo o primeiro edital do concurso as inscrições deveriam ocorrer até às 18 horas do dia 20 de maio de 1936, pois o prêmio seria conferido um mês após o encerramento das inscrições, na data do dia 20 de julho. Entretanto devido a uma ausência de pouco mais de três meses de José de Albuquerque, Presidente do CBES que encontrava-se em uma “viagem de intercâmbio cultural” por diversos países da Europa<sup>373</sup>, tanto as inscrições quanto a data da premiação foram prorrogadas por mais quatro meses. Em nota oficial, na edição de Setembro de 1936 do *Boletim de Educação Sexual*, a Comissão do Prêmio divulgou:

<sup>372</sup> “PREMIO José de Albuquerque” Para o melhor livro sobre Educação Sexual. *Op cit.*

<sup>373</sup> DE volta á Patria... Por José de Albuquerque. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro de 1936, ano IV, n. 5, p. 2.

Imagem 72 – Nota de prorrogação do Prêmio de 1936



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Setembro de 1936).

Encerrada as inscrições, a primeira solenidade para entrega do Prêmio José de Albuquerque ocorreu em 20 de outubro de 1936, na sede do Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Conforme decisão unanime da comissão julgadora do concurso, composta pelos Dr. José da Cunha Ferreira, Dr. Francisco Barbosa Martins e Dr. Olímpio Rodrigues Alves, o prêmio coube a escritora paulista Alice Moreira com a obra “Educação Sexual – Garantia de Felicidade no Lar”<sup>374</sup>.

Imagem 73 – Prêmio José de Albuquerque 1936



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Novembro 1936).

Na foto da cerimônia de entrega do prêmio observamos a presença de várias mulheres, algo comum em praticamente todos os eventos promovidos pelo CBES. O fato

<sup>374</sup> Infelizmente não foi possível ter acesso à obra vencedora para análise e escrita desta tese. Mas foi possível identificar a existência de um exemplar no catálogo de obras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. A obra “Educação Sexual, garantia de felicidade no lar”, de autoria de Alice Moreira encontra-se na Biblioteca Nacional registrada com o seguinte código de localização: I-282, 1,.8.

de uma mulher ser a vencedora do primeiro Prêmio José de Albuquerque para o melhor livro sobre educação sexual apenas demonstra o quão ativa era a presença e o interesse do público feminino no que diz respeito aos assuntos relacionados ao tema. Nas palavras de José de Albuquerque: “Dentre varios concorrentes, venceu uma mulher. Isto é bem significativo. Isto é bem eloquente<sup>375</sup>”. O discurso da professora Edna Bastos, na ocasião da entrega do prêmio representou o orgulho das mulheres que compunham o CBES em participar da campanha empreendida por José da Albuquerque, e o quão significativo foi presenciar uma mulher vencendo tal prêmio:

Exma. Senhora Alice Moreira:

Nós, as componentes do Circulo Brasileiro de Educação Sexual, tambem nos congratulamos comvosco, illustre compatricia, pelo merecido premio que vos acaba de ser conferido. Cresco o nosso jubilo e tóca á nossa sensibilidade a justiça deste acto, principalmente porque é á intelligencia e á coragem de uma mulher que se tribuna esta homenagem.

Sim, prezadissima senhora; a victoria neste concurso, vós bem merecestes, pelo valor da obra que apresentástes, entre tantas outras de real destaque. O vosso livro, “Educação Sexual – Garantia de felicidade no lar”, orientado nos principios apregoados pelo nosso Centro, é um trabalho que honra a vossa cultura e o vosso espirito bem formado.

Todavia, senhora minha, a nossa admiração e – por que não afirmar tambem? – o nosso orgulho de mulher, se inspiram no commovente exemplo que a todos offereceis. É que, como bem o sabeis, em o meio brasileiro, onde, infelizmente, os preconceitos tanto entram o progresso e controvertem as verdades mais claras, como as que promanam da sciencia que aqui prégamos, ganhar uma mulher um premio, por ter escripto um livro sobre assumptos sexuaes, é qualquer coisa de suspreendente, mas que conforta, porque define uma época melhor e mais bem compreendida. Vós que conheceis a grande deficiencia da educação do nosso povo, crimosamente privado dos conhecimentos necessarios da sexologia, vós, honradissima senhora, que sois mãe e que sentis, pelo extremado amor que devotaes aos vossos filhos, o dever de lhes esclarecer as verdades da vida, no seu complexo biologico e moral, vós, que reunis todas as virtudes da mulher brasileira, não vos envergonhastes de escrever este livro, tão nobre e tão util quanto os que mais o forem.

São os exemplos como o vosso, exma. senhora, que nos enchem de esperanças e que nos encorajam e nos enthusiasmam, ao lado dos nossos companheiros do Circulo Brasileiro de Educação Sexual, a cuja frente está este grande e illustre batalhador que é o dr. José de Albuquerque, para prosseguirmos nesta campanha de benemerencia e de patriotismo em pról do nosso querido Brasil. Á vossa felicidade, senhora Alice Moreira!<sup>376</sup>

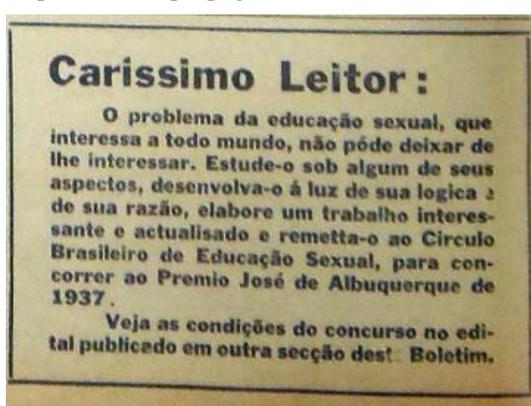
<sup>375</sup> ALBUQUERQUE, José. A mulher brasileira em face da educação sexual. **Jornal A Notícia**. Ed. 2430, de 04/11/1936, p. 5.

<sup>376</sup> Discurso na integra de Edna Bastos, integrante do CBES, na cerimônia de entrega do Prêmio José de Albuquerque 1936.

Tal discurso reforça a presença das mulheres como integrantes e colaboradoras da campanha pela educação sexual no país, bem como a importância da representatividade feminina nesse meio e seus momentos de protagonismos.

Ainda na data da entrega do Prêmio de 1936, o novo edital para o prêmio do ano seguinte foi lançado seguindo as condições estipuladas pelo edital anterior, apenas com as datas e prazos atualizados<sup>377</sup>. Além do edital, a divulgação do concurso para 1937 no *Boletim de Educação Sexual*<sup>378</sup> passou a incluir alguns quadros com chamadas aos leitores.

Imagem 74– Recorte quadro com propaganda do Prêmio José de Albuquerque de 1937



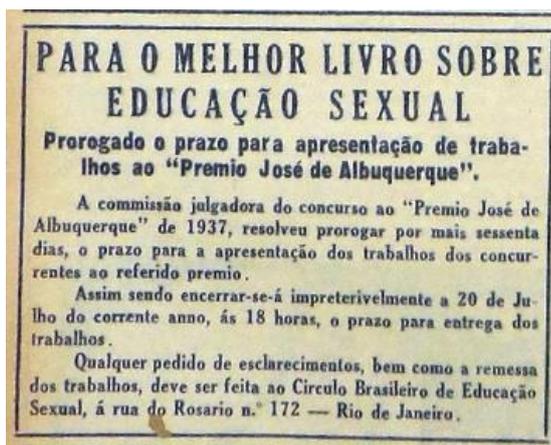
Fonte: Boletim de Educação Sexual (Março de 1937).

Tais quadros incentivavam a participação e a inscrição de trabalhos para concorrer ao Prêmio naquele ano. Em 20 de maio de 1937, quando se encerrava as inscrições, a comissão julgadora divulgou uma nota prorrogando o prazo de inscrições por mais 60 dias, encerrando-se assim no dia 20 de julho de 1937.

<sup>377</sup> PARA o melhor livro sobre Educação Sexual “Premio José de Albuquerque 1937” – Edital de Concurso. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1937, ano V, n. 37, p. 8.

<sup>378</sup> Vale ressaltarmos que a divulgação do concurso ocorreu não apenas através do ‘Boletim de Educação Sexual’. Optamos por utilizar apenas as notas publicadas no Boletim como fonte, mas localizamos outras chamadas do concurso em diversos outros jornais do período. Alguns desses jornais com as referidas notas podem ser localizados no acervo da Hemeroteca Digital. Cf. <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>

Imagem 75 – Nota de prorrogação das inscrições ao Prêmio 1937



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Junho de 1937).

A cerimônia de entrega do Prêmio que deveria ocorrer 30 dias após o encerramento das inscrições aconteceu apenas em novembro de 1937, provavelmente devido ao envolvimento de José de Albuquerque na reta final de sua campanha a deputado federal naquele ano. A comissão julgadora do Prêmio composta pelo Dr. Olympio Rodrigues Alves, Dr. Barbosa Martins e pela escritora Rachel Prado classificaram como vencedora a obra “Educação Sexual”, do engenheiro José Senra.

Imagem 76 – Registro fotográfico da entrega do Prêmio José de Albuquerque de 1937



Fonte: Revista da Semana, n. 50, 20 de Novembro de 1937, p. 11.

Em 1937 a comissão julgadora concedeu menção honrosa ao trabalho enviado de La Paz (Bolívia), do médico boliviano Dr. Felipe Risueno<sup>379</sup>. Vale destacarmos que segundo as normas do edital para o prêmio, qualquer autor brasileiro ou estrangeiro poderia concorrer, porém o trabalho deveria estar escrito em português, o que não ocorreu com a obra “Educación Sexual” escrita em espanhol.

Poucos meses após o anunciar os resultados do Prêmio de 1937, o *Boletim de Educação Sexual* divulga uma nota comunicando que o autor que conquistou o prêmio “Menção Honrosa” publicou a obra em seu idioma original. “Houve, com isto, uma demonstração do merito da obra, que muito nos desvaneceu, por vermos que a ideologia que o Circulo Brasileiro de Educação Sexual defende e prega ultrapassou as nossas fronteiras e vae encontrando acolhida em todo o mundo civilizado<sup>380</sup>”. É notório que a campanha de José de Albuquerque tenha ultrapassado as fronteiras nacionais e a participação de uma obra estrangeira no concurso demonstra o quanto os ideais propagados através do CBES não estavam restritos a capital do país.

Em nota, o *Boletim de Educação Sexual* anunciou em 1938 sobre a publicação da obra de José Senra. Prefaciado por Cunha Ferreira, membro do CBES, o livro previsto para julho de 1938 deveria ser distribuído para todos os jornais filiados ao Círculo.

---

<sup>379</sup> Possível pseudônimo utilizado pelo médico boliviano Luiz Felipe Pierola Machicado para sua inscrição ao Prêmio José de Albuquerque de 1937.

<sup>380</sup> “EDUCACION Sexual” – O Dr. Luiz Pierola Machicado, de La Paz, Bolivia, conquistou “Menção Honrosa”, no Concurso ao premio para o melhor livro de educação sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Fevereiro de 1938, ano VI, n. 40, p. 2.

Imagem 77 – Nota sobre a publicação do livro vencedor Prêmio de 1937



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Julho/Agosto de 1938).

A publicação não deixa de exaltar a figura do vencedor do concurso enquanto excelente escritor, entretanto ressaltamos que a profissão de José Senra era na área de engenharia. Isso nos leva a refletir sobre quem eram os interlocutores da campanha pela educação sexual e suas áreas de atuação. Claramente não são apenas pessoas ligadas à área da saúde ou da educação, mas uma gama de profissionais com um interesse em comum: a educação sexual.

Para o Prêmio de 1938, o edital previa a inscrição até a data de 20 de maio de 1938. Não localizamos notas ou informações sobre prorrogação das inscrições naquele ano. Mas em sua edição de Setembro/Outubro de 1938, o *Boletim de Educação Sexual* divulgou o resultado do concurso anunciando também que o prêmio do ano seguinte teria seu valor dobrado e o motivo: os trabalhos apresentados pelos concorrentes foram julgados pela comissão do Prêmio como insuficientes, portanto, não houve vencedores para o prêmio em 1938.

A comissão encarregada do julgamento do melhor trabalho sobre educação sexual do corrente anno, constituída do dr. José da Cunha Ferreira, dr.

Walfredo Machado e dr. Hernani Gitahy de Abreu, que oportunamente se reuniu, para dar parecer sobre os três trabalhos inscriptos, assignados pelos pseudonyms: – “Anhanguera”, “Marcos Antonio” e “Neophyto”, foi de opinião que nenhum deles satisfazia ás exigencias do concurso. Assim, deliberou que não fosse conferido o premio do presente anno, resolvendo, outrossim, em vista do presente resultado, propôr ao doador do premio, o dr. José de Albuquerque, que ao premio próximo futuro, isto é, o “Premio José de Albuquerque 1939”, seja accrescentada a importancia de 1:000\$000 – equivalente ao premio 1938, não conquistado, ficando, assim, o premio do anno vindouro elevado para 2:000\$000.<sup>381</sup>

Ao analisar as fontes observamos que a propaganda e as divulgações do edital para o prêmio de 1938 pela imprensa foram reduzidas se comparada com as edições anteriores. Não houve nem mesmo prorrogação das inscrições. Talvez essa redução das propagandas do concurso possa ter sido responsável pela falta de uma obra apta a ganhar o prêmio daquele ano, já que as únicas três obras inscritas não convenceram a comissão julgadora. Infelizmente não tivemos acesso em nenhuma das fontes ao número de concorrentes das outras edições para uma possível comparação.

Ainda na edição de Setembro/Outubro de 1938 do *Boletim de Educação Sexual*, a comissão do Prêmio José de Albuquerque divulgou o edital oficial para o concurso de 1939, já anunciando o valor de dois contos de réis (2:000\$000) para o melhor trabalho inédito sobre educação sexual<sup>382</sup>. Notamos que as propagandas do edital do Prêmio de 1939 foram publicadas com mais frequência pelo *Boletim de Educação Sexual* se comparado com o concurso anterior. Porém não localizamos nenhuma nota de prorrogação das inscrições. A última publicação feita pelo *Boletim* antes do anúncio do vencedor foi na edição de Maio/Junho de 1939, meses em que se encerrariam as inscrições, segundo o edital. Pela data da realização da solenidade para entrega do prêmio (setembro de 1939), constatamos que houve alguns atrasos comuns se observarmos todas as edições anteriores do concurso. Uma das possíveis justificativas para o atraso no cronograma do Prêmio seria a viagem que José de Albuquerque realizou entre maio e junho por países sul-americanos (Argentina, Uruguai, Peru e Chile) para realização de conferências, em especial sua participação como convidado de honra da Primeira Jornada Peruana de Eugenesia, em Lima, Peru<sup>383</sup>.

<sup>381</sup> PARA o melhor livro sobre educação sexual – Resultado do ultimo concurso – Elevado para o dobro o valor do premio do proximo concurso. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Set./Out. de 1938, ano VI, n. 45, p. 4.

<sup>382</sup> “PREMIO José de Albuquerque 1939”. Dois contos de réis, para o melhor livro sobre educação sexual. **Boletim de Educação Sexual** Ed. Set./Out. de 1938, ano VI, n.45, p. 8.

<sup>383</sup> A viagem do Dr. José de Albuquerque aos países sul-americanos. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Jul./Ago. de 1939, ano VII, n. 50, p. 5-6.

Em 22 de julho de 1939 o periódico *Beira Mar* publicou uma nota anunciando a escolha da comissão julgadora daquele ano que ficou composta pelo dr. Jacy Rego Barros, dr. Walfredo Machado e pela escritora Rachel Prado. Conforme a publicação, “A comissão, que se reunirá sob a presidência do dr. José de Albuquerque, apresentará seu relatório dentro da primeira quinzena de agosto, indicando o trabalho laureado”<sup>384</sup>. Em 02 de setembro de 1939 o *Beira Mar* publicou que a comissão julgadora do Prêmio José de Albuquerque de 1939 escolheu como melhor livro sobre educação sexual a obra “A que leva a curiosidade infantil insatisfeita”, da escritora Ignez Mariz. Nesta edição do prêmio também houve uma menção honrosa<sup>385</sup> concedida ao trabalho “Educação Sexual”, de autoria do dr. Pedro Tersier<sup>386</sup>.

A solenidade pública de entrega do Prêmio de 1939 ocorreu na sede do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, na noite do dia 06 de setembro de 1939.

Imagem 78 – Prêmio José de Albuquerque de 1939



Fonte: *Beira Mar*, ed. 654, 23 de Setembro de 1939.

Discursaram naquela noite além de José de Albuquerque, na condição de Presidente do CBES e da vencedora Ignez Mariz, os membros da comissão julgadora: dr. Walfredo Machado que enalteceu a colaboração feminina na campanha pela educação sexual no Brasil; dr. Jacy do Rego Barros “[...] que disse da satisfação que lhe ia nalma verificando, como filho do nordeste, que a ideologia pregada pelo C.B.E.S. já atingiu aos mais

<sup>384</sup> PREMIO José de Albuquerque – Escolha da comissão julgadora. *Beira Mar*. Ed. 648 de 22 de julho de 1939, p. 4.

<sup>385</sup> Não localizamos em outras fontes citações sobre essa menção honrosa de 1939.

<sup>386</sup> PREMIO José de Albuquerque, de 1939. *Beira Mar*. Ed. 652 de 02 de setembro de 1939, p. 5.

longínquos rincões de nossa patria [...]”<sup>387</sup>; e a escritora Rachel Prado que em seu discurso destacou tanto a obra quanto sua vencedora, fornecendo vários elementos para analisarmos a figura Ignez.

Ignez Mariz que hoje transpõe as portas do C. B. de Educação Sexual, para receber o “Premio Dr. José de Albuquerque” (1939), não é nenhuma desconhecida, pois possui um nome glorioso nas Letras nacionais, tendo, com seu livro de estreia, merecido os melhores elogios dos críticos indígenas. Ignez Mariz nasceu numa pequenina cidade, encravada no sertão da Paraíba, e educou-se num collegio religioso, motivo pelo qual deve-se-lhe louvar a independencia, a sobranceira com que encara os problemas vitais, emancipada, como é, dos preconceitos dogmáticos e rotineiros. Foi no inicio dos seus sonhos jornalista pamphletaria, talvez até revolucionaria. Revolucionaria de idéas! Escreveu contos, fez motivos para cinema, e prepara, neste momento, uma novela, talvez sentimental. Escreveu, com observação e alto conhecimento regional, o seu livro “A Barragem” [...]”<sup>388</sup>

Como dito por Rachel Prado, Maria Ignez Mariz nasceu na cidade de Sousa, interior da Paraíba. Nordestina, filha de Maria Emília Marques Mariz e do médico Antônio Marques da Silva, costumava ainda na infância acompanhar o pai em consultas domiciliares nas comunidades populares do sertão. Ignez teve a oportunidade de estudar e obter um diploma e desde muito cedo se mostrava apaixonada pelos livros. Colaborou em jornais e revistas brasileiras como *Eu sei tudo*, *A Noite*, *A Noite Ilustrada*, *Alterosa* e *Letras do Sertão*<sup>389</sup>.

Dentre tantos outros livros, artigos e demais escritos literários, “A Barragem” (1937) citada por Rachel Prado em seu discurso, tenha sido a obra mais famosa de Ignez Mariz. O romance regionalista tem como pano de fundo a construção da barragem de São Gonçalo, distrito da cidade de Sousa, interior da Paraíba, a partir da visão dos operários, mais especificadamente de uma família de retirantes. Nesse cenário Ignez vai descrever a visão dos oprimidos e marginalizados sociais, expostos à precárias condições de trabalho, exploração, miséria e desigualdades. A autora traz nas figuras masculinas da obra a representação da força através da construção da barragem e demais aspectos do patriarcado, enquanto nas figuras femininas ela apresenta os inúmeros questionamentos e debates da

<sup>387</sup> “PREMIO José de Albuquerque de 1939”. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Set./Out. de 1939, ano VII, n. 51, p. 3.

<sup>388</sup> DISCURSO da escriptora Rachel Prado. “Premio José de Albuquerque de 1939”. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Set./Out. de 1939, ano VII, n. 51, p. 3.

<sup>389</sup> SALES, Ana Maria Coutinho de. Tecendo fios de liberdade: Escritoras e Professoras da Paraíba do começo do século XX. 275f. 2005. **Tese** (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

época relacionados à mulher tais como educação, casamento, família, moral, amor moderno, maternidade e adultério feminino<sup>390</sup>.

Imagem 79 – Maria Ignez Mariz, vencedora do Prêmio José de Albuquerque 1939



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Set./Out. 1939).

Atenta às questões e demandas das mulheres de sua época, Ignez Mariz sempre questionou o papel feminino na sociedade assinalando as mudanças necessárias na estrutura social no que diz respeito à emancipação feminina. Talvez seja por isso que Rachel Prado destaque a independência da autora, sua emancipação e suas ideias “revolucionárias”.

Ignez casou-se com Carlos Meira de Vasconcelos e teve um filho, Paulo Antônio. Mas poucos anos depois de casada pediu o desquite. Tal fato “lança a pedra na superfície, só aparentemente tranquila, do lago do casamento enquanto instituição”, visto que “A romancista foi a primeira mulher a pedir o desquite no burgo sertanejo, provocando, sem querer, o maior escândalo em Sousa”<sup>391</sup>. Não sabemos se durante o Prêmio José de Albuquerque de 1939 Ignez já estava desquitada, mas sua maternidade foi um ponto bastante destacado no discurso de Rachel Prado, especialmente em função da obra premiada escrita por Mariz:

[...] E o mais notavel para a Humanidade é que Ignez Mariz é mãe. Mãe, na verdadeira acepção do termo. Mãe que segue, par e passo, a educação physica e mental de seu filho. Mãe que psychoanalysa e ensina ao seu proprio filho, para dele tirar argumentos e conclusões que possam aproveitar aos filhos de outras mulheres. [...]  
O seu livro é todo vasado em conhecimentos que a vida diaria lhe deu.

<sup>390</sup> SILVA, Marcelo Medeiros da Silva. Flores do sertão: mulheres e representação social em A Barragem de Ignez Mariz. *Rev. Odisseia*, v. 3, n. 2, Natal, p. 88-108, jul. – dez. 2018.

<sup>391</sup> SALES, Ana Maria Coutinho de. Tecendo fios de liberdade... *Op. cit.*, p.96.

Foi das experiências de coloquios íntimos com o filhinho que ella pôde trazer para as paginas do seu livro todo um contingente de expressiva verdade e uma naturalidade tão expontanea que não podemos duvidar da sinceridade da autora [...]<sup>392</sup>

É evidente que a maternidade foi um ponto relevante na escrita da obra premiada naquele ano. Mas em seu discurso, Ignez Mariz optou inicialmente por destacar o seu interesse pela educação sexual e pela campanha promovida pelo CBES evidenciando os preconceitos e a repulsa que os temas relacionados a sexualidade ainda provocavam na sociedade do período:

[...] Quando attendi ao edital que se publicava em torno desse concurso, foi movida pela sympathia que a campanha humanitaria, desenvolvida pelo Circulo Brasileiro de Educação Sexual, sempre me inspirou. Campanha nobre, que ainda causa repulsa a muita gente cheia de preconceitos, mas que merece a atenção e o estudo de todos aquelles que se interessavam pelos destinos da raça e pela moralização cada vez mais dos costumes do nosso povo.<sup>393</sup>

Notadamente em seu discurso ela enaltece a campanha realizada pelo CBES, especialmente em benefício da “defesa moral e formação espiritual da infância e da juventude” e o quanto o papel das mulheres é fundamental nesse aspecto, em especial das mulheres que são mães, pois para Mariz e conforme os preceitos pregados pelo CBES, cabe a elas orientar sua prole quanto aos assuntos relacionados à educação sexual. É às mães brasileiras que Ignez Mariz dedica sua obra.

Nos diversos paizes do Velho e do Novo Mundo, quasi sempre a mulher desempenhou um papel saliente na educação sexual [...]  
Animada com estes exemplos de coragem feminina foi que me resolvi a pôr de parte os conceitos e colaborar tambem nesta campanha, que estou bem certa, no futuro contara em suas fileiras todas as mulheres que são mães, porque ás mães, principalmente, cabe a nobilissima tarefa de bem orientar os seus filhos em matéria transcendente, como seja a educação sexual. Isto é o que procuro mostrar no modesto trabalho, dedicado às mães brasileiras [...]<sup>394</sup>

Seu livro foi publicado poucos meses depois pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual já no ano de 1940<sup>395</sup> com o título de “Educação Sexual – A que leva a curiosidade

---

<sup>392</sup> DISCURSO da escriptora Rachel Prado. *Op. cit.*

<sup>393</sup> DISCURSO da escriptora Ignez Mariz. “Premio José de Albuquerque de 1939”. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Set./Out. de 1939, ano VII, n. 51, p. 3.

<sup>394</sup> *Ibid.*

<sup>395</sup> PREMIO José de Albuquerque de 1939 – Já se acha publicado o livro de Educação Sexual da escriptora Ignez Mariz. **Beira Mar**. Ed. 673, de 11 de maio de 1940, p. 2.

infantil insatisfeita”. A partir de 1940, alegando motivos de ordem econômica, especialmente ligados à alta do papel para impressão de livros e ao encarecimento dos serviços de tipografia e do comércio livreiro, não foram mais abertos editais para o concurso<sup>396</sup>.

O Prêmio José de Albuquerque revela aspectos curiosos da campanha pela educação sexual empreendida pelo CBES e por José de Albuquerque, uma delas é o fato de que era um prêmio aberto a qualquer pessoa, independente do sexo ou profissão. É evidente que o alcance da campanha de José de Albuquerque tomou proporções consideráveis que não se limitava a um grupo profissional específico muito menos a um gênero. Isto apenas demonstra o quanto essa campanha pela educação sexual no país foi em vários aspectos plural e multifacetada.

---

<sup>396</sup> ALBUQUERQUE, José de. Prêmio para o melhor livro sobre educação sexual. *Op cit.* p. 49.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese buscamos analisar os principais desdobramentos da campanha pela educação sexual elaborada pelo médico e sexologista José de Albuquerque durante a década de 1930 no Brasil, especialmente no que tange às estratégias de difusão dessa campanha. Buscamos acompanhar, especialmente através da imprensa, como ele estabeleceu diferentes redes de discursos para levar adiante seu ideal em defesa da educação sexual no país.

Ao revisitarmos a trajetória de José de Albuquerque observamos como ele cria toda uma narrativa de vida rodeada de pessoas, muitas delas importantes nas mais diversas áreas do conhecimento como a medicina, o direito, a educação entre outras. Albuquerque, a partir de sua autobiografia, acaba se incluindo nessa “rede de contatos”, e “passa a fazer parte” disso. A impressão que temos é que sua infância marcada por uma educação rígida do pai e altamente controlada, não corresponde com o alto grau de sociabilidade e relações que ele vai constituir e apresentar durante sua campanha pela educação sexual quando adulto, ou mesmo durante sua formação em medicina. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, Albuquerque se apresenta enquanto um personagem que deu certo, que soube estabelecer contatos, articular discursos e saberes em torno das questões sexuais.

Observamos também o quanto a imprensa foi fundamental em vários momentos de sua vida profissional e o quanto Albuquerque recorre a ela. Entendemos que a imprensa periódica assume naquele contexto um papel estratégico enquanto instrumento de propagação de discursos e valores a serem apreendidos ou contestados pela sociedade brasileira, na medida em que se construíam e conquistavam novas perspectivas de participação nas esferas públicas e privadas, de acordo com as transformações e as demandas econômicas, políticas, culturais e sociais que configuravam o país.

A partir do segundo capítulo notamos como a tentativa de institucionalizar um conjunto de saberes sobre as questões sexuais, reunindo em torno de si um grupo de intelectuais para formarem uma instituição nacional, conferiu ao médico José de Albuquerque, ao longo da década de 1930, a alcunha de grande arauto da educação sexual no Brasil.

Notamos que, embora ele estivesse à frente de toda campanha pela educação sexual no país, foi preciso articular e aliar seus conhecimentos com outras áreas do saber e diversos intelectuais da época, buscando sempre o apoio da imprensa periódica para dar voz ao projeto de colocação do sexo em discurso. A criação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual nesse sentido foi fundamental para José de Albuquerque, pois foi através dessa

instância institucional que o médico pode traçar as mais diversas táticas de disseminação da educação sexual no país.

Constatamos também que a tentativa de institucionalização de um saber sexual por parte de Albuquerque não ocorreu de forma pacífica ou sem antagonismos. Novamente é na imprensa que observamos como essas tensões discorrem ao confrontarmos as críticas tecidas a ele e toda sua campanha pela educação sexual. E embora ele busque confrontar diretamente alguns de seus antagonistas, rebatendo críticas ou “desafiando” opositores para debates públicos, observamos como toda sua campanha se transforma em uma grande resposta aos preconceitos enfrentados e as críticas recebidas.

Ao analisar alguns discursos da “boa imprensa” notamos o quanto a campanha de José de Albuquerque era vista como inimiga de uma pedagogia do silêncio em torno das questões sexuais. As propostas de colocação do sexo em discurso por parte do médico circulavam em um campo de forças conflitantes sobre o que era legítimo ou não a respeito da educação sexual. Constantemente Albuquerque reafirmava em seus discursos o quanto a educação sexual defendida por ele era moral no sentido de ser analisada à luz da ciência e da verdade sobre o corpo, tal como qualquer outra função corporal.

Notamos também o quanto José de Albuquerque foi capaz de reformular as mais diversas estratégias para levar sua campanha pela educação adiante. Podemos citar como exemplo, como vimos durante a escrita do terceiro capítulo, o caso das comemorações do “Dia do Sexo” de 1937, quando não conseguiu alugar os salões do Instituto Nacional de Música para realização do evento, possivelmente por conflitos políticos com o ex-diretor do instituto envolvido com o movimento integralista. A realização do evento do “Dia do Sexo” daquele ano precisou então ser “reformulado”, indo para o rádio.

As estratégias de difusão da campanha pela educação sexual no país elaboradas por José de Albuquerque merecem destaque. Mesmo atacado por seus antagonistas, criticado e até censurado preferindo ter seu *Boletim de Educação Sexual* extinto e seu filme sobre educação sexual “proibido” de ser exibido e retido pelo DIP, ele não deixou de defender, promover e disseminar sua campanha pela educação sexual em todo território brasileiro, seja através da imprensa periódica, do rádio, dos livros, conferências, eventos, palestras, museu e pinacoteca.

As discussões sobre a trajetória de José de Albuquerque, o Círculo Brasileiro de Educação Sexual e a campanha pela educação sexual nos anos de 1930 não se encerram com essa tese. Muitas questões permanecem em aberto e de forma alguma pretendemos aqui preencher todas as “lacunas” dessa história. O que apresentamos é um olhar histórico de um

recorte específico, e que ainda assim fornecem inúmeras outras possibilidades de análise e pesquisa.

Falar sobre José de Albuquerque hoje é assumir uma postura que busca dar visibilidade ao trabalho de sua vida, demonstrando a importância e a relevância dos discursos defendidos pelo médico, e que hoje, quase um século depois se mostram atuais, urgentes e necessários à luz da reflexão. Revisitar sua trajetória é retirá-lo do esquecimento e dar novo fôlego aos debates sobre sexualidade e a história da educação sexual no Brasil, estabelecendo um paralelo passado/presente.

Por fim, encerramos a tese com um dos cartazes produzidos pelo CBES, publicado e distribuído no *Boletim de Educação Sexual* e que representa, desde a década de 1930, a batalha diária brasileira não apenas em relação às questões sobre gênero, sexualidade e educação sexual, mas a luta constante em defesa das mais diversas causas sociais no país.

Imagem 80 – Brasil *versus* Preconceito



Fonte: Boletim de Educação Sexual, Ed. Abril de 1936.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

#### *Livros e capítulos*

ALBUQUERQUE, José de. **Educação Sexual pelo Radio**. Rio de Janeiro: Circulo Brasileiro de Educação Sexual, 1935.

ALBUQUERQUE, José de. **Hygiene Sexual**. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1929.

ALBUQUERQUE, José de. **Programma de Acção Legislativa**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1937.

ALBUQUERQUE, José de. **Quatro letras... Cinco lustros...** Rio de Janeiro: Gráfica Editora Jornal do Comércio S. A., 1958.

ALBUQUERQUE, José. Meu encontro com os outros... Memórias. In: CARRARA, Sérgio(org.). **Meu encontro com os outros**: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

ALBUQUERQUE, José. **Moral Sexual**. Rio de Janeiro: Typographia Coelho, 1930.

ALBUQUERQUE, José. **O sexo em face do indivíduo, da família e da sociedade**. Rio de Janeiro: Circulo Brasileiro de Educação Sexual, 1936.

FERREIRA, José da Cunha. Duas Palavras. In. ALBUQUERQUE, José de. **Educação Sexual pelo Radio**. Rio de Janeiro: Circulo Brasileiro de Educação Sexual, 1935.

#### *Notas e Artigos*

“DIA do Sexo”. Como foi comemorado, no corrente anno, pelo Circulo Brasileiro de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Dezembro de 1937, ano V, n. 38, p. 2.

“EDUCACION Sexual” – O Dr. Luiz Pierola Machicado, de La Paz, Bolivia, conquistou “Menção Honrosa”, no Concurso ao premio para o melhor livro de educação sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Fevereiro de 1938, ano VI, n. 40, p. 2.

“PREMIO José de Albuquerque 1939”. Dois contos de réis, para o melhor livro sobre educação sexual. **Boletim de Educação Sexual** Ed. Set./Out. de 1938, ano VI, n.45, p. 8.

“PREMIO José de Albuquerque de 1939”. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Set./Out. de 1939, ano VII, n. 51, p. 3.

“SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” inicia hoje sua publicação. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro/Dezembro de 1938, Ano VI, n. 46, p. 2.

“SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” prossegue em sua publicação. In. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro/Fevereiro de 1939, ano VII, n. 47, p. 2.

“SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” prossegue em sua publicação. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março/Abril de 1939, ano VII, n. 48, p. 2.

“SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” prossegue em sua publicação. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Maio/Junho de 1939, ano VII, n. 49, p. 2.

“SKETCHS” de Educação Sexual – “Boletim de Educação Sexual” prossegue em sua publicação. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Julho/Agosto de 1939, ano VII, n. 50, p. 2.

“SKETCHS” de Educação Sexual – Boletim de Educação Sexual iniciará sua publicação a partir do proximo numero. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro/Outubro de 1938, Ano VI, n. 45, p. 2.

A ciência a serviço da corrupção – em torno da educação sexual. Artigo extraído do jornal “Semana Religiosa”, de Pouso Alegre, Minas Gerais. **Jornal “A Cruz”**. Ed. 44 de 29 de outubro de 1933, p. 4.

A cooperação da imprensa brasileira na campanha da educação sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro de 1934, Ano II, p. 2.

A criação de uma cadeira de clinica urologica – Fala, a respeito, um conhecido medico. **Jornal A Noite**, edição 6090 de 31 de outubro de 1928. p. 8.

Á Margem. Correio do Boletim. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro de 1935, n. 8, ano III, p. 1.

Á Margem. Perspectivas promissoras. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1935, n. 1, ano III, p. 1.

A reforma do ensino medico: Diario de Noticias ouve o dr. José de Albuquerque, sobre a criação da cadeira de “Clinica Andrologica”. **Jornal Diário de Notícias**, edição 238 de 04 de fevereiro de 1931, p. 5.

A viagem do Dr. José de Albuquerque aos paizes sul-americanos. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Jul./Ago. de 1939, ano VII, n. 50, p. 5-6.

ALBUQUERQUE, José de. A educação sexual e as mulheres. **Boletim de Educação sexual**. Ed. Junho de 1935, n. 5, ano III, p. 6.

ALBUQUERQUE, José de. Á Margem. Bureau Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro/Outubro de 1938, ano VI, n. 45.

ALBUQUERQUE, José de. Á Margem. Inauguração do Museu de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Fevereiro de 1936, ano IV, n. 2. p. 1.

ALBUQUERQUE, José de. Á Margem. Pinacotheca de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Agosto de 1935, ano III, n. 7, p. 1.

ALBUQUERQUE, José de. Como Portugal cuida da prevenção das doenças venereas. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Abril de 1937, n. 30, ano V, p. 6.

ALBUQUERQUE, José de. Considerações geraes sobre a clinica andrologica. **Jornal de Andrologia**. Rio de Janeiro. Edição 1. Abril de 1932.

ALBUQUERQUE, José de. Films sobre Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1934, ano II, n. 8, p. 3.

ALBUQUERQUE, José de. O “Museu de Educação Sexual” e o Povo. **Jornal O Comércio**. Ed. 140, de 17 de maio de 1936, p. 2.

ALBUQUERQUE, José de. O Theatro a serviço da Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**, Ed. Julho/Agosto de 1938, ano VI, n. 44. p. 1.

ALBUQUERQUE, José de. Pinacothéca de Educação Sexual. Serviço especial do Circulo Brasileiro de Educação Sexual. **O Jornal**. Ed. 107 de 13 de fevereiro de 1935. p. 3.

ALBUQUERQUE, José. A Educação Sexual e o apoio da imprensa. **Boletim de Educação Sexual**. Edição de Julho de 1934, ano II, n. 4, p. 3.

ALBUQUERQUE, José. A imprensa brasileira a serviço de um dos maiores movimentos sociaes da era contemporanea. **Boletim de Educação Sexual**. Edição de Março de 1935, Ano III, p. 1.

ALBUQUERQUE, José. A Margem... Integralismo, communismo e educação sexual. **Boletim de Educação Sexual**, Edição de Maio/Junho de 1928, ano VI, n. 43, p. 1.

ALBUQUERQUE, José. A mulher brasileira em face da educação sexual. **Jornal A Notícia**. Ed. 2430, de 04/11/1936, p. 5.

ALBUQUERQUE, José. Ave, Mocidade! **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Dezembro de 1936, n. 8, ano IV, p. 1.

ALBUQUERQUE, José. Carta aberta aos jornalistas brasileiros. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1934. p. 1.

ALBUQUERQUE, José. Igreja Romana não combate a educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**, ano I, n. 1. Setembro de 1933, p. 4.

AO Publico. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Julho de 1934, n. 4, ano II, p. 3

AO Publico. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março de 1934, n. 2, ano II, p. 3.

AS “enquêtes” do Boletim de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**, Ed. Outubro de 1937, n. 36, ano V, p. 2.

AS “enquêtes” do Boletim de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**, Ed. Novembro de 1937, n. 37, ano V, p. 2

ATHAYDE, Tristão de. A flor do “humour” – Columna do Centro. **O Jornal**, ed. 5033, de 17 de novembro de 1935. p. 3 e p. 9.

ATHAYDE, Tristão de. O Bolchevismo Intelectual - Letras Estrangeiras. **O Jornal**, ano XV, n. 4350, 24 de dezembro de 1933. p. 4.

AVISO aos nossos assignantes. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março de 1935, n. 2, ano III, p. 5.

BOLETIM da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual. n. 4, ano I. Março de 1937.

BOLETIM da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual. n. 7, ano I. Junho de 1937.

BRITTO, Joaquim Eloy de. Museu e Pinacotheca de Educação Sexual, impressões de visita. Pagina de Nossos Leitores. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março/Abril de 1938, ano VI, n. 41 e 42, p. 5.

BUREAU Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea. Alguns dados sobre a vida desta instituição da qual é diretor o Dr. José de Albuquerque. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Maio/Junho de 1939, ano VII, n. 49.

BUREAU Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea. Sua inauguração sob os auspícios do Circulo Brasileiro de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro/Dezembro de 1938, ano VI, n. 46.

CASTELLAR, Yolanda. Os problemas sexuaes e a defeza moral do individuo. In. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1938, ano VI, n. 39, p. 3.

CASTELLAR, Yolanda. Sobre o Museu e Pinacotheca de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1937, ano V, n. 27.

CIRCULO Brasileiro de Educação Sexual. **Jornal de Andrologia**, n. III. Ed. Julho de 1933. p.1.

COLLEGIO Rampi Williams. **Jornal Rua do Ouvidor**. Rio de Janeiro. Edição de 23 de janeiro de 1909, ano XII.

COLLIGAÇÃO da Mocidade Pró Educação Sexual. **Jornal Diário de Notícias** (RJ), Ed. 3617, de 14 de novembro de 1937, p. 8.

COLLIGAÇÃO da Mocidade Pró-Educação Sexual. **Jornal Diario Carioca**, ed. 2671, de 25 de fevereiro de 1937, p. 7.

COSTA, Heitor da Silva. Tribuna Livre – Columna do Centro. **O Jornal**, ed. 5042 de 28 de novembro de 1935.

DE volta á Patria... Por José de Albuquerque. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro de 1936, ano IV, n. 5, p. 2.

DIA do Sexo – decorreu brilhantemente sua comemoração nesta capital. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1935, ano III, n. 10, p. 3.

DIA do Sexo. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1937, ano V, n. 37, p. 6.

DIA do Sexo. Sua comemoração a 20 de novembro. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. de Novembro de 1936, ano IV, n. 7, p. 2.

DISCURSO da escriptora Ignez Mariz. “Premio José de Albuquerque de 1939”. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Set./Out. de 1939, ano VII, n. 51, p. 3.

D

DISCURSO da escriptora Rachel Prado. “Premio José de Albuquerque de 1939”. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Set./Out. de 1939, ano VII, n. 51, p. 3.

EM Minas Gerais. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 1, ano I. Dezembro de 1936.

FERREIRA, Cunha. Os problemas sexuaes e a defeza da familia. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1938, ano VI, n. 39.

FINALIDADES da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 4, ano I. Março de 1937.

GOMES, Perillo. O “dia do sexo” – Columna do Centro. **O Jornal**, ed. 5036 de 21 de novembro de 1935. p. 3.

JORNAL A Cruz. Edição 41, de 13 de outubro de 1935, p. 3.

LYRA, Roberto. Educação e Criminalidade. Palestra realizada pelo promotor Roberto Lyra, em 20 de julho de 1933, no Circulo Brasileiro de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. n. I, ano I, setembro de 1933, p. 2.

MACHADO, Walfredo. A educação sexual e o engrandecimento nacional. **Boletim de Educação Sexual**. n. 39, Ed. Janeiro de 1938, ano VI, n. 39, p. 2.

MARTINS, Barbosa. Os problemas sexuaes e a defeza sanitaria da raça. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Dezembro de 1937, ano V, n. 38, p. 8.

MOVIMENTO interno da Colligação. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 6, ano I. Maio de 1937.

MUSEU de Educação Sexual. Interessantes trabalhos da Professora Francelina Pires. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1936, ano IV, n. 7, p. 8.

NA Presidencia de honra o Dr. José de Albuquerque. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 1, ano I. Novembro de 1936.

NASCIMENTO, Amelia do. Museu de Educação Sexual. Pagina de Nossos Leitores. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Julho de 1937, ano V, n. 33 p. 5.

NASCIMENTO, Ignacio Torres do. A Pinacotheca e o Museu de Educação Sexual. Pagina de Nossos Leitores. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Março de 1937, ano V, n 29, p. 5.

O que é o “Boletim de Educação Sexual”. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro de 1933, ano I, n. 1. p. 2.

O radio a serviço da Educação Sexual – A “Radio Cajuti” inicia brevemente uma série de palestras a cargo do Dr. José de Albuquerque. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1934, ano II, n. 8, p. 6.

ORIENTAÇÃO Política da C.M.P.E.S. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 5, ano I. Abril de 1937.

OS Cavaleiros Apocalípticos. **O Apostolo**, ano V, ed. 82 de 15 de novembro de 1933.

PAGINA dos nossos leitores. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Dezembro de 1936, n. 8, ano IV.

PALESTRA de encerramento do prof. Dr. José de Albuquerque. Educação Sexual pelo Radio. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Fevereiro de 1937, ano V, n. 28, p. 3.

PALESTRAS sobre Educação Sexual. Breve demonstração de nossas actividades no corrente anno, no Rio e no norte do paiz. **Boletim de Educação Sexual**. n. 8, novembro de 1934, p. 8.

PARA maior amplitude da campanha. **Boletim da Colligação da Mocidade Pró-Educação Sexual**. n. 8, ano I. Março de 1937.

PARA o melhor livro sobre educação sexual – Resultado do ultimo concurso – Elevado para o dobro o valor do premio do proximo concurso. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Set./Out. de 1938, ano VI, n. 45, p. 4.

PARA o melhor livro sobre Educação Sexual “Premio José de Albuquerque 1937” – Edital de Concurso. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1937, ano V, n. 37, p. 8.

PERSEGUIÇÕES movidas á campanha da Educação Sexual pelo integralismo. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Maio/Junho de 1938, ano VI, n. 43, p. 6-7.

PORTO-CARRERO. Educação e Caracter. Palestra realizada pelo professor J.P. Porto-Carrero em 20 de julho de 1933 no Círculo Brasileiro de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. n. I, ano I, setembro de 1933, p. 2.

PRADO, Rachel. Perfil do Dr. José de Albuquerque. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Janeiro de 1938, ano VI, n. 39, p. 2.

PREMIO José de Albuquerque – Escolha da comissão julgadora. **Beira Mar**. Ed. 648 de 22 de julho de 1939, p. 4.

PREMIO José de Albuquerque de 1939 – Já se acha publicado o livro de Educação Sexual da escriptora Ignez Mariz. **Beira Mar**. Ed. 673, de 11 de maio de 1940, p. 2.

PREMIO José de Albuquerque, de 1939. **Beira Mar**. Ed. 652 de 02 de setembro de 1939, p. 5.

PREMIO José de Albuquerque” Para o melhor livro sobre Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Outubro de 1935, ano III, n. 9.

QUATRO mezes de atividade, Boletim de Educação Sexual. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1933, Ano I, n. 3, p. 1.

SEMANA de Educação Sexual – Sua realização pela quarta vez no Brasil. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Setembro/Outubro de 1938, ano VI, n. 45, p. 5.

SESSÕES de cinema educativo. **Boletim de Educação Sexual**. Ed. de Outubro de 1936, ano IV, n. 6, p. 2.

SI ainda não sois membro do Circulo Brasileiro de Educação Sexual, por que não vos inscreveis? **Boletim de Educação Sexual**. Ed. de setembro de 1933. n. 1, ano I, p. 4

SI V. S. ainda não é membro do Circulo Brasileiro de Educação Sexual por que não se inscreve? **Boletim de Educação Sexual**. Ed. Novembro de 1933, Ano I, n. 3, p. 4.

#### *Jornais, revista e periódicos*

A Batalha (RJ)

A Cruz (RJ)

A Noite (RJ)

Beira Mar (RJ)

Boletim de Educação Sexual (RJ)

Correio da Manhã (RJ)

Correio Paulistano (SP)

Diário Carioca (RJ)

Diario da Noite (RJ)

Diário de Notícias (RJ)

Jornal A Notícia (RJ)

Jornal de Andrologia (RJ)

Jornal do Brasil (RJ)

Jornal do Commercio (MT)

O Apóstolo (SC)

O Comércio (SC)

O Jornal (RJ)

O Malho (RJ)

Revista da Semana (RJ)

Revista Fonfon (RJ)

Vida Carioca (RJ)

#### **Obras bibliográficas**

ANDRELO, Roseane. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. **Rev. HistedBR** On-line, Campinas, n. 47, set. 2012.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: UFPR, 2008.

AZEVEDO, Lia Calebre. No tempo do Rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil (1923 – 1960). 2002. 277 f. **Tese** (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

BARACAT, Edmundo Chada. **Manual de Ginecologia Endócrina**. São Paulo: Fundação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstretícia, 2015.

BRASIL. **Decreto n. 3.603, de 11 de dez. de 1918**. Declara promovidos ao anno ou série immediatamente superior áquelle em que estiverem matriculados todos os alumnos das escolas superiores ou faculdades officiaes, Collegio Pedro II e militares, bem assim dos estabelecimentos de ensino equiparados ou sujeitos a fiscalização. Rio de Janeiro, RJ, 11 dez. 1918.

BRASIL. **Decreto nº 19.852**, de 11 de abril de 1931.

BRASIL. IBGE. Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, 1956.

CARRARA, Sérgio (org.) Apresentação. In: **Meu encontro com os outros**: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

CARRARA, Sérgio Luís; RUSSO, Jane Araújo. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. In: **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, v. 9, n. 2, 2002.

CARRARA, Sérgio. **Tributo a Vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

CASTRO, Edgardo. Arqueologia. In: **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CATELLI, Rosana Elisa. O cinema educativo nos anos de 1920 e 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea. **Rev. Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-15, Jan./Jun. 2005.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. **Guia para compreender o Antraz**. Centro Nacional de Doenças Infecciosas Emergentes e Zoonóticas. U.S – Department of Health and Human Services. May, 2016.

CHUCAILO, Vanessa Cristina. “O sexo à luz da verdade e da sciencia”: um estudo sobre os discursos de educação sexual e sexualidade no jornal O Comércio de Porto União/SC (1933/1941). 2015. 132f. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Estadual do Centro Oeste – Campus Irati/PR.

CLAVREUL, Jean. **A ordem médica: poder e impotência do discurso médico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27 n.3 set/dez, 2012.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador v. 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FELICIO, Leandro Alves. A moralização do sexo: os debates sobre a educação sexual para o projeto de nação brasileira na I Conferência Nacional de Educação, 1927. 2012. 163f. **Dissertação** (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

FERREIRA, Suzana Cristina de Souza. Adhemar Gonzaga e a Cinédia – Imagens de um País que dança. 2006. 193 f. **Tese**. (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais.

FLORES, Bernardete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza**. Chapecó: Argos, 2007.

FOUCAUL, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1997. p. 138.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FUNDAÇÃO Cultural Calmon Barreto. Revista O Trem da História. Calmon Barreto 100 anos de história. Araxá, novembro de 2010, Ano 20, n. 47.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNIOR, A. S. *et. al.* Alopecia sífilítica difusa essencial. **Rev. Científica da FMC**. v. 15, n. 3, 2020.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, G. T.; ROSS, S. Inimigas da pátria: Propostas educativas para a guerra contra as doenças venéreas na Marinha do Brasil nas décadas de 1920 e 1930. **Rev. Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad**. n. 28, abril/2018, p. 212.

MACHADO, Josiane Cantos. A psicanálise pansexualista de Francisco Franco da Rocha – um fragmento da história da psicanálise brasileira. **Jornal de Psicologia**, n. 47, v 86, p. 239-253, 2014.

MALCHER, Leonardo Fabiano Sousa. Aos cuidados de Príapo: impotência sexual masculina, medicalização e tecnologia do corpo na medicina no Brasil. 2007. 208 f. **Tese** (Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Raquel (orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

NONATO, José Antonio; SANTOS, Núbia Melhem. **Era uma vez o Morro do Castelo**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

NUNES, César; SILVA, Edna. Sexualidade e Educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei (org.). **Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas: Autores Associados – HISTEDBR; Caçador: UnC, 1999.

OLIVEIRA, Cristiane. “Libertar o brasileiro de seu captivo moral”: identidade nacional, educação sexual e família no Brasil na década de 1930. **Psicologia & Sociedade**; 24(3), 2012, 507-516.

PAIXÃO, Cláudia Míriam Quelhas. Moradores do Morro do Castelo: algumas considerações. **Anais**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.

PAULA, Andressa. A Revista *A Cruzada* e a “boa imprensa” católica no Paraná (1926 – 1931). 2017. 127f. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR.

REIS, Gisele Volpato dos. Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque. 2006. 92 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBAS, Ana Claudia. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal *O Apóstolo* (1929-1959). **Rev. Espaço Plural**, v. XII, n. 24, 1º semestre de 2011.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Os momentos históricos da Educação Sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (org.) **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

SALES, Ana Maria Coutinho de. Tecendo fios de liberdade: Escritoras e Professoras da Paraíba do começo do século XX. 275f. 2005. **Tese** (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

SAMPAIO, Ana Martha M. A digitalização como forma de conservação e disseminação do acervo de jornais da Biblioteca Monsenhor Galvão. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005. Salvador. **Anais**. Salvador, 2005. 12 p.

SANTOS, Cristiane de Oliveira. **A regulação política da sexualidade no âmbito da família por saberes e instituições médicas (1838-1940)**. 2010. 221f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SESC. Coletânea Ciclo – Tristão de Athayde / Alceu Amoroso Lima. São Paulo: SESC-SP, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**, 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Marcelo Medeiros da Silva. Flores do sertão: mulheres e representação social em A Barragem de Ignez Mariz. **Rev. Odisseia**, v. 3, n. 2, Natal, p. 88-108, jul. – dez. 2018.

SODRÉ, Nelson Wenerck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, José Inácio de Melo. **O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)**. São Paulo: Annablume. Fapesp, 2003.

TOURINHO, Adriana de Oliveira. Atribuições de valor aos monumentos do Morro do Castelo (1920-1922). 2008. 136f. **Dissertação** (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

VILHENA, Cyntia Pereira de Sousa. Práticas eugênicas, medicina social e família no Brasil republicano. In: **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo. v.19, n.1, 1993.

WADSWORTH, James E. Morcovo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. **Revista Brasileira de História**. v. 19, n. 37, São Paulo, set. 1999.

**ANEXOS**

**Anexo 1 - Relação dos jornais que constituíram o Circuito Jornalístico do CBES até  
1958**

<i>Estado do Amazonas</i>	
O Jornal (Manaus)	Alto Madeira (Porto Velho)
Diário Oficial (Manaus)	Provincia do Amazonas (Manaus)
<i>Estado da Bahia</i>	
O Povo (São Salvador)	Jornal de Palestina (Palestina)
A Razão (Castro Alves)	Pequeno Jornal (Cachoeira)
Avante (Conquista)	A Ordem (Cachoeira)
O Combate (Conquista)	O Sertão (Lençóis)
O Intransigente (Itabuna)	A Liga (Itabuna)
O Itapira (Itapira)	O Labor (Conquista)
O Serrinhense (Serrinha)	A Voz (São Salvador)
A Razão (São Gonçalo dos Campos)	O Pioneiro (Sant'Ana)
O Conservador (Nazareth)	O Itaberaba (Itaberaba)
A Tribuna (Areia)	A Corrente (Santa Maria)
O Estado da Bahia (São Salvador)	Redenção (Maragogipe)
O Aratuhye (Aratuhye)	A Cachoeira (Cachoeira)
O Tempo (Castro Alves)	O Município (Vila de Conceição da Feira)
O Social (Cachoeira)	Correio de Alagoinhas (Alagoinhas)
O Diário da Tarde (Ilhéos)	O Joazeiro (Joazeiro)
O Município (Santo Amaro)	Correio Valenciano (Valença)
O Provisório (Valença)	Escudo Social (São Felipe)
O Gladiador (Itabuna)	O Rebate (Maragogipe)
Diário da Bahia (São Salvador)	O Castroalvense (Castro Alves)
O Idealista (São Salvador)	Correio do Sertão (Morro do Chapéu)
O Comércio (Valença)	Sudoeste (Jéque)
Fôlha do Norte (Feira de Santa'Anna)	Pequeno Jornal (Maragogipe)
O Aeropago (Itabuna)	Correio de Belmonte (Belmonte)
Jornal Oficial (Itabuna)	O Grito (Nazareth)
O Imparcial (Pirangy Ilhéus)	A Época (Itabuna)
O Comércio (Poções)	A Reação (Muritiba)
A Verdade (Santo Amaro)	A Notícia (Barra)
A Flammula (Mutuhype)	Diário Oficial (São Salvador)
A Barra (Cidade de Barra)	Jornal Academico (São Salvador)
Jornal de Itabua (Itabuna)	O Popular (Alagoinhas)
O Popular (Joaquim Távora)	O Município (Valença)
O Corrente (Santa Maria)	O Imparcial (São Salvador)
O Combate (Santo Amaro)	

<i>Estado do Ceará</i>	
O Jaguaribe (Aracati)	Jornal de Viçosa (Viçosa)
A Ordem (Joazeiro)	Correio do Ceará (Fortaleza)
Ubajara (Ubajara)	Gazeta de Cariri (Crato)
O Jornal (Sobral)	O Combate (Fortaleza)
O Lar (Fortaleza)	Gazeta de Notícias (Fortaleza)
A Rua (Fortaleza)	Flammula (Irajá)

<i>Estado do Espírito Santo</i>	
O Espírito Santo (Siqueira Campos)	O Alegrense (Alegre)
A Voz do Sul (João Pessoa)	O Norte (São Matheus)
A Gazeta (Vitória)	O Dever (João Pessoa)
Correio do Norte (Colatina)	O Dever (Calçado)
Diário da Manhã (Vitória)	A Flamma (Cachoeira de Itapemerim)
Libertador (Muqui)	O Estado (Vitória)
Kodak (São Matheus)	O Município (Vitória)
A Notícia (Castelo)	O Correio do Muquy (São João de Muquy)
A Voz do Estudante (Vitória)	

<i>Estado de Goiás</i>	
A Luta (Annapolis)	Pyrneus (Pirenópolis)
O Liberal (Jatahy)	A Voz do Norte (Natividade)
Correio Oficial (Goiás)	Antenas (Goiás)
Morrinhos (Morrinhos)	Anhanguera (Catalão)
O Commercio (Goiás)	O K.R.O. (Caldas Novas)
Goiandira (Goiandira)	O Combate (Goiás)
A Voz do Povo (Goiás)	O Regional (Goiandira)

<i>Estado do Maranhão</i>	
Jornal de Balsas (Balsas)	O Regional (Goiandira)
Gazeta de Flôres (Flôres)	A Pacotilha (São Luiz)
A Tarde (Carolina)	A Tribuna (São Luiz)
Voz do Povo (Caxias)	Jornal do Commercio (Caxias)
O Combate (São Luiz)	O Suburbano (Vila Operária – São Luiz)
O Norte (Barra do Corda)	Gazeta (Itapecuru-Mirim)
Burity (Burity Alegre)	

*Estado de Mato Grosso*

O Três Lagoas (Três Lagoas)	O Bajulador (Corumbá)
Gazeta do Commercio (Três Lagoas)	A Mocidade (Ponta Porã)
Fôlha da Serra (Campo Grande)	O Diplomata (Cuibá)
A Fôlha do Povo (Ponta Porã)	O Imparcial (Campo Grande)
Jornal do Commercio (Campo Grande)	A Unidade (Miranda)
O Araguaia (Lageado)	A União (Rio Pardo)
O Progressita (Campo Grande)	O Sul (Ponta Porã)
Fôlha do Sul (Aquiduaana)	O Abecê (Cuibá)

*Estado de Minas Gerais*

O Imparcial (Andradas)	Araguary (Araguari)
Jornal de Barbacena (Barbacena)	O Cambuquira (Cambuquira)
Centro de Minas (Curvello)	Gazeta de Jacutinga (Jacutinga)
A República (Lavras)	O Libertador (Carangola)
O Carmo do Rio Claro (Carmo do Rio Claro)	Conceição (Conceição)
O Arrebenta (Campanha)	A Defesa (Oliveira)
Lavoura e Commercio (Barbacena)	Reforma (Patos)
A Evolução (Plumhy)	Gazeta Rio Novense (Rio Novo)
O Atlante (Mar de Espanha)	O Progresso (Rio Prêto)
Renovação (Araxá)	Santa Rita Jornal (Santa Rita do Sapucaí)
Albôr (Araguari)	O Sol (Santos Dumont)
O Correio (São João del Rey)	Gazeta de Silvianópolis (Silvianópolis)
O Montanhez (Três Pontas)	A Pena (Uberlândia)
Gazeta de Uberaba (Uberaba)	Lavoura e Commercio (Uberaba)
O Sul Mineiro (Varginha)	O Carangola (Carangola)
Correio de Minas (Juiz de Fora)	Jornal de Itauna (Itauna)
O Commercio (Pirapora)	O Triângulo (Araguari)
O Tempo (Caratinga)	O Patriota (Baependi)
Revista (Poços de Caldas)	Correio de Coimbra (Coimbra)
O Operário (Montes Claros)	O Itanhandú (Itanhandú)
A Columna (Campo Belo)	A Mocidade (Januária)
Monte Santo (Monte Santo)	O Trabalhista (Juiz de Fora)
O Alfenense (Alfenas)	A Cidade (Perdões)
Correio de Mathias (Matias Barbosa)	Cidade do Prata (Prata)
Queluz de Minas (Queluz)	Minas Jornal (Rio Branco)
S. Gothardo (São Gothardo)	O Gira Sol (Rio Prêto)
A Voz da Matta (Manhuassu)	A Opinião (São Gonçalo de Sapucahy)
Jornal do Povo (Ponte Nova)	A Razão (Viçosa)
Arauto do Sul (Varginha)	A Imprensa (Carangola)

O Lince (Juiz de Fora)  
 O Progresso (Alvinópolis)  
 A Fôlha Mineira (Juiz de Fora)  
 A Tribuna Operária (Muzambinho)  
 Gazeta de Ouro Fino (Ouro Fino)  
 O Movimento (Patrocínio)  
 O Progressista (São João Nepomuceno)  
 O Labor (São Manoel)  
 O Município (Manhuassú)  
 O Domingo (Manhuassú)  
 Gazeta de Ponte Nova (Ponte Nova)  
 A Época (São Sebastião)  
 Abre Campo (Abre Campo)  
 A Verdade (Três Corações)  
 Monte Carmelo (Monte Carmelo)  
 A Cidade (Manhuassú)  
 Manhumirim (Manhumirim)  
 Município de Pitangui (Pitangui)  
 O Jornal (Uberaba)  
 O Liberal (Dorês do Indalá)  
 O Rádio (S. S. Paraíso)  
 Atalaia (Goianinha)  
 Gazeta Sanitária (Divinópolis)  
 O Norte de Minas (Th. Ottoni)  
 O Granberyense (Juiz de Fora)  
 O Liberal (São Sebastião Paraíso)  
 A Sentinela (Alto Rio Doce)  
 A Semana (São João Nepomuceno)  
 Eloy-Mendes (Eloy-Mendes)  
 O Reivindicador (Salinas)  
 O Estado de Goyaz (Uberlândia)  
 Ipanema (Ipanema)  
 A Cidade (Pouso Alegre)  
 Triângulo de Minas (Uberlândia)  
 A Voz de Minas (Muriaé)  
 Pouso Alegre (Pouso Alegre)  
 Correio dos Viajantes (Itajubá)  
 O Labaro (Ubá)  
 O Guarará (Guarará)  
 Diário Mercantil (Juiz de Fora)  
 Gazeta de Tombos (Tombos)  
 Fôlha Nova (Silvestre Ferraz)  
 Gazeta (Abre Campo)  
 Nova Era (Arari)

O Expositor Municipal (Cambuí)  
 A Penna (Divinópolis)  
 O Imparcial (Pouso Alegre)  
 Raul Soares (Raul Soares)  
 A Tribuna (Rio Casca)  
 A Piranha (São João del Rey)  
 O Eco (Bambuhy)  
 O Combate (Ipanema)  
 O Reporter (Nepomuceno)  
 Gazeta Paraisense (S. Sebastião do Paraíso)  
 A Campanha (Campanha)  
 São Lourenço Jornal (São Lourenço)  
 Correio Carangolense (Carangola)  
 A Razão (Curvelo)  
 Gazeta de Leopoldina (Leopoldina)  
 Gazeta do Norte (Montes Claros)  
 A Ordem (Jequitinhonha)  
 Jornal de Machado (Machado)  
 A Voz de Muzambinho (Muzambinho)  
 A Luta (Pirapora)  
 A Justiça (Poços de Caldas)  
 O Pharol (Juiz de Fora)  
 O Jornal de Guarany (Guarani)  
 A Ordem (Manhuassú)  
 O Catharinense (Vila de Santa Catarina)  
 A Defesa (Juiz de Fora)  
 O Pharol (Santa Rita de Jacutinga)  
 A Tribuna (Monte Santo)  
 Correio Sul-Mineiro (Guaxupé)  
 O Repórter (Uberlândia)  
 O Diário (Juiz de Fora)  
 Correio de Sacramento (Sacramento)  
 Voz do Povo (São João Nepomuceno)  
 O Ibiracy (Ibiraci)  
 Gazeta do Commercio (Juiz de Fora)  
 A Gazeta (Lavras)  
 A Evolução (Jacutinga)  
 A Unidade (Miranda)  
 A Gazeta (Conceição do Rio Verde)  
 A União (Manhuassú)  
 A Voz dos Moços (Manhuassú)  
 Correio de Viçosa (Viçosa)  
 O Arceburgo (Arceburgo)  
 Gazeta de Formiga (Formiga)

Alto São Francisco (Piumhy)	O Libertador (Mar de Espanha)
Cidade de Piranga (Piranga)	O Pioneiro (Juiz de Fora)

---

*Estado do Para*

Cinco de Julho (Obidos)	O Estado do Pará (Belém)
O Município (Alenquer)	Fôlha de Obidos (Obidos)
Evolução (Belém)	Jornal de Cametá (Cametá)
O Tocantins (Cametá)	O Imparcial (Belém)
A Fôlha do Norte (Belém)	

---

*Estado da Paraíba*

Commercio da Parahyba (João Pessoa)	A União (João Pessoa)
O Fôlha (Itabaiana)	O Rebate (Campina Grande)
O Tempo (Esperança)	Libertador (João Pessoa)
O Norte (João Pessoa)	A Ordem (Campina Grande)

---

*Estado do Paraná*

A Renascença (Cambará)	Correio Portuguez (Curitiba)
Voz de Sengés (Sengés)	O Cruzeiro do Sul (Palmas)
Correio de Paraná (Curitiba)	Jacarézinho (Jacarézinho)
Correio do Norte (Santo Antônio da Platina)	Éco de Sengés (Sengés)
O Estillete (Jaguariaíva)	Castro-Jornal (Castro)
A Vanguarda (Ribeirão Claro)	Diário da Manhã (Curitiba)
A Cidade (Guarapuava)	O Rio Negrense (Rio Negro)
Diário da Tarde (Curitiba)	

---

*Estado de Pernambuco*

Jornal do Canhotinho (Canhotinho)	O Jornalzinho (Cabo)
O Imparcial (Caruarú)	O Progresso (Bom Conselho)
O Estímulo (Gameleira)	A Esquerda (Recife)
O Goianense (Goiana)	Gazeta Acadêmica (Caruarú)
Gazeta de Limoeiro (Limoeiro)	Sertão-Jornal (Rio Branco)
O Pharol (Petrolina)	Escada Jornal (Escada)
A Voz de Nazareth (Nazareth)	O Amigo do Matuto (Rio Branco)
Correio de Catende (Catende)	Diário de Pernambuco (Recife)
Correio de Morenos (Morenos)	Fôlha do Povo (Recife)
O Buliçoso (Goianinha)	O Operário (Garanhuns)
O Combate (Garanhuns)	Diário da Manhã (Recife)
Tempos Novos (Garanhuns)	Jornal do Comércio (Recife)

Jornal de Pesca (Pesqueira)	O Atalaia (Goianinha)
A Semana (Bom Jardim)	Timbaúba-Jornal (Timbaúba)
O Lidador (Vitória)	

---

*Estado do Piauí*

Gazeta (Teresina)	O Norte (Parnaíba)
-------------------	--------------------

---

*Estado do Rio de Janeiro*

Vida Nova (Cambuci)	Correio do Carmo (Carmo)
Semana de Iguassú (Iguassú)	A Comarca (São Gonçalo)
O Rebate (Macaé)	Tribuna de Canta Galo (Canta Galo)
A Semana (Magdalena)	O Candieiro (Santa Isabel Rio Preto)
A Comarca (Neves)	A Vedeta (Natividade de Carangola)
O Estado (Niterói)	O Pharol (Niterói)
A Voz do Povo (Caxias)	Jornal de Petrópolis (Petrópolis)
Correio da Serra (Nova Friburgo)	O São Gonçalo (São Gonçalo)
O Cruzeiro (Barra do Piraí)	Gazeta de Vassouras (Vassouras)
O Socialista (Barra do Piraí)	Boletim Municipal (Barra do Piraí)
Jornal de Cascatinha (Cascatinha)	O Litoral (Angra dos Reis)
Gazeta de Cordeiro (Cordeiro)	Gazeta de Angra (Angra dos Reis)
O Florianense (Floriano)	O Sul Fluminense (Angra dos Reis)
Miracema Jornal (Miracema)	Jornal de Nictheroy (Niterói)
O Dever (Rodeio)	A Lyra (Rezende)
Correio Fluminense (Niterói)	Tribuna do Povo (Caxias)
A Gazeta (São Gonçalo)	Quinto Distrito (Niterói)
A Sapucaia (Sapucaia)	A Crítica (Nova Iguaçu)
O Valenciano (Valença)	Tribuna de Petrópolis (Petrópolis)
Correio do Parahyba (Valença)	Correio de Paraty (Parati)
Correio Valenciano (Valença)	O Nova Friburgo (Nova Friburgo)
O Liberal (Bom Jardim)	A Luta (São Fidelis)
O Dia (Campos)	A Voz da Serra (Rodeio)
Brasil Novo (Itaperuna)	Gazeta dos Municípios (Niterói)
O São Fidelis (São Fidelis)	Tymbiribá (Rezende)
O Trabalho (Paraíba do Sul)	A Razão (Macaé)
O Bisturi (Campos)	Correio da Lavoura (Nova Iguaçu)
O Espelho (Vassouras)	

---

*Estado do Rio Grande do Norte*

O Nordeste (Mossoró)	O Fôlha do Valle (Ceará-Mirim)
O Mossoroense (Mossoró)	O Debate (Natal)

A República (Natal)

*Estado do Rio Grande do Sul*

Gazeta de Alegrete (Alegrete)	O Minuano (Vacaria)
Reação (Bagé)	Liberal (Santa Vitória do Palmar)
O Commercio (Cachoeira)	O Minuano (Santo Angelo Missões)
Jornal da Serra (Carazinho)	Diário de Notícias (Porto Alegre)
O Imparcial (Lageado)	O Cidadão (Quaraí)
A Alvorada (Pelotas)	Echo do Norte (São José do Norte)
O Taquaryense (Taquari)	A Notícia (São Luiz – Missões)
O Gaúcho (Tupaceretã)	A Rosiclér (Bagé)
O Nacional (Passo Fundo)	O Espião (Passo Fundo)
O Commercio (São Pedro)	A Situação (Jaguarão)
Ponche-Verde (Don Pedrito)	O Republicano (Livramento)
Caxias-Jornal (Caxias)	Correio de São Leopoldo (São Leopoldo)
O Popular (Santiago do Boqueirão)	Republicano Libertador (Itaqui)
O Commercio (Cruz Alta)	A Razão (Santa Maria)
A Opinião Pública (Pelotas)	Tribuna Popular (Cacimbinhas)
A Semana (Cruz Alta)	A Fronteira (Uruguaiana)
O 5 de Abril (Novo Hamburgo)	A Gazeta (Rio Grande)
Artes-Graphicas (Bagé)	A Propaganda (Santa Maria)
O Boavistense (Bôa Vista do Erechim)	Jornal da Noite (Porto Alegre)
O Missioneiro (Santo Angelo)	O Tempo (Rio Grande)
Correio do Sul (Bagé)	O Cacete (Santo Angelo)
O Momento (Caxias)	A Nação (Uruguaiana)
Correio Serrano (Ijuí)	A Luta (Rio Grande)
Corymbo (Rio Grande)	União dos Viajantes (Santa Maria)
A Serra (Santa Rosa)	A Informação (Itapes)
Sul do Estado (Santa Vitória do Palmar)	O Libertador (Pelotas)
A Flamma (Tupaceretã)	A.B.E.C. (Santa Maria)
Jornal do Sul (Alegrete)	Echo Ferroviário (Porto Alegre)
Gazeta de Novo Hamburgo (Novo Hamburgo)	A Semana (Lageado)
A Semana Sportiva (Porto Alegre)	A Tarde (Don Pedrito)
O Imparcial (São Gabriel)	Diário Popular (Pelotas)
Correio Rural (Viamão)	Gazeta de Taquara (Taquara)

*Estado de Santa Catarina*

O Pharol (Itajaí)	O Libertador (Itajaí)
O Commercio (Porto União)	O Trabalho (Mafra)
Cidade de Blumenau (Blumenau)	O Estado (Florianópolis)
Jornal de Joinville (Joinville)	Correio da Pátria (Joinville)

A Imprensa (Porto União)	Correio da Tarde (Joinville)
O Avante (Canoinhas)	A Imprensa (Tubarão)
A Notícia (Joinville)	Correio do Sul (Laguna)
O Rebate (Brusque)	
<i>Estado São Paulo</i>	
O Imparcial (São Paulo)	A Mocóca (Mocóca)
Tribuna de Batataes (Batatais)	A Semana (Monte Alto)
A União (Cafelândia)	Jornal de Tatuhy (Tatuí)
A Cidade (Cajubi)	O Roteiro (Barretos)
Correio Popular (Campinas)	Tribuna Le Igarapava (Igarapava)
O Jornal (Catanduva)	Correio da Tarde (Ribeirão Preto)
O Município (Chavantes)	O Tempo (Lins)
O Commercio (Descalvado)	A Liberdade (Aparecida do Norte)
Gazeta de Guariba (Guariba)	Jornal de Bebedouro (Bebedouro)
Cidade de Ituverava (Ituverava)	A Cidade de Bragança (Bragança)
O Limeirense (Limeira)	A Cidade de Gallia (Gallia)
O Sorriso (Lins)	A Cidade de Pindorama (Pindorama)
A Cidade (Monte Azul)	Oeste Paulista (Santo Anastacio)
A Semana (Novo Horizonte)	O Nosso Jornal (São Paulo)
Novo Horizonte (Novo Horizonte)	A Gazeta (São Paulo)
A Época (Palmeiras)	A Concordia (Santa Cruz do Rio Pardo)
A Comarca (Pederneiras)	A Tribuna (Faxina)
A Justiça (Penápolis)	O Ibitinguense (Ibitinga)
O Pontalense (Pontal)	A Sentinela (Caconde)
Diário de Notícias (Ribeirão Preto)	O Liberal (Vargem Grande)
A Cidade (Santa Cruz de Palmeiras)	Rio Pardo Jornal (São José do Rio Pardo)
Cruzeiro do Sul (Sorocaba)	O Município de Itajubi (Itajubi)
Cidade de Taquaritinga (Taquaritinga)	Fôlha de Santa Rita (Santa Rita de Passa Quatro)
A União (Santa Adélia)	A Cidade de Bariri (Bariri)
O Jornal (Araçatuba)	Fôlha do Povo (Catanduva)
A Comarca (Ribeirão Bonito)	O Cerqueira Cesar (Cerqueira Cesar)
O Trabalho (Araraquara)	A União (Dourado)
Jornal de Assis (Assis)	A Notícia (Espírito Santo do Pinhal)
Nosso Jornal (Caçapava)	A Nova Era (Franca)
Correio de Notícias (Bariri)	A Cidade de Gramma (Gramma)
O Normalista (Campinas)	O Democrata (Itapetininga)
A Farpa (Jacareí)	A Idealista (Jundiaí)
A Comarca (Matão)	A Reacção (Mineiros)
O Palmital (Palmital)	A Comarca (Paraguacú)
O Commercio de Promissão (Promissão)	O Garimpeiro (Patrocínio de Sapucaí)
Correio Joseense (São José)	O Garimpeiro (Patrocínio de Pederneiras)
O Liberal (São Manoel)	

A Lanterna (São Paulo)	Tribuna do Norte (Pindamonhangaba)
A Cidade (São Carlos)	Serra Negra Jornal (Serra Negra)
Gazeta de Tatuhy (Tatuí)	O Município (Leme)
A Imprensa (Vargem Grande)	O Sindicato (Bauru)
Araraquara Ilustrada (Araraquara)	Fôlha de Botucatu (Botucatu)
Gazeta Popular (Santos)	O Movimento (Pirassinunga)
A Cidade (Monte Aprazível)	A Razão (Casa Branca)
A Verdade (Igarapava)	O Guataparã (Fazenda Guataparã)
Gazeta de Mocóca (Mocóca)	Ibirá-Jornal (Ibirá)
Jornal de Hoje (Campinas)	O Progresso (Itatibá)
O Apito (Cosmópolis)	O Bonifácio (José Bonifácio)
Socorro Jornal (Socorro)	Cidade de Olympia (Olimpia)
Tribuna do Povo (Araras)	O Povo (Salto)
Alto Cafesal (Marília)	El Heraldo Espanhol (São Paulo)
O Pensamento (São Paulo)	O Município (Torrinha)
A Renascença (Ituverava)	Paulicéa Estudantina (São Paulo)
A Gazeta (Espírito Santo do Pinhal)	Diário Paulista (Marília)
Luz da Aparecida (Aparecida do Norte)	O Commercio (Amparo)
Correio Ilustrado (Bauru)	O Martello (Altinópolis)
Correio do Noroeste (Bauru)	Fôlha do Povo (Bauru)
O Município (São João da Boa Vista)	Jornal da Noite (Santos)
O Fanal (Bauru)	Diário da Noite (Santos)
A Notícia (Cachoeira)	A Cidade (Ribeirão Preto)
O Dourado (Dourado)	Estado de São Paulo (São Paulo)
O Radical (Dourado)	Fanfulla (São Paulo)
O Phantasma (Espírito Santo do Pinhal)	IlPasquino Coloniale (São Paulo)
A Cruzada (Guaratinguetá)	Fôlha da Manhã (São Paulo)
O Progresso (Itu)	Fôlha da Noite (São Paulo)
Fôlha da Semana (Ituverava)	Diário de São Paulo (São Paulo)
O Combate (Jaboticabal)	O Seculo (Catanduva)
O Município (Monte Azul)	A Tarde (Laranjal)
Voz do Povo (Ourinhos)	São Paulo Liberal (São Paulo)
O Clarim (Pitangueiras)	Correio do Povo (Guarulhos)
O Porto Feliz (Porto Feliz)	Jornal de Taubaté (Taubaté)
O Alvense (Presidente Alves)	Fraternidade (Bebedouro)
O Imparcial (Sales Oliveira)	O Trabalho (Simão)
A Cidade (Santa Cruz do Rio Pardo)	Correio Academico (São Paulo)
Resenha (São José do Rio Pardo)	A Tribuna (Santos)
Argus (São Paulo)	A Tarde (São Carlos)
O Astro (São Paulo)	Correio de São Carlos (São Carlos)
O Missionário (São Paulo)	Gazeta das Pharmacias (São Paulo)
Arauto (Sertãozinho)	Diário do Povo (Campinas)
Progresso de Tatuhy (Tatuí)	O Governador (São Paulo)
O Município (Vila Americana)	Diário da Manhã (Santos)

O Tempo (Faxina)	O Imparcial (Araraquara)
O Commercio (Avarê)	A Semana (Caçapava)
O Pirata (Campo Belo)	O Município (Fernando Prestes)
O Casa Branca (Casa Branca)	Nova Granada (Nova Granada)
O Porvir (Cerqueira Cesar)	Cidade de Santa Barbara (Santa Barbara)
O Cruzeiro (Cruzeiro)	Fôlha do Povo (Santo Amaro)
O Itararé (Itararé)	Candieiro (São Paulo)
A Cidade (Mogi-Mirim)	Jornal da Terra (São Paulo)
Fôlha da Sorocabana (Presidente Prudente)	O Atomo (São Paulo)
Santo Amaro-Jornal (Santo Amaro)	O Dia (São Paulo)
O Tempo (São Manoel)	O Interventor (São Paulo)
Tabapuan Jornal (Tabapuan)	O Ubatubense (Ubatuba)
O Município (Tanabi)	A Cidade Ourinhos (Ourinhos)
O Progresso (Villa Raffard)	O Direito (Ignacio Uchôa)
A Bomba (Franca)	O Hospital de São José (Lapa)
O Povo (Itu)	O Imparcial (Luiz Barreto)
Fôlha Esportiva (São José dos Campos)	A Cidade de Tabapuan (Tabapuan)
Voz do Povo (Olimpia)	Gazeta Clinica (São Paulo)
Guarujá Jornal (Guarujá)	O Progresso (Brotas)
Ariranha Jornal (Ariranha)	Correio Popular (Campinas)
A Capital (São Paulo)	A Gazeta (Tietê)
Santa Cruz Jornal (Santa Cruz do Rio Pardo)	O Comercio de Lins (Lins)
O Hospital São José (São Paulo)	

---

*Estado de Sergipe*

A República (Aracaju)	O Nordeste (Propriá)
A Carnet (Propriá)	O Pharol (Propriá)
O Tempo (Aracaju)	A Luta (Anápolis)
A Estancia (Estância)	Sergipe Jornal (Aracaju)
Vida Laranjeirense (Laranjeiras)	O Rosario (Rosário)
O Clarim (Propriá)	

---

*Estado do Acre*

A Reforma (Município Taranaca Seabra)	O Rebate (Cruzeiro do Sul)
O Acre (Rio Branco)	O Acre Federal (Taranaca Seabra)
O Atibaense (Atibaia)	

## Anexo 2 - Registros fotográficos de alguns grupos de visitantes à sede do CBES

Grupo de alunos do Colégio Pedro II em visita ao CBES em 1935.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Abril de 1935).

Acadêmicos de Direito de Buenos Aires em visita ao CBES em 1935.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Agosto de 1935).

Grupo de mulheres da “Associação Christã Feminina” em visita ao CBES em 1935.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Outubro de 1935).

Grupo de estudantes da Federação Brasileira dos Escoteiros do Mar em vista ao CBES em 1935.



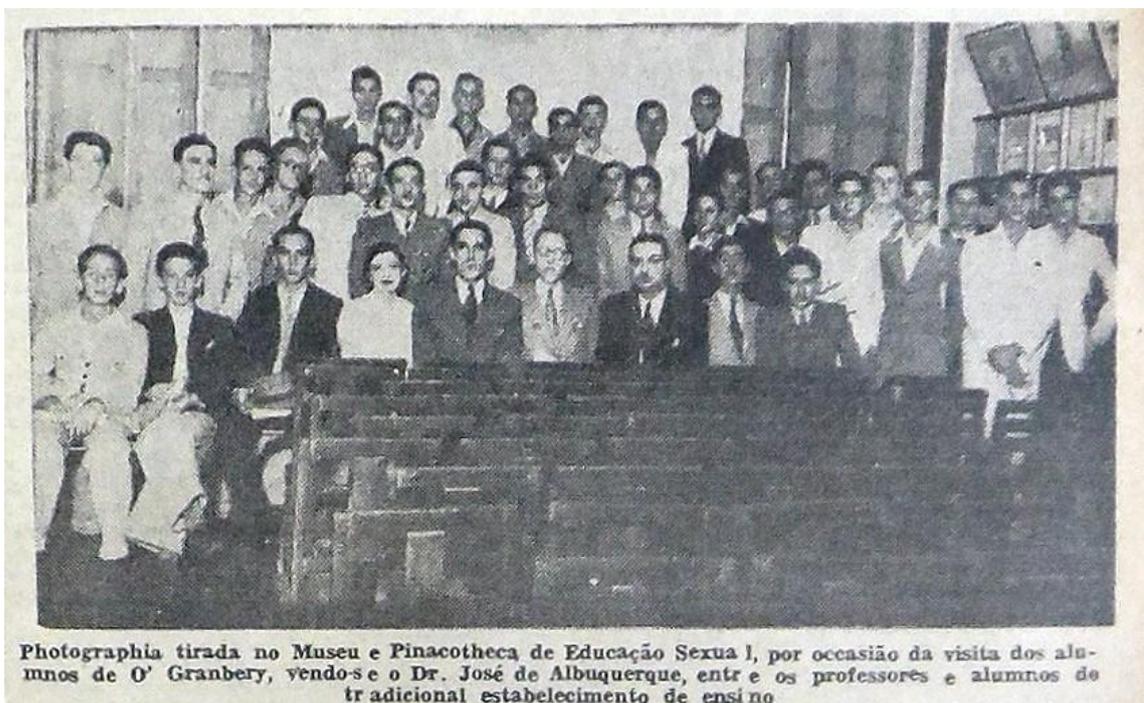
Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Outubro de 1935).

Grupo de estudantes preparatorianos em visita ao CBES em 1936.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Fevereiro de 1936).

Alunos do Gymnasio O'Granbery, de Juiz de Fora, em visita ao CBES em 1939



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Set./Out. de 1939)

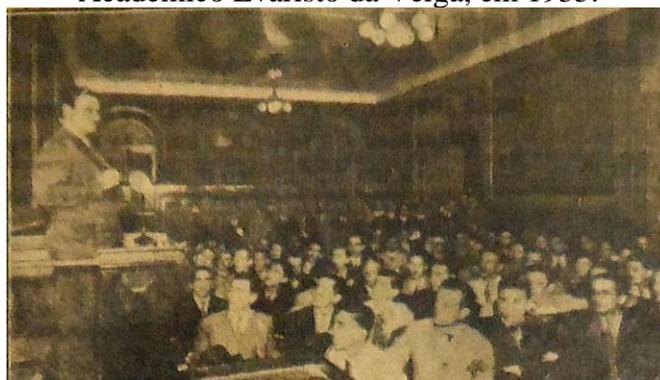
### **Anexo 3 - Registros fotográficos de conferências e palestras realizadas por José de Albuquerque em alguns estabelecimentos de ensino**

Conferência de José de Albuquerque na Faculdade de Direito, a convite do Centro Oswaldo Spengler, em 1935.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Maio de 1935).

Conferência de José de Albuquerque na Faculdade de Direito de Niterói, a convite do Centro Acadêmico Evaristo da Veiga, em 1935.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. de Junho de 1935).

Conferência de José de Albuquerque no Collegio Pedro II, em 1935.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Novembro de 1935).

Conferência de José de Albuquerque na sede da Escola de Veterinária do Exército, em 1935.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Novembro de 1935).

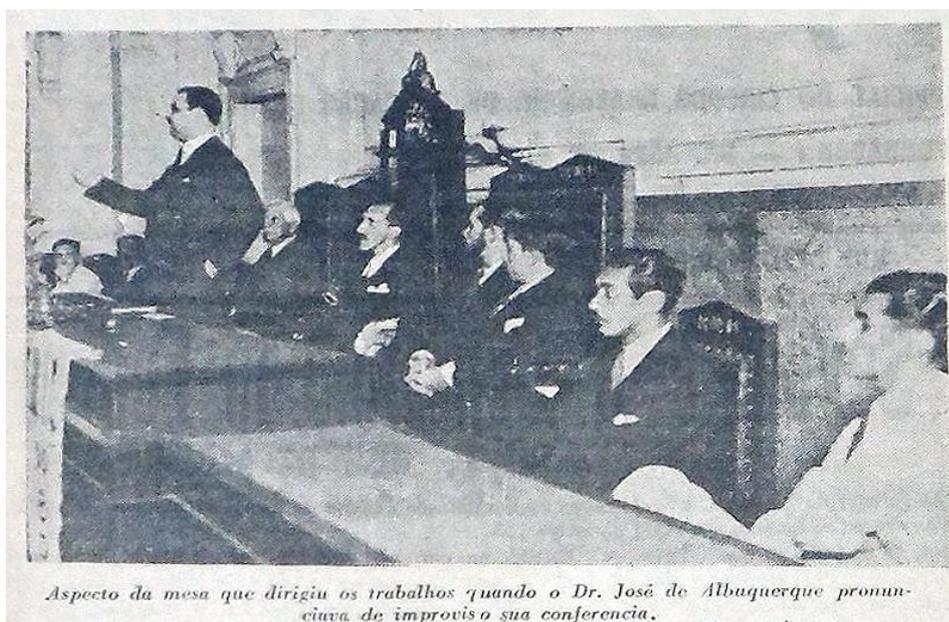
Conferência de José de Albuquerque sobre educação sexual na Escola Municipal Julio de Castilho, a convite da diretora professora Eugenia Cotia.



0

Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Janeiro de 1936).

Conferência de José de Albuquerque no salão da Escola Nacional de Belas Artes, a convite da Sociedade Universitária de Intercambio Cultural, em 1937.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Junho de 1937).

Conferência de José de Albuquerque a convite da Sociedade Literária do Colégio Militar, no Rio de Janeiro, na sede da instituição em maio de 1937.



Fonte: Boletim de Educação Sexual (Ed. Junho de 1937).